

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA, PODER E
PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

NICHELI RODRIGUES SANTOS

**“MEIO AMBIENTE, USE MAS NÃO ABUSE”: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA/NA REVISTA *AMIGOS DA NATUREZA* (2001/2012)**

Marechal Cândido Rondon

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA, PODER E
PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

NICHELI RODRIGUES SANTOS

**“MEIO AMBIENTE, USE MAS NÃO ABUSE”: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA/NA REVISTA *AMIGOS DA NATUREZA* (2001/2012)**

Dissertação de mestrado apresentada como exigência à obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do professor Dr. Robson Laverdi, na Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades, do Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *Campus* de Marechal Cândido Rondon.

Marechal Cândido Rondon

2013

Dedico esse trabalho aos meus pais,
Sueli R. de Souza Santos,
Lourival Henrique dos Santos,
E também aos meus fiéis escudeiros
João Vitor R. Santos e
André Gustavo Ubinski

AGRADECIMENTOS

Às vezes acreditamos que enfrentamos sozinhos os desafios, adversidades e novos caminhos que a vida nos propõe. Mas basta fazer uma pausa para pensar sobre os dois anos de mestrado e perceber que nunca estive sozinha, que mesmo quando eu não queria ou pensava não precisar, existiam pessoas ao meu lado contribuindo para que essa caminhada se tornasse possível. Ao tentar lembrar todos que contribuíram com esse processo já percebo que a lista é grande e por isso já peço desculpas por não poder citar todos.

Agradeço primeiramente a Deus por ter permitido a realização dessa jornada. Aos meus pais Sueli e Lourival e meu irmão João Vitor por terem sido, desde o começo, os apoiadores mais incondicionais dessa caminhada. Quantas férias divididas com meus livros, textos, relatórios e demais afazeres. Quantas vibrações, dificuldades e incentivos também divididos, quantos abraços, acalentos e boas energias vocês me passaram. Pai, mãe e mano que tudo fique expressado pelo amor que sinto por vocês: NEOQAV (Nunca esqueça o quanto amo vocês). Aqui já gostaria de agradecer também a todo o restante de minha família. Com carinho especial a tia Ida e tio Arni pela constante doação que nunca pediu outro tipo de retribuição além de boas horas de conversas, uma boa cervejinha e muitas gargalhadas.

Nos últimos cinco anos tive a honra de poder conhecer meu fiel amigo e escudeiro Sancho Pança. Nos últimos dois anos nossas aventuras também aprofundaram o sentimento de que nenhuma luta com qualquer moinho faria sentido se você não estivesse ao meu lado André G. Ubinski. Ora Dom Quixote, ora Sancho Pança a gente foi revezando nesses papéis. Mas o mais importante disso tudo é que Dom Quixote não existe sem Sancho Pança e Sancho Pança não existe sem Dom Quixote e eu não teria conseguido se você não estivesse comigo. Obrigada! Obrigada também a mãe de meu fiel escudeiro dona Genofeva por nos ajudar na realização de nossas aventuras, mesmo que às vezes não concordasse com todas as partes dela. Mas para, além disso, obrigada pela atenção, como quem cuida de uma filha.

Gostaria de agradecer também a outro casal de Dom Quixote e Sancho Pança que atendem pelo nome Keroline e Jael. Muitas de nossas aventuras não teriam tido a mesma graça sem vocês. Obrigada pelas risadas, jantas, almoços, brincadeiras, passeios, conversas, divisões de angustias, enfim por todos os momentos compartilhados que não deixaram de dar forças para que o dia a dia dos afazeres se tornasse mais fáceis de serem enfrentados.

Obrigada também as novas amizades que foram feitas durante as aulas do mestrado, que surgiram dos debates em sala, das conversas de corredores, dos almoços e sucos compartilhados. Gladis, Marilda, Carol, Abigail, Alexandre, Patrícia aprendi muito com todos

vocês. Mas quero pedir licença para deixar registrado aqui um agradecimento ainda maior a duas pessoas que de maneiras diferentes marcaram minha vida para sempre: Marilda e Abigail. A primeira pela sua humildade e alegria contagiante, você foi inspiração Marilda! A segunda pela sua amizade e personalidade irreverente, Biga você é uma irmã.

Entre tantos agradecimentos não poderia faltar um obrigada a todos os professores do corpo docente do Programa em Pós- Graduação em História da Unioeste que tive contatos nesses dois anos. Em especial quero agradecer ao professor Dr. Robson pela sua amizade, tão profissional e ao mesmo tempo tão humana, com a qual aprendi que para ser professor precisamos nos dedicar e estudar, mas que para ser um bom professor é preciso ter sensibilidade para enxergar o mundo. Um obrigada mais do que especial ainda as professoras Dr.^a Méri, Dr.^a Geni e Dr.^a Yonissa e também aos professores Dr. Marcos Stein e Cezar Karpinski que contribuíram para a construção da presente dissertação de mestrado, pelos conselhos, e também pela amizade.

À CAPES-Demanda Social pela bolsa de estudos durante os dois anos de realização do mestrado.

À equipe de produção da Editora *Amigos da Natureza* pela disposição dos materiais, pela ajuda e recepção respeitosa que recebi.

RESUMO

“Meio Ambiente, Use Mas Não Abuse”: Concepções e Práticas em Educação Ambiental da/na Amigos da Natureza (2001/2012)

A presente pesquisa problematiza concepções e práticas de Educação Ambiental da Editora e Revista *Amigos da Natureza*, sediadas em Marechal Cândido Rondon, Paraná; criada em agosto de 2001, pelo empresário Arno Kunzler. A Editora nasceu apresentando como uma de suas principais preocupações produzir materiais de apoio para debates e atividades voltadas a questões ambientais. A revista que em seu primeiro ano teve uma circulação local, passando já, em 2002, a ser comercializada para outros estados do Brasil. Característica essa que se manteve ao longo dos mais de dez anos de existência da Editora, que em 2012, já havia fornecido materiais para quase todos os estados do País. Editora e revista surgiram num momento em que poderes públicos locais buscavam desconstruir a imagem do Oeste do Paraná como espaço de destruição e visavam consolidar a de uma região que saberia desenvolver e cuidar da natureza ao mesmo tempo. Assim, a pesquisa historiciza o processo de criação e consolidação da Editora e revista *Amigos da Natureza*, durante os anos de 2001 a 2012, tanto em âmbito local, quanto nacional. Nesse sentido, problematiza a construção dos textos e imagens da revista, as parcerias que foram estabelecidas, o público que se buscou atingir, as formas de venda e os debates que a instituíram. Com a análise dos textos e imagens da revista também foi possível perceber um redirecionamento do público leitor, com a transformação da produção de um periódico destinado a um público infanto-juvenil, em um material didático que visava dar apoio metodológico a professores. Nesse percurso, procurou-se apreender os motivos que levaram os produtores da *Amigos da Natureza* a ampliar o público leitor da revista. Na investigação da mudança foi possível perceber que ela fez parte da busca pela disseminação do projeto de sociedade que se encontra na revista. A análise desse projeto de sociedade foi percebida nesta pesquisa como parte constituinte da fluída e constante transformação das relações entre humanos e natureza. Pois, para além do material produzido, essa relação está imbuída de aspectos simbólicos que se modificaram juntamente com as concepções e valores ao longo da história. Tendo como base esses momentos de constituição do simbólico, analisa-se que na criação, publicação e circulação da revista não estão em jogo apenas estratégias, concepções e práticas de Educação Ambiental, mas também processos de busca pela legitimação, em torno da qual deve ser a utilização da natureza pelos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Revista Amigos da Natureza, Concepções e Práticas, Educação Ambiental, Oeste do Paraná.

ABSTRACT

"Environment, Use but not Abuse": Concepts and Practices in Environmental Education / the Friends of Nature Magazine (2001/2012)

This research discusses the concepts and practices of environmental education of the publisher and Friends of Nature magazine, based in Rondon, Paraná, it was created in August 2001 by the businessman Arno Kunzler. The company was born presenting having as one of his main concerns to produce materials to support discussions and activities focused on environmental issues. The magazine, that in its first year had just a local movement, passed in the early 2002 to be sold to other states of Brazil. This trait was maintained throughout more than ten years of existence of the publisher, which in 2012 had provided materials for almost all states from the country. Publisher and magazine came at a time when local authorities sought to deconstruct the image of Paraná as a place of destruction and sought to consolidate a region that know how developing and caring for nature at the same time. Thus, the research historicizes the process of creating and consolidating the publisher and the magazine Friends of Nature, during the years 2001 to 2012, at both the local and national levels. Accordingly, discusses the construction of texts and images from the magazine, the partnerships that have been established, the public that sought to achieve, the forms of sale and the debates that have instituted. With the analysis of texts and images from the magazine was also possible to see a shift of the reading public, with the transformation of the production of a periodical aimed at a juvenile audience, in a courseware aimed at giving methodological support to teachers. Along the way we tried to understand the reasons that led the producers of Friends of Nature to expand the readership of the magazine. In investigating the change was possible to see that she was part of the search for the dissemination project of society that is in the magazine. The analysis of this society project was realized in this research as a constituent of fluid and constantly changing relations between humans and nature. Therefore, in addition to the material produced, this relationship is imbued with symbolic aspects which have changed along with the ideas and values throughout history. Based on these symbolic moments of the constitution, we analyze how on the creation, publication and circulation of the magazine are not at stake only the strategies, concepts and practices of environmental education, but also searching for legitimation processes, around which should be the use of Nature by humans.

KEYWORDS: Magazine Friends of Nature, Concepts and Practices, Environmental Education, Western of Paraná.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO I – AMIGOS DA NATUREZA: DEBATES INSTITUINTES	32
1.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	64
1.2 PROJETO EDITORIAL	78
CAPÍTULO II - PRESERVAR, CONSERVAR E DESENVOLVER: A CONSTRUÇÃO DE VALORES E SENTIDOS	91
2.1 CONCEPÇÕES DE NATUREZA	93
2.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: ENTRE PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS	105
2.3 AGRICULTURA, DESENVOLVIMENTO E MUDANÇA DA AMIGOS DA NATUREZA	121
2.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CONSCIENTES	140
CAPÍTULO III – “USE, MAS NÃO ABUSE”: EMBATES DO PRESENTE E A POLÍTICA DE ATUAÇÃO DA AMIGOS DA NATUREZA	150
3.1 POR UMA <i>SUPER AMIGOS DA NATUREZA</i>	150
3.2 “MULTIPLICADORES DO SABER”: O PAPEL DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
FONTES	179
BIBLIOGRAFIA	182
APÊNDICE	186

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Meio Ambiente, use mas não abuse! A frase, que compõe a primeira parte do título da presente pesquisa, consiste em uma das chamadas de capa da revista *Amigos da Natureza* do ano de 2004.¹ A opção pelo uso da expressão se deu por acreditar que ela traga um conjunto de significações que mobilizam o debate que se busca produzir com esse trabalho: o de compreender e problematizar concepções e práticas em Educação Ambiental da revista *Amigos da Natureza*.

Poderia aqui abordar a ideia, que será discutida mais adiante, de que as concepções e práticas dos seres humanos com relação à natureza não foram sempre as mesmas ao longo do tempo. Entretanto, penso ser válido começar por uma discussão mais básica e ao mesmo tempo essencial para o trabalho do historiador, que seja a da relação entre presente e passado tal como discutida por Marc Bloch. Ao refletir acerca do tempo histórico o historiador afirmou: “Ora, esse tempo verdadeiro é, por natureza, um continuum. É também perpétua mudança.”² Permanências e mudanças! Essas palavras traduzem uma das premissas do trabalho histórico, um percurso que não podemos deixar de percorrer. As fontes dessa pesquisa, com seus textos e imagens e, também, com seu projeto de Educação Ambiental, foram compreendidas como sendo parte de um processo de constituição do simbólico na relação entre seres humanos e natureza. Processo esse que ao ser relacionado com outras temporalidades aparece constituído por um entrelaçar de permanências e mudanças no modo como as sociedades têm percebido e atuado em relação à natureza.

A *Amigos da Natureza* faz parte das publicações da Editora, também intitulada *Amigos da Natureza*, que se localiza em Marechal Cândido Rondon, cidade do Oeste do Paraná. Dentre os vários materiais produzidos pela Editora selecionamos as revistas intituladas *Amigos da Natureza* por consistir na coleção que abordou as mais diferentes questões ambientais num maior período. Pois, as demais coleções *De Bem com o Planeta* e *Cidadão do Bem* possuem poucos exemplares – compostas respectivamente por cinco e três volumes –; e os outros materiais como os *Jornais Especiais* trataram de variados assuntos ligados à educação. Já a *Amigos da Natureza*, colorida, repleta de imagens e com uma linguagem didática abordou temáticas relacionadas ao meio ambiente – água, aquecimento

¹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.36, agosto de 2004.

² BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. P.55.

global, ecossistemas, solo, poluição sonora e visual, poluição do ar, desenvolvimento sustentável, energia, agricultura, transgênicos, entre muitos outros – além de temas ligados à educação e a conhecimentos gerais.

Para problematizar o que tem sido entendido enquanto práticas de EA na *Amigos da Natureza* mais de 90 exemplares foram lidos e analisados (ANEXO).³ Em sua proposta, os idealizadores comprometeram-se a produzir um material que buscasse contribuir para o processo de Educação Ambiental, doravante (EA), de um público infanto-juvenil. Desde 2001 – ano de sua criação – a *Amigos da Natureza* tem apresentado problemáticas ambientais para serem discutidas e enfrentadas, soluções que para estes foram imaginados, projetos de atuação, tanto para o presente, quanto para o futuro, foram elaborados. Mais do que apontar a existência de problemas e a necessidade de resolvê-los, os produtores do material têm apontado caminhos de “como” fazê-lo. Por isso, a *Amigos da Natureza* também foi entendida enquanto espaço de agência e de articulação de determinados projetos. Daí, percebê-la enquanto uma prática de EA.

Assim, a partir da análise dessa produção e da Editora da qual faz parte, procurou-se compreender qual(is) o(s) projeto(s) de sociedade que se encontram na revista, buscando perceber ao que e a quem se contrapõem. A partir da análise do processo de criação do periódico, das motivações de seus idealizadores e proprietários – ideológicas e comerciais –, e da problematização do conteúdo da revista buscou-se apreender visões de mundo presentes nesse material. Além disso, buscou-se apreender a missão social e política que lhe foi assumida desde o período de sua criação, de 2001 até 2012.

Os fatores que levaram a problematizar tais concepções e práticas doravante de uma revista surgiram de inquietações vivenciadas ainda em minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso na graduação.⁴

Num museu, uma pedra com as marcas de um fóssil de peixe encantava os alunos. Nas palavras do guia: “isso não foi feito por um ser humano, mas sim pela natureza”. O fóssil de peixe do acervo do museu histórico Willy Barth, da cidade de Toledo-PR, foi descrito numa pesquisa que realizei com alguns dos alunos visitantes do museu como um dos momentos

³ Ao final do trabalho consta, em anexo, tabela elaborada durante a pesquisa com todas as edições da *Amigos da Natureza* das quais tive acesso. Além disso, consta uma descrição também em tabelas dos temas mais abordados na revista entre 2001 e 2011.

⁴ SANTOS, Nicheli Rodrigues. **(Re)leituras de uma história**: o Museu Willy Barth na visão de seus visitantes. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2010.

mais incríveis da visita!⁵ Em um dos trabalhos que recebi de alunos o desenho do fóssil veio seguido da frase: “Não foi feito por um homem, pintor. Foi feito pela própria natureza.”⁶ Frase muito semelhante às ditas várias vezes pelo guia da instituição, numa tentativa de colocar o poder da natureza equiparado ao do humano ou mesmo acima deste.

Durante o acompanhamento dessas turmas também foi possível perceber que o monitor nunca problematizava com professores e alunos a presença de imensos troncos de árvores que apareciam em fotografias da exposição. Árvores cortadas, sempre ao lado de homens que, por suas poses nas fotos, já poderiam gerar uma discussão sobre a ideia de domínio do homem sobre a natureza. Além disso, a própria entrada do museu já provocava inquietações, ao expor um grande tronco de árvore com o nome da instituição esculpida nele. Concepções sobre a natureza! Estas também nos dizem muito sobre o que seres humanos pensam acerca de si e da sociedade da qual fazem parte.

As visitas das turmas acompanhadas aconteceram como parte de um dos roteiros do *Programa Conhecendo Toledo*⁷. O objetivo central de tal Programa era o da EA. A visita ao museu teria o objetivo de trabalhar com os alunos transformações que Toledo havia sofrido devido as ações do seres humanos.⁸

Mesmo sabendo dos objetivos do Programa, pois no museu havia documentação sobre o assunto e a instituição também fazia parte do roteiro, a abordagem com os alunos não passava nem perto de tais problematizações. O assunto de todas as turmas acompanhadas – seis no total – limitou-se à história do processo de “ocupação” da cidade. Esta foi apresentada de maneira harmônica e enfatizando a noção de progresso como um dos frutos da “colonização”.

Foram as questões encontradas nesse trabalho que levaram a questionar como se tem pensado e vivido relações entre humanos e natureza no Oeste do Paraná.

⁵ Em minha pesquisa de graduação, o objetivo consistia em compreender as (re)significações elaboradas pelos visitantes do museu Willy Barth sobre aquele espaço.

⁶ Desenho feito pelo aluno Marcos do 4º ano A da Escola Municipal Reinaldo Arrossi, Toledo- PR em 16 de junho de 2010. Na legenda feita pelo aluno apareceu a frase: “Não foi feito por um homem, pintor. Foi feito pela própria natureza”. Acervo da autora.

⁷ Criado em 1997 pela Secretaria Municipal de Educação o *Programa Conhecendo Toledo* foi destinado aos primeiros anos do Ensino Fundamental e dividido em roteiros. Assim, cada ano, uma turma visitaria um roteiro específico. Os roteiros existentes eram: Nascente do Rio Toledo, Museu Histórico Willy Barth, Agroindústria Lacto Bom, SANEPAR, Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), Horto Municipal e Aterro Sanitário. Os professores que levavam suas turmas pela primeira vez a um dos roteiros recebiam no início do ano um treinamento, que era fornecido pela equipe responsável pelo *Programa*, que estava constituída por professores das áreas de Ciências, História e Geografia. Para realizar os roteiros de estudo o *Programa* possuía um ônibus para levar os alunos.

⁸ Informações contidas na documentação com informações gerais sobre o **Programa Conhecendo Toledo** referente ao ano de 2007. Acervo da autora.

No momento em que ingressei no Programa de Mestrado em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, no ano de 2011, minha pesquisa buscava abordar a relação entre a “memória oficial” do município de Toledo, que apresentava determinada visão sobre o processo de “colonização”, de “pioneiros desbravadores” e do “progresso” da cidade e a atual preocupação em relação ao meio ambiente. Nesse sentido, a ideia era a de compreender como o museu lidava com uma memória de “pioneiros desbravadores” e, a atual preocupação com o meio ambiente. De certa forma, procurava por respostas que já tinha obtido. Naquela instituição, a maneira de lidar se dava através do silenciamento, o discurso do pioneiro desbravador, continuou a ser feito mesmo com a participação do museu num programa de EA. Alguns modos de apresentação da exposição aos alunos no museu também permitiam tal consideração quando, por exemplo, o guia, ao perceber que as crianças estavam vislumbradas com uma espingarda e uma pele de onça, procurava inocentar os “colonizadores”, dizendo que naquela época se matava para sobreviver, e que, portanto, suas ações não estariam ligadas aos problemas de extinção de animais hoje existentes.

Mas um questionamento maior se manteve quando pensava na existência de projetos e programas como o *Conhecendo Toledo*, que buscava lidar com problemas ambientais vividos naquela espacialidade: O que tem significado falar de meio ambiente e EA no Oeste do Paraná? Atentando para minha inquietação e, também, para insistência de analisar temáticas relacionadas ao âmbito educacional foi que o professor Robson Laverdi, orientador dessa pesquisa sugeriu como opção de trabalho a revista *Amigos da Natureza*.

Uma hipótese lançada numa primeira análise foi a de que a revista permitia pensar como determinadas práticas, também foram criadas tentando lidar com tensões do passado que permanecem vivas e possuem implicações diretas no presente. Entretanto, o material da Editora *Amigos da Natureza* permitia uma ampliação da pesquisa pensando questões como essas não apenas em relação a Toledo, mas sim na região como um todo, já que o material desde os seus primeiros anos de existência tinha circulado o Oeste do Paraná. Além disso, a revista permitia analisar um projeto que já nasceu tendo como proposta a EA, que foi criado considerando a sua necessidade diante das ações humanas sobre a natureza.

Na busca por compreender melhor o que se tem debatido acerca das questões ambientais e do que se tem entendido enquanto EA, deparei-me com as mais diversas discussões envolvendo profissionais das mais diversas áreas, entre elas, Geografia, Biologia, Pedagogia, História e Sociologia. A vastidão de livros e artigos abordando o tema deu uma noção de como a questão ecológica tornou-se um dos grandes desafios da humanidade neste século. Também foram encontradas uma gama de materiais e programas, que vêm sendo

elaborados desde os governos de Fernando Henrique Cardoso (1994 - 2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010). Estes materiais e documentos por sua vez trazem uma preocupação com uma educação que possa transformar crianças, jovens e adultos em cidadãos conscientes em relação a questões sociais e ambientais.

No contato com essas diferentes experiências – seja com as leituras, com a pesquisa no museu ou ainda com outros diálogos realizados ao longo da pesquisa – foram surgindo também concepções desta própria pesquisadora em relação ao trabalho com EA. Se vamos a espaços como museus e nestes vemos o silenciamento de determinados aspectos de um processo histórico, cabe a nós, professores, realizarmos um diálogo que aborde e problematize tais silêncios. Não é função do historiador dizer que os sujeitos que “colonizaram” o Oeste do Paraná não sabiam cuidar da natureza e por isso destruíram tudo à sua volta. Mas faz parte de nosso trabalho dialogar com os alunos, como a partir de imagens e textos desse processo podemos perceber determinados valores, concepções, práticas do contato entre humanos e natureza, que influenciaram no modo como esse espaço foi utilizado. Cabe a nós debatermos acerca de como tais percepções foram se modificando e de como isso provocou novos usos e (re)organizações dos espaços. É, de certa forma, função dos professores dialogar com seus alunos sobre as funções que os artefatos ocupam em espaços como museus, ou que as imagens ocupam em um livro didático. O que a pele da onça nos diria ao lado da espingarda? O que podemos discutir a partir do tronco da árvore esculpido e que se encontra na porta do museu?

É por acreditar que nossos trabalhos não são isentos de posicionamentos, que penso ser válido apontar aquilo que entendo como um caminho mais viável e efetivo para a construção de práticas em EA. A ideia aqui não é a de propor que desconsideremos o que já foi pensado e produzido acerca do assunto. A proposta vai no sentido de enfatizar a necessidade da produção de conhecimento crítico, que dê possibilidades para que os alunos reflitam sobre o processo que estão vivenciando, podendo perceber como a relação entre seres humanos e natureza têm se dado num constante movimento de permanências e mudanças.

Aponto essa necessidade por perceber que muitos dos trabalhos preocupados com a temática, e também os materiais formulados a partir de órgãos governamentais, têm se preocupado enfaticamente em abordar o tema com foco nos processos de destruição que os seres humanos estariam causando à natureza. Nisso fica a sensação de que a relação só seria marcada por uma história de destruição.

Daí, a importância e contribuição dos historiadores ao debate. Pluralizar memórias sobre o meio ambiente, não homogeneizar espaços ou temporalidades, educar para uma

historicidade das relações com a natureza. Essa penso, deve, ser a contribuição deste profissional em um debate inter e transdisciplinar, tal como proposto pelas políticas públicas. Discutir como as sociedades mudam, suas ideias, concepções, valores e usos da natureza também se modificam. Pois, ao optar por esse caminho se cria a possibilidade de perceber sociedade e natureza para além da destruição. Abre-se a oportunidade de não homogeneizarmos os espaços e temporalidades e, também, de não criarmos naturalizações como, por exemplo, a de que a natureza teria existido sempre da mesma forma, como se nossos conceitos e usos tivessem sido sempre os mesmos. Nesse sentido, é preciso criar condições para perguntas, tais como: Por que estamos enfrentando determinados problemas? Quais foram os caminhos que nos levaram a isso? Quais são as nossas concepções e práticas sobre natureza? Ao escolher esse percurso, temos a possibilidade de perceber alteridades temporais.⁹

Nesse processo se faz necessário também a produção de um conhecimento que não seja imposto e/ou realizado de cima para baixo com formulações prontas e acabadas. É preciso também considerar os conhecimentos e concepções que os alunos trazem para o espaço escolar.

Neste diálogo, Irineu Tamaio em sua dissertação *A mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo*¹⁰, para o Instituto de Geociências, da Universidade de Campinas, trabalhou com uma de suas turmas de 5º série, na tentativa de construir com ela uma visão socioambiental, em que homem (cultura) e natureza não seriam vistos de forma separada. Na primeira parte de seu trabalho o autor encontrou diferentes visões de natureza e as condensou em seis concepções: a) a romântica, em que as crianças apontavam sempre “a grandiosidade da natureza, sempre harmônica, enaltecida, maravilhosa com equilíbrio e beleza, estética, algo belo e ético.”¹¹; b) a utilitarista, também dualística (homem x natureza) que “interpreta a natureza como fornecedora de vida ao homem, entendendo-a como fonte de recursos para o homem”¹²; c) uma terceira visão foi a científica, pois as crianças abordavam a natureza como “uma máquina inteligente e infalível, datada de um conjunto de instrumentos

⁹ Por alteridades temporais entende-se o trabalho de lidar com temporalidades distintas ao mesmo tempo. Tempos distintos como, por exemplo, o tempo da criação da revista *Amigos da Natureza*, o tempo em que ela se transforma em revista para um determinado público leitor, mudando sua linguagem, o tempo da análise que faço sobre esse periódico, os tempos das diferentes significações que foram dadas a natureza, etc. São diferentes tempos que se relacionam, que convivem, que coexistem.

¹⁰ TAMAIO, Irineu. **A mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo** – São Paulo/SP, 2000.

¹¹ TAMAIO, 2000, p.28.

¹² Ibid., p.29.

essenciais e eficientes”¹³; d) a generalizante, em que tudo é visto como natureza; e) a naturalista, em que “a natureza é tudo o que não sofreu a transformação do homem”¹⁴, mas que não enaltece a natureza como na visão romântica; f) e por fim a socioambiental que na visão do autor é “aquela que apresentaria uma abordagem histórico-cultural”¹⁵.

Tamaio desenvolveu atividades tanto teóricas como práticas, buscando fazer com que os alunos percebessem que homem e natureza devem ser entendidos dentro de uma relação mútua. Nesse processo, as visões que mais precisou problematizar foram a romântica e a naturalista. Nos desenhos de alguns alunos, ao terem que apresentar o que entendiam por natureza, esta apareceu sem os seres humanos. Natureza ficou representada pelo verde, os pássaros, as árvores, todos em repleta harmonia. Ao perguntar à turma se o rio poluído fazia parte da natureza vários alunos disseram que não, que natureza era apenas o rio limpo. Tais visões foram, segundo Tamaio, mudando durante o processo de aprendizado. Nas palavras do autor:

Embora o conceito romântico de natureza que, ao meu ver, contribui para a manutenção das estruturas históricas de poder, me acompanhasse durante todo o curso da pesquisa, eu procurei enfrentá-lo e problematizá-lo. Ao empreendermos novos sentidos para o conceito sistematizado de natureza, contribuímos para a vulnerabilidade de seus alicerces e mesmo que não o tenhamos superado totalmente, contribuímos para um pequeno abalo em suas estruturas junto àquelas crianças.¹⁶

Para Tamaio, tais atividades produziram ao menos alguma inquietação naqueles alunos, o que abriu caminho para discussões que não se finalizaram com sua pesquisa, mas que permanecem enquanto possibilidade de novos diálogos.

Assim, como Tamaio, entendo na EA um campo que deve estar aberto aos debates. Mas que já deve ter como compromisso uma preocupação de buscar desnaturalizar determinadas ideias e conceitos, em não homogeneizar temporalidades e diferentes experiências entre humanos e natureza, ou contribuir para uma visão dicotômica entre estes. Para refletir sobre esse último aspecto, poderíamos problematizá-lo a partir de um exemplo: de nada adianta discutirmos acerca do processo de implantação de uma usina hidrelétrica se pensarmos apenas nos aspectos ambientais, nas modificações físicas daquele espaço, na perda do habitat de animais e plantas. Ao debatermos sobre esse tipo de processo é preciso também atentarmos para a população desse local, para as modificações causadas em suas vidas, para o

¹³ Ibid., p.30.

¹⁴ Ibid., p.30.

¹⁵ Ibid., p.31

¹⁶ Ibid., p.128.

modo como essas pessoas estão sendo tratadas por órgãos públicos e privados envolvidos com a construção de uma usina. Mais do que isso, é preciso também refletir acerca da relação dos sujeitos com o meio à sua volta, com a possível perda da terra que será alagada, do rio que não terá mais peixes, da moradia que será modificada. Por fim, ainda, podemos nos questionar: de que modo essas experiências influenciarão na maneira desses sujeitos se relacionarem com a natureza? Como a natureza vai sendo percebida e classificada pelos diferentes sujeitos envolvidos nesse processo? Indo mais além, poderíamos pensar como esse processo aparecerá em livros, materiais didáticos ou mesmo em uma revista de EA? O quê, o modo como narram esse processo nos dizem acerca das percepções de seus idealizadores?

Se voltarmos ao questionamento de Tamaio aos seus alunos poderia afirmar que não é função de nenhum profissional em educação ensinar a amar um rio poluído. Mas, ao mesmo tempo, é preciso concordar que é necessário problematizar a sua poluição. Para tanto, torna-se preciso compreender que a relação seres humanos e natureza se faz de forma indissociável e que problematizar o assunto não consiste apenas em pensar essa relação como processo de transformação urbano-industrial. Torna-se necessário ir além, como afirmou José Augusto Pádua:

A modernidade da questão ambiental – da ideia de que a relação com o ambiente natural coloca um problema radical e inescapável para a continuidade da vida humana – deve ser entendida em sentido amplo. Ela não está relacionada apenas com as consequências da grande transformação urbano-industrial que ganhou uma escala sem precedentes a partir dos séculos XIX e XX, mas também com uma série de outros processos macro-históricos que lhe são anteriores e que com ela se relacionam (dentro do jogo de continuidades e descontinuidades que caracteriza os processos históricos).¹⁷

Para Pádua a(s) história(s) da relação entre humanos e natureza não podem e não se baseiam apenas dentro de uma lógica de catástrofe, da destruição que o ser humano causou ao ambiente. Por isso se torna preciso olhar de maneira mais ampla, refletir sobre outras maneiras que existiram dessa ligação. É desejável olhar para traz e perceber outras interações para que se possa, inclusive, problematizar as condições históricas que tem possibilitado o entendimento de que estamos em colapso, de que não haverá futuro.

Uma das questões fundamentais para compreender essa ideia, presente numa esfera global, de que estaríamos à beira de um colapso consiste em retornar ao debate do que se tem entendido enquanto natureza. Em definições mais básicas de dicionários, como por exemplo, o *Aurélio básico da língua portuguesa*, natureza foi apresentado como: “Todos os seres que

¹⁷PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. 24 (68), 2010. P.83.

constituem o Universo. Força ativa que estabeleceu e conserva a ordem natural de tudo quanto existe. (...) A condição do homem anteriormente a civilização.”¹⁸ Dessa definição podemos retirar uma ideia central, ou seja, a de que natureza seria tudo aquilo que os humanos não teriam realizado nenhum tipo de interferência, o que existiria para além da ação humana. Ideia essa que fica ainda mais clara se levarmos em consideração a definição de natural que aparece no mesmo dicionário: “De, ou referente à natureza. Em que não há trabalho ou intervenção do homem. Que segue a ordem regular das coisas; lógico.”¹⁹ Nesses termos, natureza aparece em oposição ao humano ou aquilo que o mesmo constrói.

A discussão sobre a relação antagônica entre seres humanos e natureza não é nova no debate historiográfico. Assim, como também não é nova a crítica que alguns autores têm feito à noção ampla e ao mesmo tempo vaga que natureza apresenta. Nesse sentido, autores como Simon Schama, Keith Thomas e Raymond Williams, ainda que, partindo de perspectivas e pressupostos teóricos totalmente distintos e adotando caminhos de análises também diferentes, se encontram ao apresentar a mesma preocupação em criticar a categoria natureza. Para ter uma noção dessa crítica se faz válido o contato com algumas das argumentações de cada um desses autores.

Nesse sentido, o historiador Simon Schama em seu livro *Paisagem e Memória*²⁰ busca problematizar as sensibilidades humanas e o que a partir delas os seres humanos constroem no espaço. O autor aponta para a impossibilidade da existência de uma natureza romântica e perfeita, assim como da volta de uma natureza “equilibrada”. Além disso, Schama atenta para a questão de que “a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia,”²¹ somos nós, através da cultura que damos significados ao mundo natural. Desse modo, o autor enfatiza a incoerência de tratar percepções humanas e natureza como campos separáveis. Sendo assim, para problematizar e enfatizar a impossibilidade de separar o que seria natureza das sensibilidades humanas, e estabelecendo uma crítica aos significados que têm sido atribuídos a natureza, Schama passa a utilizar o termo paisagem. Pois, para esse autor não seria a natureza, mas sim, a paisagem a única representação do espaço no tempo entendido como memória.

Como uma ideia geral de sua obra, os mitos são entendidos como algo que estão sempre presentes nas mais diversas sociedades e de que sempre continuam a cultuá-los. O autor discute como os mitos relacionados à paisagem, em diferentes períodos históricos e

¹⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

¹⁹ Ibid., p.451.

²⁰ SCHAMA, Simon. **Paisagens e memória**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

²¹ Ibid., p. 17.

espacialidades deram significados às práticas culturais dos sujeitos. Assim, na segunda parte de sua obra, intitulada *Água*, Schama trata dos fluxos de consciência, da torrente do mito, da corrente sanguínea. O autor aborda como acreditava-se que o ciclo da água na natureza funcionava tal qual ao do sangue no corpo humano. Nessa ligação entre o ciclo da água e circulação sanguínea, compreende-se a importância da água para tais sociedades: “A relação entre sacrifício, procriação e abundância fluvial parece ter ocorrido em todas as grandes culturas da Antiguidade que giravam em torno dos rios.”²² Assim, o autor discute como os mitos revelam a importância da água para a sobrevivência dessas sociedades e sua relação com este elemento essencial, suas dependências para plantar e se alimentar.

O autor percebe ainda que a maneira como tais sociedades lidavam com os rios, com a água, era num movimento dinâmico, influências de mitos mais antigos e ao mesmo tempo (re)significações destes mitos. Assim, como determinados mitos eram apropriados, eles eram também (re)criados de acordo com as vivências, experiências e necessidades destas sociedades. Ao apresentar esse movimento dinâmico de apropriação e (re)significações que os sujeitos fazem ao longo do tempo parece que o autor deixa uma afirmação e um questionamento. A primeira é a de que todas as sociedades possuem mitos. A segunda: atualmente, como essa relação afeta nossas vidas e nos leva a (re)criar nossos mitos e ações em relação a paisagem?

É preciso compreender que não percebemos a relação humanos e natureza sempre da mesma forma. E que também não podemos olhar para trás e enxergar as ações dos sujeitos na natureza apenas como destruidoras.²³ Abordagens como a de Schama ao pensar as relações entre paisagem e memória podem auxiliar para com visões mais amplas dessa relação. Torna-se preciso driblar determinadas visões românticas do passado. Não houve um antes em que se tinha consciência da interação humanos e natureza (de que o primeiro necessita da segunda para existir), e por isso vivia-se de forma harmoniosa. Harmonia esta que, num dado momento, teria seu elo rompido. Momento em que se teria “perdido tal consciência.” Nesse sentido, Simon Schama nos apresenta como é mais complexa essa interação, que está para além da simples e pessimista ideia de devastação.

²² Ibid., p. 263.

²³ Busca-se apresentar Simon Schama, Keith Thomas e Raymond Williams em suas críticas a noção de natureza. Entretanto, nesse trabalho optei por estabelecer um diálogo mais profundo com as perspectivas de Raymond Williams presentes em *Ideias sobre natureza*, por motivos que serão apresentados adiante nesse trabalho, após apontar o diálogo feito com este autor.

Keith Thomas em *O homem e o mundo natural*²⁴ alerta sobre a importância de perceber a historicidade presente nos processos. Para tanto, estuda a relação entre humanos e o mundo natural no período de 1500 a 1800, na sociedade inglesa. Segundo Thomas “no início do século XX, a devoção às atividades rurais era uma característica das classes altas inglesas²⁵ (...)” Mas o autor afirma que a afeição pelo campo não era particularidade das classes altas, era também “comum a muitos indivíduos da primeira nação industrial.”²⁶ Tal visão teria ocorrido em um processo de mudanças de sensibilidades e que não se deu de forma automática. Para Thomas:

Com efeito, foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Alguns dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados nesse processo. Surgiram novas sensibilidades com relação aos animais, às plantas e à paisagem. O relacionamento do homem com outras espécies foi redefinido; e o seu direito a explorar essas espécies em benefício próprio se viu fortemente contestado.²⁷

A obra de Keith Thomas trata, então, de compreender como tais mudanças aconteceram. Trata de entender, por exemplo, como se passou, de um gosto pelo campo cultivado, produtivo – séculos XVI, XVII e início do XVIII – para uma noção de que a mata “selvagem”, não domesticada era o que havia de belo e benéfico – nos meados do XVIII. Vale ressaltar que Thomas estudou como tais processos se fizeram na Inglaterra. Entretanto, se respeitarmos as diferenças, ainda assim podemos estabelecer um diálogo com sua obra. Pois, uma das preocupações do autor foi a de refletir como as sociedades mudam suas maneiras de ver e interpretar sua relação com o mundo natural.

Thomas atenta ainda para a passagem de uma visão antropocêntrica do espaço para uma percepção separada em que “natureza e cultura são entidades diferentes.”²⁸ Visão essa que foi se instituindo primeiramente entre e através de estudiosos naturalistas que passaram a estudar a natureza por si própria e entendê-la “independentemente de sua utilidade ou significado para o homem.”²⁹ O autor ressalta que esta foi uma mudança que demorou a acontecer, que mesmo sendo pensada num meio intelectual, foi vivida e entendida de maneira oposta pela população. Aos poucos essa realidade foi se tornando mais plausível. O autor deu pistas de como todo o meio intelectual, através de diferentes estudos, contribuiu para a

²⁴ THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: mudanças e atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

²⁵ Ibid., p.15.

²⁶ Ibid., p. 15/6.

²⁷ Ibid., p.19

²⁸ Ibid., p. 126.

²⁹ Ibid., p.127.

construção, ainda muito presente na contemporaneidade, de que natureza e cultura estão em campos distintos. E de que o homem constitui-se num ser a parte do mundo natural.

Nesses termos, Thomas foi estabelecendo uma crítica à noção de natureza como abarcador do tudo e do nada. Daí, a utilização do termo “mundo natural” e do recorte apresentado já no título de sua obra. Recorte esse que visa delimitar a preocupação de pensar a relação dos seres humanos com esse mundo natural especificamente a partir de mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais. Fica assim explícita a proposta de problematizar a noção de que quando se fala de natureza se estaria tratando de todo o espaço natural, de um todo que se torna vago.

Já, para Raymond Williams torna-se necessário pensar que: se existem diversas culturas, presentes em diferentes sociedades, que se modificam ao longo do tempo, transformando assim também hábitos culturais, então nossas visões sobre a natureza, sobre o que a significa também estão em constante processo de transformação. E podem ainda num mesmo tempo histórico possuir vários significados, de acordo com as diferentes formas culturais com as quais olhamos para a natureza. Nas palavras desse autor:

Quando percebemos de súbito que os conceitos mais básicos – os conceitos dos quais partimos – não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos, não há sentido em se dar ouvidos aos seus apelos ou a substância de que suas formas foram separadas.³⁰

Com base nessa perspectiva que Williams trabalhou com o conceito em sua historicidade, analisando como se chegou a entendimentos que temos atualmente sobre cultura. No mesmo sentido, o autor analisou como os sujeitos tem compreendido natureza de diferentes maneiras. Seu primeiro questionamento: “normalmente quando dizemos “natureza”, temos a intenção de incluir a nós mesmos?”³¹ Na problematização das formas como ao longo do tempo significamos a natureza, o autor discutiu que tais percepções influenciaram a maneira de compreender a relação homem/natureza, quando esta era vista de forma interligada ou separada do agir humano.

Ao abordar a singularidade, a abstração e a personificação colocada sobre a ideia de natureza, que lhe davam o significado como uma entidade divina, o que mais chamou atenção do autor foi a questão da singularidade. Noção esta que seria a natureza um todo homogêneo, uma única coisa. O autor atentou para inícios de frases muito comuns de se ouvir como “a

³⁰ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979. P. 17.

³¹ Id., 2001. P.89.

Natureza é...”, “a Natureza mostra...” ou a Natureza ensina...”³² e logo em seguida, problematizou o quão plural a natureza pode ser. Ou seja, como historicamente a natureza foi pensada e significada de maneiras diferentes. Segundo Williams:

O fato de tornarmos a natureza singular, abstrata e personificada oferece-nos ao menos uma conveniência: permite-nos olhar, com clareza incomum, para algumas interpretações bastante fundamentais de toda a nossa experiência. A natureza pode ser algo simples, uma força ou um princípio, mas essas definições possuem uma história real.³³

Williams apontou o que alguns no campo da História diriam que definiria aquilo que é a função do historiador: compreender e analisar definições que os sujeitos históricos dão à sua existência e ao que existe a sua volta; é perceber que aquilo que os sujeitos fazem, determinam e produzem em e na sociedade possuem uma historicidade a ser problematizada. É entorno da historicidade de tais definições que Williams se atem. Para tanto, discute a abstração do homem nesse processo e de como o “estado de natureza”, a condição do “homem natural” tem sido, assim como as ideias de natureza, interpretadas de forma bastante diversas.

Por todas essas considerações de Williams por preocupar-se com a historicidade de como se tem definido natureza, que houve a opção de realizar com esse autor um diálogo mais profundo. Pois, suas análises permitem problematizar as ideias de natureza e as definições que a mesma vem recebendo nas páginas da revista *Amigos da Natureza*. Disso, também resulta a opção por continuar utilizando o termo natureza para as discussões que serão realizadas nesse trabalho, pensando que mais que abandoná-lo se torna necessário compreender seus usos ao longo dos tempos e dos espaços.

As considerações do autor ajudam na discussão de que é necessário enxergar e historicizar a relação entre humanos e natureza. De que esta não deve ser vista numa permanência, mas sim, dentro de uma dinâmica de mudanças em que os sujeitos instituem e significam, de formas diferentes, o que entendem como sendo a natureza e fazem isso através de distintos olhares e práticas culturais. Nesse sentido, Williams constrói uma crítica à separação humanos e natureza, pois não permite que se consiga enxergar e conhecer a natureza como mutável, variada e variável.

Para realizar a análise da *Amigos da Natureza* busquei também nas autoras Heloísa de Faria Cruz, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e em Tania Regina de Luca um aporte teórico/metodológico para refletir sobre as fontes de imprensa. Como afirmam Cruz e

³² Ibid., p. 93.

³³ Ibid., p. 94.

Peixoto, ao trabalhar com imprensa, uma das preocupações deve estar nas articulações entre presente, passado e futuro, que embasam a perspectiva histórica de materiais como, no caso da revista:

No movimento de construção de seu projeto editorial, cabe afinal indagar de que modo o periódico constrói sua perspectiva histórica, propõe um diagnóstico da realidade social em um dado processo e conjuntura, como se posiciona no campo da memória social, isto é, de que forma e com que referências articula passado/presente/futuro. Como concebe o tempo e o periodiza? A partir de que lugar social propõe marcos, datação? Como concebe o tempo e o periodiza? A partir de que lugar social propõem marcos e calendário social? Que expectativas coloca para o tempo que virá? Indica o que deve ser preservado do passado e o que deve ser relegado, modificado ou esquecido?³⁴

Tais questões foram utilizadas para nortear a pesquisa visando compreender a Editora e a revista *Amigos da Natureza* em seus movimentos históricos. Para Cruz e Peixoto é preciso entender a imprensa em seu campo de ação e não como meros reflexos da realidade. Foi pensando em considerações como essas que se optou em compreender a *Amigos da Natureza* enquanto prática de EA. Na organização da metodologia de análise do material as considerações das autoras foram de fundamental importância. Atentar para o conteúdo da capa e das primeiras páginas, vitrines da edição, organização de partes e cadernos, edições comemorativas, organização das seções e sua diversidade, iconografia, entre outros, foram dicas apontadas como fundamental para compreender o projeto editorial do material. Esse trajeto foi realizado durante a pesquisa e teve fundamental importância no processo de compreensão dos posicionamentos e articulações na/da *Amigos da Natureza*.

O livro *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*³⁵ e o artigo *História dos, nos e por meio dos periódicos*,³⁶ ambos da historiadora Tania Regina de Luca, contribuíram no processo de pesquisa do material. O primeiro, permitiu o contato com um exemplo de como um periódico pode ser percebido por seus próprios idealizadores como um meio de ação. Ao pesquisar a *Revista do Brasil* em sua primeira fase, entre 1916 e 1925, a autora discutiu como o periódico foi entendido pelos intelectuais que o articularam como um meio de conduzir para um determinado projeto de mudança que se queria para o Brasil naquele momento. Segundo Luca, “longe de se limitar a uma atitude contemplativa, os intelectuais ansiavam por influir no destino do país, apontar caminhos, forjar políticas de ação.”³⁷ A partir de suas fontes Luca conseguiu perceber como os intelectuais fizeram da revista um modo de

³⁴ CRUZ, Heloísa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**. São Paulo: n° 35, dez. 2007. P.265.

³⁵ DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

³⁶ DE LUCA. História dos, nos e por meio dos periódicos. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

³⁷ DE LUCA, op.cit., 1999, p.41.

lutar por aquilo que acreditavam. Com relação ao artigo as considerações da autora foram de fundamental importância por atentarem para a questão de que meios de comunicação, como a revista, geralmente funcionam como projetos coletivos. Nas palavras da autora:

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.³⁸

Por isso, para Luca torna-se necessário atentar para os colaboradores de tais materiais, para os responsáveis pela linha editorial e para os interesses econômicos. Desse modo, pode-se dizer que as considerações das autoras serviram para estruturar o modo com que a pesquisa foi sendo realizada. Entretanto, a especificidade do material – uma revista que foi sendo construída enquanto uma alternativa de material didático para EA – também exigiu a elaboração de algumas metodologias por esta pesquisadora. Assim, após ler os mais de 90 exemplares da revista e percorrer as mais variadas temáticas, deparei-me com a impossibilidade de abordar todas num único trabalho. Passei então a buscar os assuntos que permitiam perceber e discutir percepções e concepções dos idealizadores da *Amigos da Natureza*, mais presentes e que eram norteadoras de práticas pedagógicas. Ao mesmo tempo, optei pela seleção de discussões que possibilitassem refletir acerca das relações que seus produtores estabeleciam com o espaço em que faziam parte, o Oeste do Paraná. Assuntos como agricultura; preservação e conservação do meio ambiente; e desenvolvimento sustentável foram os selecionados. Essas são discussões, acredito, que permitem ao mesmo tempo analisar percepções, concepções e práticas da *Amigos da Natureza* em relação aos seres humanos e a natureza, e problematizar as relações e atuações em que esta tem estabelecido com o espaço que a produz.

Desse recorte, é claro, ainda sobram assuntos que poderiam ser utilizados para pensar concepções e práticas da revista. Todavia, penso que os temas selecionados permitem abordar discussões que também estão presentes no restante dos materiais. Vale ainda ressaltar que a leitura dos demais exemplares também contribuiu para a problematização dos números que serão diretamente abordados. Mas, para que o leitor possa ter dimensão dos assuntos que foram de interesse da *Amigos da Natureza*, foi elaborada uma tabela com os temas e uma pequena descrição de seu conteúdo que será apresentada no decorrer do texto.

A revista *Amigos da Natureza* tem sido vendida principalmente para prefeituras das mais variadas cidades do País para que estas distribuam o material às escolas. Foi elaborada

³⁸ DE LUCA, op. cit., 2006, p.140.

como um material didático de EA. Portanto, ao analisá-la esta foi pensada enquanto um material que carrega uma linguagem específica voltada também para um público específico, ou seja, para alunos e professores dos anos iniciais e do Ensino Fundamental. Na presente pesquisa as imagens serão analisadas juntamente com os textos escritos, sempre levando em consideração o papel que estes ocupam em um material didático.

Ao tratar acerca dos materiais didáticos, Circe Maria Bittencourt atentou para a necessidade de compreender especificidades desse tipo de produção. Para a autora:

Os suportes informativos pertencem ao setor da indústria Cultural e são produzidos especialmente para a escola, caracterizando-se por uma linguagem própria, por um tipo de construção técnica que obedece a critérios de idade, como vocabulários, extensão e formatação de acordo com princípios pedagógicos.³⁹

Compreender tal dinâmica foi de fundamental importância para conseguir analisar textos e imagens presentes na *Amigos da Natureza*, entendendo que se fazia necessário compreender a maneira como foram elaborados, o modo como conceitos foram abordados e sistematizados e que as imagens foram utilizadas.

Ao pensar nessa última linguagem – a imagem – é válido refletir sobre o papel que esta tem ocupado atualmente. Vivemos num tempo do visual, a todo momento tentamos lidar com informações que nos chegam a partir de imagens. Serge Gruzinski em *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner* argumentou que talvez a guerra das imagens “seja um dos acontecimentos maiores do fim do século XX.” Na sequência o autor ainda discorreu:

Difícil de circunscrever, presa aos chavões jornalísticos ou aos meandros de um tecnicismo hermético ela abrange lutas pelo poder, tem implicações sociais e culturais cujo alcance atual e futuro ainda somos um tanto incapazes de avaliar.⁴⁰

Estabeleço o diálogo com Gruzinski por dois motivos: o primeiro devido as imagens ocuparem um importante espaço na *Amigos da Natureza*, sendo que praticamente todos os textos vêm acompanhados delas nos mais variados tamanhos. As edições são densamente ilustradas desde a capa até as últimas páginas, utilizando-se sempre de muitas cores. No tempo do domínio do visual em que vivemos os idealizadores da *Amigos da Natureza* não deixaram de usar imagens. Isto também porque a imagem tem como uma de suas funções tornar o material mais atrativo, não apenas para crianças, mas também para professores que

³⁹BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. P.296.

⁴⁰GRUZINSKI, Serge. **A Guerra das Imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner** (1492-2019). São Paulo: Companhia das Letras, 2006. P.16

muitas vezes se sentem instigados a trabalhar com seus alunos um recurso que aos seus olhos parece muito mais lúdico.

A segunda consideração que mobiliza o diálogo com Gruzinski consiste em problematizar as outras funções que são atribuídas às imagens. Ou seja, de que estas também “abrangem lutas pelo poder, tem implicações sociais e culturais”.⁴¹ Mesmo que possamos não ter toda a dimensão do poder das imagens, torna-se imprescindível começar a atentar sobre sua força e implicações. Nesse sentido, a própria obra do autor parece um esforço de chamar para um diálogo quando se propõe a pensar a existência de uma “guerra das imagens”.

Da mesma maneira que a palavra e o texto, a imagem pode, a seu modo, ser o veículo de todos os poderes e de todas as resistências. O pensamento que ela desenvolve oferece uma matéria específica, tão densa como o texto, mas que costuma ser irredutível a ele, o que não facilita nada a tarefa do historiador obrigado a atribuir palavras ao indizível.⁴²

Gruzinski atenta não apenas para a força ativa presente nas imagens, mas também alerta acerca de que, textos e imagens, possuem especificidades. Atentar para essa ideia parece de fundamental importância para não reduzirmos a densidade presente em cada uma dessas formas de linguagem.

O diálogo com tais considerações parecem pertinentes ao pensar as fontes dessa pesquisa. Tratando-se de um material didático se faz necessário analisar que papéis ocupam textos e imagens. O que o modo de organização de ambas linguagens nos dizem acerca das funções que lhes foram atribuídas num processo de aprendizagem? A tarefa parece fácil, mas não é. Num primeiro olhar, como veremos adiante, as imagens presentes na *Amigos da Natureza* poderiam ser entendidas como aquelas que acompanham o texto dando a este complementaridade, ou mesmo um sentido de veracidade. Entretanto, se confrontarmos palavras e imagens e ao mesmo tempo entendermos, assim como para o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, que cada uma dessas fontes “pertencem a sistemas de representações diversos e, portanto, comunicam informações e significados diferentes”⁴³ perceberemos que as imagens possuem uma função muito mais ativa nesse processo.

Por isso, para as análises da presente pesquisa seguiremos algumas das orientações de Meneses para o trabalho com as imagens. Em seu texto *História e Imagem: iconografia/iconologia e além* o autor, no diálogo com outros autores de diferentes áreas do conhecimento, traz contribuições importantes para o trabalho dos historiadores com as

⁴¹ GRUZINSKI, 2006, loc. cit.

⁴² Ibid., p.17.

⁴³ MENESES, Ulpiano Tereza Bezerra de. *História e Imagem: Iconografia/Iconologia e Além*. In **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. P.253.

imagens. Nesse sentido, Meneses problematiza a imagem como documento visual, como artefato, imagem e poder, a “agência” das imagens, imagem e memória. Ao refletir a imagem como artefato o autor afirma:

Não se nega o caráter discursivo da imagem, nega-se que ele seja exclusivo ou sempre dominante. A imagem tem extraordinário potencial lingüístico, que pode ser exercido poderosamente, mas não compõe um sistema lingüístico por natureza, tem vida fora dele. E como artefato, nas suas trajetórias pode aclarar condições materiais da produção/reprodução social – e, ainda, chamar a atenção para integrar a visão ao conjunto de nossos demais sentidos.⁴⁴

Ao partir dessas ideias, Meneses busca abordar como as imagens são produtoras de efeitos, geram transformações, tem potência de ação. Dessa forma o autor as entende como “integrantes da interação social.”⁴⁵

Foi no diálogo com autores como Gruzinski – que pensou as imagens em termos de lutas pelo poder e de suas implicações socioculturais –, e de Meneses – que nos traz a ideia da imagem também como artefato e performance – que busquei aporte teórico e metodológico para lidar com imagens, atentando também para sua relação com os textos na revista *Amigos da Natureza*. Assim, ao pensar a revista enquanto uma prática de EA, compreendo que para além da produção de discursos há também uma força de ação que precisa ser compreendida e problematizada.

A análise das imagens considerou que muitas vezes são produzidas para ativar determinados sentidos. Foi considerado assim no diálogo com Meneses, que as imagens “não contribuem apenas para representar o passado, mas também para construí-lo.”⁴⁶ Tal noção foi utilizada nessa pesquisa para pensar não apenas as imagens, mas também os textos escritos, tentando compreender as implicações de tais construções para o presente e também para elaboração de determinadas ideias sobre o futuro.

No trabalho de análise buscou-se atentar, ainda, para as especificidades e importância do conjunto de linguagens das capas que as edições podem conter. Para tanto, as considerações da historiadora Ana Cristina Teodoro da Silva foram de grande importância. Pois, para a autora é preciso nos atentar para o conjunto que desenhos, cores, letras, fundo formam nas capas. Nesse sentido:

Tal justaposição característica das capas de revista, não permite falar apenas em fotografias ou apenas na manchete ou apenas nas cores, já que uma interfere na outra determinando sentidos da leitura no conjunto. Tais justaposições ocorrem simultaneamente, novamente o tempo. A

⁴⁴ Ibid., p.255.

⁴⁵ Ibid., p.256.

⁴⁶ Ibid., p.259.

temporalidade de leitura pode ser um “ao mesmo tempo”: manchete, imagem, legenda, cor, gesto, associados em um instante, pelo menos em um tempo curto. Aquele retângulo pulsa como um todo, e cada parte atrai o olhar, quer ser um retângulo sedutor pelo conjunto e pelas partes.⁴⁷

Para realizar as discussões aqui propostas o trabalho foi dividido em três capítulos, a partir dos quais se buscou analisar e problematizar concepções e práticas da *Amigos da Natureza*. Assim, no primeiro capítulo intitulado *Amigos da Natureza: Debates instituintes*, buscou-se apresentar a Editora e a revista, visando acompanhar sua trajetória de construção. Para tanto, buscou-se problematizar acerca das parcerias e patrocínios, espaço de distribuição e forma de venda realizada pelos produtores da revista no primeiro momento. Além disso, foram analisadas primeiras edições e assuntos nelas abordados, que possuíam uma ligação mais direta com discussões que vinham sendo realizadas no Oeste do Paraná. Tal análise teve como preocupação buscar compreender o lugar social ocupado por aqueles que construíram a Editora e a revista *Amigos da Natureza*.

Ainda, nesse capítulo, para poder compreender melhor os posicionamentos da *Amigos da Natureza* recorri a outras fontes. Artigos, cartilhas, manuais, livros, documentos governamentais como a Lei de Instituição da Política Nacional de Educação Ambiental, Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros. Todos foram utilizados a fim de apreender possíveis diálogos da *Amigos da Natureza* com o que se estava pensando e definindo acerca do assunto no Brasil. Esse levantamento foi tomado como necessário após notar que algumas edições e documentações da Editora faziam menções ao modo como se vinha construindo EA por parte das políticas públicas no País. Assim, procurei analisar quais foram esses diálogos. Com isso, objetivou-se atentar para as ideias e valores que ajudam a construir o campo de discussão da e na *Amigos da Natureza*.

No segundo capítulo intitulado *Preservar, Conservar e Desenvolver: a construção de valores e sentidos* buscou-se analisar os primeiros cinco anos da revista, momento em que esta tinha como alvo um público infanto-juvenil. Nesse sentido, objetivou-se problematizar valores, concepções e práticas que se tentou construir para esses leitores. Para tanto, lancei mão, principalmente, dos textos e imagens da revista, para assim, apreender a leitura de mundo, realizada por aqueles que elaboram esse material. Através da análise dos editoriais, de seções como *O Assunto é...*, e *Salva- Vidas*, das imagens presentes nas capas e também no corpo das matérias, buscamos problematizar o que tem significado a proposta de uma EA em

⁴⁷ SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Imagens Ordinárias como Signos Eloquentes – Sistematização Metodológica para a Interpretação de Capas de Revistas. **Domínios da Imagem**. Londrina, nº01, 2007. P.12.

prol de um “desenvolvimento sustentável.” Com a análise dos conteúdos das revistas foi possível problematizar o que seus produtores têm entendido enquanto ações “eficazes” que ajudariam a “salvar o meio ambiente.” Desta feita, procuramos discutir como, ao tratar do que consistiria em alguns caminhos de atuação, – como o da preservação e conservação do meio ambiente, e da necessidade da existência de uma “consciência ambiental” – houve a busca por uma construção e/ou (re)afirmação de um determinado projeto de sociedade.

Já, no terceiro capítulo intitulado “*Use, mas não abuse*”: *embates do presente e a política de atuação da Amigos da Natureza* busquei compreender a importância dada à educação nesse processo de transformação em que se busca a formação de “cidadãos conscientes” em relação aos problemas ambientais tomados em questão.

A proposta para este capítulo, consistiu em discutir um segundo momento da *Amigos da Natureza* em que se pode perceber a busca pela ampliação do público leitor, passando a produzir um material destinado aos professores e não mais aos alunos diretamente. A esses profissionais, entendidos como “multiplicadores de boas práticas”, passou-se a atribuir a função de formar “cidadãos conscientes.” Tendo como fonte a seção da revista *Fala Professor*, os editoriais de 2006 e 2007, as edições de 2009, escritas diretamente para professores, e os planos de aulas disponibilizados nesse mesmo ano, busquei analisar esse papel atribuído a tais profissionais no ensino. Nesse processo se pode notar ainda uma transformação mais aguda da revista em um material didático para ser utilizado em sala de aula, e também a busca pela multiplicação via professores de um determinado projeto de sociedade.

Nesse percurso, se ser “cidadão consciente” é saber usar a natureza sem abusar, nos perguntamos também acerca das implicações dessa forma de pensar e ensinar. A ideia consiste em problematizar essa proposta de atuação relacionada ao pensamento de que vivemos um processo de crise da civilização humana, em que poderemos ver o nosso fim. Na atuação da *Amigos da Natureza*, que dialoga com essa ideia de crise, podemos perceber também a apropriação de uma discussão social pelo mercado. Nesse sentido, pretende-se refletir sobre como nessa sociedade de consumo em que vivemos, o político e o ecologicamente correto, a proteção do meio ambiente também viraram um produto à venda em nossos mercados, e algo a ser enunciado pelos professores.

CAPÍTULO I – AMIGOS DA NATUREZA: DEBATES INSTITUINTES

Para entender o modo como os idealizadores da *Amigos da Natureza* pensaram, elaboraram e organizaram suas discussões na revista, buscou-se trabalhar questões que vão para além dela. Nesse sentido, um dos caminhos consistiu em tentar analisar a trajetória de construção da Editora.

Como afirmaram Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto “a imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele”.⁴⁸ Por isso, partimos do pressuposto de que compreender a maneira como a empresa *Amigos da Natureza* nasceu, as parcerias que estabeleceu, os financiamentos recebidos, além da relação que possui com o espaço social histórico em que está inserida, são de fundamental importância para perceber posicionamentos e projetos.

A revista *Amigos da Natureza* faz parte dos materiais produzidos pela Editora que possui o mesmo nome. A Editora surgiu juntamente com a revista em agosto de 2001, em Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná, cidade que também se localiza na área lindeira à Hidrelétrica de Itaipu.

O dono e diretor da Editora, Arno Kunzler, é também diretor da Editora e jornal *O Presente*, o qual divide sociedade com o empresário Paulo Rodrigo Coppetti. No ano em que a *Amigos da Natureza* foi criada, o jornal, *O Presente*, completava dez anos de existência, ou seja, foi criado em 4 de outubro de 1991. Em 2001, o mesmo jornal, que até então possuía apenas circulação semanal expandiu-se, passando a circular diariamente. Sua distribuição tem sido realizada não apenas em Marechal Cândido Rondon, mas também em cidades vizinhas como Guaíra, Palotina, Santa Helena, Toledo, entre outras.⁴⁹

O jornal, *O Presente*, possui também edições especiais como *O Presente Rural* que trata de temáticas relacionadas ao agronegócio e possui atualmente circulação nacional. Segundo o sócio, Coppetti, em seu discurso durante evento de comemoração dos 20 anos do jornal, *O Presente*:

Atualmente, *O Presente Rural* circula em nove Estados, é jornal oficial de grandes eventos do setor, como o Simpósio Brasil Sul de Suinocultura e o Brasil Sul de Avicultura, ambos realizados em Chapecó (SC). Entre os parceiros do periódico estão grandes empresas internacionais, como Bayer, FomilVet, Boehringer Ingelheim, Pfizer, Pioneer, Ouro Fino, Nutrifarma, entre outras.⁵⁰

⁴⁸ CRUZ. PEIXOTO, op. cit., p.258.

⁴⁹ Além de circulação via imprensa atualmente o jornal também possui sítio eletrônico. Sites: www.opresente.com.br e www.opresenterural.com.br.

⁵⁰ Expandir a atuação na região é um dos novos desafios. **O Presente**. Outubro de 2011, edição especial. Acervo da autora.

Com uma proposta bem diferenciada do que é a revista *Amigos da Natureza*, o jornal *O Presente Rural* possui edições que trazem matérias ligadas à suinocultura, avicultura, bovinocultura, saúde e nutrição, exportação, tecnologias para a produção de soja, milho e de um modo geral para atender a agropecuária. Com relação ao patrocínio, como se pode perceber através do discurso de Rodrigo Copetti, contam com empresas nacionais e internacionais que atuam na venda de sementes geneticamente modificadas, fertilizantes, produtos para nutrição animal, defensivos agrícolas, entre outros.

Em novembro de 2011, realizei uma entrevista com Arno Kunzler, diretor e dono de ambas as empresas. O entrevistado falou sobre sua vida, trajetória profissional e motivações que levaram a criar a Editora *Amigos da Natureza*. Muitos trechos de sua narrativa se assemelharam ao que foi escrito na edição especial de comemoração dos vinte anos do jornal, *O Presente*, escrita logo após a festa de comemoração em 21 de outubro de 2011. Para compreender acerca da narrativa de sua trajetória de vida e profissão foi utilizado tanto a entrevista quanto a edição especial do jornal enquanto fonte.

Arno Kunzler nasceu no Rio Grande do Sul e cresceu no Oeste de Santa Catarina, tendo se mudado para o Oeste do Paraná em 1975, com 21 anos de idade. Durante a entrevista, ao pedir que falasse sobre sua trajetória de vida ele falou principalmente do seu envolvimento com o jornalismo e também com a política, após se mudar para o Oeste do Paraná. De acordo com o entrevistado, no início da década de 1980 foi assessor de imprensa da prefeitura de Marechal Cândido Rondon, fundador e presidente do movimento estudantil do Partido Democrático Social (PDS) na mesma cidade e também trabalhou para o jornal *O Paraná* entre 1983 e 1991. Arno Kunzler afirmou ter tentado se envolver mais efetivamente com a política local tendo sido candidato a vice-prefeito nas eleições de 1992 ao lado de Verno Scherer que já havia sido prefeito nessa cidade, nomeado durante 1979 e 1985, durante a Ditadura Militar brasileira.

A entrevista e a análise da edição especial de *O Presente* permitiram perceber que Arno Kunzler possui imagem publicamente reconhecida entre as elites empresariais do Oeste do Paraná e também pelo próprio poder público desse espaço. Mostra disso ficou ainda mais acentuada na comemoração dos 20 anos de *O Presente*, onde compareceram para a cerimônia autoridades locais como o então prefeito Moacir Fröhlich, e outras como, deputados estaduais, federais e também o Secretário de Comunicação do Estado do Paraná Marcelo Cattani. Nessa ocasião, Arno Kunzler também recebeu o título de cidadão honorário de Marechal Cândido Rondon. A história de ligação entre Kunzler e o poder público e privado

local, como se pode perceber através de sua própria narrativa não é recente, sendo estabelecida ainda nos seus primeiros anos de trabalho.

Ao falar de sua profissão Kunzler enfatizou em vários momentos sua preocupação com a educação e com um material que estivesse destinado a atender um público infanto-juvenil. Segundo ele, algumas tentativas surgiram, mesmo dentro do jornal *O Presente* e que não teriam dado certo por falta de estratégia e planejamento da equipe. Mas, segundo Kunzler a ideia da produção de um material relacionado à EA também foi possível através dessas outras tentativas que não teriam dado certo:

E nós chegamos a criar uma equipe dentro do jornal *O Presente*, de entregadores, de meninos que trabalhavam lá e meninas que trabalhavam lá na época, que eles se juntaram a equipe de redação pra fazer, pra trazer ideias sobre o quê que os jovens podiam querer ler num jornal. *Foi aí que em 2001 surgiu a ideia de montarmos a Editora Amigos da Natureza, já com essa experiência anteriores é, com o objetivo de produzir matéria, exclusivamente para a Educação Ambiental.* Um material que fosse um material de apoio para professores e que fosse também para os alunos. *Num primeiro momento a gente teve como base e como objetivo produzir um material pra região Oeste do Paraná. Basicamente os municípios lindeiros da Itaipu*⁵¹. (Grifos Meus).

Ao elaborar sua narrativa para uma entrevistadora que estava interessada com sua trajetória, de diretor de uma empresa de materiais educacionais, Kunzler fez questão de apontar esse projeto como uma ideia que foi sendo por ele construída ao longo de vários anos. Ao mesmo tempo em que Kunzler afirmou que a ideia teria surgido do trabalho seu e de equipe, também enfatizou a atuação de Itaipu na região em 2001, e que a opção pela temática também teria nascido para atender os municípios atingidos com a construção das barragens.

É significativo atentar ainda sobre a afirmação de Kunzler, de que em seu primeiro momento a Editora e a revista nasceram para criar um material de circulação mais local, estando presente principalmente nos municípios que foram atingidos pela construção da Hidrelétrica de Itaipu.

A Itaipu foi pioneira na região em implantar um projeto de Educação Ambiental. E a partir dessa experiência de Itaipu e do trabalho que a Itaipu começou executar e pela dificuldade que ela tinha de lidar com esse assunto. Porque as pessoas fugiam da Educação Ambiental, elas não queriam saber disso. (...) Então em 2001 nós fundamos a Editora *Amigos da Natureza* um pouco no embalo desse projeto de Itaipu, certo!? Mas pelas nossas experiências próprias aqui da Editora *O Presente*.⁵²

⁵¹ KUNZLER, Arno. Entrevista concedida a Nicheli Rodrigues Santos. Marechal Cândido Rondon: 24 de nov. de 2012, 43 min. Acervo da autora.

⁵² KUNZLER, Arno. Entrevista concedida a Nicheli Rodrigues Santos. Marechal Cândido Rondon: 24 de nov. de 2012, 43 min. Acervo da autora.

No relato de Kunzler as dificuldades dos representantes da Itaipu em tratar de assuntos como EA não foram relacionadas às lembranças do processo de implantação da hidrelétrica, que foi gerador de inúmeros conflitos, e que é visto de forma negativa nas lembranças de parte da população regional. Mas, sim, porque as pessoas não estariam se mostrando abertas a saber sobre EA. Assim, se haviam dificuldades para tratar do tema, o material pensado pela *Amigos da Natureza* viria a contribuir no sentido de sensibilizar para a discussão, para que as pessoas não continuassem a fugir do assunto. Daí, a efetivação de uma parceria entre os representantes da Itaipu e a *Amigos da Natureza*.

A preocupação em sensibilizar para o debate ambiental e para a EA, de refletir sobre as transformações causadas no Oeste do Paraná, desde o processo de ocupação do espaço, e de impactos causados durante os anos apareceram enquanto motivação para a criação da revista, na fala de Arno Kunzler. Partir de sua fala após dez anos da construção da Editora e da revista implica pensar nos significados de sua narrativa para o presente, nas escolhas dos eventos que foram selecionados durante a entrevista. Nesse sentido, é interessante perceber a insistente busca de Kunzler de apontar Itaipu como uma grande parceira e apoiadora do projeto que implantou. Entender tais significações se torna de fundamental importância, não para julgar se a narrativa de Kunzler foi verdadeira ou falsa, mas sim para compreender as ligações entre passado e presente, para encontrar caminhos que permitam compreender melhor esse processo histórico. Ou ainda para perceber mudanças e permanências no modo como se construiu e se falou acerca de tal constituição da *Amigos da Natureza*.

Dez anos após a criação da *Amigos da Natureza*, quando pedi que Arno Kunzler falasse mais sobre a escolha por produzir material voltado às crianças assegurou que, atualmente, é muito mais fácil as crianças influenciarem os pais do que ao contrário. Para ele, lidar com esse público consistiria num modo mais efetivo de atingir os pais e fazê-los mudar de opinião sobre como eles devem lidar com o meio em que vivem. O entrevistado exemplificou sua ideia através de experiências particulares com os seus filhos:

Eu sou do tempo, por exemplo, que se podia andar sem cinto de segurança, não era obrigatório, aliás, muitos carros nem vinham com cinto de segurança. Eu sou do tempo em que era permitido beber e depois dirigir, dirigir embriagado não era crime, não era considerado nenhum ato de violência. Eu sou do tempo em que se tomava uma cerveja dirigindo o carro e jogava a latinha da janela pra fora. *Todos esses atos foram fortemente combatidos pelos meus próprios filhos.*⁵³ (Grifos meus)

⁵³ KUNZLER, Arno. Entrevista concedida a Nicheli Rodrigues Santos. Marechal Cândido Rondon: 24 de nov. de 2012, 43 min. Acervo da autora.

Foi a partir de seu relacionamento com os filhos e com o que teria aprendido com as crianças, que Kunzler não só justificou a escolha por seu público, mas também abordou modificações que viu ocorrendo durante os últimos 10, 15 anos. Kunzler falou de um tempo em que os filhos já conseguiam influenciar as ações de seus pais e também do tempo – 10 anos – que é também o da criação da revista. Dentre as transformações sofridas e das ações em prol do meio ambiente, o entrevistado terminou a fala abordando a faixa de proteção de Itaipu. Para ele:

Em cima de todos esses fatores nós estávamos talvez, possivelmente numa das regiões mais descuidadas do planeta, que sofreu no menor espaço de tempo os maiores impactos ambientais. Aí a Itaipu colocou aqui esse cinturão verde, que também é um impacto novamente. *O Cinturão Verde que protege o Lago de Itaipu é um enorme impacto ambiental, esse já positivo. Mas é um impacto ambiental que tem que ser administrado, que tem consequências. Então todas essas questões elas nos estimularam a desenvolver material voltado para esses temas.*⁵⁴ (Grifos meus)

A ideia de que o Oeste do Paraná poderia ser considerado um dos espaços mais descuidados do planeta, presente na fala de Arno Kunzler, se assemelhou a ideia apresentada dez anos antes no editorial de agosto de 2001, como veremos adiante, de que o espaço teria passado por impactos mais catastróficos no planeta. Mas, as ações na busca de reverter tal realidade também foram apresentadas. Nesse sentido, apresentar a faixa de proteção também enquanto um impacto – mesmo que positivado – possibilitou também criar espaço para o papel de contribuição da *Amigos da Natureza*: ajudar a ensinar com o seu material a administrar a mudança, a administrar os impactos positivos, porque estes enquanto impactos também possuiriam consequências.

Assim, ao falar de mudanças, Kunzler também buscou associá-las ao trabalho que vem sendo realizado por sua Editora ao longo de mais de dez anos. Sua fala remete a pensar como esse projeto foi apresentado no editorial de 2001, como material para ensinar a “administrar” a mudança.

A primeira edição da *Amigos da Natureza* lançada em agosto de 2001, abordou em seu editorial algumas dessas transformações de que falou Kunzler e atentou para a necessidade de realizar debates e mudanças no modo como seres humanos se relacionaram com o meio ambiente:

Ocorre que, nesta região, nos últimos 50 anos houve, talvez, os maiores impactos ambientais do planeta Terra. Em um curto período, uma única

⁵⁴ KUNZLER, Arno. Entrevista concedida a Nicheli Rodrigues Santos. Marechal Cândido Rondon: 24 de nov. de 2012, 43 min. Acervo da autora.

geração assistiu e acompanhou a devastação total da mata nativa a destoca e a conseqüente erosão que acabou com rios e mananciais, a aplicação indiscriminada de agrotóxicos, a formação do Lago de Itaipu e a conseqüente destruição de uma das sete maravilhas do mundo: as Sete Quedas, o impasse vivido por causa da Estrada do Colono e o maior reflorestamento do planeta: A Faixa de Proteção nas margens do Lago de Itaipu. Todos esses impactos ambientais acabaram deixando profundas marcas *na nossa geração, inclusive a acusação de sermos os responsáveis pela destruição de grande parte da fauna e da flora.*⁵⁵ (Grifos meus).

As informações fornecidas sobre o espaço da região onde a revista nasceu assumiram tons de catástrofe, em que se teria sofrido nos últimos 50 anos “os maiores impactos ambientais do planeta Terra.”⁵⁶ A relação entre humanos e natureza na região foi percebida principalmente a partir da destruição. Esse passado, entretanto, não foi abordado como acabado, mas sim, aquele que deixou marcas que ainda estariam sendo vividas e sentidas por sua população, inclusive sob forma de acusações. No que se pode perceber, ao lançar a *Amigos da Natureza*, seus idealizadores não buscavam apenas a produção de um material educacional, mas também a construção de um espaço de discussão e intervenção na busca por lidar com determinadas tensões advindas desses processos e que permaneciam vivas no momento em que a revista foi criada. Essa afirmação ganha ainda mais sentido se atentarmos para a última frase desse trecho em que os idealizadores da revista se colocaram como parte desse processo e dessa mesma geração ao escrever “*nossa geração*” e “a acusação de *sermos* os responsáveis pela destruição”. Interessante ainda atentar para o fato de que essa geração não é colocada como sendo a responsável, mas sim como aquela que estaria sendo acusada de ser responsável. As ações daqueles que participaram desse processo ficam assim deslocadas e minimizadas a acusações.

A primeira parte desse editorial traz elementos de processos vividos nesse espaço como: a derrubada da mata e venda da madeira no processo de ocupação, que se deu de modo mais intenso entre os fins dos anos 1940 até os fins da década de 1970, mas que até os dias mais atuais ainda não se findou; o nascimento e crescimento de cidades; transformações na agricultura, como por exemplo, a mecanização ocorrida a partir dos anos de 1960, com o aumento do uso de agrotóxicos, gradativa substituição de outros cultivos para o plantio de monocultura da soja e do milho; a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, com a destruição das Sete Quedas, com seus conseqüentes deslocamentos populacionais. No que se pode dizer, que tratar de EA nesse espaço, significa também ter que se atentar a essas

⁵⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza. n.01, ago. de 2001. P.3.

⁵⁶ AMIGOS DA NATUREZA, ago. de 2001, loc. cit.

experiências vividas. E os produtores da *Amigos da Natureza* não deixaram de abordá-los e de utilizá-los para dar sentido ao seu nascimento.

Podemos ainda tratar de como um dos desdobramentos desse processo se deu com a tentativa da construção de uma história e também de uma memória vitoriosa e harmônica sobre a região. No Oeste do Paraná tem sido corrente a busca da legitimação de uma história que privilegia determinados sujeitos como pioneiros/desbravadores, que teriam vencido a natureza selvagem e construído um espaço, tanto rural quanto urbano, que se encontraria em constante processo de desenvolvimento e progresso.

A organização de tais memórias como sendo “a história” desse espaço recebeu forte atenção principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Museus locais foram construídos como, por exemplo, o Museu Histórico Willy Barth, da cidade de Toledo, assim também como inúmeros outros monumentos que positivam esse processo. Alguns trabalhos, como o de Jiani Langaro, tem mostrado também como em algumas cidades do entorno a ideia do “pioneiro desbravador” tem sido constantemente reelaborada para significar novas práticas de determinados sujeitos.⁵⁷ Ao mesmo tempo, essa memória que se quer “oficial”, também passou a lidar com as críticas da destruição do meio ambiente que esse processo causou. Nesse sentido, percebe-se inclusive a falta de manutenção, em algumas cidades, em monumentos que representavam a derrubada da mata ou a venda da madeira nessa primeira fase de instalação de migrantes.⁵⁸

Ao se colocar como parte da geração que estaria sendo acusada de provocar a devastação, os idealizadores da revista não deixaram de se colocar também enquanto pioneiros, enquanto parte desse mito. O que pode ser percebido melhor na sequência do mesmo editorial, em que se busca remodelar o modo de olhar para o processo. Nesse sentido, a revista apareceu logo abaixo, como uma opção de debate e de aprendizagem de uma convivência harmônica entre humanos, natureza e as gerações. Aos poucos o texto foi deixando diluídas as responsabilidades daqueles que teriam contribuído para tal devastação, pois “nós”, os “acusados”, é que estávamos propondo um novo modo de nos relacionarmos com a natureza.

Para discutir essas questões, debater e aprender a conviver em harmonia com o meio ambiente estamos lançando nossa revista “*Amigos da Natureza*” que pretende contribuir para melhorar nosso relacionamento com o meio em que

⁵⁷ A dissertação de mestrado de Jiani Langaro é um exemplo de pesquisa que discutiu as reelaborações em torno da ideia do “pioneiro desbravador”. In **Para Além de Pioneiros e Forasteiros: Outras Histórias do Oeste do Paraná**. Instituto de História, jan. 2006. Disponível em <www.bdtu.ufu.br> Acessado em 18 de ago. de 2011 às 14h: 35 min.

⁵⁸ Idem.

vivemos. Estamos convidando você a ser um “Amigo da Natureza”, integrando-se aos movimentos já existentes no seu município.⁵⁹

Aprender a conviver, ser “Amigo da Natureza”! O próprio título da revista trouxe uma concepção dualista da relação humanos/natureza em que um é visto de modo separado do outro. Pois, se as pessoas precisam aprender a conviver com a natureza é porque não se sentem enquanto parte dela, daí, a necessidade de aprender a lidar com ela. O trecho apresentado acima traz implícito também a noção de que se antes a relação era de humanos versus natureza, em que “era preciso” desbravar a natureza selvagem, a partir daquele momento – 2001 – a relação se basearia na amizade dos humanos para com ela: “É preciso mudar nossas atitudes, é preciso que aprendamos a cuidar de nosso meio ambiente, que nos tornemos ‘amigos da natureza’!”⁶⁰

O editorial da primeira edição e o nome dado à revista – *Amigos da Natureza* – já dizem muito sobre sua proposta de atuação. Olhar para o passado e a partir deste lançar uma proposta diferente, de harmonização com a natureza.

Se pensarmos na palavra *amigo* podemos dizer que ela também significa aquele que cuida, que protege, que ama. No dicionário *Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, dentre seus vários significados se pode encontrar: “que ampara ou defende; apreciador, admirador, amante; simpatizante ou partidário.”⁶¹ A política de atuação através da revista tem se dado nesse sentido de ensinar para as próximas gerações que é preciso ser amigo da natureza, ou seja, que é preciso cuidar, proteger, respeitar, preservar, conservar. Mas, ao mesmo tempo, de que é necessário saber olhar para esse passado e compreender as ações efetivadas pelas pessoas nesses outros momentos. Essa nova forma de conviver, por sua vez, parece se tornar um percurso possível a partir do momento em que aprendermos a ter “consciência ecológica”.

Ter consciência ecológica é, antes de tudo, saber cultivar um relacionamento saudável e harmonioso com aqueles que nos cercam, participam e contribuem para que exista vida no planeta. *Reconhecer que nossa geração não foi generosa, não porque quis destruir, mas porque não tinha consciência ecológica, é ponto fundamental para iniciarmos uma grande virada nesse jogo da sobrevivência.*⁶² (Grifos meus)

O texto termina assim, num tom de redenção para aqueles que vivenciaram tais destruições. O passado desse espaço fica redimido, porque seus atores não destruíram porque

⁵⁹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza. n.01, ago. de 2001. P.03.

⁶⁰ AMIGOS DA NATUREZA, ago. de 2001, loc. cit.

⁶¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

⁶² AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza. n.01, ago. de 2001. P.03.

quiseram, mas sim por que não possuíam “consciência ecológica”. Se a geração do passado não foi amiga da natureza, isso não teria ocorrido propositalmente; mas, sim, porque estes não tinham noção de sua importância. Assim, harmonia que se propõe não é apenas para com a natureza, mas também entre as gerações. Aqueles que erraram e os que devem ser educados – não só para uma nova atitude diante da natureza, mas também no modo de olhar para o passado – devem se entender de maneira não conflituosa. As gerações ficam assim interligadas pela importância em refletir o problema da não existência de uma consciência ecológica.

A maneira como os participantes da “ocupação” desse espaço apareceram na revista parece consistir em uma forma de não contradizer e de colaborar com a história e memória pública que abordamos anteriormente. Para tanto, produziram (re)elaborações ao enfatizar aspectos do processo, como as transformações sofridas que seriam “os maiores impactos ambientais do planeta terra dos últimos 50 anos.”⁶³ A proposta de um novo modo de tratar a natureza e ao vitimar os sujeitos por não possuírem “consciência ecológica”. No que se pode dizer que o “jogo da sobrevivência” propõe não apenas a sobrevivência de humanos e natureza, mas também a sobrevivência desses grupos e seus interesses.

A noção que se tem de “consciência ecológica,” por sua vez, é a de algo que se adquire, consiste num “lugar de chegada”. “Consciência ecológica” pode-se adquirir através da EA, neste caso, através da amizade. Mas consiste em um saber que os sujeitos não poderiam adquirir ou possuir também a partir de suas experiências pessoais e sociais.

O editorial da primeira edição trouxe elementos das relações que os idealizadores da Editora foram estabelecendo nesse espaço. A geração que vivenciou tal processo de devastação consistia naquela que vinha tratar desse mesmo assunto, que estabelecia novas relações para serem praticadas no presente por uma nova geração, muitas vezes caracterizada por seus netos ou bisnetos. A proposta é a da construção de um futuro diferente, mas que não se contraponha com o que foi construído por essa geração anterior. Essa mesma geração que se tornaria mediadora do processo de mudança, através de suas percepções do processo e por sua vez, de capacidade de ensinamento sobre as diferenças entre se ter ou não consciência ambiental.

Outros elementos podem ainda ser percebidos no texto. Na primeira parte do editorial, ao tratar dos impactos ambientais vividos na região, um dos últimos a ser citado foi em relação ao reflorestamento feito por Itaipu, que segundo o texto, consistiria no: “maior

⁶³ AMIGOS DA NATUREZA, ago. de 2001, loc. cit.

reflorestamento do planeta: A Faixa de Proteção nas margens do Lago de Itaipu.”⁶⁴ Essa frase veio logo depois que o texto do editorial abordou algumas das transformações e também devastações causadas pela construção da hidrelétrica de Itaipu. É significativo o modo como trataram da faixa de proteção. Pois, ao mesmo tempo em que versaram os danos causados por esse processo, já buscaram um meio de mostrar ações efetivadas, de demonstrar que apesar dos danos, esta também esteve presente para tentar de alguma forma compensá-los. Nesse sentido, vale lembrar que a escolha por criar uma revista voltada à EA também foi definida após a *Amigos da Natureza* realizar parceria com a Itaipu.

Dez anos depois, Arno Kunzler durante sua entrevista utilizou-se do mesmo exemplo, apresentando a Faixa de Proteção do Lago de Itaipu como impacto positivo. Nisso se pode perceber que a parceria entre *Amigos da Natureza* e Itaipu tem se mantido ativa durante esse período e Kunzler fez questão de ressaltar tal parceria.

Nessa perspectiva é válido lembrar que desde a década de 1980, a Itaipu tem buscado ser uma referência quando o assunto se trata de questões ambientais e/ou mesmo de EA. Foi assim, que em 1987, criou-se o *Ecomuseu de Itaipu* destinado desde aquele período, a se envolver com atividades de EA. Entretanto, foi no início dos anos 2000, principalmente a partir de 2003, sob o governo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que a Itaipu Binacional assumiu como missão institucional o desenvolvimento de políticas ambientais para a criação de uma “sociedade sustentável”. Foi nesse período inclusive, que surgiram e/ou se aprimoraram projetos como *Cultivando Água Boa*, (2003), *Linha Ecológica*, (2002), ou mesmo o apoio a projetos turísticos como os *Caminhos Integrados ao Lago de Itaipu*, (2002), ou ainda apoios menos anunciados como a parceria com a empresa *Amigos da Natureza*, (2001).

Essa última, nasceu para circular para um público escolar. O início do primeiro editorial trouxe inclusive a faixa etária, que seria de alunos de terceiras e quartas séries. Antes de tratar da importância de criação de uma consciência ecológica e convidar o leitor a ser um “amigo da natureza”, lançou-se a seguinte proposta de trabalho:

O projeto “Amigos da Natureza” se propõe a trabalhar em conjunto com a rede municipal de educação, oferecendo um material atraente, fonte de pesquisa e interação, especialmente para estimular a produção constante de atividades práticas, bem como mudanças de atitude.⁶⁵

⁶⁴ AMIGOS DA NATUREZA, ago. de 2001, loc. cit.

⁶⁵ AMIGOS DA NATUREZA, ago. de 2001, loc. cit.

Produção de material para escolas, que tinha como alvo a própria rede municipal de educação da região Oeste do Paraná. A *Amigos da Natureza* assumiu o papel de possibilitar ajuda didática para as discussões ambientais. Sendo assim, desde o primeiro ano de existência da revista, a Editora teve como público principal a venda para as prefeituras municipais e suas secretarias.

Algumas divulgações feitas no jornal *O Presente* – pertencente ao mesmo diretor e dono da *Amigos da Natureza* – dias antes do lançamento da revista, em agosto de 2001, ajudam a compreender melhor as relações que esta estabeleceu com as prefeituras de municípios da região e com a Itaipu. Através de tais notícias pode-se perceber o estabelecimento de parcerias, entre o poder privado – a Editora *Amigos da Natureza* –, e o poder público – não apenas as prefeituras municipais, como também as do governo estadual.

O jornal *O Presente* funcionou enquanto espaço de divulgação da revista em seu primeiro ano de existência. Dessa forma, já no primeiro dia do mês de agosto de 2001, o jornal foi meio de divulgação do lançamento do material.

Essa primeira divulgação ocupou parte da primeira página do jornal tendo sido impressa em foto colorida com o nome da revista (ver figura 1, p.40). A última página dessa mesma edição trouxe a revista como uma “Boa notícia” (ver figura 2, p.40).



FIGURA 1.

Fonte: Jornal *O Presente*, Marechal Cândido Rondon, capa da edição, nº 597, 1º de agosto de 2001.

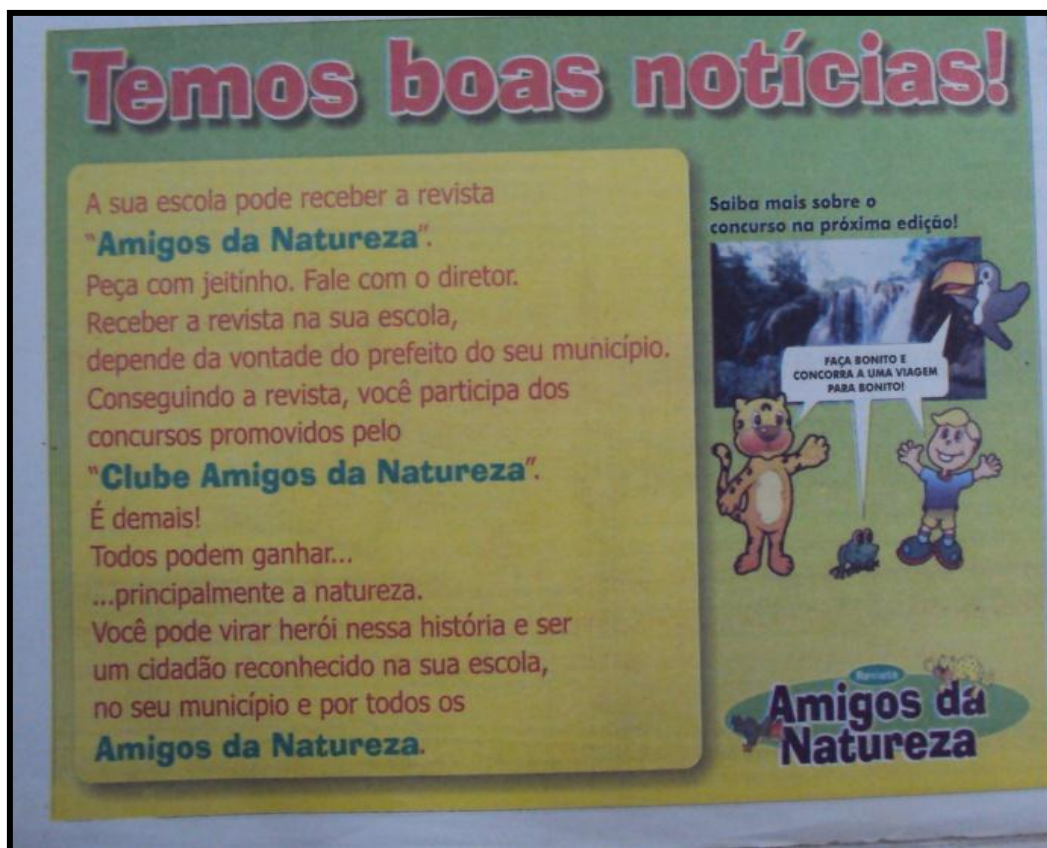


FIGURA 2.

Fonte: Jornal O Presente, Marechal Cândido Rondon, contracapa da edição, nº 597, 1º de agosto de 2001.

O texto foi elaborado de maneira descontraída, buscando incentivar para que as próprias crianças cobrassem de sua escola, para que essas demandassem nas prefeituras a oportunidade de adquirir o produto.⁶⁶ Nos primeiros anúncios do jornal *O Presente* já apareceram também o que seria uma das principais características na revista: o uso de diversas cores, de desenhos e de uma linguagem voltada para o público infantil.

Durante os dez dias que antecederam o seu lançamento se pode observar a divulgação do material no jornal. Estes apareceram tanto na primeira página (ver imagem 1), quanto dentro do jornal. Trataram sobre o evento de lançamento e também trouxeram autoridades da região como: prefeitos, secretários de educação, além do então secretário de Meio Ambiente do Estado José A. Andreguetto, e do superintendente da Itaipu Binacional, João Zehnpfennig, falando da revista e apoiando seu projeto de atuação.

No jornal *O Presente*, também apareceram notícias do lançamento da revista realizada no município de Bato Bragado e de solenidades de entrega do material para escolas. A matéria sobre o lançamento da revista ocupou uma página e se limitou a trazer trechos das

⁶⁶ *O Presente*, Marechal Cândido Rondon, nº 597, 1º de agosto de 2001. Acervo da autora.

inúmeras autoridades presentes apoiando a proposta.⁶⁷ Já, as outras duas matérias divulgaram a entrega das revistas na cidade de Palotina⁶⁸ e Marechal Cândido Rondon.⁶⁹ Desta última entrega, o número de exemplares divulgado na primeira página do jornal foi o de 1750 unidades.

Naquele momento, o material nasceu primeiramente tendo como público alvo principalmente alunos de 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental. No que diz respeito à circulação, o objetivo era fazê-la circular dentro do Estado para depois tomar outras dimensões. É o que se pode perceber através do texto do editorial do jornal *O Presente*, de 10 de agosto de 2001: “Depois de mais de um ano de estudos e avaliações técnicas e de viabilidade comercial, está nascendo para a Região Oeste do Paraná, primeiramente, e depois para ganhar fronteiras mais distantes, a revista ‘*Amigos da Natureza*’.”⁷⁰ Percebe-se assim, que desde o início os seus produtores acreditaram na possibilidade de levar o material para outros estados. Nesse mesmo editorial, não se deixou de reforçar a presença de autoridades representantes de órgãos públicos que estariam presentes na cerimônia de lançamento. Nos termos do editorial:

Participarão da solenidade o secretário de Estado do Meio Ambiente José Antonio Andreguetto, juntamente com o superintendente de Meio Ambiente da Itaipu Binacional, João Zehnpfennig, órgãos que trazem seu apoio para a publicação dessa revista, juntamente com o Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu, presidido pelo prefeito de Diamante do Oeste, Gilmar Secco.⁷¹

Durante os dez dias que antecederam o lançamento da revista e uma semana após o mesmo, as páginas do jornal *O Presente* reforçaram constantemente o apoio e parceria entre *Amigos da Natureza* e órgãos públicos como prefeituras e o próprio governo do Estado. A produção de material, que nasceu no âmbito do privado para ocupar um espaço do público. Uma revista que seria utilizada em escolas municipais e também estaduais como suporte educacional, e que, além disso, faria parte do material de estudo disponível em espaços como o *Ecomuseu de Itaipu*.

⁶⁷ *Amigos da Natureza* é lançada em Pato Bragado. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 607, 14 de agosto de 2001. P.18. Acervo da autora.

⁶⁸ Alunos de Palotina recebem a revista *Amigos da Natureza*. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 630, 11 de setembro de 2001. P.11. Acervo da autora.

⁶⁹ WILMSEN, Ana Paula. Administração Rondonense entrega revista *Amigos da Natureza*. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 615, 22 de agosto de 2001. P.18. Acervo da autora.

⁷⁰ “*Amigos da Natureza*”. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 605, 10 de agosto de 2001. Editorial, p.02. Acervo da autora.

⁷¹ “*Amigos da Natureza*”. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 605, 10 de ago., de 2001. Editorial, p.02. Acervo da autora.

A Editora *Amigos da Natureza* teve durante todos esses anos, como principal alvo para suas vendas, o contato com prefeituras municipais, em que se apresentou o material produzido pela Editora e o ofereceu como uma opção didática para as discussões em EA dentro do espaço escolar. Durante a divulgação da revista, o então Secretário de Meio Ambiente do Estado afirmou ser a revista uma iniciativa que “vem ao encontro aos anseios dos governantes que tem boas intenções, mas muitas vezes não tem os mecanismos para atuar nas questões ambientais (...)”.⁷²

Fruto de parceria público-privado, na medida em que os responsáveis pela *Amigos da Natureza* fornece material para ser distribuído e utilizado nas redes públicas de ensino, as primeiras edições da revista permitiram compreender melhor o modo como tal parceria foi gestada. Vale ressaltar que essa primeira análise de algumas edições não tem por objetivo atentar para a função que textos e imagens foram sendo estruturados para tratar de EA. Esse primeiro olhar sobre o material tem como proposta perceber articulações que seus produtores foram estabelecendo nesse espaço.

Os seis primeiros meses de produção do material diferiram substancialmente da proposta que se assumiu após fevereiro de 2002, quando os temas abordados se tornaram mais amplos, não tratando de uma região específica do País. Nos seis meses iniciais os temas estavam em sua grande maioria diretamente relacionados ao Oeste do Paraná, buscando tratar de atividades de EA realizadas, e de instituições da região envolvidas em questões ambientais como, por exemplo, o Refúgio Biológico Bela Vista, o Parque Nacional do Iguaçu, o Ecomuseu de Itaipu, entre outros.

Nesse primeiro momento as seções da revista variaram muito, não existindo uma seção fixa para divulgar práticas de EA da e na região, ou que estavam destinadas a tratar de discussões mais locais. As edições nº 01 e 04 trataram respectivamente sobre as cidades de Pato Bragado e Itaipulândia, ambas localizadas na região. As duas matérias trataram da história dos municípios, de seu processo de ocupação apresentando as festas locais, projetos de implantação de turismo e atividades de EA.

Em consenso com a história pública disseminada na região, enaltecadora de determinadas memórias, buscaram intitular sujeitos participantes do processo de colonização como pioneiros. Pessoas essas como, por exemplo, migrantes vindos de outras áreas do Sul, descendentes de italianos e alemães. Ao rememorar esse processo, dando ênfase a tais

⁷² “Amigos da Natureza”. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 605, 10 de ago., de 2001. Editorial, p.02. Acervo da autora.

migrantes, possibilitou que se abordasse os projetos de turismo local para tais cidades que se baseavam na apresentação de pratos típicos – muitas vezes apresentados como parte das culturas italiana e alemã – de festas também “típicas, além de alguns passeios que podiam ser realizados pelas chamadas praias artificiais que passaram a existir após o represamento devido à construção do lago de Itaipu.

Ao apresentar o município de Pato Bragado, os produtores da revista novamente se incluíram nesse processo de colonização ao buscar tratar sobre “Um pouco de *nossa história*”⁷³ (ver figura 3, p.44). Em seguida, enfatizou-se que os que teriam migrado para a cidade seriam principalmente de descendência italiana ou alemã. O recontar o processo de ocupação a partir dessa história pública, buscou ressaltar um aspecto singular, de diferenciação que legitimaria práticas daquele presente como a do turismo local. Forma de turismo essa baseada em um turismo étnico, em que o visitante poderia apreciar comidas “típicas”, além de danças e festas apresentadas também enquanto pertencentes à cultura italiana e alemã.

⁷³ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza. n.01, ago. de 2001. P.12.

PATO BRAGADO

Minha Cidade



Um pouco da nossa história.



Embarcação Pato Bragado

- Na década de 50, a Colonizadora Maripá foi a responsável pela introdução de novas culturas na região, principalmente alemã e italiana, provenientes do Rio Grande do Sul, intensificando a colonização. Nessa época, a base da economia local era a extração da madeira, sendo que a agricultura e pecuária foram ganhando espaço, desempenhando papel importante no município, hoje, principais fontes de produção.

- Até a década de 40, Pato Bragado foi habitada por paraguaios, argentinos e ingleses, que viviam do extrativismo vegetal. A erva-mate, madeira e essências aromáticas eram extraídas da mata.



Capinadeira alemã usada na época da colonização

FÉ E DEVOÇÃO

Na década de 40, moradores da região caçavam na mata virgem, próximo ao Porto São Francisco. Sedentos, resolveram procurar água. Encontraram uma fonte coberta por folhas secas, cuja vertente jorrava de uma rocha e, majestosamente, era absorvida por outra.

Na rocha, estava impressa uma imagem de Nossa Senhora, que recebeu o nome de "La Virgem de Lujan". Com o passar do tempo, a devoção pela Nossa Senhora foi aumentando pelos milagres e graças alcançados, fazendo com que, na década de 60, fosse construída uma igreja no local. Até a década de 80, esse era um local de peregrinações. Hoje, o santuário está completamente submerso pelo lago da Itaipu, ficando apenas na lembrança dos que viveram e fizeram a história da cidade.



POR QUE PATO BRAGADO?

Este nome originou-se de um navio chamado Pato Bragado, que vinha da Argentina pelo Rio Paraná até o porto, hoje chamado Porto Britânia, para buscar erva-mate e madeira, transportando-os para Argentina e Inglaterra. A população local mantinha um ótimo relacionamento com o comandante da embarcação e, em homenagem ao mesmo, passaram a chamar o pequeno povoado de Pato Bragado.



12

FIGURA 3.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº 01, p.12, ago. de 2001.

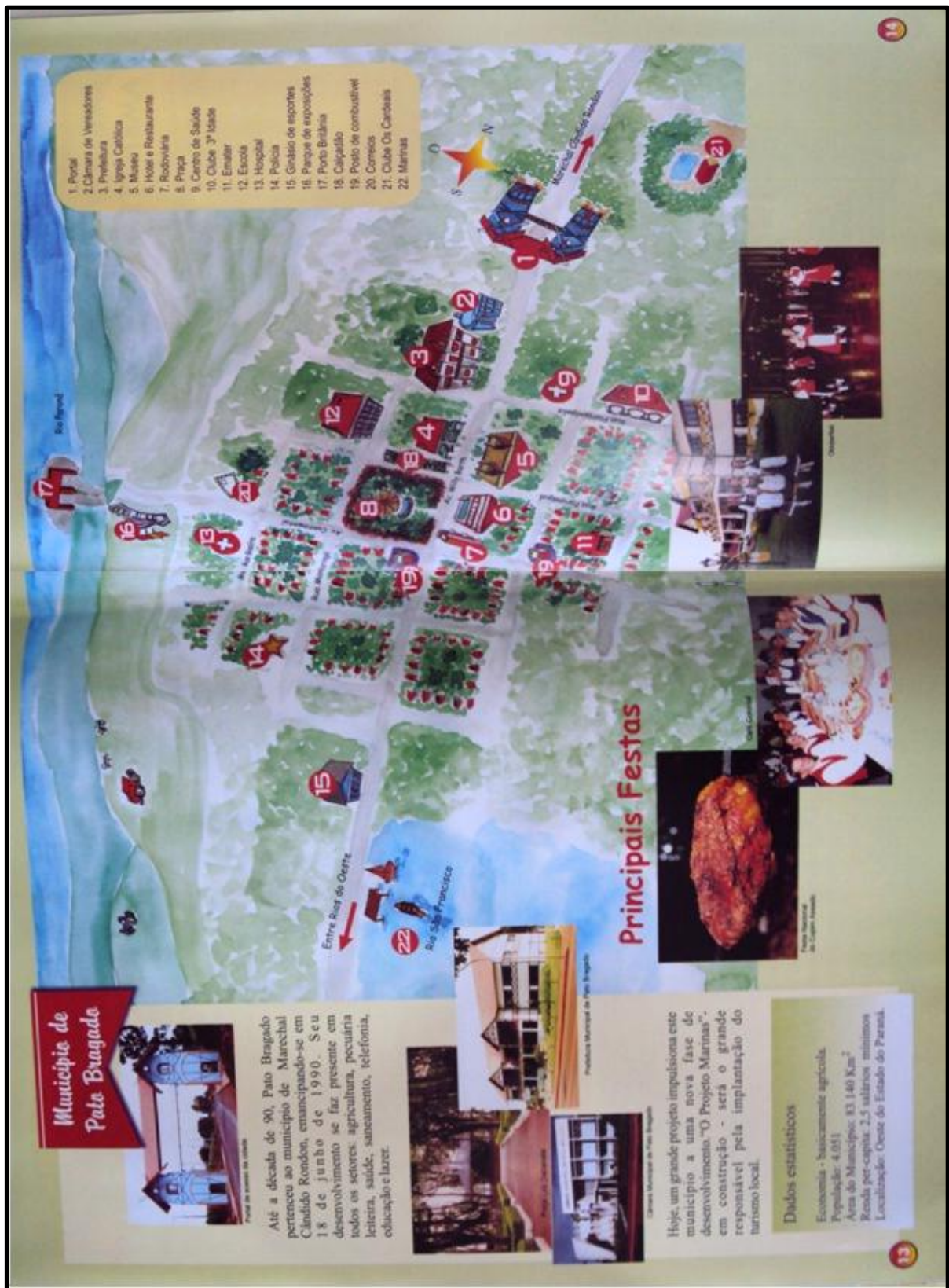


FIGURA 4.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº 01, p.13/14, ago. de 2001.

As imagens apresentaram fotos de tais atrativos, juntamente com um mapa de localização do interior do município (ver figura 4, p.45). Além disso, reforçaram a ideia de um turismo que teria como característica o relembrar da cultura dos descendentes italianos e alemães, que teriam colonizado o espaço a partir da década de 1950.

Tanto o processo de ocupação, quanto o processo de construção desse turismo local foram abordados na revista de modo harmônico. Na página 12 da edição sobre o município de Pato Bragado, ao tratar das décadas de 1940 e 1950, a impressão que se tem é a de que outros grupos como o de pessoas provenientes do Paraguai, Argentina e Inglaterra simplesmente teriam se retirado do Oeste do Paraná dando espaço “a introdução de novas culturas”⁷⁴ que seriam os descendentes de italianos e alemães (ver figura 3, p.45).

Ao tratar do alagamento de espaços pertencentes à população local, novamente não houve a apresentação de nenhum tipo de conflito. A afirmação foi a de que tais espaços ficaram marcados apenas “nas lembranças dos que viveram e fizeram a história da cidade”.⁷⁵ As histórias desses municípios ficaram então enfatizadas, por sua trajetória de “desenvolvimento”, que teria se iniciado com o processo de “colonização” e se renovaria com a implantação de projetos como o do turismo local.

As mesmas ideias podem ser observadas na edição que apresentou o município de Itaipulândia. A matéria sobre ele lembrou o processo de alagamento para a construção da hidrelétrica através das memórias sobre uma figueira, árvore ali existente. O texto focou no que seriam lembranças da população sobre a figueira, que seria ponto de encontro, local de brincadeiras para crianças, descanso para os trabalhadores. Mas, que teria desaparecido com o alagamento de parte da cidade ficando apenas nas memórias dessa população (ver figura 6, p.48).

A narrativa foi elaborada como se estivesse apresentando uma lenda do município ainda que no final do texto tenha-se levantado o questionamento: “‘história da figueira – verdade ou lenda?’ Isso só ela poderia contar, mas este segredo foi levado para o fundo das águas.”⁷⁶ A pergunta não interrompe a tentativa de apresentar uma lenda em que o sujeito é a própria figueira e não as pessoas que por ali passaram, ou as crianças que teriam brincado nela. Pois, ao final foi apontada como a única que poderia contar se as histórias eram ou não

⁷⁴ AMIGOS DA NATUREZA, ago. de 2001, loc. cit.

⁷⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.04, nov. de 2001. P.14.

⁷⁶ AMIGOS DA NATUREZA, nov., de 2001, loc. cit.

verdadeiras. A história que se apresenta é nostálgica, em que se trata de um tempo anterior a construção de Itaipu marcada pelo rememorar a figueira e suas histórias que teriam ficado imersas no fundo das águas. História que novamente não apresentou nenhum tipo de conflito causado pela existência da hidrelétrica. Mais do que isso, o tempo posterior ao alagamento foi o que recebeu maior ênfase sendo apresentado enquanto tempo de progresso, com a emancipação de Itaipulândia e um “crescente desenvolvimento”, proporcionado pelo turismo local (ver figura 5,p.47). Juntamente com a matéria sobre as localidades foram apresentadas fotos das cidades e dos eventos, além de mapas apresentando os locais que poderiam ser visitados.

A matéria foi elaborada sob a mesma perspectiva em que, primeiramente se relembrou a colonização da cidade enfatizando a década de 1960 e a chegada dos “pioneiros”; o alagamento de algumas áreas para a construção da usina hidrelétrica; e seu projeto de turismo local que proporcionaria a continuação do “desenvolvimento.” Nesse sentido, pode-se perceber em ambas as matérias a mesma ideia de que a história do desenvolvimento desses espaços teria começado com a “colonização”, entre as décadas de 1950 e 1960. “Progresso” esse, que estaria reforçado pela implantação do turismo local e que não teria sido abalado ou prejudicado pela implantação de Itaipu, e sim que teria conseguido inclusive se aproveitar das transformações que vieram com a construção da hidrelétrica.

ITAIPULÂNDIA

A história dos pioneiros em Itaipulândia iniciou-se em meados de 1961, com a chegada das primeiras famílias a se instalar na região. Mas sabemos que nossa história tem sua origem muito antes disso, com os povos indígenas que habitavam a região. Com a construção da Hidrelétrica de Itaipu e o consequente alagamento (1982) das terras das áreas urbana e rural do distrito de Itacorá,

pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu, fortaleceu o distrito de Aparecidinha D'Oeste, que recebeu os serviços de vários órgãos públicos, como: correio, cartório, banco, hospital. Em 1989, iniciou-se o movimento pró-êmanicipação do distrito. Em 10 de novembro de 1991 foi realizado o plebiscito, onde 95% da população foi favorável a emancipação.



Por que Itaipulândia?

O primeiro nome que Itaipulândia recebeu foi Aparecidinha D'Oeste. Mais tarde em homenagem à Usina de Itaipu, o município que teve mais de 50% de sua área coberta pelo lago, recebeu o nome de Itaipulândia.

Itaipulândia - Uma cidade que acredita nos sonhos e constrói sua história.

Com o crescimento de Itaipulândia, crescem também os sonhos e anseios de seu povo.

Cidade próspera, localizada no Oeste do Estado do Paraná, se encontra em pleno desenvolvimento. Oferece infra-estrutura de lazer para finais de semana e férias, sendo privilegiada com uma das mais belas praias da Costa Oeste do Paraná, o Terminal Turístico de Jacutinga.




Turismo Religioso

A fé e a esperança impressa no coração do povo, proporciona o turismo religioso através do monumento de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do município, criado em homenagem aos 500 anos de descobrimento do Brasil. O monumento de 26 metros de altura foi reproduzido a partir da réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida trazida de Aparecida do Norte - SP, pelo padre Tomé Italo.



Dourado no Carrossel

A Festa Internacional do Dourado no Carrossel que acontece no Terminal Turístico de Jacutinga no mês de novembro, promove o turismo na cidade, geração de mão-de-obra e integração da população regional.



Você precisa conhecer!



FIGURA 5.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº 04, p.13, nov. de 2001.



FIGURA 6.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº 04, p.14/5, nov. de 2001.

Desde o início dos anos 1980, se tem tentado construir de modo mais contundente não apenas a ideia de um Oeste do Paraná promissor e desenvolvimentista, como também de um espaço que investe em novos projetos como os turísticos. A construção de praias artificiais e a criação da ideia de uma “Costa Oeste”, na década de 1990, fizeram parte de uma política tanto dos poderes municipais da região, quanto da própria Itaipu. Desde esse período foram constantes os investimentos e (re)organizações em torno da construção do espaço enquanto atrativo turístico. No final da década, ampliou-se o projeto visando investir também em um turismo baseado em festas gastronômicas com motes étnicos, orientados por festas, mudanças arquitetônicas, incentivos a grupos de dança. Todo o projeto tem uma forte ligação com o alagamento, devido à construção da hidrelétrica de Itaipu. Pois, com a implantação desta, muitas terras agricultáveis ficaram submersas, além de outras atividades que se viram interrompidas. O investimento surgiu como uma alternativa frente à perda de tais terras, e também como uma busca de silenciamento de tensões.

Esse tema foi objeto de pesquisas locais, como o trabalho de conclusão de curso defendido por Mauro Cezar Vaz de Camargo Junior em 2008. Intitulado *Caminhos ou Descaminhos: processos de turistificação no Oeste do Paraná*. O trabalho buscou discutir acerca das modificações efetivadas nos projetos de turismo da região.⁷⁷ Além disso, o autor problematizou a invenção de paisagens turísticas para esse espaço e de sua ligação com a tentativa de implantação de um “turismo ecológico, étnico e gastronômico”. Camargo Junior investigou o investimento no final da década de 1990, e o início dos anos 2000, na ideia de que o Oeste do Paraná possuiria vocações para o turismo, o que por sua vez, teria incentivado o projeto *Caminhos do Turismo Integrado ao Lago de Itaipu*:

No desenvolvimento da proposta de turismo, que passa pelo projeto da Costa Oeste e foi modificado em 1999 com o projeto de regionalização do turismo no estado inteiro, em meados de 2002, o Conselho de desenvolvimento dos municípios lindeiros ao lago de Itaipu, em convênio com o serviço brasileiro de apoio as micro e pequenas empresas (SEBRAE), Fundação de Estudos e pesquisas socioeconômicas (FEPESE) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para o desenvolvimento do turismo na região apresentou o projeto em nome inicial de roteiros Turísticos Integrados da Costa Oeste, sendo que no decorrer das atividades do projeto ficaram então conhecidos como “*Caminhos do Turismo Integrado ao Lago de Itaipu*.” A mudança da

⁷⁷ JUNIOR, Mauro Cezar Vaz de Camargo. **Caminhos ou Descaminhos: processos de turistificação no Oeste do Paraná**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2008.

*designação “Costa Oeste” para um nome que fizesse referência a Itaipu, foi necessário para conquistar seu apoio.*⁷⁸ (Grifos meus).

Em sua pesquisa Camargo Junior buscou problematizar a tentativa de implantação de um projeto turístico para o Oeste do Paraná, que se iniciou durante a década de 1980, após o término da construção de Itaipu, e que foi sendo transformado daí em diante, sempre com o intuito de solidificar tal projeto. Nesse sentido, a luta pela construção e efetivação do projeto não veio apenas por parte de representantes da Itaipu, mas também dos poderes públicos locais, ou seja, as prefeituras e seus respectivos municípios conhecidos como lindeiros ao lago de Itaipu. No entanto, a mudança de nome do projeto no decorrer de 2002, como argumentado por Camargo Junior, apontou para um novo momento em que o poder público local – os municípios lindeiros ao lago – passaram a trabalhar juntamente e mais efetivamente atrelados às propostas de Itaipu.

Juntos, os representantes desse projeto criaram a partir de 2002, uma espécie de roteiro turístico que ficou dividido em: Caminho das Águas – compreendendo principalmente as praias artificiais da região; Caminhos Rurais e Ecológicos – em que fazem parte algumas fazendas com apresentação de passeios e animais; E Caminhos da Colonização – no qual estavam inclusos cafés coloniais, restaurantes que serviam comidas “típicas”, artesanatos e apresentações de grupos folclóricos italianos e germânicos.

Alguns dos primeiros números da revista *Amigos da Natureza* trouxeram para o seu leitor a apresentação de alguns desses “Caminhos Turísticos” como nos casos anteriormente apresentados de Pato Bragado e Itaipulândia buscando divulgar o turismo étnico e a existência de praias artificiais. Além disso, a edição especial de janeiro de 2002 trouxe como matéria especial de férias possibilidades de passeios pela “Costa Oeste” do Paraná, ou seja, pelas praias artificiais criadas após o alagamento.

A capa da edição intitulada *Especial de Férias* trouxe ao fundo a imagem de pessoas brincando dentro de água calma, característica das chamadas praias artificiais do Oeste do Paraná (ver figura 7, p.52). A imagem utilizada pela revista foi a mesma que apareceu em folders distribuídos na região pelos prefeitos dos municípios das áreas lindeiras para fazer propagandas turísticas da “Costa Oeste”.

⁷⁸ JUNIOR, Mauro Cezar Vaz de Camargo. **Caminhos ou Descaminhos**: processos de turistificação no Oeste do Paraná. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2008. P.26.



FIGURA 7.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº06, capa, nov. de 2001.



FIGURA 8.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº06, p.16/7, nov. de 2001.



FIGURA 9.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº06, p.16/7, nov. de 2001.

Um mapa apresentado no interior da revista buscou orientar sobre os espaços da região em que podiam ser encontradas atrações turísticas, como as praias artificiais (ver figura 8, p.53). Várias páginas trouxeram informações detalhadas sobre as praias como: telefone de pousadas, endereços, acesso, cidades próximas, entre outros. Além disso, alguns dos espaços foram apresentados com fotos grandes e frases de efeitos como, por exemplo, “Entre Rios do Oeste Você mais perto da Natureza!”⁷⁹ (Ver figura 9, p.54). A edição apresentou assim trajetos que faziam e ainda fazem parte do roteiro turístico Caminhos das Águas. No que se pode perceber há a forte ligação nesse primeiro ano entre a Editora *Amigos da Natureza* e os poderes públicos locais da área lindeira ao lago de Itaipu. Ao mesmo tempo em que os números da revista eram vendidos para as prefeituras da região e distribuídos nas escolas desse espaço, também serviam como meio de divulgação dos projetos desses poderes locais como é o caso da busca pela implantação de turismo. Nisso se evidencia uma parceria entre os poderes públicos e privados na busca pela implantação de projetos, que de certo modo se entrecruzam.

Entre os “Caminhos” apresentados pelo projeto *Caminhos do Turismo Integrado ao Lago de Itaipu*, também estava presente a ideia de construção do turismo ecológico, preocupado com as questões ambientais. A proposta da existência de um turismo ecológico também foi proposta constante da *Amigos da Natureza* desde o seu início. Assim, nas duas matérias discutidas anteriormente sobre o turismo local em Pato Bragado e Itaipulândia, a edição também buscou mostrar ao final da mesma matéria como tais municípios estavam cuidando desses espaços, fonte para o turismo, através de projetos de EA realizado principalmente pelas escolas (ver figuras 10 e 11, p.56/7).

⁷⁹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.06, jan. de 2002. P.22.

Minha Cidade

MEIO AMBIENTE

As secretarias da Agricultura e Meio Ambiente, Educação e Cultura de Pato Bragado, junto à Escola Municipal Marechal Deodoro e ao Colégio Estadual Pato Bragado, desenvolveram atividades de "Educação Ambiental" com o objetivo de mobilizar toda comunidade, despertar a consciência ecológica nas crianças e resgatar nos adultos conceitos e valores para repassar às novas gerações.

Palestra com biólogos do IAP e Universidade Estadual de Maringá

PATO BRAGADO TAMBÉM É DESTAQUE EM:

ETAPAS DO PROJETO

1ª Etapa - Repovoamento do Lago de Itaipu. Liberação de mais de 40.000 alevinos de peixes nativos no lago, com o objetivo de conscientização sobre a pesca predatória.

2ª Etapa - Plantio de árvores pelos alunos das escolas em uma área de 4.000m², junto ao Parque de Exposições Bragadense.

3ª Etapa - Recolhimento de lixo nas margens do Lago de Itaipu. Foram coletadas aproximadamente 5 toneladas e enviadas para a usina de reciclagem.

Lixo tóxico: constante preocupação das autoridades locais, devido ao volume de embalagens de agrotóxicos produzidas pelo município, que busca alternativas para viabilizar o recolhimento e destinação final do lixo.

Esporte

A Secretaria de Esporte Lazer e Turismo vem desenvolvendo um intenso trabalho voltado à formação esportiva, atendendo atualmente cerca de 380 crianças de 6 a 16 anos.

Artesanato

Orlando Borchardt destaca-se como artesão com suas obras, divulgando o município na região e exterior. Para confecção de suas esculturas, ele utiliza restos de troncos, galhos e raízes de árvores como fontes de matéria-prima, que são encontradas na região.

15

FIGURA 10.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº01, p.15, ago. de 2001.



ITAIPULÂNDIA

PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Preservação e Recuperação de Mata Ciliar
Em parceria com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente, Instituto Ambiental do Paraná, o Departamento de Meio Ambiente e escolas estaduais, municipais e particulares de Itaipulândia, no ano de 2001 desenvolveram o programa de preservação e recuperação de matas ciliares, através dos seguintes projetos:

1

Reflorestamento do Arroio Natal, com a limpeza de 400 metros de rio e retirada de 50 quilos de lixo.



2

Reflorestamento do manancial da Fazenda Apolo.



3

Reflorestamento do afluente do Rio São João.



4

Reflorestamento na Vila Rural São Miguel.





Nestes projetos foram plantadas um total de 14.500 mudas nativas e exóticas, mais 5.400 na semana do meio ambiente. Mudas essas produzidas no Horto Municipal de Itaipulândia que produz anualmente 102.500 mudas, que são repassadas para os municípios bem como fornecidas para os demais municípios do Paraná.



Concurso do "Casal Ecológico"
O casal Luana Ruscel e Alex Sandro Bohl da Escola Rondonia de Itaipulândia, foi classificado em 2º lugar no concurso Casal Ecológico em Santa Terezinha do Itaipu.

Além desses, foram lançados os projetos:

- "Nada se perde tudo se transforma" e "Mascote Dinho", visando a coleta seletiva do lixo e educação ambiental nas escolas e comunidade.



FIGURA 11.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº04, nov. de 2001.

Analisados juntamente a visão que o projeto *Caminhos do Turismo Integrado ao Lago de Itaipu* e a *Amigos da Natureza* buscaram apresentar foi a de um Oeste do Paraná harmônico. Além disso, buscaram construir a ideia de que a região estaria em constante desenvolvimento, o que, por sua vez, estaria sendo realizado de modo aliado ao cuidado da natureza.

A partir de fevereiro de 2002, as matérias da *Amigos da Natureza* não apresentaram mais as cidades da região tratando de sua história, de turismo ou projetos ambientais. A própria mudança de conteúdo, trazendo temas mais amplos que não eram preocupações apenas para o Oeste do Paraná, apontam para uma ampliação de público da revista. Assim, pode-se perceber que a partir de 2002, a revista efetivamente começou a ser vendida para outros estados. Edições como a de agosto desse mesmo ano, contribuíram para perceber tal expansão, em que alunos premiados no concurso *Desenhando um mundo Melhor* eram leitores de outros estados. Todavia, outras edições permitem perceber que várias discussões como, por exemplo, agricultura, ecoturismo, água, agrotóxicos, entre outros, continuaram sendo produzidas tendo como preocupações de defender determinados pontos de vista que dizem muito acerca do lugar social que os idealizadores da revista ocupavam na região. Discussões estas que também influenciam práticas nesse mesmo espaço. Nesse sentido, a edição de julho de 2002, em que se apresentou o tema *Caminhos para um Desenvolvimento Sustentável*, pode ser considerada um exemplo disso. A edição foi lançada no mesmo período em que o nome do projeto turístico para a região mudava para *Caminhos do Turismo Integrado ao Lago da Itaipu* e ganhava o seu apoio. Nesse período, ainda estava sendo feito um inventário da região com visitas de profissionais envolvidos em projetos em todos os municípios que faziam parte do Conselho dos Lindeiros. Nessas visitas se definiam os trajetos e os estabelecimentos comerciais que fariam parte dos roteiros turísticos Caminhos das Águas, Caminhos Rurais e Ecológicos e Caminhos da Colonização.

A edição *Caminhos para um desenvolvimento sustentável* trouxe alguns aspectos que chamam atenção nesse sentido. A floresta que se apresentou não consiste em qualquer floresta, pois em meio às árvores se podem visualizar inclusive em plano maior, destacados, pinheiros ou melhor, as conhecidas araucárias, árvore simbólica no Estado do Paraná (ver figura 12, p.59). O tucano, ave que aparece destacadamente juntamente com a arara consistem em aves que podem ser observadas no Parque das Aves em Foz do Iguaçu. O título da revista, logo abaixo, lembra a ideia do projeto turístico para a região que também se baseia na proposta de caminhos. Caminhos turísticos, inclusive vistos enquanto opção de desenvolvimento que, por sua vez, se preocuparia com as questões ambientais.

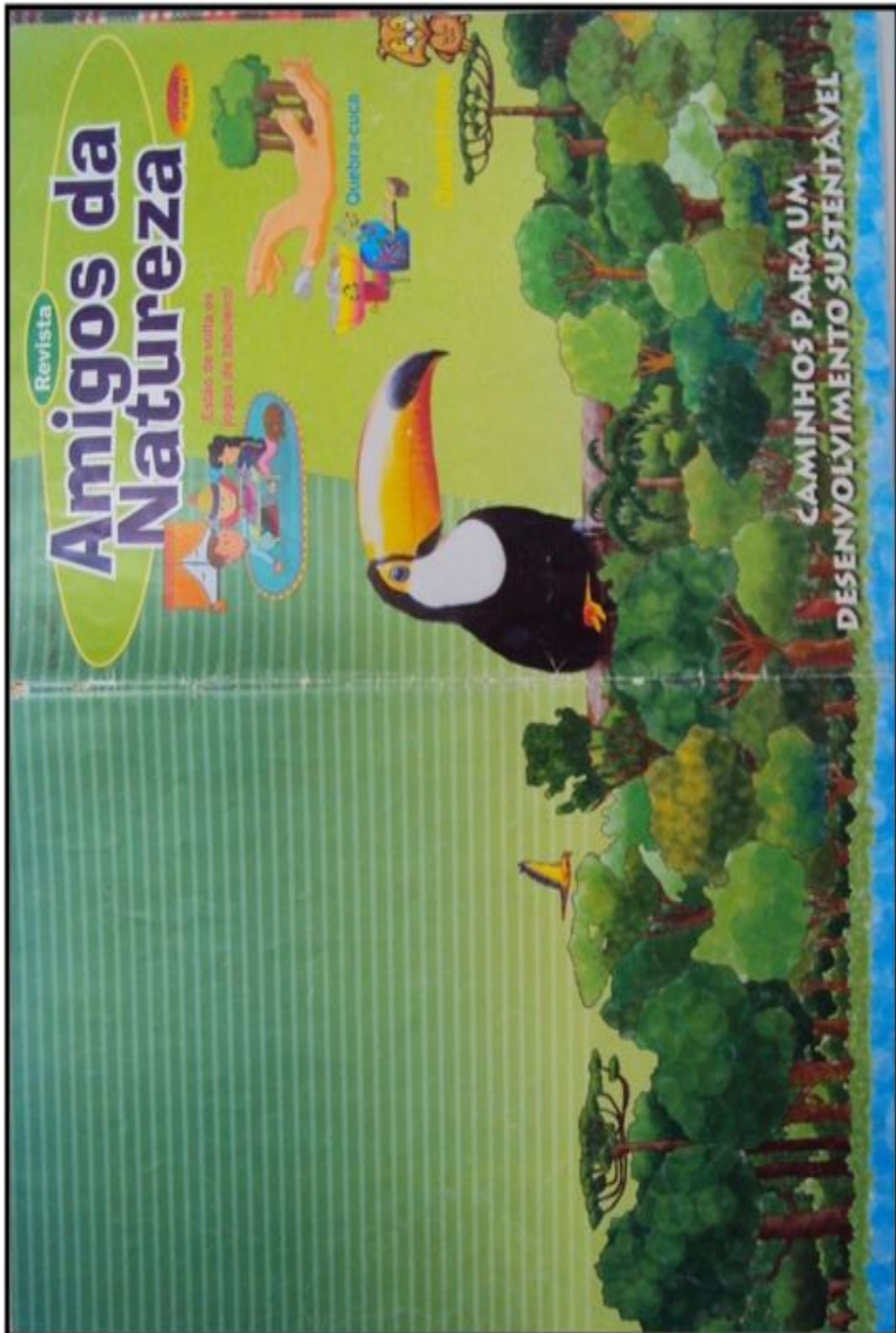


FIGURA 12.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº12, capa e contracapa da edição, jul. de 2002.

Na matéria sobre o tema, o exemplo para discussão baseou-se na agricultura tradicional praticada desde o fim da Segunda Guerra Mundial, que utiliza insumos químicos, variedades geneticamente modificadas, sistemas de irrigação e intensa mecanização. A mesma deveria ser substituída por uma agricultura sustentável que não esgotaria os recursos naturais e que conservaria a diversidade biológica. O conteúdo dessa edição será analisado mais detalhadamente no segundo capítulo, aqui a discussão que se busca realizar é a da importância que tais discussões assumem na região. Sustentabilidade e agricultura são, cada vez mais, alvos de discussões nesse espaço. Existe nesse sentido, a tentativa da construção da ideia de que a agricultura tem sido praticada de modo sustentável, ou seja, sem agredir o meio ambiente e preservando os recursos naturais para as próximas gerações. Assim, como se busca para esse espaço a imagem de que nele se tem praticado uma nova forma de agricultura – que estaria em desenvolvimento, mas que saberia ao mesmo tempo proteger o meio ambiente – a construção dos três roteiros turísticos também busca construir a ideia de que através desses “Caminhos” do turismo se pode construir caminhos para um desenvolvimento sustentável.

Vale lembrar novamente que ao nascer da *Amigos da Natureza* os seus grandes incentivadores foram as prefeituras dos municípios lindeiros à Itaipu e a própria Itaipu Binacional. Cabe ainda ressaltar que desde 2001, a *Amigos da Natureza* e a Itaipu mantinham parcerias estabelecidas e que esta última também se tornou a grande apoiadora do projeto Caminhos do Turismo Integrado.

Para além dessas questões ainda há que se considerar que ao propor “novos caminhos” para esse espaço não deixa de constituir num modo de lidar com “velhos caminhos” escolhidos e percorridos no passado. A imagem de uma nova proposta para agricultura, de novas práticas como a do turismo ecológico demonstram a tentativa de lidar com tensões advindas de outras práticas na região, como a realizada durante o processo de ocupação, que se baseou num intenso desmatamento, venda de madeiras e caça de animais; como a da perda de terras agricultáveis quando da construção da usina hidrelétrica; ou ainda com práticas locais existentes, como a da agricultura local que se baseia num plantio monocultor e para a exportação. É nesse sentido que a ideia de Caminhos para um desenvolvimento Sustentável apresentada pela *Amigos da Natureza* e os *Caminhos do Turismo Integrado ao Lago de Itaipu* se cruzam na medida em que buscam construir uma nova imagem para o mesmo espaço. Imagem que se baseia na ideia de um Oeste do Paraná que se desenvolve, mas que ao mesmo tempo protege a natureza, que tenta afastar outras imagens, como a de que os sujeitos só teriam construído catástrofes e destruições. Dois projetos que se entrecruzam e se apóiam, que

buscam construir uma positividade para práticas vividas na região em que o Oeste do Paraná aparece enquanto espaço do ecologicamente correto.

A continuidade do projeto de turismo ecológico resultou no ano de 2005, na publicação do livro *Caminhos do turismo integrado ao Lago de Itaipu: um exercício de cidadania para o desenvolvimento sustentado*, que buscou fazer um levantamento histórico do projeto. No final do mesmo ano, a *Amigos da Natureza* dedicou a edição de dezembro de 2005, a tratar do Ecoturismo trazendo explicações gerais sobre essa prática e de como a mesma vinha sendo realizada no município de Palotina. Três anos depois, a Editora *Amigos da Natureza* começou a estruturar um conjunto de material didático que, em 2009, foi lançado como *Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade*. No título da revista, da qual voltaremos a tratar adiante, novamente há a semelhança com a proposta dos “Caminhos do turismo”. Encontrar caminhos que levem ou que se possa dizer que se realizem de modo sustentável.

1.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A necessidade de educar jovens e crianças para que cresçam sabendo cuidar da natureza e de incentivar os adultos a mudarem suas atitudes surgiu durante a segunda metade do século XX. Tais ideias, por sua vez, surgiram em meio ao debate de que o mundo estaria em crise. Essa noção de crise consiste em um conjunto de sentimentos que não pode ser compreendido desconectado do processo histórico, daquilo que estava sendo vivenciado durante o período. Fim da Segunda Guerra Mundial, mais a vivência de uma Guerra Fria, que para além do medo do início de uma terceira guerra mundial, trouxera o convívio com o medo do uso de bombas nucleares.

Gilmar Arruda no artigo *Paisagens do medo: uma proposta para o estudo do surgimento da era da ecologia em Londrina* tratou de algumas das experiências vividas nesse período, e de sua relação com o aumento das preocupações com consequências das ações humanas para com a natureza. O autor realizou um diálogo com Donald Worster e Yi-Fu Tuan buscando estabelecer uma ligação entre o surgimento de uma “Era da Ecologia” e a noção de “paisagem do medo.” No diálogo com Worster, Arruda historiciza a Era da Ecologia:

A era da ecologia teria sido aberta no deserto do Novo México, perto da vila Alamogordo, em julho de 1945, onde explodiu a primeira bomba atômica. A

partir deste momento a preocupação com as consequências da capacidade dos homens “brincarem com a morte, ou Deus” tornava-se corrente, pelo menos nos Estados Unidos.⁸⁰

O objetivo do autor não consiste em estabelecer um marco para o surgimento de um termo ou de uma forma de ver as questões ambientais. Mas sim, de apontar práticas reais vividas naquele período que influenciaram numa nova percepção das atitudes dos seres humanos em relação à natureza. Nesse processo, segundo Arruda “o problema das ameaças e consequências decorrentes da radiação atômica não eram mais facilmente ignoráveis”.⁸¹ Foram acontecimentos e mudanças reais que trouxeram à tona uma maneira diferente de pensar as relações interativas entre homem e o restante da natureza. Para completar sua análise, Arruda retoma a ideia de “paisagens do medo”, de Yu-Fu Tuan. De acordo com sua hipótese sugere que “a emergência da ‘era da ecologia’, tanto nos Estados Unidos, Europa e no Brasil teve como eixo central mobilizador de ‘corações e mentes’, o medo.”⁸² Nesse sentido, a tentativa de encontrar meios de controlar forças hostis, a busca pela sensação de domínio faria parte da constatação da existência “da ameaça de destruição do planeta terra.”⁸³

As ações em prol do meio ambiente realizadas durante as décadas de 1960 e 1970, foram mobilizadas por essa ameaça da destruição, dos riscos para a humanidade do uso das armas químicas, da preocupação e crítica do desenvolvimento a todo custo. A ideia da construção de uma EA nasceu nesse e desse momento de lutas e (re)significações que não era apenas característico dos movimentos ambientalistas, mas sim, de uma ampla parcela da população, em todo o mundo.

No livro *Educação ambiental na formação de professores*, Martha Tristão trata de como a EA surgiu enquanto uma necessidade de atuação diante aos problemas ambientais. Tristão reconheceu a importância de eventos que buscaram discutir temáticas voltadas a EA como: a Conferência de Estocolmo realizada em 1972, – tendo como objetivo discutir temas voltados à preservação do meio ambiente –; a Conferência de Tbilisi realizada na Geórgia em 1977, – exclusivamente voltada às temáticas de EA –; e Rio- 92, realizada na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1992, – visando debater temas voltados ao desenvolvimento sustentável –, porque acredita que estes foram fundamentais para ajudar a repensar as atitudes da civilização ocidental em sua relação com a natureza. Através deles teria ampliado a discussão

⁸⁰ARRUDA, Gilmar. Paisagens do Medo: Uma proposta para o estudo do surgimento da era da ecologia em Londrina – PR – 1970- 1980. **Anais do Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis SC, setembro de 2010. P. 1410.

⁸¹ Ibid., p.1411.

⁸² Ibid., p.1418/9.

⁸³ Ibid. p.1419.

para com o desencanto da razão e do progresso, como algo que pode ser ilimitado. O momento para a autora era “a- utópico”. Entretanto, nesses mesmos espaços acabaram por surgir discussões sobre outras formas de desenvolvimento. Tais debates, para Tristão, teriam trazido novas esperanças, marcando a volta a pensamentos utópicos. Nascia assim, em meio a esse mesmo processo, a ideia de um ecodesenvolvimento, que pouco depois ficaria conhecida pela expressão desenvolvimento sustentável.

Uma formulação mais ampla do que caberia a essa forma de se desenvolver ficou sob responsabilidade do socioeconomista Ignacy Sachs. Sachs a formulou levando em consideração o desenvolvimento que visasse melhoria da qualidade de vida, justiça social e uma utilização dos recursos naturais que não esgotassem. Desse modo, tal forma deveria estar centrada na busca de uma sociedade equânime, tanto na distribuição das riquezas, quanto na exploração dos recursos naturais. A proposta foi formalizada em 1987, pelo relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, intitulado *Our common future* – Nosso futuro comum. De acordo com esse relatório o conceito de desenvolvimento sustentável se definiria como “aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”.⁸⁴

Essa formulação do conceito parece ter possibilitado diversos usos do termo desenvolvimento sustentável. Tanto, que, com o passar dos anos, tem ficado cada vez mais difícil dar um único significado ao termo. Empresas privadas, organizações não governamentais, agências estatais, grupos e instituições de pesquisas, estão entre os que têm colocado a proposta de desenvolvimento sustentável enquanto parte de suas ações. Para o historiador Carlos Alberto Menarin:

A imagem do desenvolvimento sustentável esteve associada diretamente a aspectos de proteção da natureza. O poder dessa imagem e a retórica da proteção ambiental constituem um eficaz catalisador que desmobiliza a crítica social frente a projetos que levam o adjetivo de sustentáveis. Produtos orgânicos, embalagens biodegradáveis, produtos com certificação ambiental conferem ao consumidor a consciência tranquila frente às demandas da questão ambiental. Por trás da estruturação de um “mercado verde” as questões sociais clássicas, como as condições e os direitos do trabalhador são deixadas em segundo plano, ou mesmo esquecidas frente à suposta construção de um mundo sustentável, consumindo produtos ditos ecologicamente corretos.⁸⁵

⁸⁴ COMISSÃO Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

⁸⁵ MENARIN, Carlos Alberto. Sustentabilidade, a palavra e o conceito: uma aproximação (1992-2012). Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2, 2012, Florianópolis. **Anais do 2º Simpósio internacional de história ambiental e migrações**. Florianópolis: UFSC, 2012. P.1543.

Para Menarin a proposta de desenvolvimento sustentável vem perdendo cada vez mais seu sentido crítico, desde quando foi elaborada sobre o prisma de ecodesenvolvimento. Cresce a noção de proteção à natureza, que cria um “mercado verde”, em que o ecologicamente correto se torna um produto. Enquanto que a busca por uma equidade social ficaria esquecida.

Tal discussão se faz pertinente se levarmos em conta que a *Amigos da Natureza* tem como “bandeira” a proposta de uma EA para o desenvolvimento sustentável. Quais os usos que seus editores têm feito da ideia de um desenvolvimento sustentável? Quais diálogos têm estabelecido com os debates que foram realizados sobre o assunto? Quais as implicações de tais diálogos no processo de instituição da *Amigos da Natureza*?

Já, nos primeiros meses de existência pode-se encontrar nas páginas da revista o uso do termo desenvolvimento sustentável. A edição anteriormente apresentada, de janeiro de 2002, em seu editorial abordou a prática do ecoturismo e ao fazê-lo também tratou da questão da sustentabilidade apontando-a como caminho para “a existência do meio ambiente para as próximas gerações”.⁸⁶ Mas foi em julho, de 2002, que a Editora lançou um número tendo como discussão central o desenvolvimento sustentável. Na edição, ao trazer a definição do conceito, este apareceu do mesmo modo como o relatório *Nosso futuro comum* o definiu, ou seja: “aquele que atende as necessidades de sobrevivência das pessoas no presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”.⁸⁷ Nessas primeiras edições o termo foi associado a noções como: cuidados com os recursos naturais, convivência harmônica com a natureza e equilíbrio ambiental. Todos esses termos se tornaram cada vez mais constantes na revista, na medida em que foram relacionados direta ou indiretamente com a maioria das discussões trabalhadas em suas edições. Um exemplo pode ajudar a compreender melhor acerca de como o assunto foi sendo abordado na revista.

A *Amigos da Natureza*, de setembro de 2004, intitulada *A indústria e o meio ambiente*, abordou tais concepções.⁸⁸ A capa trouxe uma grande máquina colorida com engrenagens que por um lado arrancava árvores e pelo outro soltava produtos prontos para o consumo como: televisores, geladeiras, computadores, bicicletas, entre outros objetos. A imagem da capa dialogou com o título da edição na medida em que buscou anunciar uma discussão acerca da relação entre meio ambiente e produção industrial (ver figura 13, p.65).

⁸⁶ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.06, jan. de 2002. P.03.

⁸⁷ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, jul. de 2002. P.06.

⁸⁸ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.37, set. de 2004.

O assunto foi abordado entre as páginas 6 e 13. Na página 8, a primeira consideração foi a de que “a chegada da industrialização e o aumento da população nas cidades, a partir da metade do século XIX, quebrou a harmonia entre o homem e a natureza.”⁸⁹ A imagem, ao lado do texto, apresentou um desenho rasgado ao meio, separando ser humano e natureza reforçando a ideia de quebra de suposto equilíbrio. Atrás do homem, com o machado que destrói a mata, uma indústria polui o ambiente, representado por uma fumaça em forma de caveira (ver figura 14, p.66). A perspectiva que fica é a de que com a industrialização tem-se o fim da harmonia entre humanos e natureza.

De modo geral, a industrialização também foi entendida como um processo que tornou o homem mais urbano e dependente. Ou, ainda, como momento em que os problemas sociais teriam surgido e a produção teria aumentado, assim como a poluição.

⁸⁹Ibid., p.8.

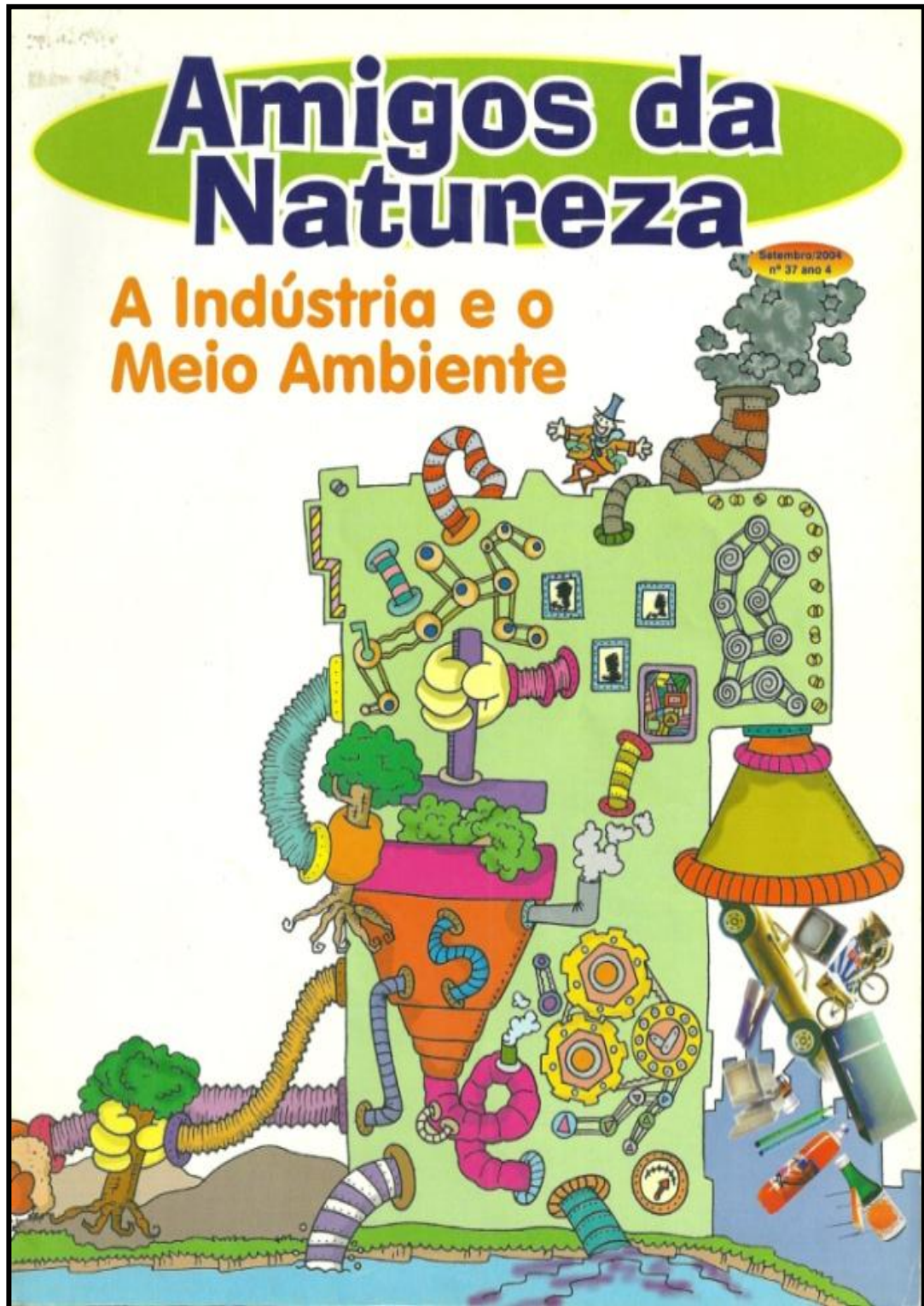


FIGURA 13.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº37, capa da edição, jul. de 2004.

Os recursos naturais e o Meio Ambiente

A chegada da industrialização e o aumento da população nas cidades, a partir da metade do século XIX, quebrou a harmonia entre o homem e o Meio Ambiente.

A extração de recursos naturais, tanto os renováveis quanto os não renováveis, ficou mais intensa, pois a indústria passou a exigir cada vez mais matéria-prima. Com isso a diversidade de vida na Terra diminuiu.

Milhões de quilômetros quadrados de florestas foram

derrubados para extração de madeira ou para agricultura, pecuária, mineração e construção de barragens para geração de energia elétrica.

O clima do Planeta foi alterado e a poluição invadiu nosso ar, nosso solo e nossa água.



A produção aumentou

Nos últimos 50 anos a produção mundial de grãos triplicou e a quantidade de terras irrigadas para a agricultura duplicou. O número de automóveis ultrapassou os 500 milhões. O mesmo acontecendo com televisores, geladeiras, chuveiros elétricos, lavadoras, secadoras, computadores, celulares, microondas, fax, videocassetes, CDs, parabólicas, isopor, descartáveis, transgênicos e outras invenções.

As indústrias, a geração de resíduos e o Meio Ambiente

Indústrias têxteis

Essas indústrias fazem branqueamento de tecidos, estamparia e tingimento. Geram resíduos que geralmente são lançados nos cursos d'água.

No Brasil existe um grande número dessas empresas. A maioria delas são pequenas indústrias, o que torna mais difícil o controle.

Indústrias de couro, papel e álcool

As indústrias de papel eliminam grandes quantidades de produtos dissolvidos em água, principalmente soda cáustica, o que dificulta o controle. O mesmo acontece com as indústrias de couro que eliminam grande volume de resíduos químicos dissolvidos em meio líquido.

As usinas de álcool, cuja matéria-prima é a cana-de-açúcar, produzem resíduos líquidos e sólidos. Para produzir um litro de álcool são gerados de onze a treze litros de vinhaça ou vinhoto, que poluem os rios, e um grande volume de bagaço.

No processo da produção a indústria usa matérias-primas como ferro, água, madeira, entre outras fontes, que geram grande quantidade de resíduos sólidos, líquidos e gasosos.

Os resíduos gasosos quase sempre são gases altamente tóxicos como o monóxido e o dióxido de carbono, o dióxido de enxofre e os fluorretos. Vamos conhecer algumas dessas indústrias:

Indústria do plástico

Os resíduos plásticos são produtos derivados de petróleo e como não são biodegradáveis representam um sério problema para o ambiente.

Indústria do petróleo

A indústria do petróleo é considerada como uma das atividades econômicas com maior capacidade de causar impactos ambientais. É na parte de extração, transporte e refino do óleo bruto e no transporte de seus produtos e subprodutos que estão registrados os mais graves acidentes da Era Industrial.



FIGURA 14.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº37, p.8/9, jul. de 2004.



O homem passou a pensar diferente

A partir da década de 60 o homem começou a se preocupar com o Meio Ambiente.

Ele percebeu que ao usar excessivamente os recursos naturais da Terra, polui o Meio Ambiente e deixa cada vez menos recursos para as próximas gerações, colocando em risco a sobrevivência das espécies.

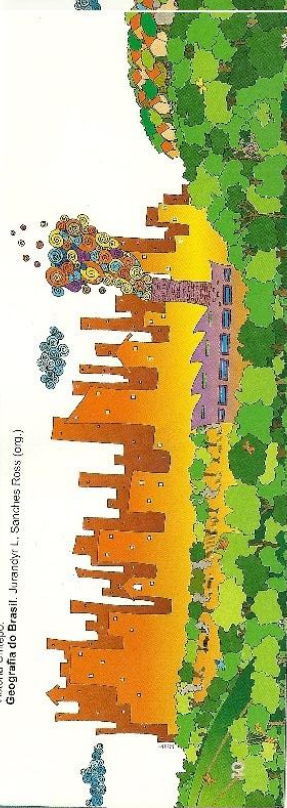
Embora o progresso nos dê maravilhosos, as gerações futuras lamentarão o que foi destruído para isso. Enquanto hoje o ser humano tem mais bens materiais, é mais pobre em recursos naturais.

A tecnologia é ruim quando nos afasta da Natureza. Só mudarmos isso quando nos reaproximarmos do mundo natural. Afinal, embora alguns ainda não aceitem, o homem é Natureza.

Que se saiba que...

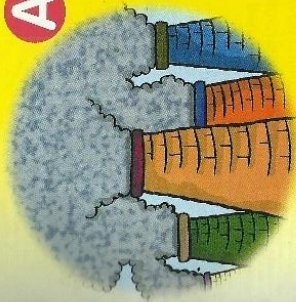
- A indústria do fumo contribui para o intenso processo de desmatamento e derrubada de florestas? Ela requer madeira para a secagem das folhas, construção de estufas e o uso de lenha como combustível. Cada mil estufas queimam cerca de 50 mil metros cúbicos de árvores nativas ou reflorestadas.
- A indústria de vidros é uma das poucas indústrias que não produz rejeitos ou resíduos?

Fonte: textos adaptados de: copla, Texto de Luiz Eduardo Orelha, www.luz2000.com.br, e de "Sociedade", texto de Geografia do Brasil - Jurandyr L. Sanchez Ross (org.)



- 1 Encontre no quadro "A" o nome de seis ramos da indústria que estão entre os que mais produzem resíduos poluentes.

A GKNVHYIOPSMNVBHPGAPLD
KHFBVNHAHTAFDQEWVZML
POFHYTJKLUWRASZTCQERT
GHNBMJUICPOEFSRRFHGNG
KIUYOKJLOBNHGTWOQSACV
BGHNYJJIUOKMNBXYLTRAOV
ACXOPAPELTRYUDJEVBZUA
SWYTIOPFMBNJGKDOGUBRN
JHKIYUDFERYSHJLHPFHON
YTFSDCEABGPLASTICOMKL
DEIURTAEQPKJLGMBSREQ
WAZNBOIUPTBFBKLSNVBR
WEATEXTILBVHGIUOPWLAM



- 2 No quadro "B" descubra quatro medidas que as indústrias devem tomar com seus resíduos para evitar impactos ambientais.

B KHJLOPTUEBCVTFW
GRECICLARHJURIP
LMKJHUYREDWSAAX
SDCVFGBIJNMKTLO
IPUTYRENDVDWAQA
VGNBJKLSPUYHRT
HDQWASZTCDFGRBN
LHJYUIOAJKLMEHY
MGRFERDLCEBGSYJ
IHMDSEQACDVFIHH
VYUUKJMRJGFTDED
SQSACDGFYRUUO
XRWEEDIBVNHOTY
ZRGDFCSLWECXSGT
UYJHIJOOTPLMKHJG
FEBVREAPROVEITAR
CBVNJHHKONKJJPOU
IYRTEWSSACXFDG



FIGURA 15.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº37, p.10/11, jul. de 2004.

Na página 10, o texto *O homem passou a pensar diferente* trouxe a década de 1960, como período em que o homem “começou a se preocupar com o meio ambiente” e percebeu que “ao usar excessivamente os recursos naturais da Terra, polui o Meio Ambiente e deixa cada vez menos recursos para as próximas gerações, colocando em risco a sobrevivência das espécies”.⁹⁰ A segunda metade do século XX, foi apresentada enquanto marco de mudanças de pensamento.

Os produtores da revista tentaram ilustrar também em imagem o que consistiria no caminho da mudança. Nessa, uma indústria apareceu atrás de uma mata verde soltando uma fumaça colorida, que não poluía. Ou seja, o tempo da mudança marcado por uma nova forma de se desenvolver (ver figura 15, p.67).

Junto ao surgimento da ideia de que vivemos um período de crise, surgiu também a noção de que é preciso ensinar o cuidado com a natureza que existe à sua volta. A EA passou a ser compreendida, na maioria das vezes, como um caminho de acesso à “tomada de consciência”, como uma maneira de criar uma relação mais equilibrada.

Ao acompanhar o nascimento de políticas públicas no Brasil, em torno da EA, como um dos caminhos para se compreender melhor a emergência e a afirmação dessa forma de educar, pode-se perceber muito da discussão acerca do medo de destruição do planeta terra.

Nos documentos, programas, livros, cartilhas, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), manuais, entre outros, criados para tratar de EA, muito se enfatizou que vivemos um período de crise, que nossas atitudes podem nos levar a ver o fim da vida humana. As propostas de atuação diferenciada de entender a relação ser humano/natureza seriam não apenas uma maneira de vivermos num mundo melhor, mas também que possibilitaria a vida das próximas gerações.

Essa maneira de pensar apareceu interligada aos movimentos e eventos da segunda metade do século XX, onde acreditaram que sem mudanças de atitudes, não haveria futuro no planeta. Desse modo, a importância de eventos nacionais e internacionais, a partir dos anos 1970, para o surgimento da EA, foi ressaltada nos materiais didáticos elaborados pelo poder público e nas documentações sobre o tema. Tais eventos apareceram enquanto marcos de discussões de problemas ambientais e de criação da EA.

⁹⁰ Ibid., p.10.

Fruto dos processos históricos vivenciados durante o século XX – como a experiência das guerras, o uso de armas químicas, os desastres ambientais – a EA impulsionada pelas políticas públicas, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, cresceu limitando-se a pensar nos meios de reverter os males que a sociedade causou à natureza.

Exemplo disso pode ser percebido em materiais como o livro: *Muda o mundo Raimundo*. A obra foi pensada enquanto material de apoio para a atuação na EA tendo como objetivos situar conceitos, princípios, métodos e práticas para o trabalho. Apesar de ter sido publicado no ano de 1997, começou a ser produzido em agosto de 1995, numa parceria com o Fundo Mundial Para a Natureza. Durante os anos de sua confecção, houve reuniões e oficinas em várias regiões do Brasil com a equipe de coordenação do projeto e também com alguns professores que contribuíram com sua experiência prática em escolas. Seus produtores buscaram elaborar um material que “reconta partes da história do Brasil e do Ocidente na perspectiva do ambiente para situar os temas da EA, da sociedade sustentável e da ética que deve marcar os nossos cotidianos.” O livro, todo ilustrado, busca envolver o leitor contando em forma de história o processo de construção da EA, se atendo a tratar de problemas que nasceram com a industrialização. No capítulo: *Um passeio pelo mundo* trata-se do uso de armas atômicas e da energia nuclear – em que se relembra explosão de parte da usina nuclear de Chernobyl e suas consequências –, o consumo de energia, os problemas com o efeito estufa, a falta de saneamento básico. Da existência desses problemas se passa a abordar o período da segunda metade do século XX, e os respectivos questionamentos sobre como resolvê-los. As décadas de 1960 e 1970, foram então estabelecidas enquanto marco de mudança, em que se passava a debater transformações necessárias.

As propostas presentes no livro *Muda o Mundo Raimundo* se fazem a partir da noção de que a humanidade caminha no rumo de seu próprio fim. Cria-se, então, uma EA voltada a pensar a destruição. Outros documentos do mesmo período, como os PCNs, apresentaram a mesma perspectiva.

No PCN de 1998, na parte que se dedicou a tratar do meio ambiente como tema transversal, a apresentação e o tópico *Questão ambiental*, trouxeram o tema da destruição. Logo nas primeiras linhas afirmou-se:

Nos últimos séculos, um modelo de civilização se impôs, alicerçado na industrialização, com sua forma de produção e organização do trabalho, a mecanização da agricultura, o uso intenso de agrotóxicos e a concentração populacional nas cidades.⁹¹

⁹¹ **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais, 1998.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

Todo o tópico mencionado baseou-se numa discussão sobre a destruição que o homem efetivou através da industrialização. A ideia que se passa é a de que estamos em um momento de crise, como nunca nenhuma outra sociedade estivera. No documento, ainda a ideia de que:

Após a Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir da década de 60, intensificou-se a percepção de a humanidade caminhar aceleradamente para o esgotamento ou a inviabilização de recursos indispensáveis à sua própria sobrevivência. Assim sendo, algo deveria ser feito para alterar as formas de ocupação do planeta estabelecidas pela cultura dominante.⁹²

A sensação com a afirmação de que “caminhamos aceleradamente para o esgotamento” cria a ideia de uma natureza que se esvai, como se tivéssemos que iniciar uma corrida contra o tempo. Nesse sentido, a EA parece ter a função de criar soluções para o “caos” instaurado pela sociedade moderna. Ou ainda, como um meio em que se pode fazer a “denúncia da destruição” para que no processo de “tomada de consciência” os alunos sejam sujeitos capazes de estabelecer uma ordem, ou seja, organizar o “caos”.

As concepções sobre EA advindas das políticas públicas nacionais e da *Amigos da Natureza* se coadunam com relação ao que e como deve ser ensinado. A ideia de crise e de que esta teria se originado da industrialização iniciada no século XVIII esteve presente em ambas. A proposta de educar cidadãos que saibam cuidar da natureza, organizar o “caos” também. Ao mesmo tempo, assim como o apresentado no PCNs e no livro *Muda o Mundo Raimundo*, edições da revista como *A indústria e o Meio ambiente* apresentaram a década de 1960, enquanto um marco de mudanças para o debate ambiental.

Outro ponto em que as concepções da *Amigos da Natureza* se aproximaram às das políticas públicas nacionais consistiu em projetar a ideia de desenvolvimento sustentável como caminho que levaria ao fim da crise ambiental. Tal proposta foi sendo cada vez mais detalhada e atualmente faz parte da política de atuação da empresa, como pode ser percebido no sítio eletrônico da revista. Assim, de acordo com o tópico de apresentação da empresa: “ao produzir estes materiais, a Editora tem como propósito fornecer subsídios a todos os leitores para atuação de forma consciente na construção de um mundo sustentável.”⁹³ Nesse espaço, os produtores da revista se preocuparam em estabelecer relações com o modo como as políticas públicas de EA vinham sendo pensadas desde o início da década de 1990:

Pioneira na produção de materiais impressos voltados, principalmente, à Educação Ambiental, a Editora dispõe ainda de uma produção exclusiva de materiais especiais que abordam temas relacionados à ética, à saúde e à

⁹² **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais, 1998.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

⁹³ **A Editora.** Amigos da Natureza. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/aEmpresa.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

cidadania. *Todo material é voltado à educação e contempla os temas transversais, de forma inter e transdisciplinar.*⁹⁴ (Grifos meus)

Sustentabilidade, trans e interdisciplinaridade foram propostas que apareceram nos primeiros documentos voltados a pensar EA no Brasil. Nesse sentido, em 28 de abril de 1999, o Diário Oficial da Imprensa Nacional publicou a lei nº 9.795, que dispõe sobre a EA e instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental. A promulgação da lei pode ser entendida enquanto tentativa de firmação de concepções que se busca por parte do governo, que sejam aplicadas na EA. De acordo com o artigo 1º do Capítulo I:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a *conservação do meio ambiente*, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua *sustentabilidade*.⁹⁵ (grifos meus)

As ideias de conservação e de sustentabilidade do meio ambiente aparecem como caminho a ser seguido através da EA. Ainda como explicação do que compete a essa forma de ensino, define-se no artigo 2º: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.”⁹⁶ Além disso, o documento oficializou a ideia de que a EA não deve ser aplicada em uma disciplina específica no currículo de ensino, devendo ser de interesse de todas as áreas do ensino. Assim, no artigo 4º do primeiro capítulo “o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade”⁹⁷ apareceu como um dos princípios básicos de EA.

No ano anterior à lei, os PCNs já haviam apresentado a ideia de trabalho realizado na trans e interdisciplinaridade, para discutir temas como ética, saúde, cidadania, meio ambiente, enquanto temas transversais. Os mesmos temas e proposta de trabalho foram apresentados pelos editores da *Amigos da Natureza*. Ao divulgar o material da Editora no sítio eletrônico buscaram estabelecer um diálogo com concepções de ensino definidas pelo Governo Federal para a educação pública no Brasil.

⁹⁴ **A Editora.** Amigos da Natureza. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/aEmpresa.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

⁹⁵ BRASIL. Lei nº 9. 795, de 27 de abril de 1999. **Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL.** Brasília, DF, 28 abr., 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1999/lei-9795-27-abril-1999-373224-publicacaooriginal-1-pl>> Acesso em: 10 de ma. 2012.

⁹⁶ BRASIL. Lei nº 9. 795, de 27 de abril de 1999. **Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL.** Brasília, DF, 28 abr., 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1999/lei-9795-27-abril-1999-373224-publicacaooriginal-1-pl>> Acesso em: 10 de ma. 2012.

⁹⁷ BRASIL. Lei nº 9. 795, de 27 de abril de 1999. **Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL.** Brasília, DF, 28 abr., 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1999/lei-9795-27-abril-1999-373224-publicacaooriginal-1-pl>> Acesso em: 10 de ma. 2012.

O documento de criação da coleção *Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade*⁹⁸ confeccionada pela Editora no ano de 2009, ajuda a se ter noção de como as políticas públicas para a EA foram utilizadas enquanto base para a produção desses materiais. Na justificativa, o texto iniciou com um breve levantamento de leis e pareceres do Governo Federal acerca das temáticas ambientais e da EA para o universo escolar.

O parecer de 1985, 0819/85 do MEC, determina a inclusão de conteúdos ecológicos nos currículos de 1º e 2º graus; o de 1987 226/87 normatiza a inclusão da Educação Ambiental no currículo das escolas. A Constituição Brasileira, no seu art. 225 inciso VI, determina a promoção da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino; a portaria 678/91 do Mec de 1991 retifica as orientações anteriores para a E. A. (Educação Ambiental); em 1992, é implantada a Agenda 21. Em 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB; em 1999 – Promulgação da Lei 9795/99 – Política Nacional da E. A. e Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais.⁹⁹

A produção do material surgiu então do diálogo com tais propostas de educação das políticas públicas, em que a escola é entendida como um espaço privilegiado de discussão. No diálogo com as perspectivas das Diretrizes do MEC para professores, os produtores da *Super Amigos da Natureza* enfatizaram:

E que novas tarefas possam se colocar à escola, não porque seja a única instância responsável pela educação, mas por ser a instituição que desenvolve uma prática educativa planejada e sistemática durante um período contínuo e extenso de tempo na vida da pessoa, além de também ser reconhecida pela sociedade como a instituição da aprendizagem.¹⁰⁰

Assim, o material da *Super Amigos* viria para contribuir com o processo de aprendizagem. A *Super Amigos da Natureza* tratar-se-ia nesse sentido, de “um estímulo ao estudo e reflexão sobre temas de preocupação mundial que afligem a humanidade.”¹⁰¹ Nesse sentido, a contribuição da *Amigos da Natureza* para com o debate de temáticas ambientais também vem em forma da construção de uma proposta de atuação. Tal proposta se baseia em noções tais como: preservação, conservação, desenvolvimento e consumo sustentável, sustentabilidade.

⁹⁸A coleção *Super Amigos da Natureza* substituiu durante o ano de 2009, a coleção *Amigos da Natureza*. Com uma proposta mais voltada ao ensino, a coleção possuía o livro do professor e o jornal do aluno, além de planos de aula que se encontram disponibilizados no sítio eletrônico da Editora. O material era produzido de acordo com o bimestre escolar, assim, para cada bimestre havia um livro e um jornal específico a ser trabalhado. A proposta, entretanto não se consolidou e no ano de 2010, a Editora voltou a produzir a coleção *Amigos da Natureza*. In **Programa Caminhos da Sustentabilidade**. Amigos da Natureza. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/downloads.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

⁹⁹**Programa Caminhos da Sustentabilidade**. Amigos da Natureza. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/downloads.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011. P.2.

¹⁰⁰Idem.

¹⁰¹Ibid., p.3.

O pressuposto ao analisar o diálogo que os editores da *Amigos da Natureza* estabeleceram com as políticas públicas de educação é de que seus objetivos ultrapassaram a busca de apoio para lançar um produto no mercado. Ao estabelecer o diálogo, os editores buscaram nas políticas um meio para legitimar o seu próprio projeto de atuação, de suas concepções e de suas práticas. Pois, apesar de trazer perspectivas semelhantes como: transversalidade, trans e interdisciplinaridade, desenvolvimento sustentável e encaminhar seu material para escolas públicas de âmbito fundamental, os editores também buscaram lidar com discussões mais locais, relacionados ao espaço em que nasceu a revista. E, ao buscar lidar com discussões mais relacionadas ao Oeste do Paraná, muitas dessas ideias foram apropriadas e (re)adaptadas para defender projetos de atuação nesse espaço, envolvendo atores entre o público e o privado.

1.2 PROJETO EDITORIAL

A revista *Amigos da Natureza* circulou em seus primeiros meses na região Oeste do Paraná. Entretanto, tinha como objetivo expandir o público leitor para outras áreas do País. Ao analisar a revista pode-se perceber que seus produtores conseguiram alcançar o objetivo de vender o material para outros estados. Em agosto de 2004, a capa da edição em sua parte interna parabenizou os municípios que adquiriram a revista (ver figura 16, p.74). No desenho de mãos dadas aparecem o mapa do Brasil, duas crianças e uma das edições da *Amigos da Natureza*. Logo abaixo se pode ler: “Mais que uma revista um projeto para um mundo melhor!” E ainda: “Parabéns aos 700 municípios, seus mestres e alunos que integram esta corrente pela preservação do Meio Ambiente!”

A elaboração do anúncio dos locais onde o material já teria sido vendido – 700 municípios – foi interessante, pois não se agradeceu pela compra da revista, mas sim se parabenizou aqueles que teriam se integrado ao projeto *Amigos da Natureza*. Ideia essa que ajuda a construir uma noção de que a *Amigos da Natureza* não consistiria apenas em mais um produto, mas sim, num projeto de sociedade.

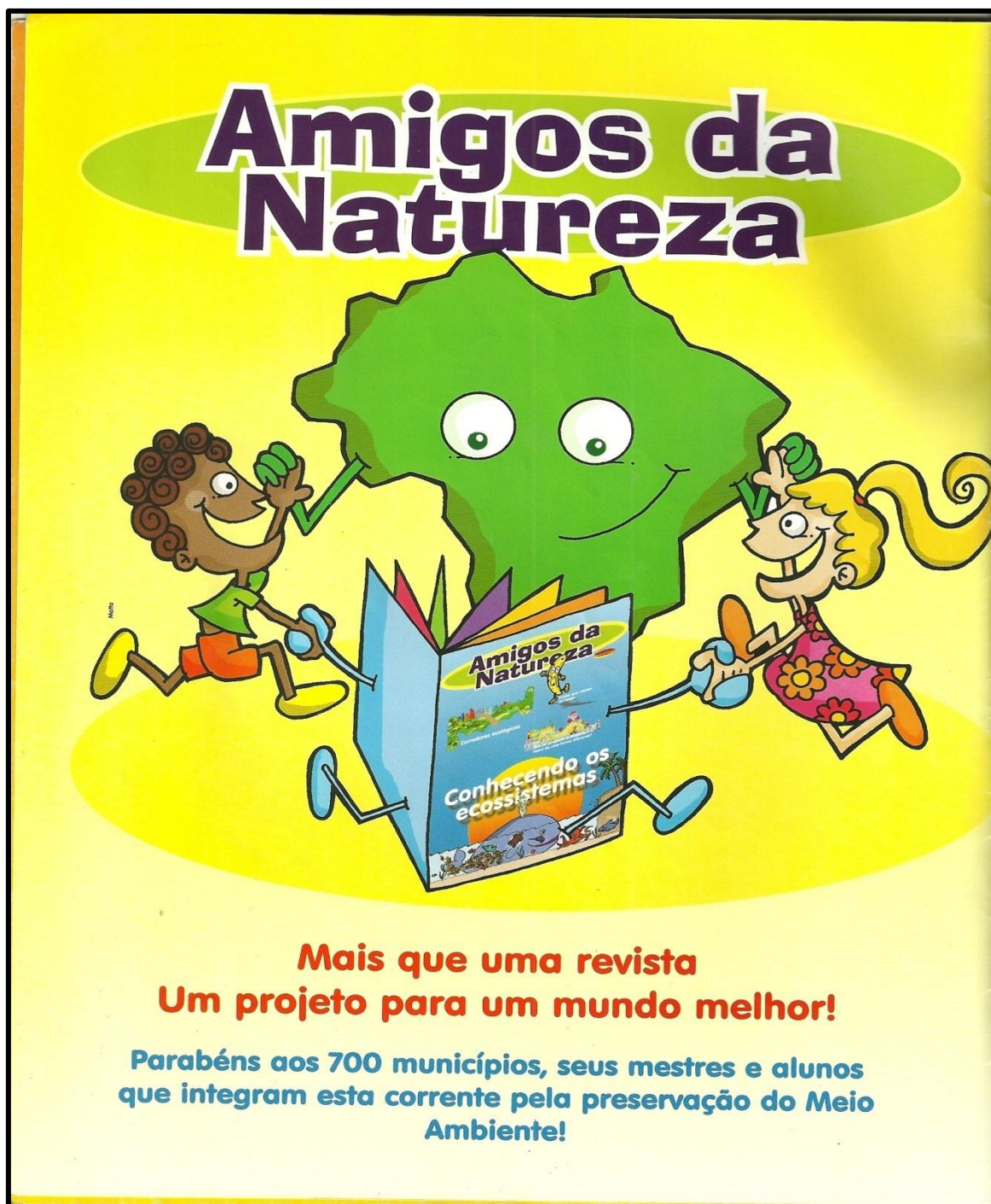


FIGURA 16.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº36, p.2/22, agosto de 2004.

A circulação da revista por outros estados do Brasil também pode ser percebida através de algumas de suas seções internas. Um exemplo a ser observado nas seções *Construindo um Planeta Saudável* e *Fala Professor* integradas à revista, a partir de 2005. Nelas, apresentaram-se atividades realizadas em escolas e opiniões de professores de quase todos os estados. Principalmente, quando se tratou da seção *Construindo um Planeta*

Saudável, esta, por sua vez, pareceu se destinar àqueles que eram leitores da revista. Pois, ao final de algumas seções se podem encontrar incentivos para que fotografias de atividades fossem enviadas à revista, como por exemplo, na edição de novembro de 2005, em que se faz o convite “envie pra gente fotos dos projetos da sua escola. Não esqueça de colocar a legenda!”.¹⁰² Logo em seguida, foi dado o endereço de email da Editora. A edição de agosto desse mesmo ano já havia apresentado fotografias dos alunos da Escola Municipal Wenceslau Braz, de Caxambu, Minas Gerais, em que além de projetos desenvolvidos, alguns alunos apareceram segurando exemplares da revista *Amigos da Natureza*. Abaixo da fotografia, a legenda: “Os alunos dessa turma são leitores e fãs da Revista *Amigos da Natureza*.”¹⁰³

Durante o discurso do proprietário e diretor da Editora, na comemoração dos 20 anos de existência de seu jornal – jornal *O Presente* – o material produzido pela *Amigos da Natureza* foi apresentado como já tendo sido utilizado por 1.744 municípios de quase todos os estados brasileiros no ano de 2011.¹⁰⁴

Durante todos esses anos os produtores da *Amigos da Natureza* assumiram como estratégia principal de venda a chegada de seus materiais às prefeituras municipais. Para tanto, os responsáveis pelas vendas entravam em contato com prefeituras, ofereciam o material, aguardavam a análise e depois entravam novamente em contato para obter a resposta. As secretarias de trânsito, meio ambiente, saúde e educação estavam entre os setores das prefeituras que mais tinham efetivado compras. Além desse meio de venda, a *Amigos da Natureza* desde seu início também realizou a venda de assinaturas individuais. O número de assinaturas individuais tem sido contabilizado na Editora juntamente com as vendas maiores para prefeituras, o que impossibilitou saber a quantidade de assinaturas que tinham sido realizadas desse modo.

Ainda sobre os meios em que se poderia adquirir a revista faz-se interessante uma observação sobre os valores das assinaturas que apareceram na última página da *Amigos da Natureza* entre os anos de 2002, e finais de 2007. Os valores da revista e sua compra por meio de assinaturas individuais não apareceram em suas páginas durante os primeiros sete meses de atuação. O que leva a pensar no direcionamento a um público mais voltado às prefeituras já nesses primeiros passos da Editora. Foi em abril de 2002, que iniciaram as primeiras divulgações da Editora, na página final da revista, da compra do material. Nesse sentido, a

¹⁰² AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº 50, nov., de 2005. P.17.

¹⁰³ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº 47, set., de 2005. P.13.

¹⁰⁴ Quem é Arno Kunzler....**O Presente**. Outubro de 2011,o edição especial. Acervo da autora.

divulgação apareceu com a seguinte frase: “Agora você pode receber a revista *Amigos da Natureza* na sua casa.”¹⁰⁵ Logo abaixo o leitor tinha acesso ao cupom para preenchimento de dados como: nome, endereço, bairro/localidade, cidade, país, CEP. Além disso, havia endereço da Editora para que o cupom pudesse ser enviado e assim iniciado o processo de compra. A assinatura apareceu como anual, ou seja, para as onze publicações realizadas durante o ano. O valor nesse primeiro ano variou entre R\$ 55,00 e R\$ 60,00 dependendo do tipo de pagamento a ser realizado (se à vista ou a prazo). Sendo assim, cada exemplar custava aproximadamente 5,00 R\$. Já, em julho de 2002, apenas três meses após o primeiro anúncio, o mesmo cupom de assinatura apareceu na última página da revista custando R\$ 70,00 para uma assinatura anual; R\$ 60,00 para cinco assinaturas anuais; R\$ 55,00 para assinaturas entre vinte e uma e cinquenta assinaturas; e R\$ 49,50 para mais que cem assinaturas.¹⁰⁶

Uma análise mais geral realizada entre os anos de 2002, e finais de 2007, anos em que o cupom de assinaturas se fez presente nas páginas da revista, permite perceber um constante aumento no valor das assinaturas, tanto em relação às menores: uma a cinco assinaturas, quanto às maiores noventa e uma a cem assinaturas. Além disso, surgiram a partir de 2005, dados para o fechamento de pacotes promocionais para maiores quantidades como quinhentas e uma a mil assinaturas. Sendo assim, por exemplo, em junho de 2005, o valor para uma assinatura era de R\$ 88,00; para noventa e uma a cem era de R\$ 66,00; e para quinhentas e uma a mil consistia em R\$ 64,85 por pedido.¹⁰⁷ Em meados de 2006, as assinaturas tiveram ainda mais uma alta passando a custar R\$ 105,00 (uma assinatura individual) e R\$ 81,85 (para assinaturas entre quinhentas e uma a mil).¹⁰⁸

Os números que apareceram nas páginas da revista permitem pensar sobre as políticas efetivadas pela Editora que chega a apresentar pacotes promocionais para clientes que desejassem realizar mais de 500 assinaturas. Tais dados permitem perceber como a venda em grandes números foi objetivo de divulgação e prática presente na Editora. Tais dados e valores apresentados ainda permitem ter uma noção acerca dos lucros com essas vendas, que em 2006, poderiam, por exemplo, ser de aproximadamente R\$ 41.000,00 no fechamento de um pacote de 501 assinaturas.

A quantia de exemplares produzidos pela Editora durante mais de dez anos de atuação, segundo o diretor Arno Kunzler ultrapassaria a quantia de cinco milhões. Em números exatos,

¹⁰⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n. 09, abr., de 2002. P.27.

¹⁰⁶ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n. 12, jul., de 2002. P.27.

¹⁰⁷ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n. 45, jun., de 2005.

¹⁰⁸ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n. 57, jul., de 2006.

há apenas a contabilidade dos Jornais produzidos que até o final de 2012, atingiu cerca de 1.099.928 assinaturas.¹⁰⁹ Os jornais compõem apenas uma parte dos materiais produzidos pela Editora, sendo que ainda ficam de fora as revistas e outras coleções as quais juntas somariam aproximadamente 101.835 assinaturas.¹¹⁰

Além das vendas para prefeituras e das assinaturas individuais, a Editora tem contado com importantes parcerias, que se deram inclusive em termos de financiamentos. Ao relembrar a fundação da *Amigos da Natureza*, Arno Kunzler ressaltou a importância do apoio da Itaipu Binacional: “Criei um ‘boneco’ e fiquei seis meses buscando alguém que apoiasse a ideia. O projeto da revista saiu do papel porque tive apoio da Itaipu Binacional, que até hoje investe neste projeto por acreditar nele.”¹¹¹ A fala proferida foi também durante o evento de comemoração dos 20 anos do jornal, *O Presente*, e não deixa de ser um meio utilizado por Kunzler para legitimar seu projeto. Ressaltar o apoio de Itaipu também oferece grandiosidade à ideia da criação da revista, que logo em seu início teria conseguido firmar parcerias com uma empresa pública que tem, a cada vez mais, buscado se envolver em projetos sociais e ambientais na região.

Com relação à equipe que produz a *Amigos da Natureza* essa não teve grandes modificações entre 2001 e 2012. A psicopedagoga Cleusa Nardi Motta tem sido, juntamente com Manoel Motta, responsáveis pela escrita e composição das imagens das edições. A engenheira agrônoma Claudia Nardi tem sido a responsável pela assessoria técnica, e Arno Kunzler tem ocupado a função da direção e de atividades jornalísticas para a revista. Cleusa Motta e Manoel Motta, responsáveis pelas primeiras escritas e organizações de todo o material, desde 2009, residem na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Assim, após a escrita do material, a parte de revisão, gerência, administração e telemarketing são realizados na cidade de Marechal Cândido Rondon.¹¹² Os nomes dos profissionais envolvidos com a produção do material sempre apareceram na primeira ou última página da revista sendo que, nenhuma das matérias do interior da revista apareceu com assinatura de um desses profissionais jornalistas.

¹⁰⁹O que é caracterizado enquanto um Jornal para os produtores da *Amigos da Natureza*, consiste nos materiais produzidos tendo como formato entre 16 e 18 páginas. Informações obtidas em conversa informal com um dos membros da equipe da Editora.

¹¹⁰No final das edições da *Amigos da Natureza* apresentou-se um cupom de compras de assinaturas anuais. Nesse, uma assinatura possibilitava o recebimento das onze edições produzidas no ano.

¹¹¹Diretor pretende ampliar atuação social e pelo meio ambiente. **O Presente**. Outubro de 2011. Acervo da autora.

¹¹²KUNZLER, Arno. Entrevista concedida a Nicheli Rodrigues Santos. Marechal Cândido Rondon: 24 de nov. de 2012, 43 min. Acervo da autora.

No sítio eletrônico da Editora se pode encontrar a descrição dos materiais didáticos produzidos entre 2001 e 2012. Estes se encontram divididos em: *Coleção Caminhos da Sustentabilidade*; *Coleção Cidadão do Bem*; *Coleção De Bem com o Planeta*; *Jornais Especiais*; e *Revistas Especiais (Revista Amigos da Natureza)*.¹¹³ Todos esses materiais têm como característica a produção enquanto materiais didáticos de apoio a discussões contemporâneas como saúde, meio ambiente, cidadania, etc. Abaixo, segue tabela elaborada para o presente trabalho contendo todas as coleções publicadas pela Editora *Amigos da Natureza* entre os anos 2001 e 2012.

Tabela 1. Coleções Publicadas pela Editora *Amigos da Natureza* entre os anos de 2001 e 2012

Coleções	Descrição	Assuntos abordados
<i>Revistas Amigos da Natureza</i>	11 publicações anuais de 2001 a 2007; 6 publicações anuais de 2010 a 2012.	Poluição, água, solo, ar, meio ambiente, animais, preservação ambiental e sustentabilidade além de outras temáticas voltadas a educação.
<i>Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade</i>	Composta por 04 volumes (sendo 04 livros para o professor e 04 jornais de atividades para os alunos) publicados durante o ano de 2009.	Água, tempos modernos e a poluição, as florestas e suas riquezas, ameaça ao mundo animal. O material faz parte de um Programa de apoio pedagógico desenvolvido para atender a EA.
<i>Cidadão do Bem</i>	Composta por 03 volumes direcionados a crianças entre 04 e 08 anos de idade.	Ética, justiça, solidariedade, respeito e cuidado com o planeta abordados através dos direitos e deveres das crianças, da ecocidadania e do respeito as diferenças.
<i>De Bem com o Planeta</i>	Contém 05 volumes direcionados a crianças entre 04 e 08 anos de idade e um caderno de passatempos.	Água, ar, solo, animais e florestas. O objetivo da coleção segundo os editores é de despertar a consciência ecológica pela preservação ambiental.
<i>Publicações exclusivas formato tablóide.</i>	Não constam números de exemplares e frequência de publicações.	Meio ambiente, trânsito, saúde, drogas, violência. Tais publicações direcionam-se a temas considerados atuais e polêmicos não seguindo uma organização fechada de assuntos a serem discutidos.

As coleções *De Bem com o Planeta* e os *Jornais Especiais* são as que se caracterizam por tratar não apenas de temáticas ambientais, como também de outros assuntos como: drogas, direitos e deveres das crianças, educação no trânsito, doenças sexualmente

¹¹³ **Produtos.** Amigos da Natureza. Disponível em: <revistaamigosdanatureza.com.br/produtosphp>. Acesso em: jun. 2011.

transmissíveis, a importância da família no processo escolar, entre outros. Já, os demais materiais foram dedicados principalmente para tratar dos problemas ambientais.

A faixa etária recomendada pela revista para trabalhar com os materiais variou entre um público alvo a partir dos 4 anos de idade, como no caso da coleção *De Bem com o Planeta*, até edições em que a faixa etária é indicada a partir dos 8 anos, como no caso de algumas publicações dos *Jornais Especiais*. Além disso, há também algumas edições que foram produzidas tendo diretamente como público os pais e os educadores, como no caso da edição sobre a importância da família no processo escolar.¹¹⁴

No que se refere à coleção *Amigos da Natureza*, deparei-me com um material que em sua estrutura passou por processos de mudanças e/ou readaptações. Assim, até o final de 2006, pode-se dizer que a revista manteve seu objetivo inicial de produzir material voltado a um público infanto-juvenil – 3ª e 4ª séries principalmente – ligado às escolas de Ensino Fundamental. Do ano de 2006, em diante, o que se pôde perceber foi uma mudança do público alvo da revista em que anúncios, editoriais e textos apareceram destinados a professores. Nessa linha de diversificação do público leitor, no ano de 2010, a revista *Amigos da Natureza* retornou a sua ideia inicial de produzir um material que trouxesse discussões de interesse para a população do Oeste do Paraná. Entretanto, nesse período a Editora já contava com outras publicações que também se destinavam ao espaço escolar. Assim, se pode perceber nessa nova proposta, um novo período da Editora, em que há uma produção voltada a crianças, educadores e comunidade em geral. Produções que abordam assuntos sociais e ambientais a partir de materiais que se destinam à educação formal, e de publicações que também se destinam a população que está fora desses espaços.

Até 2008, a revista manteve-se com uma publicação de 11 edições anuais, sempre com o mesmo tamanho (28 cm) e com uma média de 22 a 26 páginas por número. A capa, em sua face externa, também não teve grandes alterações. Nesta, o nome da revista sempre apareceu na parte superior com todas as letras em maiúsculo. Logo ao lado, ou um pouco abaixo vinham impressas informações como mês e ano de publicação, além da indicação do número da edição. Em seguida, a maior parte da capa era ocupada com um desenho que anunciava o assunto principal tratado na edição, seguido de uma frase que o intitulava como, no exemplo a seguir, *Poluição do Solo* (ver figura 17, p.78). Na maioria das edições os demais assuntos abordados apareciam nas laterais representados por desenhos e frases menores. Nenhuma capa apareceu sem algum tipo de desenho que a acompanhasse.

¹¹⁴ **A importância da família no processo de educar.** Editora Amigos da Natureza. 1º semestre de 2012, 16p.



FIGURA 17.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº25, capa, ago. de 2003.

De 2001 a 2004, a revista possuiu um editorial que, como um complemento da capa tratava do assunto principal que foi discutido. Para tanto, questões mais gerais sobre o assunto eram levantadas, assim também como algumas polêmicas que eram deixadas em aberto numa clara tentativa de ativar a curiosidade do leitor para se ler mais sobre o assunto. Entretanto, de 2004 a 2006, período em que se tem um público leitor bem definido, o editorial foi considerado como dispensável, pois as edições passaram a ser apresentadas sem ele. Apenas

nos números de final e início do ano, estes reapareceram com um texto de agradecimento ou boas vindas ao leitor.

Já, o sumário esteve sempre presente na parte interior da capa ou na primeira página da revista. Bem colorido e intitulado “Tá Dentro”, nele as seções apareceram com letras garrafais, coloridas e destacadas, trazendo para o leitor o anúncio dos demais conteúdos selecionados para a edição. A distribuição mais geral dos conteúdos também não sofreu alterações nos primeiros oito anos. A primeira metade era dedicada a abordar os temas diretamente ligados às questões ambientais, enquanto a segunda trazia assuntos de variados temas. Dessa primeira parte, duas seções estiveram sempre presentes, *Portal Ecológico* foi uma delas. Esta seção ocupou entre uma e duas páginas e seu objetivo principal era informativo. Desse modo, em cada edição um animal ou uma planta era abordado sob seus aspectos gerais como tamanho, longevidade, habitat, alimentação, reprodução no caso dos primeiros; e descrição botânica, importância ecológica, “proveito” para os seres humanos, lugares em que se pode encontrar e modo de cultivo, no caso do segundo. A seção sempre apresentou um espaço – na lateral da página – dedicada a tratar de animais e/ou plantas que se encontravam ameaçados de extinção.

A segunda seção presente em todas as edições até 2008, foi intitulada como *O assunto é...* Esta tratou sempre do tema principal da edição, anunciado em destaque na capa buscando trazê-lo sob seus aspectos polêmicos para as questões ambientais. Esta seção ocupou entre 4 e 8 páginas, foi trabalhada através de vários tópicos que traziam uma contextualização sobre o assunto, maneiras como vinha sendo debatido, explicações de conceitos, propostas de atuação, sugestões consideradas boas para efetivar uma mudança diante do problema. Acompanhando o texto escrito, a seção também foi composta por imagens que, na maioria das vezes, complementaram a escrita; ou ainda, foram utilizadas como uma outra forma de representar o problema e os possíveis caminhos para sua solução.

De abril de 2002, a outubro de 2006, a seção: *O assunto é...* foi seguidamente acompanhada da seção *Salva- Vidas*. Esta última ocupou 2 páginas e teve como função apontar caminhos e atitudes diárias que o leitor podia realizar para ajudar a “salvar o planeta”, ou ainda para torná-lo um lugar melhor para viver enquanto outras mudanças maiores não pudessem ser efetivadas.

Através das seções *Portal Ecológico*, *O assunto é*, e *Salva- Vidas* seus produtores parecem buscar cumprir a proposta apresentada em seu primeiro editorial: informar, ensinar, debater, aprender a conviver, mudar de atitudes, agir em favor da natureza. As seções parecem tentar construir um corpo dialógico em torno de tais propostas. O *Portal Ecológico*

foi construído de forma informativa apresentando características gerais de animais e plantas. Ao fazer isso buscou mostrar que estes possuem importância para a natureza e para a sobrevivência da espécie humana. Dessa forma, também se tentou realizar um convite de atuação na proteção desses animais e plantas devido à sua importância que veio sempre ligada a ideia de uma “(re)construção” de um equilíbrio ambiental. Na seção *O assunto é...* o tema foi sempre apresentado sobre seus diferentes aspectos, sobre sua necessidade de discussão e problematização. Nesta seção, houve a preocupação de apresentar e explicar conceitos, tentando sempre traduzi-los de forma didática na busca de facilitar a compreensão. A perspectiva utilizada foi a de que é também preciso entendê-los para que então se possa aprender a conviver de maneira diferente. Logo em seguida, com a seção *Salva- Vidas*, buscou-se ensinar a conviver em “harmonia” com a natureza, através de atitudes diárias consideradas eficazes em prol da sustentabilidade e por um planeta mais saudável.

Nesse sentido, pode-se dizer que a própria organização da revista já buscou construir e transmitir aos leitores o que seria uma prática de EA: informação, debate, assimilação de novos valores e novas atitudes.

A partir de 2005, foi acrescentada à revista a seção *Fala Professor*. Esta seção trazia uma entrevista por parte da equipe de produção da *Amigos da Natureza* geralmente com um professor que contava como, o tema abordado anteriormente na seção *O assunto é...*, estava sendo pensado e debatido em sua escola, comunidade e/ou cidade. Desta seção participaram educadores dos mais diferentes estados do País, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Tocantins, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, entre outros. Além de buscar dialogar com professores sobre assuntos relacionados ao meio ambiente e à EA, a partir de agosto desse mesmo ano, meia página da revista foi dedicada a trazer notícias de trabalhos e projetos escolares em EA. Essa divulgação apareceu sob o título *Construindo um planeta saudável, essa turma está fazendo...* trazendo fotos de atividades realizadas pelos alunos em prol do meio ambiente. *Construindo um planeta saudável* apareceu em espaços diferentes da revista e permaneceu até o final de 2008, trazendo relatos de atividades em turmas realizadas em diversos estados do Brasil. Já, a seção *Fala Professor* ainda fazia parte da organização da revista em 2011. Esses espaços de diálogo com professores e alunos de certa forma permitem perceber como a equipe de produção buscou realizar um diálogo com seus leitores. Ora, se uma das propostas é a de proporcionar debates, esse pode ser considerado como aquilo que se acreditou ser um caminho de efetivação.

Ao adentrar as edições de 2007, algumas mudanças significativas puderam ser percebidas. O editorial retornou e com o diferencial de estar destinado aos professores. O

texto de modo geral continuou a tratar do assunto principal anunciado na capa. Mas, o editorial passou a funcionar como um convite para que os professores levassem as discussões apresentadas na revista para a sala de aula e as debatessem com os alunos. Desse modo, se nas edições anteriores os alunos que eram convidados a levar as discussões que leram na revista para a sala de aula, aos poucos foi o professor que passou a ser instigado a fazer esse exercício.

Além das propostas de experiências práticas e atividades para os alunos, as edições passaram a trazer também na lateral de algumas seções como: *O assunto é...*, *Salva-Vidas* entre outras, sugestões de atividades para os professores organizar e trabalhar com a sua turma. No que se pode dizer que estes profissionais foram passando a ser o público-alvo para os produtores da revista. Pois, apesar das revistas aparecerem na descrição para a venda tendo como público- alvo os alunos, os textos passaram a ser escritos buscando chamar a atenção dos professores para os temas que estavam sendo debatidos.

Na nova estratégia os professores foram entendidos pelos produtores da revista como tendo a função de serem “multiplicadores” desse conhecimento. Teriam eles assim, a responsabilidade de tornar seus alunos “agentes transformadores”. As implicações contidas nessa mudança, o papel que o professor ocupa nessa nova fase, as concepções de educação que se pode perceber com esse projeto serão objeto de análise ao longo do trabalho.

Em 2008, o editorial foi novamente deixado de lado. Ao mesmo tempo, ao longo de 2008, os produtores da revista foram introduzindo um novo projeto da *Amigos da Natureza*, a transformação da revista em livro para o professor. Da segunda metade do ano em diante, as edições passaram a ser apresentadas como volumes, os assuntos continuaram os mesmos, assim como a organização geral da revista. Entretanto, as primeiras páginas apresentaram ficha catalográfica e os textos ficaram mais longos.

Em 2009, o projeto se concretizou e a revista *Amigos da Natureza* passou a ser a *Super Amigos da Natureza: caminhos da sustentabilidade*. As publicações mudaram de 11 edições anuais para apenas quatro, com o objetivo de que cada volume fosse utilizado pelo professor como apoio pedagógico para trabalhar temas ligados ao meio ambiente durante o ano todo, sendo um exemplar utilizado para cada bimestre escolar. Um jornal de atividade para os alunos contendo 16 páginas vinha acompanhando o livro e buscava desenvolver os mesmos temas. O livro do professor, ao contrário da revista, trouxera muitos textos, os desenhos foram em sua grande maioria substituídos por esparsas fotografias. O material passou a discutir apenas temas relacionados ao meio ambiente, nenhuma seção anterior foi mantida no livro. Já,

o jornal do aluno manteve o mesmo colorido da revista e a mesma intensidade de desenhos. Ou seja, multiplicando produtos e estabelecendo vínculos entre eles.

Nesse mesmo ano, no sítio eletrônico da Editora foram disponibilizados quatro planos de aula, cada um trazendo uma proposta de atividade, tendo como material de apoio um volume específico do livro e seu respectivo jornalzinho. Assim, as propostas de atividades foram divididas em várias etapas e em cada uma delas a *Super Amigos da Natureza* foi apresentada como apoio didático necessário para realizá-las.

Apesar de toda essa nova grande estrutura o Programa *Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade* durou apenas o ano de 2009. Apesar de o material continuar disponíveis para venda, novos exemplares não foram elaborados. Entretanto, o formato do *Jornal de Atividades* continuou sendo publicado estando disponíveis para as escolas.

No início de 2010, a revista *Amigos da Natureza* retornou com outra proposta. Nesta nova fase o material foi organizado em 6 números anuais publicados bimestralmente. Impressa em papel reciclável com textos mais longos, poucos desenhos e várias fotografias, a revista passou a apresentar uma linguagem para um público adulto. Todavia, essa mudança não significou que os produtores da revista deixassem de atentar para um público infanto-juvenil, já que, os *Jornais Amigos da Natureza* continuaram a ser produzidos para a sala de aula.

As capas continuaram trazendo imagens que buscavam chamar atenção do leitor para determinado assunto funcionando como uma vitrine da edição. Um pequeno sumário passou a ser apresentado na própria capa logo após a imagem. O editorial ocupou a contracapa ou primeira página, além de ter ficado muito mais extenso que nas versões mais antigas, passando a tratar de assuntos tidos como polêmicos, nem sempre os mesmos anunciados na capa.

Outra importante característica dessa nova proposta apareceu no editorial de fevereiro de 2010. Intitulado como *Debate sustentável* através destes fala-se sobre o novo projeto pretendido para a revista:

Para refletir sobre os questionamentos, as dúvidas, as ações e as necessidades ambientais do Oeste do Paraná, a Editora *Amigos da Natureza* lança, a partir deste mês, uma nova publicação jornalística de conteúdo regional. (...) Há nove anos nasceu a Editora *Amigos da Natureza* com o objetivo de fomentar publicação sobre educação ambiental. Hoje nossos produtos são conhecidos no Brasil inteiro, porém, não tínhamos um veículo para abordar as questões regionais.¹¹⁵

¹¹⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.01, fev., de 2010.

Ainda que no primeiro editorial da *Amigos da Natureza* de agosto de 2001, a revista tenha sido apresentada como material que surgiu de uma necessidade de debater e mudar hábitos diante das ações negativas efetivadas no Oeste do Paraná, a equipe de produção pôs em discussão assuntos tratados de modo mais amplo, inclusive desterritorializados. Pois, as matérias raramente abordavam como determinados debates estavam sendo enfrentados no Oeste do Paraná. Além disso, na grande maioria das edições os assuntos foram trabalhados enquanto preocupações nacionais e internacionais em que todos, de alguma forma, se encontram envolvidos. Os motivos que geraram tais problemas também foram apresentados de modo amplo, sem considerar especificidades ou problematizar que um determinado problema ambiental não é sentido e/ou vivido sempre da mesma forma em todos os lugares.

Mas como veremos neste trabalho, mesmo os assuntos discutidos em âmbitos ampliados permitiram perceber posicionamentos dos editores da *Amigos da Natureza* que possuem implicações diretas com discussões realizadas no Oeste do Paraná. Alguns assuntos permitem assim problematizar o lugar social ocupado na região pelos elaboradores desse projeto.

Nessa nova fase anunciada no início de 2010, seus produtores assumiram o compromisso de pensar e trazer para a discussão temas sobre o meio ambiente que são preocupações vivenciadas mais diretamente na região. Ao analisar as demais revistas daquele ano e também os números do primeiro semestre de 2011, pode-se afirmar que a revista tem abordado temas relacionados à região. Entretanto, continua trazendo temas que são discussões mais amplas e não dizem respeito apenas às ações efetivadas no Oeste do Paraná. Práticas de EA e outras ações em prol do meio ambiente realizadas em outros estados continuaram a ser abordadas, tanto quanto problemas socioambientais que continuam sendo um impasse para a população dos mais diferentes espaços do País.

Ao analisar esses diferentes momentos da produção da *Amigos da Natureza* se pode perceber, não apenas, modificações em relação ao seu público alvo, mas também a construção de um projeto. Ou seja, é possível também perceber e problematizar concepções e práticas de EA que a acompanharam neste processo.

CAPÍTULO II - PRESERVAR, CONSERVAR E DESENVOLVER: A CONSTRUÇÃO DE VALORES E SENTIDOS

No capítulo anterior buscou-se discutir o processo de elaboração da *Amigos da Natureza*, as relações que foram estabelecidas na região Oeste do Paraná e como essas relações influenciaram no próprio conteúdo da revista. Além disso, procurou-se problematizar como existe todo um campo de políticas públicas de EA no Brasil com o qual a *Amigos da Natureza* tem dialogado. Tais discussões consistiram num exercício importante para apreender ideias e valores que ajudaram a construir as propostas de EA da *Amigos da Natureza*.

Para o presente capítulo pretende-se aprofundar o debate sobre tais concepções e práticas. Para tanto, objetiva-se analisar a proposta de atuação presente na revista e, como nela se pode perceber determinadas concepções de natureza e seus vínculos e projetos locais e regionais. Além disso, pretende-se problematizar as implicações de tais concepções e propostas de atuação assumidas em algumas discussões realizadas pela revista. A compreensão de tais questões, por sua vez, leva ao debate sobre a EA da *Amigos da Natureza*. Para tanto, foram analisados os primeiros cinco anos da revista, que se caracterizaram pela busca de um diálogo com público infantil, produzindo um material voltado a esse público. Tal consideração se tornou possível a partir da análise da própria revista, de suas imagens, textos e anúncios.

Essa primeira fase da *Amigos da Natureza* pode ser caracterizada pela preocupação que teve de chamar as crianças para atuar. Nesse sentido, os textos foram direcionados aos alunos e estes foram sempre instigados a levar para sala de aula sugestões de atividades, ou chamar a atenção de seus pais para determinados assuntos. Desse modo, ao final de algumas matérias foi comum encontrar dicas como:

Para Fazer: *Avalie com seus pais como são usados os eletrodomésticos em sua casa. Os cuidados sugeridos são tomados? Procure levantar os pontos de maior desperdício e discuta medidas para evitar que isso continue acontecendo. O resultado virá na hora de pagar a conta de luz. A natureza agradece! (Grifos meus)*¹¹⁶

O educando foi convidado a realizar a atividade juntamente com seus pais. É instigado a levar o que aprendeu com a leitura da revista para o seu cotidiano e de sua família.

Com relação à escola foram comuns sugestões de atividades como: “Para fazer: Que tipo de lixo temos na escola? Papel, pontas de lápis, embalagens, restos de lanches, produtos

¹¹⁶ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.15, out. de 2002.

de limpeza... Discuta com seu professor o que pode ser feito com este lixo.”¹¹⁷ Novamente o educando foi convidado a realizar uma discussão refletindo sobre o que poderia ser feito, após tomar conhecimento do assunto na leitura da revista.

Outra característica desses primeiros cinco anos foi a constante presença de atividades como: testes, sugestões de brinquedos e brincadeiras que podiam ser feitos em casa, palavras cruzadas, passatempos, entre outros. Tais atividades apareceram ao final das matérias – neste caso estavam relacionadas ao assunto discutido – ou em seções específicas como: Brincando e Aprendendo; Faça Você Mesmo!; Passa Tempo; Testes, Caderno Especial.

As imagens, quase sempre sob formato de desenhos, também constituíram uma marca desse primeiro momento da revista. Os desenhos sempre foram muito coloridos, no que se pode perceber a tentativa de construção de um material lúdico, envolvendo muitas cores, jogos e divertimento. As imagens em forma de desenhos buscaram recriar o universo humano, o cotidiano com suas atividades, tentaram exemplificar o que seria o certo e o errado. Tais imagens não vieram acompanhadas de legendas, nem mesmo com identificação de quem as produziu.

Dar às imagens da *Amigos da Natureza* uma única definição como que constituindo a função de ilustração consistiria em uma avaliação simplista. Pois, como o historiador Ulpiano Teresa Bezerra de Meneses afirmou em *História e imagem: iconografia/iconologia e além*: “Pior é tomar o texto como matriz e, portanto, a imagem como ilustração. Mesmo quando existe uma fonte verbal, são histórias e vetores orais, mais que textos, que servem de estímulo, não a Bíblia, por exemplo, mas os sermões ouvidos.”¹¹⁸ Se, num primeiro olhar, as imagens presentes na revista podem parecer meramente ilustrativas, um olhar mais aguçado permite perceber que elas assumem uma multiplicidade de significados e papéis. Funcionam como constantes ativadoras de sentidos. Sendo assim, elas constituem papel fundamental de instituir uma determinada realidade, na construção de um projeto da sociedade que se quer. Pois, essas imagens, como veremos adiante, tentam traduzir o tempo todo determinadas ideias e valores.

Com relação aos textos, além da constante busca em estabelecer o diálogo com os leitores convidando-os para a realização de atividades, a escrita se manteve simples com o uso de textos curtos, em letras grandes e coloridas. Além disso, houve uma constante preocupação com a tradução de conceitos e de termos científicos, como também analisaremos adiante.

Para observar atentamente aprofundando a análise dessas primeiras considerações, passemos à análise das concepções e práticas de natureza e de EA da *Amigos da Natureza*.

¹¹⁷ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.17, dez. de 2002.

¹¹⁸ MENESES, op. cit., p.252.

2.1 CONCEPÇÕES DE NATUREZA

A ideia de que conservar o meio ambiente seria um dos caminhos que levaria ao desenvolvimento sustentável esteve constantemente presente. Nesse sentido, algumas edições trataram de temas como biodiversidade, ecossistemas e importância de sua conservação; outras abordaram os Parques Nacionais, as Unidades de Conservação, os recursos naturais e assim discutiram a necessidade de conservar; outras ainda trataram do ecoturismo enquanto forma de garantir tal conservação e desenvolvimento.

Termos e conceitos que não surgiram em momentos aleatórios, e sim a partir de debates acerca da necessidade de proteger o meio ambiente. Assim, termos mais antigos como, por exemplo, Parques Nacionais surgiram durante o século XIX, num processo em que gestava-se uma nova relação entre humanos e natureza. Segundo Antonio Carlos Diegues em *O mito moderno da Natureza Intocada*, aos poucos a desvalorização do mundo selvagem começou a mudar, a vida no campo passou a ser idealizada em oposição à vida na cidade, devido às transformações que a Revolução Industrial causara nas áreas urbanas como, por exemplo, a poluição e o crescimento demográfico. Além disso, passou-se também a ver a natureza como espaço de contemplação, “lugar de reflexão e de isolamento espiritual.”¹¹⁹ Nesse processo, surgiram também outras percepções de cuidado com a natureza. Segundo Diegues:

Para o naturalismo da proteção da natureza do século passado, a única forma de proteger a natureza era afastá-la do homem, por meio de ilhas onde este pudesse admirá-la e reverenciá-la. Esses lugares paradisíacos serviram também como locais selvagens, onde o homem pudesse refazer as energias gastas na vida estressante das cidades e do trabalho monótono. Parece realizar-se a reprodução do mito do paraíso perdido, lugar desejado e procurado pelo homem depois de sua expulsão do Éden. *Esse neomito, ou mito moderno, vem impregnado, no entanto, do pensamento racional representado por conceitos como ecossistema, diversidade biológica etc.*¹²⁰ (Grifos meus).

É verdade que conceitos como ecossistema e diversidade biológica ou biodiversidade são mais recentes, tendo nascidos durante as décadas de 1930 – período em que se cria a ideia de ecossistemas – e 1980 – quando o conceito de biodiversidade foi debatido primeiramente em um congresso de naturalistas, em 1986. Todavia, como afirmado por Diegues, no final do

¹¹⁹ DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec/Nupaub-USP/CEC, 2008. P.17.

¹²⁰ DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana, 2008, p.17.

século XX, tais conceitos passaram a caminhar juntos com a ideia da necessidade da existência de espaços como Parques Nacionais. Para esse autor é justamente essa a característica do novo mito (*neomito*). A incorporação do pensamento racional representado por conceitos como ecossistema, biodiversidade, ao mito de uma natureza intocada.

Vale lembrar que estes conceitos, como o de biodiversidade e ecossistema, não possuem uma única definição. No meio científico eles permanecem em debate sem a existência de grandes consensos; na *Amigos da Natureza*, foram constantemente utilizados. Ao debatê-los, houve a preocupação de defini-los ao leitor e de tentar torná-los compreensíveis, no que se pode afirmar que os produtores da revista se colocaram no papel de popularizar tais conceitos.

Ao tratar de suas origens e definições não foram discutidos enquanto conceitos ainda sendo debatidos, mas lhes foram atribuídas definições específicas. Deste modo, a edição de junho de 2003, intitulada *Biodiversidade* utilizou as mesmas definições da Convenção da Biodiversidade assinada durante a Eco-92, e do Fundo Mundial para a Natureza de 1989, para definir o conceito. Respectivamente: “A variabilidade dos organismos vivos de qualquer origem, compreendendo, entre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte.”¹²¹ Ou ainda “a riqueza da vida na terra, os milhões de plantas, animais e microorganismos, os genes que eles contêm e os intrincados ecossistemas que eles ajudam a construir no Meio Ambiente”.¹²² Encontra-se aí, o caminho de legitimação do projeto da própria *Amigos da Natureza*. Pois como afirmou Pierre Bourdieu:

Cumpra distinguir entre o capital necessário à simples produção de um *falar comum* mais ou menos legítimo e o capital de instrumentos de expressão (supondo-se a apropriação dos recursos depositados em estado objetivado nas bibliotecas, livros, em particular nos “clássicos”, gramáticas, dicionários) necessário à produção de um discurso escrito digno de ser *publicado* (quer dizer oficializado). Esta produção de instrumentos de produção tais como as figuras de linguagem e de pensamento, os gêneros, as maneiras ou estilos legítimos e, de modo geral, todos os discursos destinados a se tornarem “autoridade”, fontes de “referência obrigatória”, e a serem citados como exemplos de “uso correto”, confere àquele que a exerce um poder sobre a língua e, por essa via, sobre os simples usuários da língua bem como sobre seu capital. (Grifos do autor).¹²³

¹²¹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.23, jun. de 2003. P.07.

¹²² AMIGOS DA NATUREZA, jun., de 2003, loc.cit.

¹²³ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. P.45.

Utilizar as definições da carta de Convenção da Biodiversidade e as do Fundo Mundial da Natureza – instituições e acontecimentos reconhecidos e autorizados a falar – também conferiram legitimidade a *Amigos da Natureza*. Pois, não falam de qualquer lugar, não se utilizam de um *falar comum*, e sim de fontes de referência e exemplo de uso correto do conceito. Portanto, a perspectiva de aprendizagem que se encontra é a de apresentar conhecimentos como caminhos a serem seguidos. A proposta consiste assim, em permitir que o leitor entre em contato e compreenda os conceitos utilizados que lhes foram fornecidos em relação a definições específicas de um campo legitimado – o científico – e a partir de então passasse a atuar em defesa da biodiversidade e na proteção dos ecossistemas. Sendo assim, não há a intenção de suscitar um debate, mas sim, um caminho entendido enquanto o correto.

Nesse processo, as reservas, os parques, os jardins foram entendidos enquanto soluções eficazes que permitiriam a continuidade da expansão agrícola e do desenvolvimento – vistos enquanto necessidades humanas que não poderiam ser revertidas – e que ao mesmo tempo garantiriam a conservação do meio ambiente. Para compreender melhor como o tema foi debatido passemos a alguns exemplos.

A edição de fevereiro, de 2004, trouxe na capa, um conjunto de prédios representados em um gráfico em que se acrescentou um trecho de mata (ver figura 18, p.89).¹²⁴ Sobreposto em uma parte da imagem encontra-se o título: *Unidades de Conservação: preciosas reservas de vida*.

¹²⁴ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.30, fevereiro de 2004.

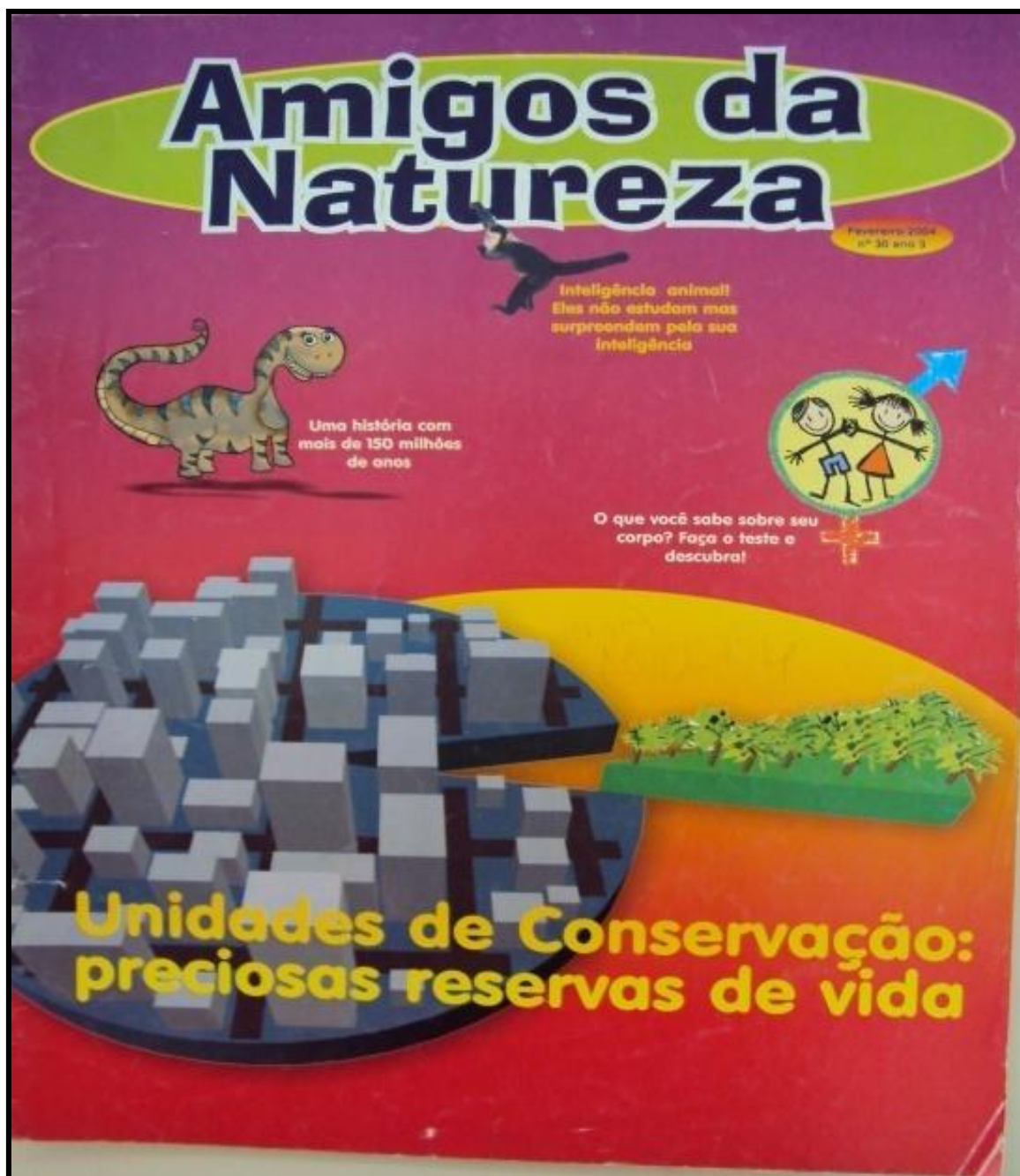


FIGURA 18.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº30, capa da edição, fev. de 2004.

O urbano e o industrial em conjunto com um trecho de natureza. O que os seres humanos construíram – representado em cinza na imagem – acrescentado por aquilo que se entende como sendo o natural – ilustrado pela parte verde do gráfico – que estando conservado viria a consistir em uma “preciosa reserva de vida.”

Na seção *O assunto é...*, a mesma imagem foi utilizada. Sobreposto a parte cinza do gráfico, se iniciou o texto pedindo para que o leitor imaginasse um mundo sem florestas,

água-doce ou ar puro. Na conclusão da frase: “com certeza seria inabitado.”¹²⁵ Foi a partir dessa constatação que, na sequência do texto, se justificou a existência dessas unidades como modo de garantir a possibilidade de vida na terra futuramente. Do outro lado da página, acima da parte do desenho que ilustrava uma unidade de conservação abordou-se a necessidade de sua existência. Ao lado do desenho, acima de um pontilhado amarelo buscou-se alertar: “apenas 5% da terra está realmente protegida.”¹²⁶ Apresentada juntamente com o texto, a imagem buscou traduzir ao leitor outros sentidos. O primeiro, de que é preciso que essas faixas verdes de proteção existam para que os humanos possam existir, para que o planeta não se torne apenas um amontoado de concreto, cinzento, sem vida. Ao mesmo tempo, com o trecho de mata verde tentou ilustrar o que se acreditava seria o modo mais adequado de manter a natureza “protegida”, que seja através das unidades de conservação.

Logo em seguida, o termo – Unidade de Conservação – foi explicado como: “áreas ricas em recursos naturais que mantêm preservados seus ecossistemas. São legalmente criadas pelo Poder Público com o objetivo de conservação.”¹²⁷ Em seguida, afirmou-se que essas unidades precisariam existir por diversos fatores tais como:

Para manter a *biodiversidade* e os *recursos genéticos*; Proteger as espécies ameaçadas de extinção, preservar e restaurar a diversidade de ecossistemas naturais e promover a sustentabilidade do uso dos recursos naturais renováveis; *também para estimular o desenvolvimento econômico regional*, proteger as paisagens naturais, *permitir a realização das pesquisas científicas* e propiciar condições para a educação; *Ainda para possibilitar o desenvolvimento de atividades turísticas e de recreação em contato com a natureza.*¹²⁸ (Grifos Meus)

Esses espaços foram entendidos como aqueles em que se pode “guardar”, proteger as “riquezas da terra”, ou ainda garantir “reservas de vida.” Acredita-se que o ser humano através de uma interferência positiva poderia restabelecer um imaginado equilíbrio natural. Restabelecimento tal que se entende como necessário para que a natureza possa fornecer possibilidades de vida humana. Nessa visão, o centro das preocupações não é apenas a possibilidade de assegurar a existência dos seres humanos, mas também de garantir a continuidade do uso dos recursos naturais pelos mesmos. O centro desta construção seria os humanos e suas necessidades, no que se pode perceber uma concepção antropocêntrica da relação entre humanos e natureza em que esta deveria estar em equilíbrio para servir.

¹²⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.30, fev., de 2004. P.06.

¹²⁶ Ibid., P.07.

¹²⁷ Op., cit., 2004, p.06.

¹²⁸ Op., cit., 2004, p.07.

Mais que isso, busca-se transmitir a ideia de que as unidades de conservação devem existir para que possamos entrar em contato com a natureza. Se esta, por sua vez, é vista como aquela, que entramos em contato quando vamos a esses espaços, é porque se parte do pressuposto de que ela não existe ou não está presente no ambiente cotidiano das pessoas.

Para Raymond Williams algumas dessas ideias parecem estar diretamente relacionadas à necessidade de separar natureza e trabalho humano. Segundo o autor:

Algumas formas dessa ideia popular moderna de natureza parecem depender de uma supressão da história do trabalho humano, e o fato de estarem sempre em conflito com o que é visto como exploração e destruição da natureza, pode ao cabo, ser menos importante do que o fato não menos certo de elas com frequência confundirem-nos sobre o que são e o que deveriam ser a natureza e o natural.¹²⁹

O que são ou o que deveriam ser a natureza e o natural? Transformamos a afirmação de Williams em pergunta para que possamos problematizar essa ideia de natureza e natural apontada pela revista. Se natureza é entendida apenas como aquilo separado do trabalho humano, podemos nos perguntar acerca do processo de intervenção humana na construção de uma determinada unidade de conservação. Para dizer que um espaço se constitui em uma unidade de conservação, a primeira ação consiste em delimitá-lo, demarcá-lo; em seguida há a necessidade de criar uma lei para instituí-la enquanto tal. Para garantir a sua manutenção seria necessário também “protegê-las”. Ora, não podem ser todas consideradas como atividades, trabalho ou mesmo intervenção humana? Ou melhor, Como separar algo do qual somos parte; somos constituintes? E é justamente para que se possa ter a sensação de controle, de que se pode dominar a natureza, que esta é colocada como a que está lá fora, num espaço reservado que se pode visitar.

O ideal de natureza presente na revista como local de descanso, de tranquilidade, de harmonia, se liga à ideia de que a melhor forma de conservá-la seria se ninguém a habitasse. Nessa perspectiva, os humanos não são entendidos enquanto natureza, nem mesmo aquilo que constrói através de seu trabalho. A própria sequência do texto, da edição de fevereiro de 2004, que trata acerca dos problemas que estas enfrentam refletem essas ideias. Ao mesmo tempo, traz a contradição e a própria impossibilidade da existência desses lugares como “intocados”. De acordo com o texto:

São muitos os problemas enfrentados pelas Unidades de Conservação. *Entre eles podemos citar: pessoas vivendo dentro delas, às vezes legal, outras ilegalmente; caça ilegal de vida selvagem; atividades ilegais como: contrabando, exploração madeireira, invasão por agricultura, mineração de*

¹²⁹ WILLIAMS, Raymond, op. cit., 2001, p.104.

ouro, de diamantes e de outros minerais preciosos; pastoreio. Muitas áreas protegidas não foram adequadamente demarcadas; *são inacessíveis a turistas*; não possuem recursos suficientes para sua manutenção e funcionamento e são vigiadas (quando são) por guardas que não podem usar armas ou efetuar prisões ¹³⁰(...) (Grifos meus).

O texto apontou para problemas que seriam enfrentados diariamente, na maioria das unidades de conservação. Ao abordar quais seriam esses problemas podemos também perceber que esses espaços não estão livres da presença humana e de conflitos diários pelo uso dessas áreas.

A existência de pessoas habitando tais lugares foi entendida enquanto um problema político. Entretanto, era também um problema o fato de muitos desses lugares serem inacessíveis a turistas. A discussão da referida edição foi trazendo para o leitor definições de como esses espaços poderiam ou não ser utilizados. Para tanto, apresentou-se uma tabela com os tipos de unidades de conservação existentes e aquilo que poderia e o que não poderia existir em cada uma delas. As unidades foram assim separadas em dois grandes grupos: as Unidades de Conservação de Proteção Integral e as Unidades de Conservação de Uso Sustentável.

Na primeira, seria permitido apenas “o uso indireto dos recursos naturais para a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.”¹³¹ Esta perspectiva incluiria em sua categoria as Reservas Biológicas; os Parques nacionais, estaduais, naturais e municipais; as Estações Ecológicas; Monumentos Naturais; e Refúgio de Vida Silvestre.

Já, ao segundo caberia, “o uso parcial dos recursos naturais compatibilizados com a proteção da natureza.”¹³² Nesta categoria estariam inclusos: Áreas de Relevante Interesse Ecológico (ARIE); Área de Proteção Ambiental (APA); Floresta Nacional, Estadual e Municipal; Reserva Extrativista; Reserva de Fauna; Reserva de Desenvolvimento Sustentável; Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Essas divisões das unidades de conservação apresentadas na edição de fevereiro de 2004, fazem pensar as considerações de Maria Tereza Paes-Luchiari, em *Turismo e patrimônio natural no uso do território*, de que: “não podemos perder de vista que a conservação da natureza e sua patrimonialização envolvem saberes, interesses e valores

¹³⁰ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.30, fev., de 2004. P.07.

¹³¹ Ibid., p.08.

¹³² Ibid., p.09.

advindos das esferas políticas, econômica e sociocultural.”¹³³ Em defesa da proposta de que é preciso cuidar das unidades de conservação, porque assim se estaria defendendo um bem que é de todos, os produtores da revista apresentaram modos de classificar a natureza. Classificações essas, que trazem implícita, a noção de uma natureza patrimonializada, ou seja, de territórios que devem ser protegidos, conservados porque consistiriam em um patrimônio da humanidade. Nessa defesa dos produtores da revista se fazem presentes embates políticos que envolvem como afirmado por Paes-Luchiari, determinados saberes, interesses e valores.

A proposta de guardar para o futuro, de garantir a continuidade humana, para Regina Abreu está ligada às novas configurações atribuídas ao campo do patrimônio:

Se outrora o campo do patrimônio firmou-se com base num Estado nacional, comprometido com a ideia de que a nação tinha um passado e que era preciso salvá-lo do esquecimento, hoje a área do patrimônio estrutura-se de maneira prospectiva em direção ao futuro. A palavra ordem é “diversidade”: diversidade cultural, mas também diversidade natural ou biológica. Todavia, mais do que salvá-la ou guardar seus fragmentos, trata-se de criar condições para que ela se promova no porvir.¹³⁴

A noção salvacionista que se encontra da *Amigos da Natureza* caminha nessa direção da qual trata Abreu, não para preservar do esquecimento, mas para conservar espaços que garantiriam o porvir. Um patrimônio que se acredita, deve ser resguardado pelo comprometimento de que a humanidade deveria ter um futuro.

Mas essa noção da busca pela garantia do porvir não deixa de consistir num campo em conflito. Classificar, dizer o que deve e o que não deve ser preservado para o futuro, como deve ou não ser utilizada uma determinada territorialidade tem implicações diretas no presente. Inclusive em termos de decisão de quem tem o direito ao acesso aos determinados espaços, saberes, usos, recursos, entre outros.

Interessante perceber nesse sentido, como o processo que decide qual tipo de unidade de conservação se irá criar foi naturalizado ao ser abordado na revista. Ou seja, nada foi comentado sobre possíveis conflitos no processo de transformação dos espaços em unidades de conservação. A questão é que, nem sempre, ao criar essas áreas se respeita e/ou valoriza as práticas socioculturais das populações que a habitam e que muitas vezes são expulsas desses espaços.¹³⁵ Entretanto, na edição tudo foi apresentado como um problema que já estaria sendo

¹³³PAES-LUCHIARI. Turismo e patrimônio natural no uso do território. In **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2007. P.26.

¹³⁴ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P.42.

¹³⁵O trabalho de Rudy Nick Vencatto, comentado no capítulo anterior, consiste em um bom exemplo de como esses processos nem sempre ocorrem sem conflitos. Uma discussão mais ampla sobre o assunto pode ser acompanhada na obra desse autor. In “**Mas com isso a gente começou duas vezes no meio do mato**”. Memória

resolvido, por isso existiriam áreas que permitissem a moradia dos que já estavam nesse espaço, e outras em que não. Novamente, os produtores da *Amigos da Natureza* abordaram a discussão realizando uma dada naturalização, como se os saberes, interesses e valores em relação ao assunto fossem únicos e se limitassem às divisões oficiais das unidades de conservação; como se esses não consistissem em espaços permeados por disputas e conflitos.

Outra questão que chamou atenção consistiu na importância dada a essas áreas como espaços destinados ao turismo. No início da matéria, ao buscar afirmar a importância da existência de unidades de conservação, um dos motivos levantados foi o de “possibilitar o desenvolvimento de atividades turísticas e de recreação em contato com a natureza.”¹³⁶ Ao tratar dos problemas enfrentados na maioria desses espaços, uma das preocupações se deu em relação ao fato de que muitos deles seriam “inacessíveis a turistas.”¹³⁷ Além disso, o ecoturismo ou turismo ecológico foi sempre incentivado nas páginas da *Amigos da Natureza*. Tanto que houve a preocupação de lançar uma edição para tratar do assunto.

Assim, a edição de dezembro de 2005, intitulada *Ecoturismo*, trouxe a prática do turismo ecológico enquanto uma atividade que garantiria o uso sustentável de uma área protegida. Na capa da edição, apresentou-se uma floresta cheia de animais, com água limpa e pessoas passeando felizes. A percepção que se tem ao olhar a imagem é a de uma prática saudável, de uma atividade que não causaria agressão à natureza. Nas classificações e definições de como se poderia e/ou deveria utilizá-la, o ecoturismo apareceu na imagem da capa como uma forma apropriada.

Para além da defesa mais ampla pela existência dessa forma de turismo, a edição também defendeu uma proposta que se quer concretizar em âmbito mais local, na região em que a revista vem sendo produzida. Nesse sentido, alguns elementos da capa permitem perceber essa busca, pois o espaço que se apresenta se assemelha em muito com reservas naturais como o Parque Nacional de Foz do Iguaçu, em que se pode observar as cataratas. Na imagem, um menino escala uma cachoeira, muitos dos animais apresentados como a capivara, os macacos, onças, araras, podem ser encontrados em algumas partes do passeio dentro do Parque Nacional do Iguaçu (ver figura 19, p.96). A frase dentro da faixa vermelha na parte de cima da revista “Programa Ambiental de Itaipu obtém prêmio de reconhecimento

dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu (Oeste do Paraná, 1970-2009). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Marechal Cândido Rondon, 2010. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/pos/historia/>>. Acesso em: 20 ma. 2011.

¹³⁶ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.30, fev., de 2004. P.09.

¹³⁷ AMIGOS DA NATUREZA, fev., de 2004, loc. cit.

internacional”¹³⁸ faz pensar que o mesmo teria sido concedido por práticas de ecoturismo na região onde se localiza a Itaipu, já que o nome do projeto não aparece e nem mesmo algum outro tipo de informação. Além disso, a frase também poderia levar à mesma interpretação, pois Itaipu tem sido apresentada como uma grande incentivadora de práticas ambientais como a do Ecoturismo, imagem que se divulga tanto em âmbito local como internacional. A frase em destaque na capa acaba ainda por tentar destacar as ações que têm sido efetivadas por Itaipu na região. Assim, o leitor que analisa a capa pode imaginar que tal prêmio estaria ligado ao ecoturismo. Informação que ganha outra construção apenas no interior da revista nas páginas 12 e 13, quando o anúncio é complementado com o nome do projeto que ganhou o prêmio, que nesse caso consistia no Programa Cultivando Água Boa.

Novamente, num primeiro momento as discussões parecem tratar o tema de modo desterritorializado, podendo atender a assuntos que seriam de uma preocupação geral. Todavia, um olhar mais atento permite perceber que o assunto elencado traz elementos que o ligam ao espaço do qual os produtores da revista fazem parte. Nesses pequenos detalhes é que se pode perceber o movimento de ligação da *Amigos da Natureza* com debates realizados em nível mais amplo e que, ao mesmo tempo, são utilizados para tratar e defender determinados projetos em âmbito local. Aí vale lembrar do papel da *Amigos da Natureza* como incentivadora do turismo ecológico, como opção de desenvolvimento local, juntamente com os municípios lindeiros ao lago de Itaipu e a própria Usina de Itaipu. No que se pode dizer que a defesa desse modo de turismo consiste também na defesa de determinados projetos com interesses políticos e econômicos destes universos institucionais.

¹³⁸ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.51, dez., de 2005.



FIGURA 19.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº51, capa da edição, dez. de 2005.

Algumas considerações presentes na seção *O assunto é...* podem contribuir para perceber a busca pela legitimação desse tipo de atividade. De acordo com a definição apresentada na seção o ecoturismo seria:

O tipo de turismo praticado em áreas onde a Natureza é preservada, com o objetivo de estudar, admirar e desfrutar da paisagem natural, sua flora e fauna, assim como a cultura das pessoas que moram nessas áreas. Na prática do ecoturismo, as pessoas devem desfrutar da Natureza conservando-a, para que as gerações futuras também possam usufruir dela.¹³⁹

Além de ser entendido enquanto uma prática preservacionista da natureza que a conservaria para as próximas gerações, o ecoturismo também foi apresentado como essencialmente benéfico, tanto para a natureza, quanto para o desenvolvimento econômico e social das várias regiões, apontando para o potencial brasileiro para o ecoturismo. Ideia que também vem sendo defendida desde o início da década de 1990, com o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, e também reafirmada pelas políticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como princípio fortalecedor de sustentabilidade.

A seção *Salva-Vidas* buscou ensinar práticas de contato com a natureza, trazendo dicas de fazer trilha ou acampar nas férias. Tais dicas envolviam cuidados durante o passeio como recolher o lixo, evitar cortar lenha, evitar barulho em excessos, porque algumas pessoas que ali estivessem poderiam estar em busca de silêncio, entre outros. Para além das dicas que ajudariam a proteger a natureza se trouxe também dicas de como se comportar nesses espaços como, por exemplo, a dica de não fazer barulho. Nessas dicas para o passeio ecoturístico encontramos também concepções de natureza como lugar de descanso, refúgio, quietude, em que as pessoas iriam para admirar e encontrar um lugar de paz.

Ao criar a ideia de que estes espaços consistiriam em lugar de refúgio, de encontro com o silêncio, de afastamento das agitações cotidianas e contato com o diferente, o que fica explícito não é simplesmente um tratamento romantizado da natureza. Mas sim, um apelo mercadológico que fomenta a prática do ecoturismo. Maria Tereza Paes-Luchiari no texto *Turismo e patrimônio natural no uso do território* atentou para que:

Essa aproximação da natureza empreendida pelo homem contemporâneo alimenta-se de uma contradição: enquanto induz e conscientiza para a preservação e a conservação do nosso patrimônio natural, promove a ampliação de sua exploração e de seu consumo.¹⁴⁰

Segundo a autora, tal exploração e consumo poderiam ser percebidos pela implantação de infra-estrutura nesses espaços, visando o conforto ou mesmo possibilitando a realização de

¹³⁹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.51, dez. de 2005. P.06.

¹⁴⁰ PAES-LUCHIARI, op., cit., 2007, p.36.

determinadas atividades. Preocupação que se fez presente nas páginas da *Amigos da Natureza* apareceu como “geradoras de empregos e empreendimentos como hotéis, pousadas, restaurantes, comércio de artesanato, comércio em geral, entre outros, o que é de suma importância no desenvolvimento de uma região”.¹⁴¹ A natureza tornada patrimônio caminha juntamente com a natureza tornada comerciável e consumível, porque exótica, lugar de paz, de descanso e de atividades saudáveis.

Nesse sentido, defender a conservação através das unidades de conservação e do ecoturismo não deixam de consistir numa estratégia para que os produtores da *Amigos da Natureza* encontrassem para defender a continuidade do desenvolvimento. A ideia de conservação e uso adequado dessas áreas ajudariam assim, a formular, de modo lógico, a concepção de desenvolvimento sustentável.

2.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: ENTRE PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS

Durante os anos de atuação da *Amigos da Natureza*, sua proposta de como as pessoas deveriam atuar em relação aos problemas ambientais não sofreu grandes mudanças. Desde os primeiros números aos últimos analisados, a preocupação se fez através da necessidade de cuidado e uso adequado dos recursos naturais, assim, também do restabelecimento de um equilíbrio entre humanos e natureza, em que se prevaleceria uma relação harmoniosa. Tais objetivos, por sua vez, seriam alcançados a partir da construção de uma sociedade que tivesse por base um desenvolvimento realizado de modo sustentável.

Voltemos à análise da capa da edição de julho, de 2002, trabalhada no capítulo anterior (ver figura 12, p.59), que trouxe pela primeira vez as propostas para um desenvolvimento sustentável.¹⁴² Algumas considerações ainda podem ser feitas em relação à capa. Para lembrar, a chamada da edição - *Caminhos para um desenvolvimento sustentável* – veio acompanhada pelo desenho de uma mata verde, do trecho de um rio, sem presença humana, tendo apenas aves representando os animais. O desenho feito na horizontal ultrapassou a capa ocupando também a contracapa da revista, o que trouxe a impressão de continuidade para a mata que se estava representada. Essa mesma imagem foi repetida nas primeiras duas páginas da seção *O assunto é...* em que se abordou acerca do conceito de

¹⁴¹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.51, dez. de 2005. P.09.

¹⁴² AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, julho de 2002.

desenvolvimento sustentável e sobre o processo relacionado à agricultura, que teria ficado conhecido como revolução verde.

As imagens que apareceram na capa da edição tinham como uma de suas funções chamar a atenção do leitor para os vários assuntos que seriam abordados no interior da revista. Mas é também importante considerar que possuem outras funções. Penso aqui, nas considerações da historiadora Ana Cristina Teodoro da Silva ao refletir sobre a análise de capas de revistas contemporâneas. Segundo essa autora:

A capa é a “cara da revista”, é diferente de matérias assinadas, é editorial evidente, que utiliza todos os recursos possíveis de criatividade, explora o retângulo da revista; é associação do estampado em capa com a própria revista, é aparência, imagem de capa e imagem da revista confundem-se.¹⁴³

Silva nos atenta para como a função das imagens das capas das revistas são distintas das imagens que acompanham as matérias internas. Além disso, comenta acerca de como as capas podem se confundir com o projeto de revista que seus editores querem. Nessa edição da *Amigos da Natureza*, a imagem da floresta juntamente com a das mãos que ao realizar a reciclagem protegem a natureza formam um todo. Pensadas juntas, elas trazem a noção da proteção humana, ou seja, de que os seres humanos com suas mãos poderiam proteger e mesmo restaurar essa natureza idílica que aparece na capa sem problemas, como se funcionasse de modo harmônico e equilibrado. Mais do que uma ideia exposta em uma de suas capas, a noção de que os humanos com suas mãos poderiam restaurar a natureza, consistiu numa das concepções e no projeto anunciado pelos produtores da revista. Perspectiva que nutriu-se de uma visão antropocêntrica, em que caberia apenas aos humanos restituir o que foi perdido. Todo tipo de transformação ficaria a cargo dos humanos, que interfeririam num dado equilíbrio, o que foi visto como algo contínuo. Ao mesmo tempo sua capacidade de restauração fica restrita também às ações humanas.

Os caminhos para a restauração da natureza e de mudanças foi umas das preocupações do editorial e da seção *O assunto é*. Desse modo, o editorial dessa edição tratou da ideia de desenvolvimento sustentável fazendo analogia entre a mudança de estação do período, outono para o inverno, e a proposta de sustentabilidade que também deveria trazer mudanças nas relações dos humanos com o meio. Nesse sentido, afirmou-se:

O tema Desenvolvimento Sustentável faz jus a estação que chega. O inverno, ainda que conduzido pela mansidão do outono, mostra-se distinto em suas

¹⁴³SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Imagens ordinárias como signos eloquentes – sistematização metodológica para a interpretação de capas de revistas. **Domínios da Imagem**. Londrina, nº01, 2007. P.11.

mudanças ambientais e comportamentais. Mudanças, é uma das propostas do tema desta edição. Mudanças nas relações da espécie humana com o ambiente que o cerca, acima de tudo, mudanças para uma nova postura ética, para que o Planeta caminhe rumo a um Desenvolvimento Sustentável.¹⁴⁴

Se a mudança foi considerada como necessária, o caminho a que se acredita deveria ser percorrido é o do desenvolvimento sustentável. O texto do editorial afirmou assim, não só a necessidade de mudança, mas também já apontou qual deveria ser o caminho seguido, qual a direção. Ao colocar a proposta de mudança, o editorial trouxe também a consideração de que este consistiria em um tema complexo, devido às controvérsias a respeito de sua conceituação. Desse modo, tomou-se a posição de “contribuir para elucidar os leitores com relação a esta questão,”¹⁴⁵ qual seja, o de apontar o caminho a ser seguido.

Assim, em *O assunto é...* começou-se explicando o conceito diante da afirmação de que apesar das controvérsias existentes sobre o tema, todos concordariam que ele traz como base um sentido ecológico. Ainda, que não se ignore que o tema desenvolvimento sustentável possua inúmeras controvérsias e variados significados, estes não foram discutidos ou problematizados. A primeira preocupação foi aquela apontada no editorial de “elucidar os leitores”:

Resumidamente podemos dizer que desenvolvimento sustentável é desenvolver-se em harmonia com o planeta, sem destruí-lo, ou seja, *permitindo que o nosso ambiente continue equilibrado*, para que as gerações futuras tenham a chance de existir e viver bem, *de acordo com suas necessidades*.¹⁴⁶ (Grifos meus).

Desse modo, elucidar o leitor tinha como função apresentar o que seria a maneira correta de se utilizar o conceito e não de compreendê-lo em seus diversos significados, com seus variados usos. Elucidar, explicar, esclarecer ou ainda tornar compreensível, os produtores da *Amigos da Natureza* se colocaram enquanto informadores do que seria o melhor caminho a ser seguido. EA, nesse sentido, não consiste em possibilitar um debate acerca do assunto, mas sim em apontar o desenvolvimento sustentável como a solução efetiva para o problema. Ou ainda, de legitimar uma determinada versão. Nesse caminho se deveria também permitir que se vivesse de acordo com suas necessidades. E se desenvolver, por exemplo, for entendido enquanto uma necessidade, então esta deve ser atendida, deve continuar existindo conjuntamente com o suposto equilíbrio da natureza.

¹⁴⁴AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, jul. de 2002. P.03.

¹⁴⁵AMIGOS DA NATUREZA, jul. de 2002, loc. cit.

¹⁴⁶Ibid., p.06.

Desenvolver-se em harmonia e equilíbrio, esta passou a ser a maneira certa de entender o tema e de atuar da *Amigos da Natureza*. Ainda para ajudar no processo de “elucidar” o leitor, a seção *O assunto é...* trouxe também a discussão sobre agricultura sustentável. Assim, buscou-se apresentar um exemplo prático do que estava sendo entendido por práticas em prol de um desenvolvimento sustentável.

O modelo de agricultura então existente foi tomado como insustentável. Tal modelo estaria ligado ao processo que ficou conhecido como *Revolução Verde*. Termo que os produtores da revista também buscaram explicar no texto *Revendo um pouco de nossa história*:

Poderíamos chamar a Revolução Verde de, a mãe da nossa atual agricultura que surgiu após o término da Segunda Guerra Mundial movida pela visível crise de oferta no mercado de cereais e aumento do crescimento demográfico. *A revolução verde veio na forma de um pacote tecnológico*, cuja meta era o aumento da produção e da produtividade das atividades agropecuárias, baseado no uso intensivo de insumos químicos, *variedades geneticamente melhoradas* e alto rendimento, expansão dos sistemas de irrigação e, também na intensa mecanização das ações produtivas.¹⁴⁷

A explicação sobre o que foi a Revolução Verde passou a ideia de que esta teria surgido como uma necessidade para suprir uma crise de mercado em termos de produção de alimentos e para resolver os problemas do crescimento demográfico. Essa ideia apresentada na *Amigos da Natureza* traz o mesmo discurso utilizado pela entidade intitulada *American International Association for Social Development* (A.I.A.), do empresário norte americano Nelson Rockefeller, responsável pela criação da Revolução Verde e também por sua expansão. No Brasil, a proposta de tal Revolução Verde veio acompanhada pelas propostas de uma extensão rural, em que se passou a construir a ideia de que era necessário levar modernização e progresso para os agricultores.

O historiador Reinaldo Lindolfo Lohn problematizou a ampliação de tais ideias através de uma política nacional e analisou seus feitos no estado de Santa Catarina, durante as décadas de 1950 e 1960. Para esse autor, tal processo pode ser caracterizado por uma construção mitológica em torno da ideia do desenvolvimento. Nesse sentido, Lohn percebeu um esforço em positivar a introdução dessas novas tecnologias no campo:

Em grande medida o extensionismo rural fazia parte das mitologias desenvolvimentistas instituídas em vários países da América Latina ao longo dos anos de 1950 e 1960. No Brasil, a experiência do processo de mudanças sociais e os apelos à “modernização” afetaram trajetórias de vida e cristalizaram no imaginário político o que podemos chamar de utopias

¹⁴⁷Ibid., p.07.

desenvolvimentistas e seu conjunto de representações sociais, como se fossem formados sujeitos coletivos a partir das expectativas individuais e dos horizontes em comum, expressos tanto em palavras, imagens, discursos e práticas, quanto em artefatos da cultura contemporânea.¹⁴⁸

Mitologias que apostavam na perspectiva de que com o tempo o desenvolvimento traria também seguridade e igualdade social. Sob esses termos, o que os editores convencionaram chamar como a “mãe de nossa atual agricultura”, o que não deixa de ser uma posituação da revolução verde, que pode também ser percebida enquanto processo que visou instituir uma necessidade de progresso e desenvolvimento. Como afirmou Lohn, afetou trajetórias de vida cristalizando a ideia de que através de tais inovações se poderiam garantir um futuro seguro e próspero.

Para os produtores da *Amigos da Natureza* tal proposta teria sido “no início bem sucedida,”¹⁴⁹ mas com o tempo, “mostrou um padrão insustentável econômico e ambiental.”¹⁵⁰ Diante de tal argumento, os produtores trouxeram a proposta de um desenvolvimento sustentável, ou seja, o caminho em que a ideia de desenvolvimento continuava a ser entendida como uma possível solucionadora de problemas, tanto sociais quanto ambientais.

O desenho que acompanhou essas duas primeiras páginas foi praticamente o mesmo apresentado na capa da edição, tendo sido retirado apenas a imagem do tucano (ver figura 20, p.107). Interessante perceber que, ainda que o texto trouxesse a proposta de desenvolvimento sustentável, devido aos padrões de insustentabilidade que existiria na atual sociedade, e de abordar os danos causados pela chamada Revolução Verde, a imagem continuou tratando de uma floresta, que representaria um período anterior a tais problemas. Nesse caso, pode-se perceber um contraste entre o que o texto buscou abordar e o que a imagem tentou demonstrar.

Nas duas páginas seguintes, trataram respectivamente sobre caminhos de insustentabilidade da agricultura e dos principais fatores que tornariam a civilização insustentável a médio e longo prazo. Apesar da discussão principal estar voltada a agricultura, o desenho que ocupou ambas as páginas trouxe num plano maior supostos problemas do meio

¹⁴⁸ LOHN, Reinaldo Lindolfo. Mitologias do Desenvolvimento. **Espaço Plural**. Edunioeste: Cascavel, nº18, 1º semestre de 2008. P. 13/4.

¹⁴⁹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, julho de 2002. P.07.

¹⁵⁰ AMIGOS DA NATUREZA. jul. de 2002, loc. cit.

urbano, e apenas em uma pequena parte da página, abordando o espaço rural (ver figura 21, p.108).

A parte em que se pode ver a lavoura está bem verde e limpa com uma máquina trabalhando. Um pouco mais à frente embalagens de agrotóxicos sozinhas, à beira do rio, representam os problemas ambientais que poderiam ocorrer no campo, como a poluição das águas. Já, para representar os problemas que ocorreram nas cidades todo o restante da página recebeu a cor cinza. O meio urbano também apareceu como um espaço repleto de sujeira, com fumaça saindo das fábricas, que também contaminam os rios. Além disso, há lixo por toda parte. Desse modo, os problemas vividos nos centros urbanos receberam uma proporção muito maior, pois foi lá que apareceu a poluição, a sujeira ou mesmo a desigualdade social, já que na imagem apareceram prédios maiores de um lado e casas mais simples no outro.

A imagem consiste também em uma atividade para o leitor que deveria identificar os “fatores que dificultam o desenvolvimento sustentável nos grandes centros”. Assim, se o texto buscou tratar de uma agricultura insustentável, os problemas ambientais que a acompanham foram minimizados nas imagens, pois não são estes problemas que aparecem e sim os dos grandes centros urbanos.

Nesta imagem, pode-se perceber, ainda, a tentativa de reforçar a ideia de que os problemas ambientais começaram a ser fortemente sentidos com a industrialização. Por isso, as fábricas em um meio urbano receberam um plano maior da ilustração, enquanto o campo e aqueles que o cultivam, apareceram como os que foram atingidos pelo processo e não como aqueles que contribuíram com o mesmo, embora saibamos que suas responsabilidades são distintas.

O texto sobre a insustentabilidade da agricultura foi construído a partir de uma analogia com o curso d’água:

*A agricultura é como um curso d’água, ao longo do qual, cada propriedade agrícola é um poço. Muitas coisas fluem para dentro das propriedades trazidas pelo curso d’água, e outras fluem para fora dela. Os produtores trabalham duro para manter suas próprias explorações agrícolas bem produtivas seja de grãos, leite ou carne, sendo cuidadosos com o solo e com o que adicionam ao ambiente agrícola, retirando suas colheitas; assim, cada poço ou cada propriedade agrícola tem seu próprio zelador.*¹⁵¹(Grifos meus)

Ao abordar o assunto há todo o cuidado ao tratar de quem seriam as responsabilidades pela insustentabilidade de tal modelo de agricultura. Ao ler o fragmento poderíamos nos perguntar: Por que ou para que o uso da metáfora do curso d’água? Se pensarmos no espaço

¹⁵¹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, julho de 2002. P.08.

em que a revista era elaborada, que nesse momento ainda possuía um caráter regional e que este consistia e consiste num dos assuntos mais polêmicos no Oeste do Paraná, começamos a compreender o uso da metáfora.¹⁵² Pois, é o curso d'água, ou seja, os rumos dos acontecimentos que recebem as responsabilidades e não os produtores.¹⁵³ O trecho a seguir permite compreender melhor essa consideração.

Mas hoje, essa história de “cada um cuida daquilo que é seu” tem seus limites, *pois um produtor sozinho já não consegue mais controlar o que flui para dentro da sua propriedade*. Muitas coisas indesejáveis vêm de fora, incluindo agrotóxicos, sementes de ervas daninhas, doenças e água poluída de outras áreas. Além disso, *o produtor tem pouco controle sobre muitas das coisas que necessita, como a mão-de-obra, o mercado para os produtores agrícolas, água para a irrigação e a terra agricultável*. Somado a todos esses problemas vem a política agrícola, alterações do clima e do mercado. Todos esses fatores vão tornando o curso d'água bem turvo, *e o trabalho de manter seu próprio poço limpo torna-se muito difícil*. Outros fatores surgem em sua propriedade que também podem afetar as propriedades vizinhas, como, a erosão do solo e o esgotamento das águas subterrâneas, *o uso inadequado ou ineficiente de agrotóxicos pode contaminar a água, o solo e o ar, bem como deixar resíduos nos alimentos*.¹⁵⁴ (Grifos meus)

No texto, o produtor rural foi positivado como sendo aquele que tentava resolver a situação: “O produtor não consegue”, “tem pouco controle”, “o trabalho de manter seu próprio poço limpo torna-se difícil.”¹⁵⁵ Buscam assim, não responsabilizar ou incriminar os produtores rurais. Nesse sentido, vale refletir: de quê produtor rural se está tratando na matéria? Produtor rural, que não se refere ao trabalhador que prepara a terra, realiza o plantio e depois realiza a colheita. Ou seja, não é aquele que trabalha diretamente a terra, mas sim aquele que é dono da mesma. O produtor que se está tratando é aquele que detém os meios de produção, o que pode ser percebido em frases como: “pois um produtor sozinho já não consegue mais controlar o que flui para dentro da *sua propriedade*,” ou ainda em passagens como: “Além disso, o produtor tem pouco controle sobre muitas das coisas que necessita, *como a mão-de-obra*.”¹⁵⁶ No que se torna possível perceber que não se está tratando de todo e qualquer tipo de agricultura, mas sim daquela que entende a terra enquanto produtora de

¹⁵² Vale lembrar que o modelo de agricultura praticado no Oeste do Paraná consiste em uma agricultura monocultora e de exportação que tem atuado como uma das bases de sua economia.

¹⁵³ Interessante perceber que não apenas nesse trecho, mas em toda a matéria, agricultura apareceu buscando significar, de modo geral, todo o cultivo ligado a terra. Já o termo produtor, em vez de agricultor, foi utilizado para designar aquele que possui a posse da terra, que é proprietário agrícola. Para analisar esse texto, utilizaremos assim, o termo escolhido pelos editores da Amigos da Natureza – produtor ou produtor agrícola – atentando para os significados envolvidos na escolha do uso dessa palavra.

¹⁵⁴ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, julho de 2002. P.08.

¹⁵⁵ AMIGOS DA NATUREZA. jul. de 2002, loc. cit.

¹⁵⁶ AMIGOS DA NATUREZA. jul. de 2002, loc. cit.

grandes lucros.¹⁵⁷ Assim, não se está defendendo, por exemplo, um pequeno produtor rural que com sua família cultiva a terra. Mas sim, proprietários de grandes áreas de terra que possuem empregados (mão de obra), para realizar o trabalho necessário, que dispõem de recursos para investir em tecnologias como a de irrigação.

Ambos os fragmentos, aqui apresentados, permitem perceber que na revista buscou-se discutir como esse produtor rural também foi sendo levado por determinadas pressões. Pressões estas como a existência de um mercado agrícola que comanda certas dinâmicas e impõem modos de cultivar, que dita quais são as regras. Essa consiste numa reflexão interessante, se levarmos em consideração que um produtor precisa muitas vezes se adequar às regras do mercado para poder continuar a produzir. Entretanto, o tema foi tratado de modo genérico, como se todos aqueles que estão ligados à agricultura fossem atingidos da mesma forma, como se pudessem ser responsabilizados também do mesmo modo, e como se essa agricultura extensiva, que se utiliza de insumos químicos, em larga escala e de sistemas de irrigação, fosse a única forma de agricultura existente.

Na estrutura do texto, pode-se perceber como os editores da *Amigos da Natureza* não se desvincularam desse modelo de agricultura. Pois, além de considerar processos como o da Revolução Verde como “a mãe da nossa atual agricultura”, centralizaram suas preocupações no “uso inadequado ou ineficiente dos agrotóxicos” e tentaram positivar as ações dos produtores. Nesse processo, não há uma crítica a esse modelo de agricultura, não há um posicionamento de criticar tais práticas, como elas foram pensadas e em que condições. O que se busca passar é a ideia de que é preciso realizar alguns ajustes no processo de desenvolvimento, alguns reparos nas opções que foram escolhidas para a agricultura. Daí, o foco no curso d’água e não nos produtores. É esse curso que precisaria ser ajustado é ele que precisa ser controlado a partir de alguns reparos. É como se a natureza precisasse se ajustar ao atual modelo de desenvolvimento que traz consigo práticas como a da agricultura extensiva, continuando a fornecer seus recursos. Esses reparos por sua vez, se tornariam possíveis a partir da busca de um desenvolvimento sustentável, da criação de uma “consciência ambiental” que poderiam ser alcançados também através da EA. Educação essa que busca uma harmonização entre passado, presente e futuro. Nesse sentido, nas páginas 10 e 11,

¹⁵⁷ A autora Ellen Meiksins Wood em *A Origem do Capitalismo* atenta para o tipo de apropriação específica que há em torno do termo “produtor” em sociedades capitalistas. Segundo essa autora é apenas no sistema capitalista que o termo refere-se aos empregadores de mão de obra e não aqueles que trabalham na terra. Além disso, afirma que seu uso traz implícito a implicação de que “a propriedade é usada ativamente, não para um consumo ostensivo, mas para investimento e para a extração de lucros crescentes.” Para um aprofundamento da discussão ver: WOOD, Ellen Meiksins. *A Origem Agrária do Capitalismo*. In **A Origem do Capitalismo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001. P.94/5.

campo – no canto, ao lado esquerdo da imagem – cidade e floresta apareceram sob muitas cores buscando representar tais espaços sem nenhum tipo de poluição, em que inclusive das fábricas saía fumaça limpa e colorida (ver figura 22, p.109). A imagem trouxe como marca esse novo momento que se almeja, de um desenvolvimento atrelado à proteção ambiental. Dessa forma, a mata apresentada na capa e nas duas primeiras páginas da seção, mas inexistente na imagem das páginas 8 e 9, retornou tendo como diferencial o fato de estar integrada à civilização.

Voltemos às imagens da edição para uma última análise. Vistas em sequência se pode perceber que elas também consistem num texto a ser lido. Juntas, reforçam determinados sentidos e concepções na relação entre passado, presente e futuro e também produzem silêncios, se a confrontarmos com o que foi escrito (figuras 20, 21 e 22). Sobre esse último aspecto – o silêncio – o olhar sobre as imagens juntas permite perceber de maneira mais clara a tentativa de amenizar a questão dos problemas ambientais gerados com o surgimento da Revolução Verde. Se, no texto, o assunto recebeu um amplo espaço para a discussão, nas imagens ele praticamente não apareceu. Insustentabilidade ficou associada aos centros urbanos. Quando o assunto foi tratar da insustentabilidade gerada por tal modelo de agricultura, não houve a mesma tentativa de tentar evidenciar em imagem os problemas ambientais. Pois, não foram os problemas gerados por esse processo que apareceram nas imagens, e sim a floresta “intocada” sem aparentes problemas.

Com uso das imagens os produtores da revista adicionaram à ideia da natureza equilibrada – aquela que existiria num tempo anterior – a ideia da natureza e sociedade harmônica, equilibrada e desenvolvida. Nessa nova fase, em que a natureza estaria integrada à civilização, existiria espaço para a continuidade daquilo que se entende como desenvolvimento.

As imagens juntas constroem assim uma história, um antes, um agora e um depois. Como textos a serem lidos, elas contribuem, juntamente com o texto escrito, na busca de construção de valores que se acredita devem ser vividos. Além disso, contribuem na produção e reprodução de sentidos como a de que a natureza já existiu e pode voltar a existir de modo equilibrado e, de que para que isso se torne possível, o caminho deve ser o de um desenvolvimento sustentável.

O texto das páginas 10 e 11 também tratou acerca do que consistia os *Caminhos para um desenvolvimento sustentável*. Várias metas foram apresentadas como aquelas que, se fossem seguidas, possibilitariam a existência de tal modelo que se caracterizaria, tanto por resolver problemas ambientais, quanto sociais como, por exemplo, as desigualdades sociais.

Nesse mesmo texto um resumo de todas as metas foi feito sob a ideia de que desenvolver com sustentabilidade consistiria em fazer sabendo utilizar os recursos naturais para que estes não se esgotem e buscar sempre “a manutenção do equilíbrio ambiental.”¹⁵⁸

¹⁵⁸ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, jul., de 2002. P.11.

O conceito de sustentabilidade pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas, ou ainda pode ser controverso e quase sempre maldefinido, mas, todos nós concordamos que ele traz como base um sentido ecológico. Talvez o conceito de desenvolvimento sustentável nos permita entender com mais clareza essa definição. Vejamos:

"O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades de sobrevivência das pessoas no presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades".

Ainda está difícil a compreensão?

Pois bem, vamos nos deter primeiramente no conceito de desenvolvimento sustentável e após na agricultura sustentável, que é uma das formas de sustentabilidade mais discutidas atualmente.

Traduzindo o conceito

Resumidamente podemos dizer que a nossa forma de desenvolvimento é insustentável, pois não há um equilíbrio entre tecnologia e ambiente, as desigualdades sociais estão presentes em toda parte e o meio ambiente está sendo agredido.

Hoje o homem está consciente de que desenvolvimento sustentável é desenvolver-se em harmonia com o planeta, sem destruí-lo, ou seja, permitindo que o nosso ambiente continue equilibrado, para que as gerações futuras tenham a chance de existir e viver bem, de acordo com as suas necessidades.

O que foi a revolução verde?

Poderíamos chamar a Revolução Verde de, a mãe da nossa atual agricultura, que surgiu após o término da Segunda Guerra Mundial movida pela visível crise de oferta no mercado de cereais e o aumento do crescimento demográfico. A revolução verde veio na forma de um pacote tecnológico, cuja meta era o aumento da produção e da produtividade das atividades agropecuárias, baseado no uso intensivo de insumos químicos, variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, expansão dos sistemas de irrigação e, também, na intensa mecanização das ações produtivas. A revolução verde também contribuiu para disseminar problemas ambientais, como erosão do solo, desertificação, poluição por agrotóxicos, perda de biodiversidade, uso intensivo dos recursos não-renováveis, contaminação química dos recursos naturais, entre outros impactos, além de trazer as desigualdades socioeconômicas em ambientes rurais.

Infelizmente, esta proposta, no início bem sucedida, com o tempo mostrou um padrão insustentável econômico e ambiental. Esses fatores somados levaram, nos últimos dez anos, ao surgimento de um novo paradigma para os sistemas produtivos agrícolas, dito como Sustentável. A expressão "agricultura sustentável" traz consigo um objetivo social produtivo, na qual busca a adoção de um outro padrão tecnológico que não use de forma predatória os recursos naturais e nem modifique tão agressivamente o meio ambiente.

(fonte: AGRICULTURA: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável - Regiane Alami)

Para fazer

Converse com seus avós como era a agricultura antes da mecanização.

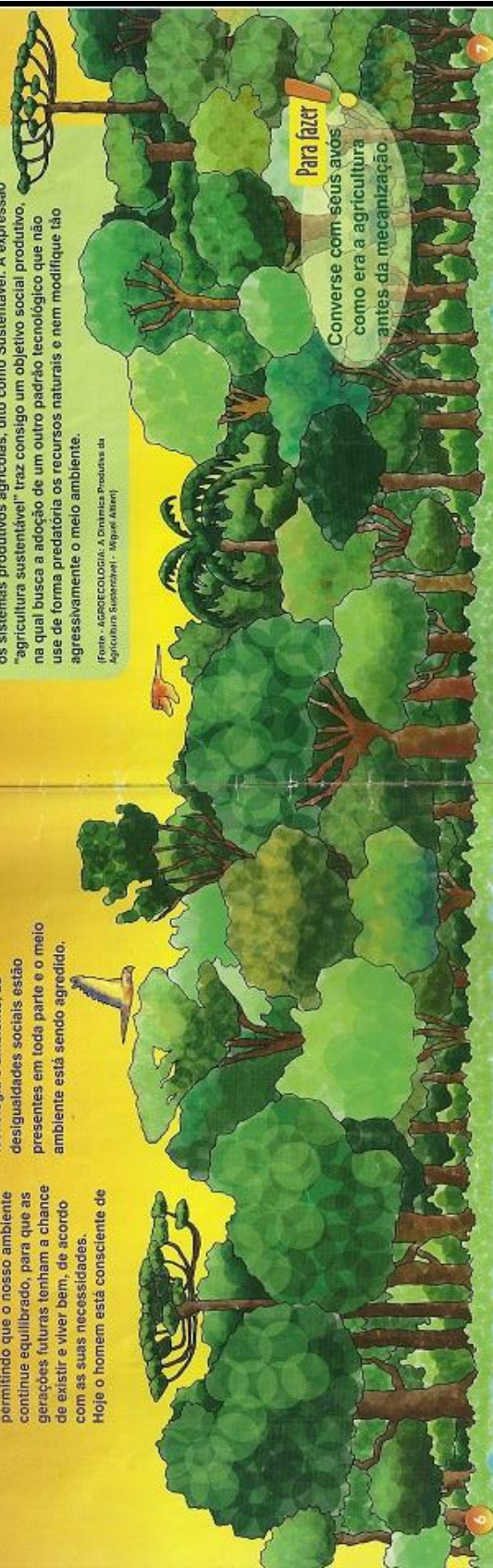


FIGURA 20.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº12, p.6/7, jul. de 2002.

A agricultura moderna é insustentável, pois ela não pode continuar a produzir alimentos suficientes para toda população do planeta nos tempos futuros, porque as práticas agrícolas por ela utilizadas não dão condições para que a terra e todos os fatores que envolvem a produção se renovem ou sejam renovados.

UM CAMINHO DE INSUSTENTABILIDADE PARA A AGRICULTURA

A agricultura é como um curso d'água, ao longo do qual, cada propriedade agrícola é um poço. Muitas coisas fluem para dentro das propriedades trazidas pelo curso d'água, e outras fluem para fora dela. Os produtores trabalham duro para manter suas próprias explorações agrícolas bem produtivas seja grãos, leite ou carne, sendo cuidadosos com o solo e com o que adicionam ao ambiente agrícola, retirando suas colheitas; assim, cada poço ou cada propriedade agrícola tem seu próprio zelador.

Antigamente, cada produtor conseguia manter seu poço d'água funcionando razoavelmente bem, e não precisava se preocupar muito com o que estava acontecendo a montante ou a jusante.

Mas hoje, essa história de "cada um cuida daquilo que é seu" tem seus limites, pois um produtor sozinho já não consegue mais controlar o que flui para dentro da sua propriedade. Muitas coisas indesejáveis vêm de fora, incluindo agrotóxicos, sementes de ervas daninhas, doenças e água poluída de outras áreas. Além disso, o produtor tem pouco controle sobre muitas das coisas que necessita, como a mão-de-obra, o mercado para os produtos agrícolas, água para irrigação e a terra agricultável. Somado a todos esses problemas vem a política agrícola, alterações do clima e do mercado. Todos esses fatores vão tornando o curso d'água bem turvo, e o trabalho de manter seu próprio poço

limpo torna-se muito mais difícil. Outros fatores ainda surgem em sua propriedade que também podem afetar as propriedades vizinhas, como, a erosão do solo e o esgotamento das águas subterrâneas, o uso inadequado ou ineficiente de agrotóxicos pode contaminar a água, o solo e o ar, bem como deixar resíduos nos alimentos. Tudo isso sinaliza para uma inevitável crise de insustentabilidade ecológica e social que se arma nos diversos cantos do planeta.

Principais fatores que tornam a civilização atual insustentável a médio e longo prazo:

- 1- crescimento populacional humano elevado;
- 2- diminuição das quantidades de recursos naturais;
- 3- os sistemas de produção (indústrias, fábricas, agricultura, etc.) obtêm sua produção gerando poluição e com pouca eficiência na utilização de suas fontes de energia;
- 4- o nosso meio tem cada vez

mais incentivado o aumento do consumo material;

5- temos um crescimento contínuo e permanente em um planeta finito;

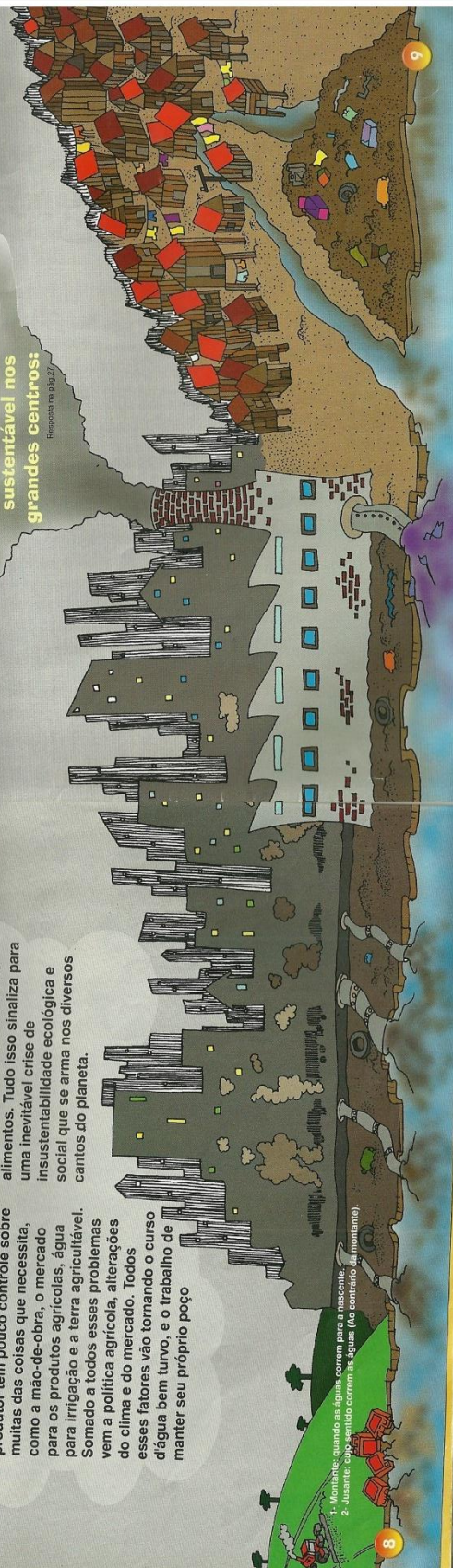
6- cada vez mais e mais rápido acumulamos materiais, energia e riquezas;

7- os sistemas de sustentação da vida estão sendo destruídos gradativamente;

8- estamos causando grandes alterações no planeta, no clima, relevo, topografia, nos ecossistemas, etc.

Observe a ilustração abaixo e identifique fatores que dificultam o desenvolvimento sustentável nos grandes centros:

Resposta na pág. 27



1. Montante: quando as águas correm para a nascente.
2. Jusante: captação e correção da água (do contrainfo da montante).

FIGURA 21.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº12, p.8/9, jul. de 2002.

Principais metas a serem seguidas:

- 1- satisfazer as necessidades básicas da população como: educação, alimentação, saúde, moradia, lazer, etc;
- 2- preservar os recursos naturais, água, solo, oxigênio, etc, a biodiversidade e os ecossistemas;
- 3- criar uma sociedade que garanta emprego, segurança e respeito às culturas;
- 4- diminuir o consumo de energia e desenvolver tecnologias que utilizem o uso de fontes energéticas renováveis;
- 5- promover a erradicação da miséria, do preconceito, do massacre de populações oprimidas;
- 6- permitir a efetivação dos programas educacionais.

Uma agricultura sustentável deve:

- 1- ter o mínimo de efeitos negativos no ambiente e não liberar substâncias tóxicas ou nocivas na atmosfera, água superficial ou subterrâneas;
- 2- preservar e recompor a fertilidade, prevenir a erosão e manter a saúde ecológica do solo;
- 3- usar a água de forma que os aquíferos possam ser recarregados e que satisfaça as necessidades hídricas do ambiente e das pessoas;
- 4- procurar usar os recursos disponíveis dentro da propriedade, incluindo as comunidades próximas, substituindo os insumos externos pela ciclagem de nutrientes;
- 5- trabalhar para valorizar e conservar a diversidade biológica, tanto de áreas silvestres como cultivadas;
- 6- garantir a igualdade de acesso a práticas, conhecimento e tecnologias agrícolas adequados a todos os produtores.

Fonte: Adaptado de: Comitê Agropastoril/Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável - 1. Agropastoril (1993)

Encontre a oncinha Lana na ilustração.

Agropastoril (1993)

Portanto, para que o desenvolvimento seja sustentável, a exploração dos recursos naturais deve ser feita em condições tais que as futuras gerações possam utilizar esses recursos e beneficiar-se de um processo contínuo e equilibrado, no qual a redução das desigualdades econômicas e sociais e a diminuição da pobreza sejam metas fundamentais. Além disso, deve preservar e recuperar os ecossistemas naturais e promover a reciclagem de materiais, buscando sempre a manutenção do equilíbrio ambiental.

Uma floresta é um verdadeiro exemplo de sistema sustentável, é com ela que aprendemos a construir a sustentabilidade.

Curiosidades

Petrobras desenvolve reator capaz de purificar terra contaminada

A Petrobras, depois de enfrentar diversos processos judiciais devido a vazamentos de óleo, está desenvolvendo em seu Centro de Pesquisas um reator capaz de purificar a terra contaminada por meio de um processo biológico que evita a poluição do ar. Um protótipo capaz de filtrar 12 kg de terra contaminada já foi criado, mas o próximo passo é a criação de um que suporte 100 kg ou mais e, finalmente, produzir um modelo definitivo para escala industrial.

Fonte: Associação de Comunicação, CUBA

Do que trata o protocolo de Kyoto?

Refere-se à conferência de Kyoto, realizada em dezembro de 1987, quando foi assinado um protocolo de mudança climática, que definiu compromissos de redução de gases poluentes dos países desenvolvidos, estabelecendo mecanismos flexíveis de cooperação entre os países, para cumprir metas no sentido de diminuir o efeito estufa.

Fonte: Folha de São Paulo

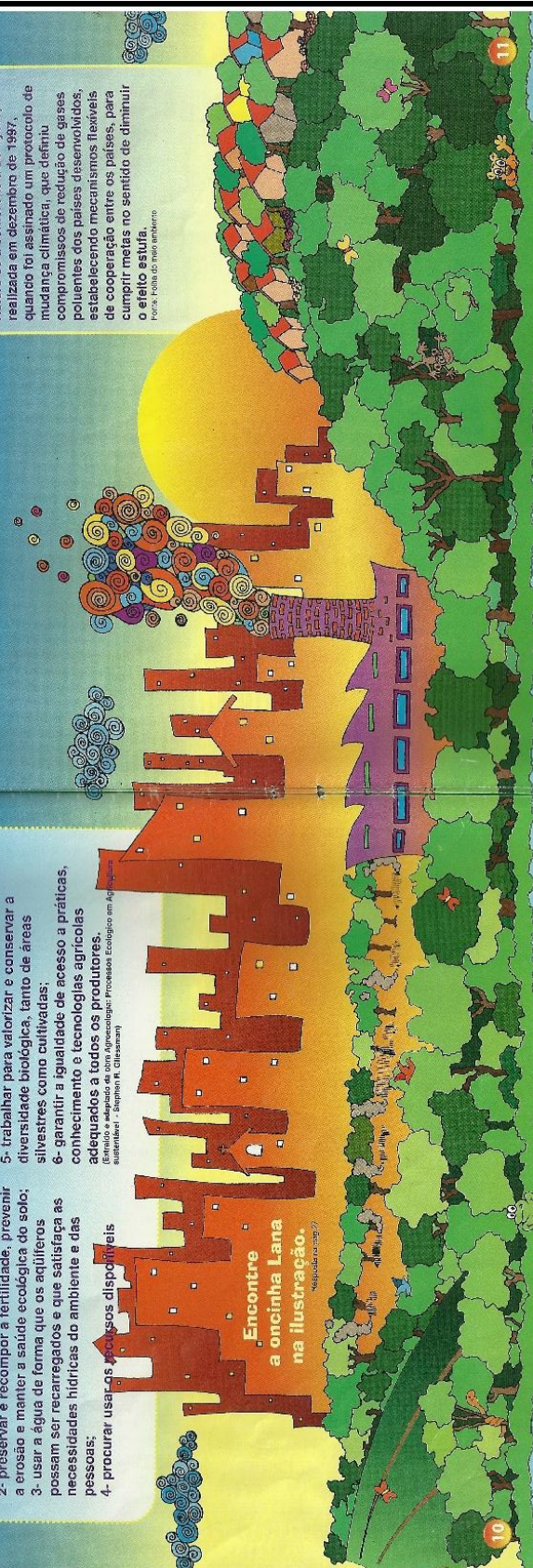


FIGURA 22.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº12, p.10/11, jul. de 2002.

Como afirmado por Menarin, ao pensar os usos sobre o conceito de sustentabilidade, “o que se encontra em torno de tal sustentabilidade parece antes de tudo um movimento de adequação do sistema a uma ‘exploração racional’ dos recursos”. Para esse autor a ênfase de tal ideia continua acontecer nos âmbitos da economia sob a roupagem de uma “economia verde”.

Nessa direção, Menarin estabelece comparações entre a atual proposta de desenvolvimento sustentável e a ideia de desenvolvimento que se difundiu após a Segunda Guerra Mundial. Para o autor, em ambos os casos, se arroga ao desenvolvimento as forças da mudança:

O discurso em torno da erradicação da pobreza por meio da alteração do estilo de desenvolvimento também remete à década de 1970 com o conceito de *ecodesenvolvimento* já mencionado. (...) Novamente o desenvolvimento é considerado a única saída para essas populações, mas não se discute os mecanismos de desenvolvimento interno desses países, dada as condições de inserção deles no sistema mundial de competitividade globalizada. Como erradicar a pobreza dessas zonas periféricas sem alterar a estrutura do sistema mundial? *Sob essa perspectiva, a questão da erradicação da pobreza comparece como justificativa para se buscar a eficiência econômica e o desenvolvimento respeitoso com os limites dos ecossistemas do planeta.*¹⁵⁹ (Grifos meus).

Novamente, é creditada ao desenvolvimento a solução para os problemas sociais, como a erradicação da pobreza. Mas esse novo modelo de desenvolvimento incluiria o uso respeitoso daquilo que seria de algum modo de todos: os ecossistemas do planeta. Daí, surgiu a noção de um desenvolvimento que pensa nas gerações futuras e na possibilidade de sua existência, e que por isso passaria a desenvolver com responsabilidade social e ambiental. Valores esses que também nos falam acerca do projeto de sociedade de tal desenvolvimento, presente na *Amigos da Natureza*. Proposta que se pauta na manutenção de padrões sócio-econômicos, políticos e culturais vividos, realizando nestes apenas algumas adaptações, tais como: o uso “adequado” dos recursos naturais, a conservação e/ou preservação do meio ambiente, o uso adequado e eficiente de agrotóxicos, etc.¹⁶⁰

¹⁵⁹ MENARIN, Carlos Alberto. Sustentabilidade, a Palavra e o Conceito: uma Aproximação (1992-2012). Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2, 2012, Florianópolis. **Anais do 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis: UFSC, 2012. P.1543.

¹⁶⁰ Muitas outras edições apontaram a ideia de um desenvolvimento sustentável como sendo “a” solução para resolução dos problemas ambientais. A edição de junho de 2006, intitulada *Mundo Sustentável* foi uma delas. Nesta edição, quase quatro anos depois, abordou-se novamente a forma de desenvolvimento como aquele que permitiria a existência de harmonia no planeta. A partir deste também seria possível lutar pela “preservação e recuperação dos ecossistemas naturais e da biodiversidade, bem como a execução da reciclagem de materiais,

2.3 AGRICULTURA, DESENVOLVIMENTO E MUDANÇA DA AMIGOS DA NATUREZA

A agricultura, pode-se dizer, consistiu em um dos temas mais abordados na *Amigos da Natureza*. Ao abordar a água, sua importância e seus usos, o tema agricultura esteve presente na discussão, principalmente, enquanto uma atividade que consumiu grande parte da água potável existente no planeta. Ao tratar da contaminação da água, o debate acerca dos agrotóxicos utilizados na agricultura surgiu como uma das preocupações. Pois, o uso foi apontado como um dos responsáveis pelo comprometimento da qualidade da água ao serem utilizados de forma “inadequada”. Ao defender a conservação do meio ambiente se pôde perceber uma grande preocupação em apresentar alternativas que permitiram a continuidade da expansão da agricultura aliada à preservação do meio ambiente. Quando o assunto em pauta tratou do lixo e da reciclagem a questão das embalagens de agrotóxicos, seu manuseio e descarte fizeram parte das discussões.

Apesar dos produtores da *Amigos da Natureza* produzirem um material que ao longo de uma década, passou a ser cada vez mais distribuído para outros estados, um dos assuntos mais abordados na revista – a agricultura – foi aquele que teve maior importância para a região na qual a Editora está localizada. Outros assuntos como, por exemplo, a urbanização que possui relação estreita com o processo de industrialização que os próprios editores tratam enquanto marco de uma crise ambiental recebeu poucas edições destinadas a discuti-lo. Interessante ainda perceber a ligação de discussões como água e agricultura, pois ambos têm sido alvo de preocupações e projetos também na região. Um exemplo disso, consiste no programa Cultivando Água Boa, de responsabilidade da Itaipu Binacional, e que como as próprias divulgações da revista apontaram ter recebido inúmeros prêmios, devido ao trabalho realizado.¹⁶¹ No que se pode perceber, os produtores da *Amigos da Natureza* buscaram um meio de realizar debates a partir de interesses locais, mas que não impossibilitam a venda de seu material para outros estados, já que consistem em temas que fazem parte em âmbito mais geral das pautas das preocupações ambientais.

buscando sempre a manutenção do equilíbrio ambiental.” Os temas da agricultura e de sua “insustentabilidade” foram abordados também nessa edição como diretamente ligados ao processo conhecido como *Revolução Verde*. A preocupação apresentada foi a de que em pouco tempo a agricultura não conseguirá mais fornecer alimento suficiente para suprir a população do planeta devido, por exemplo, ao “declínio da produtividade local e regional” entre outros fatores. AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.56, jun. de 2006.

¹⁶¹Um exemplo do anúncio de tais prêmios podem ser observados na edição de dezembro de 2005 em que se abordou o recebimento de um prêmio especial que o Programa teria ganho durante o evento Carta da Terra + 5 realizado em Amsterdã na Holanda. In AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.51, dez. de 2005. P.12 e 13.

Na análise das propostas que foram elencadas para a agricultura, podemos perceber mais claramente os rumos que a perspectiva de desenvolvimento sustentável foi tomando e também que projeto de sociedade estava sendo defendido pela *Amigos da Natureza*.

Na edição de março de 2003, o tema ligado à agricultura foram os agrotóxicos.¹⁶² Na capa, uma caveira dirige um trator soltando agrotóxico (ver figura 23, p.113). Embaixo, um caracol caminha de máscara e com uma pequena chaminé em meio ao veneno. Logo acima, se pode ler *Agrotóxicos os grandes vilões da contaminação ambiental*. A imagem é a maior da capa – as outras se referem às demais matérias a serem abordadas nessa edição.

A imagem causa impacto ao atentarmos para o conjunto do esqueleto humano dirigindo, da caveira, na parte de trás do trator, e da apresentação dos agrotóxicos como vilões contaminadores. Agrotóxicos que aparecem como nocivos não apenas ao ser humano – representado pelo esqueleto humano – mas também para o meio ambiente – como, por exemplo, para os animais representados pelo caracol. Um pouco acima da imagem, pode-se ver também o desenho, em plano menor, de um homem usando equipamentos de proteção (EPIs) com uma embalagem nas mãos para realizar a tríplice lavagem, o que se pode perceber juntamente com a frase que acompanha o desenho: “como fazer a tríplice lavagem”. Na capa a preocupação maior foi a de apontar o uso dos agrotóxicos como um grande problema. O mesmo, não ocorreu no interior da revista. Pois, foi a imagem com menor visibilidade na capa – o de como usá-los corretamente – que ganhou maior atenção nas matérias sobre o assunto.

¹⁶²AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.20, março de 2003.

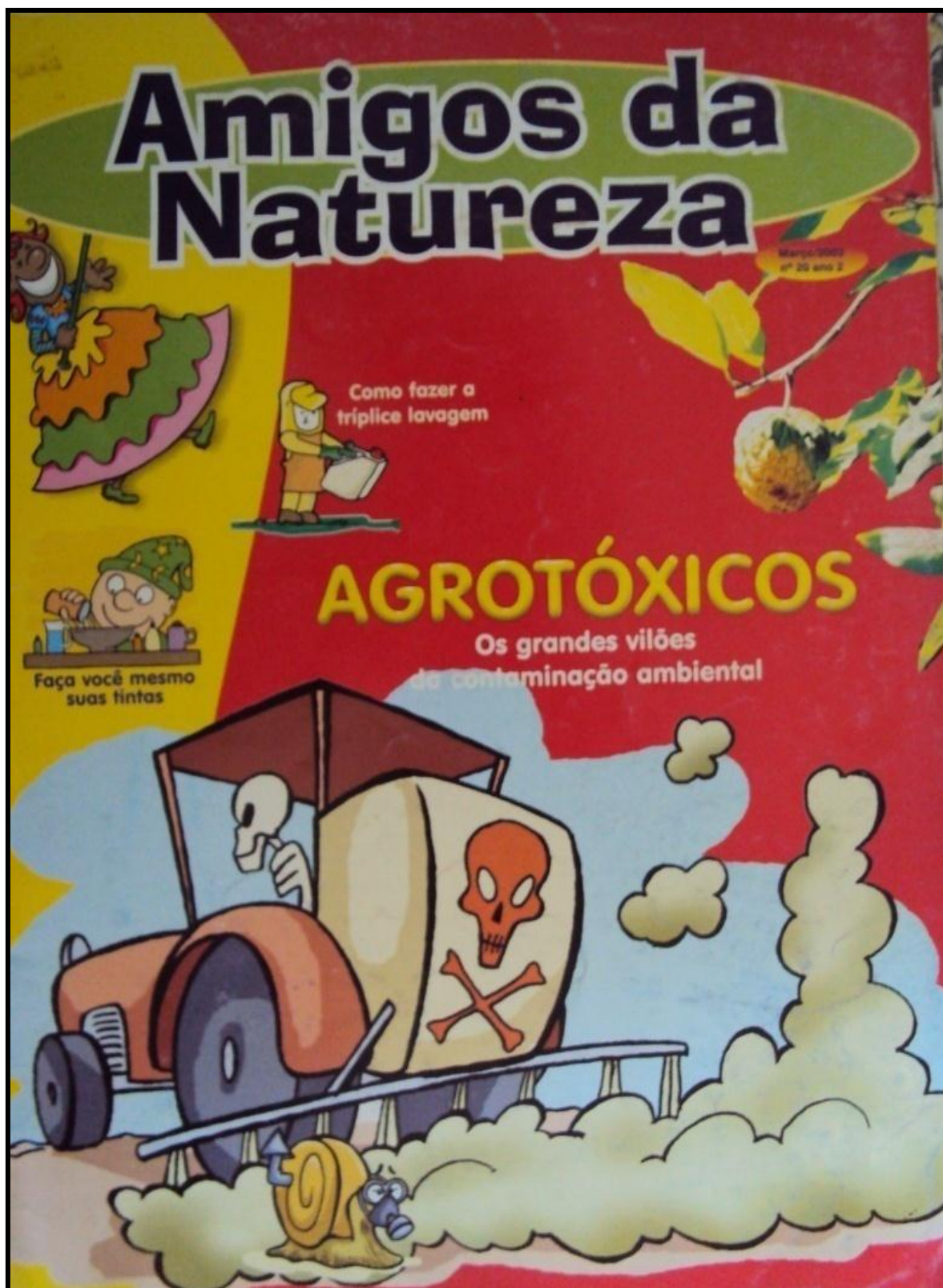


FIGURA 23.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº20, capa da edição, mar. de 2003.

O editorial tratou de como a agricultura aumentou de forma “espetacular” nos últimos tempos, mas trouxe com elas impactos ambientais como:

Além da erosão e degradação do solo pela perda da biodiversidade e a prática da monocultura, *não podemos deixar de destacar o uso indiscriminado dos agrotóxicos*, metais pesados e fertilizantes químicos potencialmente contaminantes, que colocam em risco a vida no Planeta.¹⁶³

No texto, os problemas com agrotóxicos e insumos agrícolas foram apresentados diante de seu uso “indiscriminado”; ou seja, daquele que foi usado de qualquer modo e em grande excesso. Desse modo, já, nas primeiras considerações, a discussão foi se dirigindo para o modo como esses têm sido usados, e não para as consequências de seu uso apresentado em capa. Nesse sentido, afirmou-se que várias propostas estariam surgindo para resolver tais impactos como: “o desenvolvimento sustentável, a agricultura sustentável, a agricultura orgânica, a agroecologia”.¹⁶⁴ Entretanto, tais alternativas foram entendidas como aquelas que ainda não dariam conta de atender a demanda de consumo da população. E enquanto essas alternativas não se efetivassem, a “arma” que se acredita deveria ser utilizada é a da EA. Assim, o objetivo da discussão do assunto seria o de “esclarecer principalmente o perigo que os agrotóxicos representam e alguns dos cuidados com o manejo dos mesmos”.¹⁶⁵ Estratégias de cuidados pontuais, já, que uma solução mais efetiva para o assunto não teria sido visualizada.

O tema dos agrotóxicos começou a ser discutido na página 6, e só terminou na 15, perpassando as seções *O assunto é...*, *Salva-Vidas* e *Passatempo* (esse último consistindo em atividades para o leitor). Em *O assunto é...* buscou-se trabalhar com questões gerais sobre produção de alimentos. Uma pequena contextualização sobre a produção trouxe o tema da modernização da agricultura que, para aumentar a produtividade teria introduzido o uso dos agrotóxicos e máquinas agrícolas. Os demais temas abordados foram o “desenvolvimento tecnológico”, a lei sobre agrotóxicos, informações sobre seu uso na agricultura. Um último texto discutiu a baixa eficiência do uso desses produtos na agricultura e ressaltou a consideração de um pesquisador que teria declarado que “a aplicação de agrotóxicos é provavelmente o processo mais ineficiente que o homem já praticou até hoje.”¹⁶⁶ Entretanto, ao virar a página o leitor se depara com dois textos intrigantes. O primeiro, foi intitulado como *O outro lado da história*, em que se afirmou que se não fossem “os agrotóxicos a

¹⁶³ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.20, mar. de 2003. P.03.

¹⁶⁴ AMIGOS DA NATUREZA, mar. de 2003, loc. cit.

¹⁶⁵ AMIGOS DA NATUREZA, mar. de 2003, loc. cit

¹⁶⁶ Ibid., p.07.

quantidade de terra utilizada para o plantio no planeta teria que ser três vezes maior do que é hoje”.¹⁶⁷ Tal ideia encaminhou a discussão para a necessidade do uso de tais produtos.

Assim, o texto: *O mal necessário*, visou passar a ideia de que o que nos resta por enquanto é “usar adequadamente os agrotóxicos”¹⁶⁸ porque sem eles, não haveria como controlar efetivamente perdas na produção. Desta feita, se na capa os agrotóxicos foram apontados como grandes vilões da contaminação ambiental, no desenrolar do texto a ideia foi sendo amenizada sob a perspectiva de que também é necessário observar “outros” lados dessa história. Nesse “outro lado da história”, por sua vez, os agrotóxicos foram entendidos como um “mal necessário”, ou seja, algo que apesar dos danos que causam, precisam continuar a ser utilizados para que se possa alimentar a população, restando como função de uma EA trazer informações para que estes sejam utilizados “adequadamente”.

Interessante perceber que as imagens que acompanharam o texto no interior da revista também tentaram passar uma visão mais amena da situação. Mais do que isso, essas imagens atuam como evidências do que consistiria no jeito certo de utilizar os agrotóxicos, os meios de se proteger. Por isso, a primeira delas também apresentou a aplicação de agrotóxicos sobre um campo cultivado, mas nessa só é possível ver os braços de quem dirige o trator (ver figura 24, p.116). No outro lado, um homem pulverizando agrotóxico com máquina costal usa os equipamentos de proteção (EPIs), e nesse campo cultivado, não apareceram possíveis problemas ambientais causados pelo uso de tais produtos químicos.

Já, a imagem das páginas 8 e 9 apresentou como o problema da contaminação das águas por agrotóxicos agride os animais e o próprio ser humano, quando este, por exemplo, se alimenta dos peixes do rio (ver figura 25, p.117). Nesta, as embalagens foram também apresentadas com caveiras, ainda que tenham sido desenhadas com uma expressão humorada, descaracterizando um pouco a própria noção de perigo que se traz ao se apresentar uma caveira humana nas embalagens desses produtos.

O desenho também buscou apresentar uma cadeia alimentar. Ao observá-lo podemos perceber seu contraste com a própria concepção de natureza apresentada em outras edições como um espaço harmônico. Na cadeia alimentar representada, os animais maiores se alimentavam dos menores na busca pela sobrevivência. Uma imagem que em nada lembra um espaço harmônico.

¹⁶⁷ Ibid., p.06.

¹⁶⁸ Ibid., P.08 e 09.



AGROTÓXICOS: os grandes vilões da contaminação ambiental

A produção de alimentos

A produção de alimentos se dá por meio da prática da agricultura e da pecuária e o rendimento desta produção enfrenta a concorrência de outros sistemas biológicos vegetais, animais, microbianos ou parasitários. Desta forma, o processo de modernização da agricultura, nos anos 60, introduziu o emprego de novas variedades de plantas mais produtivas e dependentes de adubos químicos, uso intensivo de herbicidas, bactericidas, fungicidas, acaricidas, parasiticidas, inseticidas, enfim, agrotóxicos e máquinas agrícolas para aumentar os índices de produtividade.

O desenvolvimento tecnológico

Além de todos os benefícios e bem-estar, o desenvolvimento tecnológico tem produzido efeitos adversos e de intensidades variáveis no ambiente. Eles afetam principalmente os organismos que com ele coabitam e também a sua própria qualidade de vida. O uso crescente de agrotóxicos na agropecuária moderna tem favorecido a obtenção de grandes produções de alimentos, mas também causado efeitos indesejáveis a organismos benéficos atingidos indiretamente.

A lei

A Lei Federal define "Agrotóxicos" como sendo: "Os produtos e os componentes de processos físicos, químicos ou biológicos destinados ao uso nos setores de produção, armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas nativas ou plantadas e de outros ecossistemas. Também em ambientes urbanos,

hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora e da fauna, a fim de preservá-la da ação danosa de seres vivos considerados nocivos. Além desses componentes, os agrotóxicos compreendem ainda os desfolhantes, dessecantes, estimuladores e inibidores de crescimento".

Eles são...

Os agrotóxicos são produtos utilizados não apenas na agricultura, apesar do seu consumo ser em grande maioria destinado à produção agrícola. Mas, não podemos ignorar a sua utilização em ambientes urbanos, sendo tais produtos vendidos indiscriminadamente em qualquer estabelecimento comercial.

Seu uso na agricultura

O impacto no ambiente e nas pessoas ocorre pela utilização imprópria e indiscriminada, mas também pelo uso normal dos agrotóxicos na agricultura. De modo geral, devido à imprecisão da tecnologia empregada, de 50% a 80% do que é aplicado vai para o ambiente, contaminando o ar, o solo e, consequentemente, a água e os organismos vivos, comprometendo os ecossistemas.

Um exemplo

Considerando que a dose letal de um determinado inseticida para matar uma lagarta seja de 0.003g. Suponha que em um hectare exista uma população de 1 milhão dessas lagartas. Seriam necessários, então, somente 30mg do inseticida por hectare para matar todas as lagartas, isso se fosse possível colocar todo inseticida sem perda, isto é, com eficiência de 100% na aplicação. Mas na prática, se faz necessário colocar na cultura, mais de 3.000 vezes essa quantidade.

Diante de tão baixa eficiência, um pesquisador declarou que a aplicação de agrotóxicos é provavelmente o processo mais ineficiente que o homem já praticou até hoje.

A baixa eficiência foi dramatizada com a seguinte comparação: imagine um soldado munido de uma metralhadora que dispara 4 tiros por segundo; se esse soldado atirasse com a mesma eficiência do combate a insetos, deveria atirar ininterruptamente durante 29 dias (isto seria mais do que o mês inteiro de fevereiro) para ter certeza de que pelo menos um tiro acertaria o inimigo!

Atenção!

Como é feito o controle de insetos na sua casa? É usado algum tipo de inseticida?

2-Agrotóxicos: este grupo de agrotóxicos citado, possui fins diferentes conforme o controle que se quer alcançar. Assim, inseticidas, são usados para controlar pragas e doenças das plantas, fungicidas, para eliminar fungos, bactericidas para o controle de bactérias, parasiticidas, para matar parasitas e inseticidas, insetos.

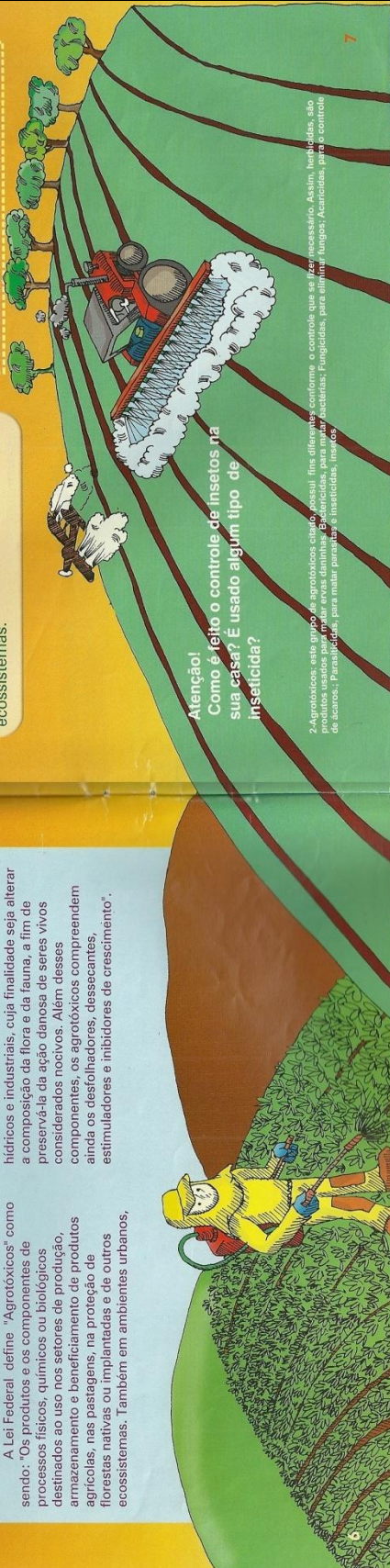


FIGURA 24.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº20, p.6/7, mar. de 2003.



A Biomagnificação dos Agrotóxicos

Quando os agrotóxicos são aplicados nos agroecossistemas, eles sofrem uma série de reações e redistribuem-se nos diversos componentes deste ambiente, contaminando-os. Com seu uso intensivo podemos dizer que estes compostos estão presentes em todos os tipos de ambientes e ecossistemas do mundo.

O termo biomagnificação surgiu para expressar o acúmulo dos agrotóxicos nos diversos *níveis tróficos* das cadeias ecológicas dos ecossistemas.

grupo de consumidores. Esses por sua vez, se constituirão em alimento para outro grupo e assim sucessivamente.

A cadeia alimentar tenta representar, de forma simples, as possibilidades de interrelações entre os organismos de um ecossistema. É uma sequência de seres vivos, uns servindo de alimento aos outros, sucessivamente.

Níveis tróficos das cadeias ecológicas ou cadeia alimentar são os diversos níveis que compõem a cadeia alimentar.

Os vegetais constituem-se no primeiro nível trófico da cadeia e são formados por sucessivas transformações do fluxo de energia solar em matéria viva e que, por sua vez servirão de alimento a um

O outro lado da história

Os agrotóxicos têm sido considerados os grandes vilões da contaminação ambiental. Entretanto, não fossem eles, juntamente com outros agroquímicos, teríamos que utilizar uma área de terras 3 vezes maior para produzir a mesma quantidade de alimento, o que seria insustentável para o próprio Planeta. Só nos tornamos uma população de 6 bilhões de habitantes porque, se antes, nas condições primitivas, se necessitava de 2.500 hectares de terras para alimentar uma pessoa, hoje, com o avanço da ciência e da tecnologia, esta mesma área é capaz de alimentar, em média, 36.000 seres humanos.

Como ela ocorre?

A biomagnificação é o processo pelo qual a concentração dos agrotóxicos e também de outras substâncias químicas persistentes (como o cádmio, mercúrio etc.), aumentam à medida que se movem pela cadeia alimentar. É a transferência de um elemento químico de um ser vivo para outro, de tal forma que as concentrações vão se tornando cada vez maiores, na medida em que se atinge o final da cadeia alimentar. Entre os fatores que influenciam a magnificação biológica está a afinidade da substância por tecidos adiposos, sua persistência e os efeitos concentradores da cadeia alimentar.

dessas substâncias em seus organismos. Peixes maiores que se alimentam dos pequenos também se contaminam, elevando a concentração tóxica, que pode atingir aves em concentrações mais elevadas e o próprio homem, quando se alimenta de peixes contaminados, com graves prejuízos à saúde dos animais e seres humanos.

O fenômeno pode atingir cadeias alimentares inteiras a partir de pequenas concentrações tóxicas. Basta que num lago ou rio, por exemplo, microorganismos aquáticos retenham pequena concentração de um clorado, proveniente de uso agrícola.

Pequenos peixes que se alimentam desses microorganismos potencializam essa intoxicação, aumentando a concentração

Para fazer
Com a ajuda de seu professor faça um levantamento sobre o uso de agrotóxicos na sua região:

- tipos de agrotóxicos mais usados
- formas de aplicação
- ver como é feito o descarte de embalagens

Mal necessário

A necessidade do uso de agrotóxicos para evitar que as pragas, doenças e ervas daninhas provoquem perdas significativas na produção parece ainda incontestável no meio agropecuário brasileiro, embora esforços tenham sido feitos para mudar essa realidade.

Diante disso, nos resta usar adequadamente os agrotóxicos como prática constante, com a finalidade de se obter os melhores resultados na produção, evitando os possíveis problemas de intoxicação, poluição ambiental e contaminação dos alimentos, animais e do homem, bem como a busca de práticas alternativas como manejo integrado que inclui: controle biológico, uso de variedades resistentes, controle mecânico e cultural.

FONTE: MACHADO NETO, J.G. Ecotoxicologia de agrotóxicos. Jaboticabal, FCAV-UNEP, 1991. 493p. I. Fundamentos da tecnologia de aplicação de agrotóxicos.

5- Inseticidas doreados: é um grupo de inseticidas que surte efeito o cloro na sua molécula. O principal representante deste grupo é o DDT.

9

8

FIGURA 25.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº20, p.8/9, mar. de 2003.

Outro texto presente nessas páginas buscou explicar o processo conhecido como biomagnificação dos agrotóxicos.

Processo pelo qual a concentração dos agrotóxicos e também de outras substâncias químicas persistentes (como o cádmio, mercúrio, etc.), aumentam a medida que se movem pela cadeia alimentar. É a transferência de um elemento químico de um ser vivo para outro, de tal forma que as concentrações vão se tornando cada vez maiores, na medida em que se atinge o final da cadeia alimentar.¹⁶⁹

A ideia que buscou-se passar foi a de que tal processo estava relacionado ao uso intensivo dos agrotóxicos que se acumulam no ambiente. Já, a imagem na mesma página representa o mesmo processo, mas passando a ideia de que o fenômeno ocorre quando há usos inadequados dos agrotóxicos, o que se pode perceber através das embalagens de agrotóxicos que estão à beira do rio e assim contaminariam a água dando início à biomagnificação. Ao tentar retratar o fenômeno pelas imagens novamente a questão foi deslocada para a ideia de uso incorreto de tais produtos, ficando diluída a discussão de que os usos adequados ou inadequados traziam consequências para o ambiente e assim para os seres humanos.

Já, nas páginas 12 e 13 o desenho que acompanhou a explicação sobre a tríplice lavagem não tinha caveiras indicando perigo (ver figura 26, p.119). Assim, a noção denunciadora sob a qual o tema foi abordado em capa foi sendo amenizada no corpo do texto e das demais imagens, sob a ideia de que eles são necessários e de que seu uso adequado já resolveria grande parte do problema. A ponto de na última imagem os símbolos que representam o perigo nem chegar a aparecer.

¹⁶⁹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.20, março de 2003. P.09.

Salva-vidas

Na lavoura

- Consulte um técnico sobre o agrotóxico mais indicado para a sua cultura, evitando o uso inadequado;
- Antes de fazer qualquer coisa confira se o tanque do pulverizador está sem vazamentos;
- Pulverize em horário de menor sol e com menos vento, evitando a propagação para outras áreas de plantio;
- Não fume, beba ou coma durante a pulverização;
- Evite misturar a roupa de aplicação com outras roupas na hora de lavar usando luvas para o manuseio;
- Não queime, nem entere as embalagens. Ao enterrar o material vazio, o agricultor diminui a área útil de sua lavoura e cria um foco permanente de contaminação do solo e subsolo.
- Após a aplicação, não esqueça de fazer a tríplice lavagem, que consiste-se em lavar as embalagens vazias com água antes do descarte, colocando a água contaminada no tanque do pulverizador.

Como fazer a tríplice lavagem

Passos:

- 1º) na embalagem vazia, coloca-se um quarto de água limpa;
- 2º) fecha-se a embalagem e em seguida agita-se bem por alguns segundos;
- 3º) despeja-se essa água no tanque do pulverizador.

Importante: os 3 passos devem ser repetidos por 3 vezes. Em seguida a embalagem deve ser furada mantendo o rótulo e guardada no mesmo local onde são armazenados os agrotóxicos.

- * a tríplice lavagem deve ser feita na própria lavoura e com uso de EPIs.
- * verifique se em seu município existe coleta destas embalagens ou peça orientação a um técnico de como fazer o descarte das mesmas.
- * não reutilize embalagens vazias, nem mesmo após a tríplice lavagem.

Respeite o período de carência ou intervalo de segurança, que é o tempo entre a última aplicação do inseticida e a colheita. Portanto se um inseticida for aplicado no dia 1º e seu período de carência é de 15 dias, apenas consuma a partir do dia dezesseis, pois esse é o tempo necessário para degradação do produto.

Em casa

Antes de consumir frutas, verduras e legumes, lave bem com água em abundância.

Ao adquirir qualquer produto

Observe as faixas coloridas na embalagem que indicam o nível de toxicidade, procurando evitar os de faixa vermelha, que são os extremamente tóxicos.

No supermercado

Ao adquirir frutas, verduras e legumes dê preferência a alimentos orgânicos ou ecológicos.

Resolva a palavra cruzada identificando as cores e conheça as classes toxicológicas dos agrotóxicos:



- 1 Classe I - _____ - extremamente tóxico
- 2 Classe II - _____ - altamente tóxico
- 3 Classe III - _____ - medianamente tóxico
- 4 Classe IV - _____ - pouco tóxico

Fonte: Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Não esqueça!
Todos eles são tóxicos e com maior ou menor intensidade prejudicam a saúde.



ECOTOXICOLOGIA: é o ramo da toxicologia que se refere ao estudo dos efeitos tóxicos causados pelos poluentes naturais e sintéticos sobre os constituintes dos ecossistemas. Estuda a contaminação das cadeias biológicas animais, vegetais e microbianas, principalmente as relacionadas à alimentação humana.

6. Sintéticos: produtos desenvolvidos artificialmente pela indústria química.
7. Microbianos: são microrganismos causadores de fermentações responsáveis pela decomposição da matéria orgânica.

FIGURA 26.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº20, p.12/13, mar. de 2003.

Na seção *Salva- Vidas* foram elencadas várias dicas de como se proteger dos agrotóxicos, a maneira correta de se usar equipamentos de segurança (EPIs), cuidados na lavoura, e a forma correta de fazer a tríplice lavagem. Novamente, as imagens foram utilizadas no sentido de ajudar a evidenciar aquilo que consistia na maneira correta de se proteger da contaminação por agrotóxicos e consequentemente, já amenizar os problemas ambientais. A matéria também buscou informar sobre formas de contaminação por agrotóxicos: “exposição ocupacional – ocorre durante o manuseio na atividade de trabalho” e “exposição ambiental – ocorre ao ingerir alimentos contaminados, água e ao respirar ar impuro”.¹⁷⁰ Diante disso, se falou dos cuidados que se deve ter com o manuseio desses produtos químicos. A discussão feita não deixa de possuir sua importância. Todavia, o modo como foi realizada apontou muito mais para a manutenção do atual modelo de agricultura e não para possíveis mudanças, como faz pensar num primeiro momento, os produtores da *Amigos da Natureza*.

O tema da agricultura foi trabalhado inúmeras vezes nos dez anos de existência da revista. Em todas os agrotóxicos apareceram enquanto necessários e as discussões encaminharam-se para o uso adequado. Em todas elas o uso adequado tanto do solo, como dos defensivos agrícolas foram tratados enquanto práticas eficazes de proteção ambiental. EA e “consciência ambiental”, nesses casos constituíram-se em sinônimos de saber utilizar tanto o solo quanto os produtos químicos adequadamente.

Nesse sentido, perceber que a revista se insere em um espaço em que a agricultura é principalmente de monocultura para exportação é de fundamental importância para entender as características desses diálogos evidentemente, sem justificá-los. Os temas apresentados ligados à agricultura defendem determinados projetos que também estão nas pautas de discussão da região. O uso de agrotóxicos para plantação do mesmo modo que em outros lugares do Brasil, tem sido entendido como de fundamental importância para a continuidade da produtividade em grande escala. O posicionamento da revista não tem sido o de oposição a tais práticas, mas sim, o de apontar caminhos que as possam tornar “menos prejudiciais ao meio ambiente.”

¹⁷⁰ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.20, março de 2003. P.10.

Vale ainda, pensar que o diretor e dono da *Amigos da Natureza* também tem como uma de suas produções em sua outra Editora – *O Presente* – um jornal destinado a discutir questões voltadas ao agronegócio. Ou seja, de atividades voltadas a um mercado para exportação tendo como preocupações centrais de suas discussões não apenas a monocultura da soja e do milho, mas também a produção para exportação de suínos, bovinos e aves. Nas pautas de *O Presente Rural* encontram-se informações tais como: tratamentos dos animais que garantem a qualidade para a exportação; contribuições tecnológicas para a plantação como, por exemplo, a irrigação; nutrição animal; expectativas de mercado como o fortalecimento ou enfraquecimento da economia em volta do agronegócio, entre outros. Lembrar disso se faz necessário para entender inclusive os posicionamentos dos editores da *Amigos da Natureza* na discussão de temáticas como a agricultura, os agrotóxicos, ou como veremos em relação ao uso dos cultivares transgênicos.

Em outubro, do mesmo ano – 2003 – na capa da edição, um desenho de uma vagem de soja transgênica ocupou a maior parte da página (ver figura 27, p.122). A vagem veio acompanhada por um ponto de interrogação em sua parte superior e com a carinha de um anjo e do diabo, uma de cada lado seu. Acima, escrito em letras garrafais grandes o título *Transgênicos*. Imagens e textos menores que correspondem aos anúncios das demais matérias da edição também contribuíram, quando observadas como um todo, a compor uma determinada ideia sobre a discussão dos transgênicos.

“A bruxa anda solta”, “Eles metem medo nas crianças”, “Transgênicos”, bom ou ruim; do bem ou do mal? Olhados juntamente no retângulo da revista essas imagens e frases dão a tonalidade da discussão sobre os transgênicos, assunto que estaria colocando medo na população e gerando muitas dúvidas.



FIGURA 27.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº27, capa da edição, out. de 2003.

O editorial da edição reforçou as mesmas ideias de capa. Além disso, leva a compreender melhor os motivos que levaram seus produtores a trazer esse tema para o debate naquele momento: “Neste mês de outubro a Revista *Amigos da Natureza* traz para o debate os transgênicos. O momento é oportuno, pois iniciamos o preparo do solo para a nova safra, e o plantio da soja transgênica ainda gera grandes discussões”.¹⁷¹ O debate foi justificado em relação ao período da safra de soja que estava para se iniciar no mês de outubro. Pode-se perceber aqui, mais uma vez, os vínculos das discussões sobre agricultura abordadas na revista com a dinâmica dessa prática nesta região em que o material é produzido. Pois os produtores da revista se preocuparam em trazer o tema para o debate justamente no momento em que se iniciava o plantio na região. O cultivo de grãos no Paraná, como em outras áreas do Brasil, tem recebido atenção especial. A grande maioria dos produtores rurais tem investido neste plantio que se destina à exportação. Os transgênicos, por sua vez, têm sido entendidos pela maioria desses agricultores como uma oportunidade de aumentar sua produção e evitar perdas. Para além do início do plantio, a motivação para produzir informações sobre os transgênicos na *Amigos da Natureza* pode estar relacionada ao fato de que naquele ano havia um acirrado debate sobre a liberação ou não do uso de sementes geneticamente modificadas no Paraná. No final do mesmo mês de publicação da edição da revista, o governo do Estado decidiu pela aprovação da Lei Estadual nº 14.162/2003, que visava prevenir e proibir a entrada, comercialização e produção de soja transgênica. Lei que por sua vez, acabou sendo suspensa pelo Supremo Tribunal Federal. Entretanto, a proibição não impediu que o então governador do Estado, Roberto Requião, (membro do Partido do Movimento Democrático Brasileiro; gestão 2002/2006), permanecesse com uma postura contrária à introdução dos transgênicos, sob o argumento de que o Estado poderia se tornar uma área de referência no exterior e assim exportar o produto com valor adicional por não consistir em sementes modificadas.

Em meio a esse processo, nas páginas da *Amigos da Natureza*, apresentou-se a ideia de que havia uma “guerra” a ser combatida.

Observa-se uma espécie de *terrorismos* em torno dos transgênicos, e cada vez mais se fortalece o espírito tribal, ou seja, contra ou a favor: ou se está comigo, ou se está contra mim. *Nessa guerra de desinformação, levar a informação aos produtores e consumidores é o que precisa ser feito*, dando assim condições para que eles possam discutir o assunto com conhecimento técnico e científico.¹⁷² (Grifos meus)

¹⁷¹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.27, outubro de 2003. P.03.

¹⁷² AMIGOS DA NATUREZA, out. de 2003, loc. cit.

No editorial, a bruxa que andaria solta consistia na desinformação sobre os transgênicos, caracterizada no texto como uma “espécie de terrorismo”. Nesse sentido, a função que a revista ocuparia seria a de levar informações adequadas para que produtores e consumidores tivessem condições de discutir e formar opinião sobre o assunto. A sequência do editorial apresentou, em forma de citação, as considerações do professor e Dr. em agronomia – especializado em ecologia, evolução e agronomia – Otto T. Solbrig, acerca do lado positivo e do lado negativo que as tecnologias carregam e de que um dos caminhos a ser seguido deve ser o de “minimizar o que é negativo e incrementar o que é positivo.”¹⁷³ A função que estaria a cargo da revista de informar sobre o assunto começa assim a ser realizada ainda no editorial trazendo para o leitor a opinião de um especialista sobre o assunto. A apresentação da opinião de Solbrig também legitima o papel da *Amigos da Natureza* na discussão, que para realizá-la e ajudar o seu leitor a formar sua opinião sobre o assunto, não busca informações em qualquer lugar, mas sim, em um saber científico legitimado, de um doutor em agronomia.

Em *O assunto é...*, as duas primeiras páginas foram ocupadas para explicar termos e conceitos presentes quando o tema são transgênicos tais, como: biotecnologia, código genético, transgênicos, transformação. Conhecer alguns conceitos básicos foi entendido enquanto o primeiro caminho rumo à informação. As páginas 8 e 9, foram dedicadas a apresentar os “benefícios” da utilização dos transgênicos.

Ainda que um dos textos tenha como título “os dois lados da moeda” só se abordou as contribuições do uso dessa tecnologia.

Com os transgênicos podemos ter plantas resistentes a insetos, herbicidas, a metais pesados do solo, a solos ácidos e salinos, fungos, ao amadurecimento precoce, plantas resistentes a deficiências hídrica (seca), a baixas temperaturas, com maior valor protéico e proteínas mais completas, óleos mais saudáveis, plantas com vitaminas e medicamentos (como vacinas), plantas com uma colheita mais precoce, variedades mais produtivas, etc.¹⁷⁴

Os benefícios não foram questionados, pois tal como no texto que segue, ao se lançar a pergunta “mas isso é bom?” foram apresentados exemplos para afirmar a positividade de tal prática como, por exemplo, diminuir o uso de agrotóxicos quando as sementes se tornam mais resistentes, o que poluiria e degradaria menos o solo. Além disso, o texto foi finalizado

¹⁷³ AMIGOS DA NATUREZA, out. de 2003, loc. cit.

¹⁷⁴ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.30, fev., de 2004. P.08.

afirmando que os organismos geneticamente modificados (transgênicos) “podem proporcionar o aumento da produção de forma sustentável”.¹⁷⁵

Ao trabalhar questões como a da conservação da natureza, afirmou-se na revista a importância da existência e preservação de unidades de conservação para “manter a biodiversidade e os recursos genéticos”.¹⁷⁶ A proposta de conservação dos recursos genéticos e o apoio ao uso dos transgênicos adentram um debate que também envolve a discussão sobre patrimônio genético. Esse último, não foi mencionado ao se discutir os transgênicos na edição, nem mesmo nas duas edições publicadas três anos depois que se dedicaram a pensar novamente o assunto.¹⁷⁷ Adentrar esse debate permite uma melhor problematização dessa contradição encontrada na *Amigos da Natureza*, em que ora se defende a conservação dos recursos genéticos, ora o uso de transgênicos.

Regina Abreu ao estudar a emergência da questão do patrimônio genético, atentou para como este abrangeria uma ampla área que se relacionaria “intimamente com o desenvolvimento da Medicina e da Biologia, com os processos de clonagem e os projetos de genoma”.¹⁷⁸ Nesse sentido a autora também explicitou o interesse mercadológico dos recursos genéticos no Brasil.

A variedade de espécies de plantas e animais existentes nos ecossistemas brasileiros contém um verdadeiro tesouro biológico de genes, moléculas e microorganismos. Os genes são cada vez mais, a matéria-prima das biotecnologias que se espalham pela indústria farmacêutica, *agrobusiness*, química industrial, cosmética, de medicina botânica e de horticultura.¹⁷⁹

Pensar nas considerações da autora que apontam para como os recursos genéticos têm sido utilizados como matéria-prima das biotecnologias, e olhar para a clara defesa dos produtores da *Amigos da Natureza* em relação aos transgênicos, permite compreender a argumentação em prol da conservação de tais recursos. Pode-se perceber assim, que a defesa

¹⁷⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.27, out. de 2003. P.09.

¹⁷⁶ AMIGOS DA NATUREZA, out. de 2003, loc. cit.

¹⁷⁷ As edições de julho e agosto de 2006 voltaram a discutir o assunto. A primeira intitulada organismos geneticamente modificados trouxe novamente a polemica entre liberar ou proibir o uso de tais sementes, discutiu o que são os organismos geneticamente modificados e visou ensinar o leitor a como identificar um transgênico. O posicionamento dos editores não deixou de ser a favor do seu uso. Tal consideração pode inclusive ser percebida na continuação da discussão do tema que trouxe no mês de agosto uma edição sobre Biossegurança. Algumas das leis brasileiras sobre Biosegurança foram apresentadas sob a argumentação de que os responsáveis pelas leis no Brasil é que entenderam que havia a necessidade de criar normas para o uso de organismos geneticamente modificados. A edição foi construída de modo a informar os leitores sobre a existência dessa lei e dos direitos que essa garantiria aos seres humanos e ao meio ambiente. Entretanto, não se deixou de defender a existência e uso dos organismos geneticamente modificados. AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n°58, julho de 2006 e n°59, agosto de 2006.

¹⁷⁸ ABREU, op. cit., 2003, p.37.

¹⁷⁹ ABREU, 2003, loc. cit.

das unidades de conservação consiste mais numa preocupação com o acesso à biodiversidade e aos recursos genéticos para que esses possam ser utilizados em pesquisas e consequentemente explorados no mercado mundial de produtos biotecnológicos do que a proteção desses recursos para as próximas gerações.

Abreu ainda discutiu como no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, realizado em janeiro de 2003, alguns ativistas criticaram a produção de transgênicos por empresas como a Monsanto, por acreditar que tal prática pode levar ao “extermínio do futuro”.¹⁸⁰ Na revista, quando se pensou acerca do desaparecimento de plantas não-transgênicas devido ao cruzamento com as transgênicas, esse foi considerado como não sendo um problema novo. Pois, existiriam “técnicas simples, antigas e bastante conhecidas que poderiam diminuir muito a polinização” do mesmo modo. Desse modo, todas as vezes que se tratou de uma possível diminuição de variedades genéticas, essa logo em seguida foi descartada sob a alegação de que existiriam poucas pesquisas sobre o assunto, e que as existentes não confirmavam a existência de um problema. Na página 10, ao tratar dos possíveis danos que estes poderiam trazer à saúde das pessoas, também se afirmou que nada ainda pode ser comprovado, que não foram detectadas nenhuma alteração no organismo de pessoas que teriam consumido transgênicos. E que estes teriam sido rigorosamente testados através de métodos científicos antes de serem liberados para o consumo.

Assim, ao apontar benefícios do uso de transgênicos, estes não foram questionados, o mesmo não ocorrendo quando se tratou dos malefícios que estes poderiam causar. Nisso consiste dizer que a desinformação apareceu como aquela que estaria apenas do lado daqueles que faziam oposição do uso de transgênicos. Além disso, afirmou-se a existência da formação de excessivas polêmicas por parte dessas mesmas pessoas e que, na maioria das vezes, estas contestações não possuíam fundamentos. Nesse sentido, alguns casos foram apresentados na busca por deslegitimar tais contestações. Os casos em questão eram a produção transgênica do aminoácido triptofano, a redução das populações da borboleta monarca e a doença conhecida como “vaca louca.” Ao final de cada um dos textos descartou-se a possibilidade de que os problemas que surgiram tivessem alguma ligação com a utilização dos transgênicos.

Sob a noção de que o problema está na desinformação, não se trouxe informações neutras para o leitor. Na apresentação do tema na capa da revista e no editorial, os produtores do material se colocaram na posição de trazer informações adequadas para que o leitor pudesse formar sua própria opinião. Mas o texto do interior da revista veio repleto de opiniões

¹⁸⁰ ABREU, 2003, loc. cit.

e posicionamentos específicos acerca do assunto. Opiniões favoráveis ao uso da tecnologia de modificação genética, o que se pôde perceber quando os questionamentos só surgiram nos momentos em que tal ciência foi questionada.

Nesse percurso, na *Amigos da Natureza*, se construiu um discurso autorizado sobre qual deve ser o caminho percorrido para se resolver os problemas ambientais. Seus produtores têm procurado legitimar propostas de atuação como as mais viáveis. Para tanto, têm buscado apoio no saber científico, buscando traduzir termos desse meio para os leitores, ou ainda apresentando opiniões de pesquisadores, como no caso do editorial que trouxe as considerações do professor e Dr. em agronomia Otto T. Solbrig. Buscam, assim, legitimar e instituição de suas concepções através do conhecimento científico. Como afirmou Pierre Bourdieu, ao tratar dos ritos de instituição: “Falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural *um limite arbitrário (...)*”.¹⁸¹ Ao se utilizar da ideia de que o grande problema da discussão sobre os transgênicos está na desinformação, também se construiu a noção de que esta estaria ao lado daqueles que não teriam conhecimento adequado sobre o assunto. Tal conhecimento, por sua vez, foi apresentado na revista através de termos e discussões presentes no debate científico sobre o assunto, esse sim, tomado como legítimo e natural. Pois, em toda a matéria utilizou-se de discussões realizadas no âmbito da ciência para confirmar ou descartar determinadas hipóteses sobre o uso de transgênicos.

Impor-se como legítimo, fazer conhecer e reconhecer da maneira como se denomina, se define. Uma aproximação com a discussão de Bourdieu sobre o discurso performativo ajuda a pensar, como através das discussões da revista, seus produtores tentam fazer acontecer aquilo que acreditam num rastro de interesses econômicos ligados aos setores agro-industriais. Mais do que isso, buscam legitimar o desenvolvimento sustentável como caminho único e “natural” que deve ser percorrido.

¹⁸¹ BOURDIEU, op. cit., p.98.

2.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CONSCIENTES

Todas as matérias que foram analisadas em sequência apresentaram a seção *Salva-Vidas* como uma continuação da discussão que vinha sendo abordada em *O Assunto é*. Foi nessa seção que se buscou incentivar o leitor a praticar hábitos que poderiam levar a um desenvolvimento sustentável. Foi também nesses espaços que se pode perceber a perspectiva dos produtores da *Amigos da Natureza* em relação a EA, que seria a de ensinar ao leitor a ser um cidadão consciente, que no seu dia a dia praticaria ações que contribuíssem enquanto caminho da sustentabilidade. Para problematizar tais questões retornaremos às edições da *Amigos da Natureza* analisadas neste capítulo, buscando problematizar como os assuntos relativos às unidades de conservação, desenvolvimento sustentável e agricultura foram abordados na seção *Salva- Vidas*.

O próprio título dado à seção diz muito sobre a ideia de EA que se buscou construir. O leitor, ao praticar as dicas apresentadas na revista, estaria contribuindo para “salvar vidas”. Tal proposta não deixa de reforçar a ideia de que os seres humanos estariam acima da natureza, acima de tudo, de que possui e sabe o que é necessário para proteger a natureza e assim, poderia também salvar vidas.

Assim, na edição de fevereiro, de 2004, as dicas “salva-vidas” estavam ligadas à proteção das unidades de conservação. Se estas foram entendidas como “essenciais para a conservação da natureza” o leitor foi apontado como sendo “essencial para a conservação delas”.¹⁸² Junto à ideia de que a natureza se mantém protegida e conservada nesses espaços, acrescentou-se a perspectiva de que para que esses lugares funcionassem enquanto “preciosas reservas de vida” bastava que os seres humanos soubessem cuidar delas. E, nesse caso, o leitor foi apontado como aquele que poderia contribuir nesse processo, procurando proteger unidades de conservação que viessem a existir no local em que morava

O texto da seção buscou incentivar a criação de grupos de proteção a esses espaços, que poderia ser criado entre o leitor e seus amigos, somado a ajuda de um professor. A função de tal grupo seria a de realizar denúncias, ajudar a prevenir desastres como incêndios e queimadas, realizar o trabalho de EA com os visitantes. Nesse sentido, a EA consistiu em

¹⁸² AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.30, fev., de 2004. P.12.

ensinar a importância da existência das unidades de conservação e a criação de caminhos para lutar pela sua preservação.

Ao abordar o tema Caminhos para um desenvolvimento sustentável, na edição de julho de 2002, a seção *Salva-Vidas* trouxe o tema “indicadores de sustentabilidade”. A função dos indicadores seria a de testar as condições do solo, da água, do ambiente social e cultural, prevendo se “esse sistema pode ou não ser sustentável a longo prazo.”¹⁸³ A tarefa de testar tais índices foi atribuída ao leitor e deveria ser realizada através das instruções contidas na matéria com o uso de uma tabela também fornecida na seção, que trazia os passos do teste, tais como: testar como estava o ambiente escolhido para a experiência; anotar os resultados; identificar os caminhos, ou seja, se estava caminhando em direção à sustentabilidade ou em oposição a ela.

A seção veio acompanhada de uma imagem que apresentou um desenho do planeta terra sobre uma cama de hospital, com o seguinte diagnóstico: “Nome – Planeta Terra; Diagnóstico- insustentabilidade”.¹⁸⁴ Desta feita, tentou-se passar ao leitor de que se as metas em prol de um desenvolvimento sustentável não fossem seguidas, o planeta continuaria doente (ver figura 28, p.130). A proposta do desenvolvimento sustentável foi então entendida e apresentada como possibilidade de recuperar o planeta, de “devolver sua saúde.”

A construção da imagem tomando o planeta terra sobre o leito de uma cama de hospital, com o diagnóstico de enfermidade sendo apresentado tentou tratar do assunto levando ao leitor ideias, as quais ele teria aprendido desde seus primeiros anos. Ou seja, que lhe ativam sentidos a partir de eventos que ele já conhecia. O planeta doente, acamado, traz a lembrança de um estado ruim, que precisa receber tratamento devolvendo-lhe a saúde.

Com a leitura do texto, o leitor se depara com a noção de que pode ajudar a curar essa doença, de que pode encontrar a solução. É então encaminhado a tomar atitudes que se acredita, podem torná-lo um “salva-vidas.”

¹⁸³ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.12, jul. de 2002. P.12/3.

¹⁸⁴ AMIGOS DA NATUREZA, jul. de 2002, loc.cit.

Salva-vidas

INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE

Uma tarefa difícil e de extrema importância é identificarmos os parâmetros da sustentabilidade. Como exemplo podemos destacar as características específicas de um agroecossistema. Esses parâmetros (recurso solo, recurso água, ambiente social e cultural, etc) são as peças-chaves do seu funcionamento. Precisamos ainda, determinarmos em que níveis ou condições esses parâmetros devem ser mantidos, para que esse agroecossistema ou outro sistema qualquer funcione de forma sustentável. A partir disso vamos identificar o que chamamos de indicadores de sustentabilidade. Com esse conhecimento, será possível prever se esse sistema pode ou não ser sustentável a longo prazo. Os indicadores irão nos mostrar se estamos caminhando na direção oposta a sustentabilidade ou à favor a ela.



Exemplo

Parâmetro	Indicador	Resultado	Caminho
Características do recurso solo.	Taxas anuais de erosão do solo.	Aumentou nos últimos anos.	Estamos caminhando na direção oposta à sustentabilidade.
	Percentual de matéria orgânica do solo.	Aumentou nos últimos anos.	Estamos caminhando em direção à sustentabilidade.

FIGURA 28.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº12, p.12, jul. de 2002.

Outro exemplo, em que se pode perceber a tentativa de construir ideias, utilizando-se daquilo que o leitor já conhece, foi a da edição de outubro de 2003. O desenho recorre aos sentidos que se entra em contato desde a infância, seja a partir dos desenhos animados, de crenças populares e/ou religiosas. Desse modo, ao discutir os transgênicos, na seção *Salva-Vidas*, apresentou-se novamente o desenho da capa, em que uma semente apareceu dividida, em dúvida, sobre se o uso dos transgênicos seria bom ou ruim (ver figura 29, p.132). O bem, de um lado da semente foi representado pelo rosto de um anjo, o mal do outro lado foi representado pelo diabo.

Anjo e diabo aparecem como representantes do bem e do mal em muitos desenhos para crianças, em que suas atitudes podem levar aos seus polos extremos. Em algumas crenças religiosas representam também caminhos onde se pode chegar dependendo de suas atitudes. Entretanto, no texto da seção não foi o uso dos transgênicos que apareceu como o caminho do mal. Nem a opção por não usá-lo visou simbolizar o bem. A desinformação foi o que apareceu como sendo o “grande mal” que deveria ser combatido. Isso, por sua vez, pode ser percebido na leitura de *A maioria não tem conhecimento...*, em que novamente a desinformação é tida como o grande problema. De acordo com o texto:

A maioria das pessoas não tem conhecimento sobre o assunto, e na maioria das vezes são levadas por informações sensacionalistas, reforçadas por ideologias, muitas vezes sem nenhum embasamento científico e repletas de emoção. É comum encontrarmos na mídia expressões como *Demon Seeds* (sementes do demônio), *Terminator Technology* (tecnologia exterminadora) e *Frankestein foods* (alimentos Frankenstein).¹⁸⁵ (Grifos meus)

Exemplos de termos utilizados como sementes do demônio, tecnologia exterminadora e alimentos Frankenstein seriam aqueles que estariam sendo utilizados nas mídias movidas por ideologias, sensacionalismos e falta de informação. Nesse sentido, a falta de conhecimento é aquela que estaria apenas com as pessoas que eram contra a utilização de sementes transgênicas, que não conheceriam corretamente o que seu uso poderia proporcionar.

Na sequência do texto, realiza-se um convite de ir à busca de informação: “Então que tal buscar mais informações sobre o assunto e procurar conhecer como está o nível de informação das pessoas da nossa comunidade?” Desta feita, o caminho do bem, a escolha do bom poderia ser feito através do conhecimento, da busca de informação, ou ainda a partir de um trabalho de EA.

¹⁸⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.27, out. de 2003. P.12.

Falar mal de um escritor porque uma vez você leu uma nota em um jornal falando mal do conteúdo de seus livros, não lhe dá o direito de também criticá-lo. Não podemos adotar uma postura contra, sem antes ter conhecimentos o suficiente para isso. Nesse caso, ler um livro do escritor pelo menos, antes de qualquer coisa, seria uma atitude de bom senso.

Muitas vezes adotamos uma postura perante determinadas situações, levados pela mídia ou outros meios, e não formamos nossos próprios conceitos.



A maioria não têm conhecimento..

A desinformação das pessoas e o despreparo daquelas que expõem um determinado assunto, podem levar a grandes confrontos, muitas vezes desnecessários.

Isso tudo se aplica à biotecnologia e aos transgênicos, pois a maioria das pessoas não têm conhecimento sobre o assunto, e na maioria das vezes são levadas por informações sensacionalistas, reforçadas por ideologias, muitas vezes sem nenhum

embasamento científico e repletas de emoção.

É comum encontrar na mídia expressões como Demon Seeds (sementes do demônio), Terminator Technology

(tecnologia exterminadora) e Frankensteins foods (alimentos Frankenstein).

Então, que tal buscar mais informações sobre o assunto e procurar conhecer como está o nível de informação das pessoas da nossa comunidade?

Veja algumas sugestões para isso

- Procure, com a professora, agendar uma visita a algum centro de pesquisa mais próximo da sua cidade como Embrapa ou universidades públicas ou particulares que tenham o curso de Agronomia ou Biologia; laboratórios de produção de sementes ou micropropagação de plantas. Nesses locais vocês poderão obter informações riquíssimas referentes a biotecnologia.
- OBS: nas universidades o mais adequado é entrar em contato com os departamentos de genética e melhoramento de plantas.
- Pesquise sobre os métodos de melhoramento de plantas, que fizeram as variedades de milho, arroz, trigo e soja, por exemplo, serem mais produtivas.
- Faça uma pesquisa na sua cidade para testar o conhecimento e a opinião das pessoas sobre os transgênicos.



Sugestão de questionário

- Qual o conhecimento que você tem de plantas transgênicas?
- Já leu algum material sobre transgênicos? Lembre o que dizia? Qual a fonte (empresa ou órgão de pesquisa)?
- Já ouviu falar do uso de transgênicos em outras áreas além da agricultura? Quais?
- Que produtos transgênicos você conhece?
- Você é a favor ou contra? Por quê?
- O que espera das autoridades? (por exemplo: proibição, liberação, incentivo a pesquisa, etc.)
- Que produtos gostaria que fossem modificados? (por exemplo: rosas azuis, laranja com gosto de hortelã)

Leve o questionário respondido para a sala de aula e discuta os resultados, em grupos, com a professora.

Faça uma avaliação dos resultados e veja como está o nível de informação das pessoas da sua cidade, com relação aos transgênicos.

FIGURA 29.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº27, p12/13, out. de 2003.

Na página seguinte passa-se às sugestões de como essa atividade poderia ser realizada. Na “luta” pela informação, alunos e professores foram instigados a agir realizando atividades, tanto no sentido de se informar, quanto de posteriormente levá-la a outras pessoas. Para tanto, a sugestão de atividade proposta na revista foi a de primeiramente buscar espaços como os da universidade, através de cursos como Biologia e Agronomia, visitando seus possíveis “laboratórios de produção de sementes ou micropropagação de plantas”.¹⁸⁶ Indicou-se ainda lugares que seriam mais adequados de serem procurados como os “departamentos de genética e melhoramento de plantas.”¹⁸⁷ Lugares universitários, que realizam pesquisa com transgênicos foram indicados como os mais apropriados para lidar com o assunto.

Logo abaixo das mesmas dicas um questionário foi apresentado com sugestões de perguntas em que os alunos poderiam fazer no segundo momento das atividades, para testar o “nível de informação das pessoas” sobre o assunto. Nesses termos, a EA consistiu em levar informação não apenas aos produtores, mas inclusive àqueles que seriam os consumidores desses produtos. Além disso, a EA foi entendida enquanto solução, caminho do bem a ser utilizado contra o “grande mal” da falta de conhecimento sobre o assunto. A discussão foi deslocada do debate, sobre o usar ou não transgênicos, para a necessidade da informação como combatente do “terrorismo”, que se estava fazendo sobre o assunto, como foi afirmado no editorial da própria revista.

A proposta de salvar a natureza, como algo que poderia fazer parte da capacidade humana não esteve presente apenas na seção *Salva-Vidas*. Nesses primeiros anos, em que os editores da *Amigos da Natureza* escreveram para o público infantil, a ideia esteve constantemente presente. Seis meses após a criação da revista, na edição de fevereiro, de 2002, seus produtores apresentaram na capa, em suas partes externa e interna a “Turma do Ataf”. Composta por animais, seres humanos e seres místicos – o duende Ataf – que seriam ajudantes na tarefa de proteger a natureza (ver figura 30, p.134).

Duas edições depois, em abril, de 2002, a capa da revista em sua parte interna trouxe a história do duende Ataf que seria: o líder da Turma dos Amiguinhos da Natureza. É um duende, representante do bem, com poderes místicos oriundos dos quatro elementos da natureza: ar, água, terra e fogo (ver figura 31, p.135).

¹⁸⁶ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.27, out. de 2003. P.13.

¹⁸⁷ AMIGOS DA NATUREZA, out. de 2003, loc. cit.



FIGURA 30.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº7, contracapa, fev., de 2002.

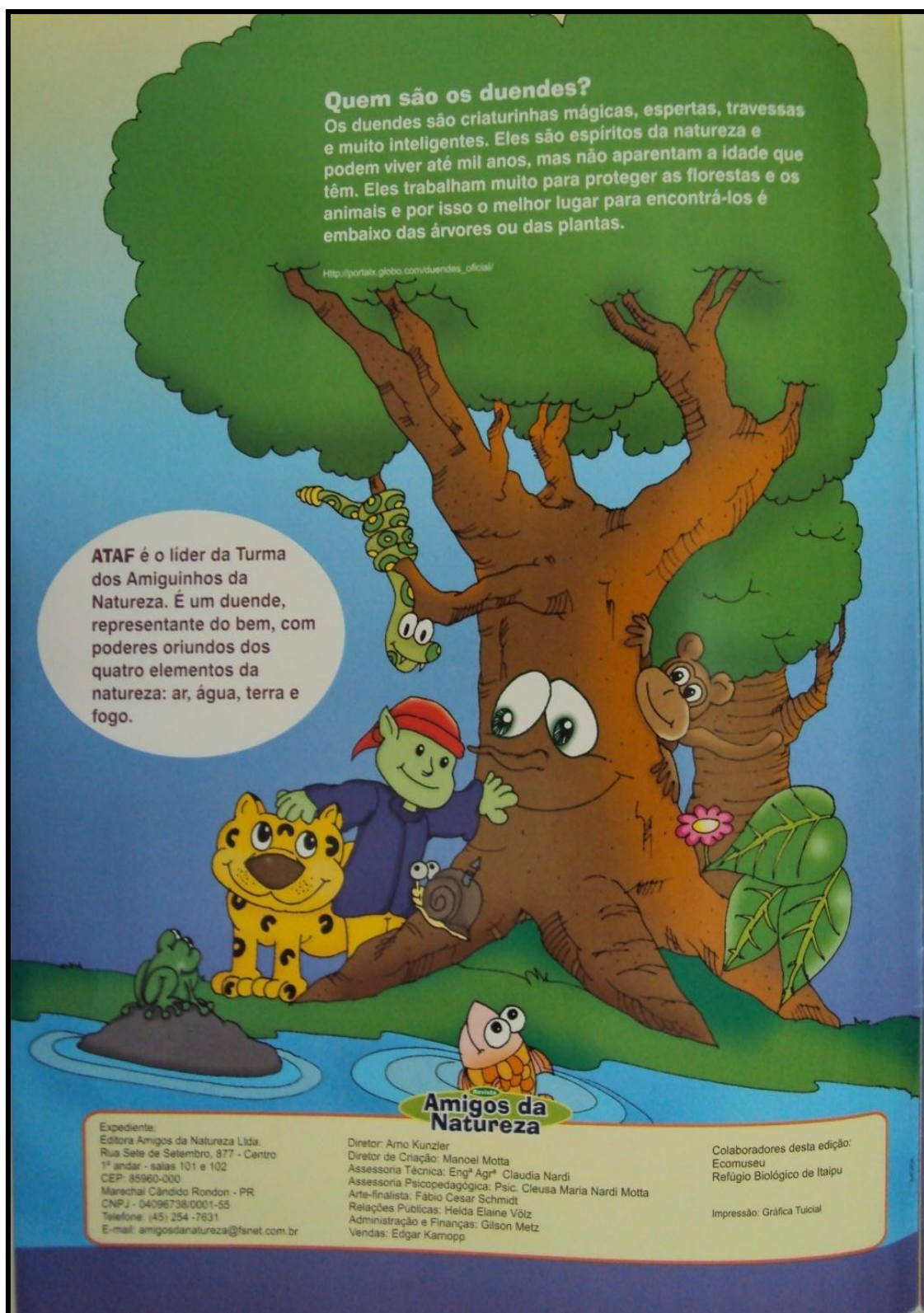


FIGURA 31.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº9, contracapa, abr., de 2002.

Imagens que, ao mexer com uma determinada memória, o fazem buscando arraigar aos seus leitores determinadas concepções, como a de que a natureza precisa ser salva e de que os seres humanos seriam capazes de realizá-lo.

Em 2009, quando a revista *Amigos da Natureza* transformou-se em material destinado especialmente para as escolas tendo sido intitulada *Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade*, o jornal de atividades do aluno também trouxera a turma dos Super Amigos que acompanhou as seções de atividades das quatro edições do ano. A imagem da turma, como aqueles que protegem a natureza realiza um apelo tentando trazer à memória do leitor a ideia dos super heróis dos desenhos animados que têm como função salvar e proteger o planeta e a vida na terra. Essa construção traz em si uma visão antropocêntrica, em que os seres humanos com seus “super poderes” poderiam salvar, proteger e conservar a natureza garantindo a existência da vida na terra para as próximas gerações.

Na construção da perspectiva de que é preciso possibilitar a existência das próximas gerações, a EA teria como função ensinar a garantir a conservação do meio ambiente, de seus recursos naturais, dos ecossistemas e da biodiversidade. Além disso, consistiria em saber utilizar os recursos naturais aprendendo a consumir conscientemente seja água, energia, alimentos, roupas, entre outros. A EA se torna, assim, o caminho que deve formar um cidadão consciente que a partir de seus hábitos diários e individuais contribuirá para a existência de um desenvolvimento sustentável.

Não se busca afirmar que existam problemas em incentivar a mudança de hábitos diários. O que se problematiza é a ideia de que esses hábitos já seriam suficientes para proporcionar uma mudança positiva na relação humanos e natureza. A proposta de atuação da *Amigos da Natureza* tem se centrado na busca da formação de um cidadão consciente, em hábitos que são de responsabilidade de cada um.

Tendo como ponto de partida os Parâmetros Curriculares Nacionais, Paulo Henrique Martinez problematizou as relações entre educação, cidadania e meio ambiente. Nesse sentido, o autor criticou o modo como estes foram construídos – sem a participação dos professores – e a maneira como a ideia de cidadania foi construída no documento. Martinez atentou para a contradição entre o chamado à consciência, aos direitos e a participação política propostos nos PCNs e a violência cometida contra direitos sociais elementares por parte, tanto dos setores públicos, quanto dos privados no Brasil. Para o autor tal situação transmite os limites que na realidade a ideia de cidadania tem enfrentado:

Atualmente, as possibilidades de mudanças nas condições sociais, políticas, culturais e econômicas que desencadeiam essa realidade e lhe dão

sustentação são muito estreitas e limitadas. *As iniciativas de contraposição e de transformação dessa situação acabam ficando confinadas ao âmbito privado, individual, específico e subjetivo de cada um de nós.* Produz-se, então a ideia de que estas condições são permanentes e de que as possibilidades de sua superação residem, fundamentalmente, nas relações pessoais, uma vez que tais condições aparentam ser resultado apenas da atuação e de iniciativas individuais.¹⁸⁸

A proposta de formação do cidadão consciente pela *Amigos da Natureza* observada em conjunto com suas concepções e práticas de EA, constroem o mesmo caminho que aponta Martinez, em que as opções de transformações ficam restritas ao espaço do privado, do individual, daquilo que cada um de nós poderia fazer. Além disso, fala-se daquilo que cada um pode fazer, como se o processo fosse o mesmo para todos, como se todos tivessem as mesmas condições e os mesmos acessos. Silencia-se a discussão acerca das desigualdades sociais, das diferenças de acesso aos recursos naturais, da grande concentração de terras nas mãos de poucos, entre outros. Nesse sentido, é que para Martinez torna-se necessário “contestar vigorosamente essa imagem de harmonização da vida social que se abriga no plano individual, pessoal e particular e que, no limite, nutre a sensação de impotência na transformação da nossa sociedade.”¹⁸⁹

A suposta harmonização da vida social, das relações sociais, contribui para diluir o debate acerca da necessidade de mudanças mais profundas, que sejam realizadas em âmbito social e não individual. Nesse processo, que se pode perceber na *Amigos da Natureza*, a discussão foi desviada para o cuidado de uma natureza que está “lá fora”, que seria aquela que se pode conservar em determinados espaços. É como se devêssemos e pudéssemos guardar seus pequenos pedaços como se fosse um amuleto, que temos que proteger para poder nos salvar.

¹⁸⁸ MARTINEZ, Paulo Henrique. **História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino.** São Paulo: Cortez, 2006. P.87.

¹⁸⁹ MARTINEZ, 2006, p.87.

CAPÍTULO III – “USE, MAS NÃO ABUSE”: EMBATES DO PRESENTE E A POLÍTICA DE ATUAÇÃO DA AMIGOS DA NATUREZA

3.1 POR UMA SUPER AMIGOS DA NATUREZA

Durante o processo de análise das revistas, foi possível perceber o aumento de uma preocupação dos produtores da *Amigos da Natureza* em buscar estabelecer diálogo mais direto com os professores. Num primeiro momento, essa tentativa surgiu de modo mais sutil, através da incorporação da seção *Fala Professor*, que passou a fazer parte da revista em meados de 2005. Esta seção se caracterizou por discutir com os docentes, através de curtas entrevistas – uma página – suas visões sobre os assuntos que haviam sido abordados na seção *O assunto é...* Além disso, visava investigar de que maneira o tema estava sendo abordado nas escolas em que o profissional entrevistado trabalhava.

Mas, foi a volta do editorial, no final de 2006, acompanhada pelas edições em todo o ano de 2007, que apontou mais contundentemente o direcionamento para o novo projeto. Nele, os textos antes mais simples que anunciavam preliminares de discussões da edição, passaram chamar a atenção de professores, e convidá-los a debater determinados assuntos com seus alunos, ou mesmo a orientar o caminho para outros questionamentos que poderiam ser levantados.

Textos mais longos, com menos imagens e sugestões de atividades em que o professor poderia realizar em sala de aula, passaram a ocupar as páginas das edições de 2007, e também de 2008. Entre o final de 2008, e o início de 2009, a produção da *Amigos da Natureza* concretizou essa nova fase, com a elaboração de um material que trazia conteúdos tanto para professores, quanto para alunos. Ou seja, a revista assumia claramente o compromisso com públicos maiores, potencializando venda e distribuição.

Desse modo, se anteriormente eram as crianças incentivadas a criar e praticar hábitos entendidos como sustentáveis, nesse novo momento foram os professores os convidados a atuar. Entendidos, enquanto aqueles que deveriam estar capacitados para orientar as crianças foi a esse público que os produtores da revista passaram a dedicar especial atenção. É esse movimento editorial que será analisado neste capítulo.

A análise das edições que visaram estabelecer diálogo com os professores permite perceber não apenas a ampliação de um público leitor, mas também a busca pela disseminação de uma prática didático-pedagógica e com isso a tentativa de legitimação desse projeto. Dito em outras palavras, a análise da ampliação do público leitor da revista permitiu

apreender outra performance da *Amigos da Natureza* que, de revista de EA para crianças foi cada vez mais assumindo o formato de livro didático orientador de concepções e práticas para professores. É nessa transformação que se pretende centrar a análise visando problematizar os motivos que levaram a busca pela ampliação do público leitor da revista.

As duas primeiras páginas da edição de dezembro, de 2006, são significativas para esta discussão. Na página que antecedeu o editorial, uma propaganda relacionava o uso da revista *Amigos da Natureza* e o cuidado com a natureza, buscando chamar a atenção dos professores (ver figura 32). Em sua frase de chamada buscou-se passar a ideia de que com o uso da revista os professores poderiam evitar que seus alunos maltratassem “A MÃE NATUREZA”.¹⁹⁰



FIGURA 32.

¹⁹⁰ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.62, dezembro de 2006.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº62, capa da edição em sua parte interior, dez. de 2006. Acervo próprio.

No editorial, o texto foi destinado também a esses profissionais:

Chegou o último mês do ano. Com ele, as festas de final de ano e as férias escolares. Nesta edição selecionamos uma variedade de assuntos e atividades para encerrar o ano com chave de ouro: um teste para avaliar como foi *a relação de seus alunos com o Meio Ambiente*; dicas sobre cuidados com os animais peçonhentos e insetos na estação mais quente do ano; uma decoração para a árvore de Natal bem original com coisas da *Terra* e materiais reciclados *que possibilitam a criança desenvolver a sensibilidade e atitudes de cuidado em relação ao Planeta...* e muito mais! Esperamos que você aproveite nossas sugestões.¹⁹¹ (Grifos Meus)

O texto apresentou matérias em que professores encontrariam na edição e finalizou buscando mostrar o objetivo de algumas dessas atividades como o de “desenvolver a sensibilidade e atitudes de cuidado com o Planeta”.¹⁹² Tentou, assim, discutir atividades que eram propostas com funções pedagógicas, que buscava incentivar determinadas atitudes entre estudantes.

Chamou atenção ainda nesse editorial e também na propaganda da capa sobre a revista já apresentada, a construção da ideia de natureza como mãe. Além do uso de palavras como meio ambiente, terra, planeta todas com iniciais em maiúsculo. Edições anteriores já haviam apresentado essas palavras com letras maiúsculas como se estas se constituíssem em nomes próprios. Todavia, nesse momento em que se visou a ampliação de um público leitor, essa ideia se tornou mais forte, ou seja, de uma natureza personificada na imagem de mãe, figura procriadora que possibilitava a vida. Vida a qual retratada em imagens de cachoeiras, de animais, do sol e de flores. É desse conjunto de elementos que a natureza apareceu como uma mãe.

Autores como Williams problematizaram essa visão em que a natureza se torna uma deusa, ministra e deputada de Deus, ou ainda como a monarca absoluta. Para esse autor, em ambos os casos se reforça a noção de uma natureza poderosa que pode ao mesmo tempo ser providente e destrutiva.¹⁹³ Não são essas ideias que a percepção presente na *Amigos da Natureza* parece se nutrir, mas sim da perspectiva de que essa natureza essencial e necessária, porque cria a vida é ao mesmo tempo frágil, precisa de cuidados devendo ser protegida de maus-tratos. Novamente aqui são os seres humanos que aparecem como portadores da

¹⁹¹ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.62, dez., de 2006. P.03.

¹⁹² AMIGOS DA NATUREZA, dez. de 2006, loc. cit.

¹⁹³ WILLIAMS, Raymond. Ideias sobre a natureza. In **Cultura e Materialismo**. São Paulo: UNESP, 2001. P. 92/3.

capacidade de realizar esse cuidado. Função, que como veremos, deveria ser ensinada. Cuidar do planeta, do meio ambiente, da natureza, que se tornam nesse processo sujeitos singularizados.

Deste modo, se é preciso ensinar, essa função foi destinada a pessoas específicas, que nesse caso seriam professores, que por sua vez, teriam como contribuição as sugestões e orientações da *Amigos da Natureza*. Nesse sentido, foram comuns durante o ano de 2007, os textos dos editoriais tentarem incentivar a atuação dos professores na discussão com os alunos sobre os temas abordados na revista e assim ensiná-los novos hábitos. Assim, no editorial de abril de 2007, afirmou-se:

Olá professor! Certamente você se preocupa em apresentar aos seus alunos uma educação que, além de elevar o nível de conhecimento, incentive a inclusão de valores que motivem o desenvolvimento de hábitos para um estilo de vida sustentável. Mas por onde começar?¹⁹⁴

Na leitura do editorial, foi possível perceber como o texto não apresentou apenas uma mudança de forma de narrativa projetada a um novo público. Ao ser destinado aos professores, com determinados pressupostos e questionamentos, os textos foram também destinados a conquistar um novo público consumidor. Público que estaria motivado, inclusive, por questionamentos como o que apareceu no próprio editorial: “Por onde começar?”¹⁹⁵

Nesse sentido, é válido lembrar que apesar das políticas públicas nacionais terem, desde o início da década de 1990, tentado normatizar e institucionalizar os modos como EA deveria ser praticada nas escolas, o processo tem encontrado inúmeros impasses. Dentre eles, o mais perceptível e anunciado por professores e outros profissionais da educação, consiste no de trabalhar de forma trans e interdisciplinar dentro da estrutura da escola, que ainda se organiza através de um ensino particularizado, em que se é muito mais preparado para o trabalho individual, do que para atividades coletivas.¹⁹⁶ Ao mesmo tempo a preocupação que ronda o ambiente escolar – em que professores e demais dirigentes se vêem na

¹⁹⁴ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.65, abr., de 2007. P.03.

¹⁹⁵ AMIGOS DA NATUREZA, abr. de 2007, loc. cit.

¹⁹⁶ Irineu Tamaio em sua pesquisa que visou problematizar a função do professor na construção do conceito de natureza atentou para as dificuldades por ele sentidas em realizar um trabalho trans e interdisciplinar sobre o assunto na escola em que trabalhava. Segundo o autor em seus dez anos como professor de Ensino Fundamental pode observar que as práticas pedagógicas desenvolvidas sob o rótulo de “Educação Ambiental” não se diferenciavam dos demais conteúdos de outras formas de conhecimento. Além disso, Tamaio ressaltou a falta de interesse dos demais profissionais da escola em que trabalhava em participar conjuntamente do projeto por ele proposto a coordenação pedagógica da instituição. In **A Mediação do Professor na Construção do Conceito de Natureza: Uma Experiência de Educação Ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo** - São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Universidade Estadual de Campinas: Campinas, SP: 2000.

responsabilidade de discutir temáticas relacionadas às questões ambientais – contribui para gerar perguntas como semelhantes a esta apontada no editorial: dentro das possibilidades da instituição que temos, por onde começar? O auxílio, por sua vez, é buscado nos mais variados tipos de materiais que se propõe, não somente discutir o assunto, mas também a sugerir atividades que podem ser elaboradas. O que é perceptível, com o fato de que, apesar de ter elaborado e publicado vários livros, cartilhas e manuais sobre os caminhos que a EA, deveria seguir no Brasil, o poder público não elaborou nenhum material didático destinado a ser distribuído nas redes de ensino. E mesmo o que já existe de publicação em relação ao assunto não tem chegado a todas as instituições de ensino do País.

Partícipes dessa realidade, os produtores da *Amigos da Natureza*, não apenas se apropriaram dos debates em torno da EA, como também encontraram espaço para sua atuação nas fissuras, incompletudes e ausências desse processo. Desse modo, se colocaram na disponibilidade de produzir um suporte pedagógico que apontaria caminhos por onde se poderia começar e avançar nas práticas de EA. Além disso, anunciaram realizar tal função no diálogo com políticas públicas nacionais de EA. O que pode ser percebido no acompanhamento do restante do editorial, em que se buscou indicar a resposta e o caminho para a pergunta lançada.

Como parte dos apontamentos de práticas que poderiam ser seguidas, os produtores da revista se preocuparam em trazer concepções e metodologias de educação como a de que “as crianças compreendem melhor o mundo quando observam e experimentam as maravilhas que a natureza oferece.”¹⁹⁷ Desse modo, assim como os livros didáticos tem apresentado como preocupação trazer para os professores as concepções de ensino em que o material teria sido escrito, os produtores da revista se utilizaram do editorial na mesma perspectiva de poder tratar de concepções de ensino em que se estaria entrando em contato com o material.

Concepções tais que trouxeram como proposta, aprendizados que partiriam das experiências dos educandos com atividades que envolveriam várias disciplinas que compõem o currículo escolar, e que possibilitariam a crítica e busca de soluções para problemas vivenciados pelos alunos. Nesse sentido, o mesmo texto apontou como sendo responsabilidade da escola “partir da curiosidade da criança e desenvolver programas interdisciplinares.”¹⁹⁸ E ao partir dessa ideia houve ainda a preocupação de apontar caminhos em que tais opções poderiam levar como o incentivo ao “desenvolvimento da investigação

¹⁹⁷ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.65, abr., de 2007. P.03.

¹⁹⁸ AMIGOS DA NATUREZA, abr. de 2007, loc. cit.

prática e crítica dos problemas, bem como das soluções que o ser humano encontra em sua vida diária”¹⁹⁹. Através da apresentação dessas concepções pode-se notar a apropriação de discussões que permeiam debates escolares sobre como deve ser o processo de aprendizado dos alunos.

A apresentação de determinadas concepções de aprendizado em materiais didáticos tem inclusive sido utilizada como um meio que contribui para a decisão de professores pela aquisição, ou não, do mesmo. Essa também não deixa de ser uma preocupação dos produtores da revista, que se não a apresentam diretamente para os professores das escolas, a apresentam para as prefeituras municipais, que decidem por adquirir ou não o material. Além disso, vale ainda pensar que ao chegar para os professores e estes perceberem na revista uma boa opção para a sala de aula, os mesmos podem também cobrar pela continuidade do recebimento do material nas prefeituras. Nisso se pode perceber que os produtores da *Amigos da Natureza* buscaram se adequar a um mercado, que tendo como público específico os professores, também precisava adequar a linguagem para o que responderia a preocupações diárias desses profissionais. Sem contar com as questões políticas de adoção de livros, que interessa ao mercado.

Nessa busca pela conquista mais ampla do público leitor às propostas de experiências e desenvolvimento de atividades, também foram exploradas nos editoriais pelo que conteriam de novidade. Assim, no mesmo editorial de abril, de 2007, o texto terminou com um convite para que professores possibilitassem experiências práticas com seus alunos. Para tanto, eles poderiam utilizar-se da edição que se apresentava com o tema sobre *Permacultura*, uma prática agrícola apontada como sustentável, para conhecer mais sobre o assunto e propor o desenvolvimento de tal prática. Nesse processo, a revista serviria como suporte apresentando sugestões de discussões e de atividades que poderiam ser desenvolvidas com base no assunto.

Ao observar esse e outros editoriais que buscaram apresentar determinadas concepções de aprendizado e propostas de atividades práticas se pode perceber como os produtores da revista foram utilizando de estruturas próprias dos livros didáticos.

A historiadora Circe Maria Fernandes Bittencourt, ao problematizar o livro didático como um objeto de difícil definição tentou elencar algumas de suas funções tais como:

Além de explicar os conteúdos escolares, é um suporte de métodos pedagógicos, ao conter exercícios, atividades, sugestões de trabalhos individuais ou em grupo e de formas de avaliação do conteúdo escolar. (...)

¹⁹⁹ AMIGOS DA NATUREZA, abr. de 2007, loc. cit.

Juntamente com essas dimensões técnicas e pedagógicas, o livro didático precisa ainda ser entendido como veículo de um sistema de valores, de ideologias, de uma cultura de determinada época e de determinada sociedade.²⁰⁰

Atentar para tais características apontadas pela autora, e para o editorial de abril, de 2007, permite compreender melhor a busca dos produtores da revista em legitimá-la enquanto um suporte didático. Vale ressaltar ainda, que no mesmo ano de 2007, também passaram a acompanhar as edições suportes de métodos pedagógicos sob sugestões de atividades apresentadas nas laterais de várias matérias com o título *Para fazer com os alunos*. Desse modo, a *Amigos da Natureza* passou não só a apresentar concepções de natureza e de EA que poderiam ser desenvolvidas por crianças, mas também concepções, teorias e metodologias mais amplas de aprendizagem que diriam respeito mais direto ao universo de professores e de suas opções de trabalho.

Daí, advém a importância de compreendermos livros didáticos para além de um suporte pedagógico, como nos afirma Bittencourt, mas sim como um produto cultural que participa de lógicas específicas dessa sociedade. Vale nesse sentido, apreender que livros didáticos no Brasil, também devem ser lembrados a partir da ótica do consumo, na medida em que adentram um mercado editorial em que se disputa um espaço de escolha e venda para poder fazer parte do espaço escolar.²⁰¹ No caso da revista não se pode perder de vista a existência de uma clara ligação entre público – prefeituras que adquirem o material – e privado – no caso a Editora – que não deixam de fazer parte dessa lógica de mercado. Quando, no lugar de organizarem uma equipe pedagógica própria para a produção de materiais didáticos voltados a EA, os poderes públicos municipais passam a utilizar verbas públicas para financiar ou investir em um material de uma instituição privada como a *Amigos da Natureza*. No que se pode perceber por parte dos editores da revista, não apenas a construção de um espaço para defender suas ideias, concepções e propostas de sociedade, mas também a busca por um espaço num mercado em expansão e que permanece aberto devido a

²⁰⁰ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. P. 302.

²⁰¹ Busca-se estabelecer aqui um diálogo com autores como Bittencourt que nos atentam para as políticas brasileiras para a produção e seleção de livros didáticos para escolas, em que editoras privadas apresentam os materiais didáticos que produziram para as escolas através de seu corpo docente e esses selecionam os que conteriam as melhores discussões e suportes pedagógicos. Nessa concorrência também deve-se considerar o papel dos governos que contribuem com o processo de seleção desses materiais levando em consideração não apenas as escolhas de professores mas também utilizam-se de processos como as licitações fazendo um suposto balanço entre as opções dos professores e as editoras que fornecem um material com um preço menor. Para uma discussão mais detalhada acerca do assunto ver: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

não existência de uma política nacional definida em relação a produção de livros didáticos para EA. Desta feita, é preciso compreender as estratégias da *Amigos da Natureza* em suas mudanças de revista para livro didático não apenas a partir de uma tentativa de melhorar as discussões sobre EA, de produzir um livro mais elaborado para professores e alunos. Mas sim, enquanto a mudança de um produto com vistas a uma expansão para o mercado. Ao olhar para as múltiplas funções que o livro didático pode assumir, como nos aponta Circe Bittencourt, podemos perceber a *Amigos da Natureza* para além de sua proposta na implantação de um desenvolvimento sustentável. Com vistas ao seu lucro a *Amigos da Natureza* utiliza-se de um debate que se faz presente em nossa sociedade que cria um espaço de produção para o mercado. Ao mesmo tempo, seus editores extrapolam esse espaço mercadológico e fazem da revista um espaço de defesa de seus interesses de seus posicionamentos políticos, ideológicos, ou seja, de seu projeto de sociedade.

Se, dos anos de 2005, aos do final de 2006, a estrutura da revista não sofrera grandes alterações, sendo que as seções continuaram a apresentar as matérias com textos que não eram extensos e vinham acompanhados de muitas imagens e atividades como passatempos, o mesmo não pode ser dito sobre 2007 em diante. Pois, a partir desse último ano foi possível notar o aumento no tamanho dos textos, redução na fonte das letras utilizadas, além da opção do uso de fotografias e de imagens com uma linguagem menos infantil.

A partir de 2006, tornaram-se mais frequentes as edições que apresentavam na parte anterior ao editorial, propagandas de outros materiais da Editora, como o *Jornalzinho Amigos da Natureza*. Esse material tinha como característica estar mais voltado para crianças e ser usado no ambiente escolar, apresentando além dos textos e imagens, várias sugestões de atividades e experiências para serem desenvolvidas na escola ou mesmo em casa. Desta feita, se a revista ia demonstrando a adoção de uma linguagem para atingir um público adulto, os jornais iam ocupando a função anterior da revista de produzir um material para um público infanto-juvenil. Assim, pode-se perceber que os editores da *Amigos da Natureza* foram lentamente construindo o processo de mudança de metodologia que se caracterizou pela produção de materiais voltados aos professores, mas que também não deixou de produzir conteúdo visando atingir mais diretamente as crianças.

No ano de 2008, os conteúdos e textos da revista continuaram a ser ampliados e a ficar ainda mais extensos. As páginas também perderam parte de seu colorido e com imagens que foram consideravelmente reduzidas. Em junho, de 2008, a revista ganhou formato de livro didático, passando a conter, ficha catalográfica e sendo apresentada em forma de volume. Na

publicação do terceiro número de agosto, de 2008, no interior do material anunciou-se a mudança da revista para o próximo ano de 2009 (figura 33).



FIGURA 33.

Fonte: Revista Amigos da Natureza: de olho no mundo, vol.3, segundo semestre de 2009, P.13. Acervo próprio.

Para falar da mudança da revista seus editores realizaram uma analogia com uma ideia que pouco apareceu nas páginas da *Amigos da Natureza*, que seja: a de que a natureza está em constante transformação. E, ainda, que tenha apresentado tal ideia tanto no texto do anúncio, quanto na imagem, a transformação que se evidencia é aquela do ciclo da vida, representado na imagem da metamorfose. Uma transformação tratada como natural, aquilo que faria parte da existência ou mesmo aquela que seria responsável pelo próprio equilíbrio da natureza.

Nessa imagem, a ideia de que a natureza encontra-se em constante transformação foi então associada a percepções mais antigas de seus produtores, como a de que é preciso alcançar novamente um imaginado equilíbrio ambiental. Desse modo, se tal transformação foi entendida como aquela que existe dentro de uma lógica de manutenção, em que é preciso se transformar para manter o equilíbrio. Nesse processo, os editores da revista realizaram uma (re)leitura e reorganização de percepções como a de que a natureza também passa por processos de modificações que estão para além da interferência humana. Percepção que se confronta com noções apresentadas na revista, de que seria possível voltar ao equilíbrio homogêneo em que a natureza em harmonia não passaria por mudanças drásticas. As próprias edições que trataram sobre desenvolvimento sustentável trouxeram tal noção. Assim, a edição de junho de 2006, ao tentar explicar o que seria um desenvolvimento sustentável afirmou:

É desenvolver-se em *harmonia* com o Planeta, sem destruí-lo. *É preciso manter o nosso ambiente equilibrado*, para que as gerações futuras tenham a chance de existir e de viver bem, de acordo com as suas necessidades.²⁰²

Essa noção de um ambiente equilibrado veio sempre acompanhado da percepção de que teria havido um período em que seres humanos e natureza teriam vivido de maneira equilibrada. Nesse sentido, a proposta de desenvolvimento sustentável veio acompanhada da perspectiva de que através dele seria possível recuperar uma vivência harmônica da sociedade, que teria como novidade a possibilidade de poder continuar se desenvolvendo. Essa proposta de equilíbrio que se buscou representar ao leitor nada pareceu com um ambiente que estaria em constante transformação. Mas, sim, como um tempo e espaço em que se poderia alcançar o estático porque harmônico e perfeito. Desta feita, quando se buscou falar de desenvolvimento sustentável e equilíbrio numa mesma imagem, de um ambiente que conciliaria a existência de campos cultivados, florestas e indústrias, esta foi utilizada.

A imagem ilustrando um centro urbano que teria desenvolvido de modo sustentável, apareceu pela primeira vez em de julho de 2002, (ver figura 22, p.110), e foi novamente utilizada nas edições de setembro de 2004, e setembro de 2005. Na edição de 2004, que tratou sobre *A indústria e o meio ambiente* a imagem foi utilizada nas páginas 10 e 11 (ver figura 15, p.68), quando se abordou o período em que o “homem teria começado a se preocupar com o

²⁰² AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n. 56, jun. de 2006. P.6.

meio ambiente”.²⁰³ Um ano depois, na capa de setembro de 2005, e nas páginas 8 e 9 a mesma imagem foi relacionada à discussão sobre *As cidades e o Meio Ambiente* (ver figura 34).²⁰⁴

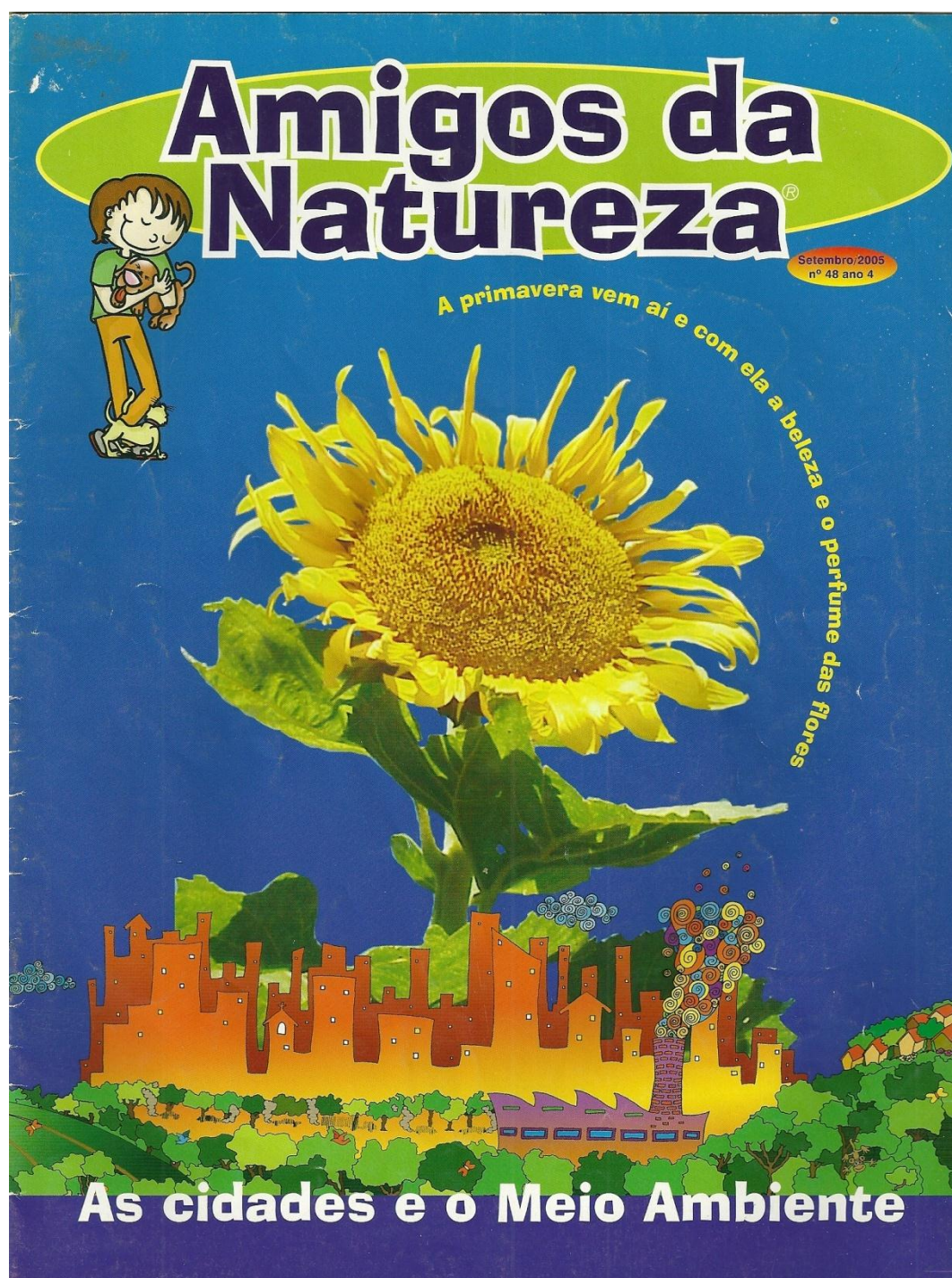


FIGURA 34.

Fonte: Revista Amigos da Natureza, nº12, p.10/11, set. de 2005.

²⁰³ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.37, set. de 2004. P.10.

²⁰⁴ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.48, set. de 2005.

Muito mais que a mera utilização de uma imagem que resultaria em várias discussões, os espaços por ela ocupados, sempre aparecendo em duas páginas ou mesmo em destaque na capa, faz lembrar a importância de pensar imagens também enquanto agências. Ou seja, a partir de seu poder de ação, de trazer e instituir sentidos, ideias e práticas para que as observem. Nesse caso, o desenho também funciona enquanto uma ativação de sentidos. Ou mesmo, contribui para arraigar determinados valores como o de que seria possível alcançar uma sociedade que, ao mesmo tempo em que se desenvolveria, conviveria de modo harmônico e manteria o equilíbrio. Foram essas noções de equilíbrio e harmonia da natureza, que se somaram à ideia de uma natureza que estaria em constante transformação. Nesse percurso, os produtores não só compartilharam e utilizaram do debate que percebe natureza não como perfeitamente equilibrada e harmônica, como estes lhe atribuíram outros significados e sentidos, como o de uma transformação que se limitaria à manutenção do equilíbrio ambiental e que poderia inclusive, ser gerenciada por humanos.

Na continuação da publicidade da revista, nas três páginas seguintes a mesma ideia de mudança foi associada à perspectiva de que essa se faria para algo melhor (ver figura 35, p.150). Novamente, se realizou de uma analogia entre mudanças da natureza e mudança de proposta da *Amigos da Natureza*, que passaria a se chamar *Super Amigos da Natureza*.

No anúncio, buscou-se explicar como estaria organizada a nova proposta. Nele pode-se apreender a busca pela ampliação do público alvo em que, primeiro se apresentou o material destinado a ajudar os professores a “planejar suas aulas de Educação Ambiental”,²⁰⁵ e depois os jornais que poderiam ser utilizados “a partir do terceiro ano do Ensino Fundamental”,²⁰⁶ com atividades para os alunos.

A publicidade foi finalizada na página 16 com a ideia de que se realizava uma mudança para melhor, que fosse ao atendimento a professores e dirigentes de educação (ver figura 36, p.151). Ou, ainda, na construção de “um novo mundo”. Novamente, foi possível notar a busca dos produtores da revista por reforçar professores e outros profissionais relacionados com ensino enquanto consumidores do material. Se quando da criação da *Amigos da Natureza*, em 2001, essa ideia já estava presente nos anúncios da revista, nesse novo momento a proposta foi reforçada pela elaboração de material destinado diretamente aos professores e que também buscava atuar enquanto suporte metodológico orientando a elaboração de atividades.

²⁰⁵ AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, vol.3, 2º semestre de 2008. P.14.

²⁰⁶ Ibid., p.15.

Amigos da Natureza

2009

A Amigos da Natureza vai ser **SUPER**

SUPERCOLEÇÃO - serão quatro supervolumes, um para cada bimestre escolar: fevereiro, abril, agosto e outubro.

SUPERILUSTRADA - com 48 páginas coloridas e em papel reciclado.

SUPERATUAL - com matérias inéditas para o professor planejar suas aulas de Educação Ambiental.

SUPERDINÂMICA - um jornalzinho para os alunos vai acompanhar cada volume da coleção. Em linguagem simples e com muitas atividades, o Jornal **SUPER Amigos** vai abordar os principais assuntos do volume correspondente.

Os Jornais

SUPER Amigos da Natureza

A produção será bimestral.

O formato: será tabloide com 16 páginas, todas ilustradas e coloridas.

O assunto: será abordado o tema principal do volume da coleção de cada bimestre numa linguagem adequada aos alunos e com muitas atividades interativas.

O público-alvo: serão os alunos a partir do terceiro ano do Ensino Fundamental.

Importante: a produção do

Jornal **SUPER Amigos** será simultânea à da **Coleção 2009** e a venda poderá ser de forma casada ou separada da coleção.

Essa é a melhor notícia que o Meio Ambiente vai ter em 2009

FIGURA 35.

Fonte: Revista Amigos da Natureza: de olho no mundo, vol.3, segundo semestre de 2009, P.14/5.

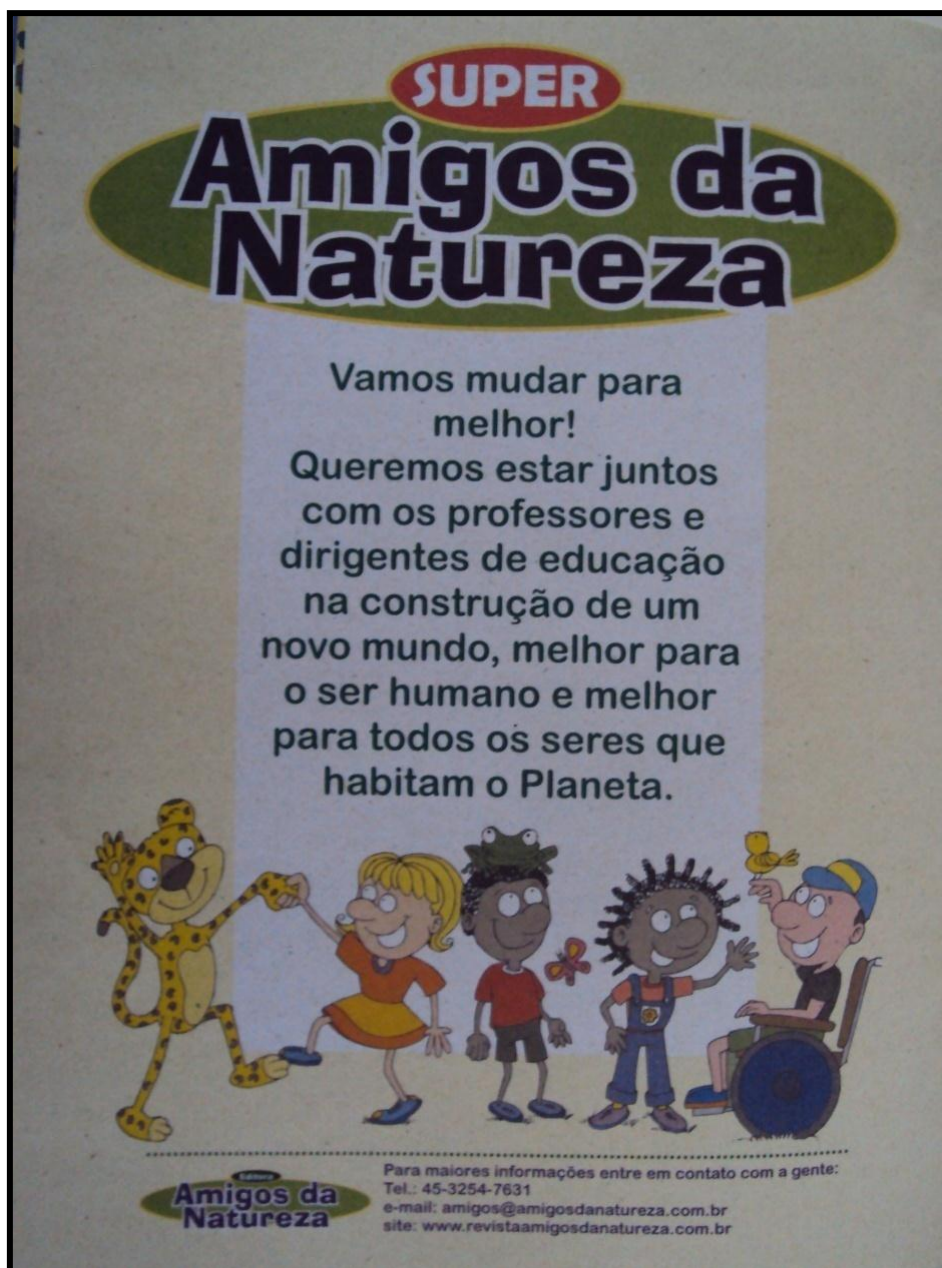


FIGURA 36.

Fonte: Revista Amigos da Natureza: de olho no mundo, vol.3, segundo semestre de 2009, P.16..

Através da propaganda, foi possível perceber as intenções de seus editores em transformar a revista em livro didático e fornecer apoio às escolas para realizar discussões e práticas de EA. Mas, o sítio eletrônico da revista permite perceber melhor a

estrutura na qual esse projeto foi construído.²⁰⁷ Nele, além de encontrar o documento de criação do *Programa Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade*, ainda é possível ter acesso à descrição dos materiais lançados no ano de 2009, e dos objetivos que estes buscavam atender. Além disso, encontram-se disponibilizados no tópico *Fala Professor* quatro planos de aula com sugestões de atividades para serem realizadas com as quatro edições publicadas no ano de 2009.

O documento do *Programa Caminhos da Sustentabilidade* teve como função apresentar justificativas para sua construção, objetivos e também a descrição do material que seria disponibilizado através do Programa. Desse modo, apresentaram-se como objetivos gerais do *Programa*:

Proporcionar mudanças de hábitos e de atitudes quanto à preservação, conservação e recuperação ambiental, à educação e à cidadania, mediante uma ação conjunta escola/comunidade visando formar cidadãos conscientes que possam aprender a construir meios de uso dos recursos naturais para sustentabilidade.²⁰⁸

Nos objetivos do Programa, apareceram assim, as mesmas propostas de que é preciso a preservação, conservação e recuperação ambiental, tanto quanto a formação de cidadãos conscientes que saberiam usar corretamente os recursos naturais e assim promoveriam a sustentabilidade.

Nesse mesmo documento é possível perceber ainda, a tentativa dos editores em tornar o livro *Super Amigos* como material a ser adquirido pelo poder público para que as escolas o utilizassem durante todo o ano letivo. Pois, na forma de aplicação houve a preocupação de ponderar que: “Cabe à Secretaria de Educação divulgar aos professores o material e definir as séries nas quais será desenvolvido o trabalho, bem como propiciar meios para utilização do mesmo.”²⁰⁹ O documento também deixa clara a busca por uma parceria entre o setor público e privado, na qual caberia ao primeiro a produção e disponibilização do material. E, ao segundo, caberia o papel de intermediador decidindo sobre o melhor modo de utilizá-lo e distribuí-los nas escolas. É possível assim perceber o efeito multiplicador e a estratégia de dependência entre os materiais.

²⁰⁷ Sítio eletrônico **AMIGOS DA NATUREZA**. Disponível em: www.revistaamigosdanatureza.com.br. Acesso em: 10 maio, 2011.

²⁰⁸ PROGRAMA CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE. Amigos da Natureza. Disponível em: <http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/downloads.php>. Acesso em: 29 jun. 2011.

²⁰⁹ PROGRAMA CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE. Amigos da Natureza. Disponível em: <http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/downloads.php>. Acesso em: 29 jun. 2011.

3.2 “MULTIPLICADORES DO SABER”: O PAPEL DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

As quatro edições publicadas em 2009, trouxeram os temas: *Água doce: abundância e escassez no século XXI*; *Tempos modernos e a poluição*; *As florestas e suas riquezas*; *Ameaças ao mundo animal*. Os *Jornais de Atividades* trouxeram para os alunos as mesmas discussões também divididas do mesmo modo. Ao tratar desses temas abordaram discussões já trabalhadas em edições anteriores da *Amigos da Natureza*.

A análise desses volumes permitiu perceber a tentativa dos editores de tornar professores em multiplicadores de valores, percepções e concepções de natureza e de EA presentes na *Amigos da Natureza*. Multiplicadores porque os produtores da Super Amigos passaram a atribuir aos professores a função de tornar seus alunos “cidadãos conscientes” em relação a problemas e debates ambientais. Desse modo, se num primeiro momento foi atribuída à revista, através de seus conteúdos, ajudar as crianças a adquirir consciência, nesse novo projeto é atribuída aos professores a função. O material produzido pela Editora foi, por sua vez, apontado como um suporte mediador nesse processo.

Para realizar a análise da função atribuída a esses profissionais, vale problematizar a estrutura de um dos temas publicados em 2009. Para tanto, foi selecionado o volume que buscou trabalhar com os *Tempos modernos e a poluição*, pois a proposta da formação de um “cidadão consciente” foi abordada mais diretamente.

No volume *Tempos modernos e a poluição*, a capa trouxe pequenas imagens que buscaram anunciar algumas das discussões que seriam tratadas (ver figura 37, p154). Pensada como um todo, tais imagens apresentaram a própria proposta de discussão do material: elencar quais seriam os problemas existentes a serem enfrentados e a partir daí propor caminhos de atuação para mudar essa realidade, o que se pode perceber através da inclusão da última imagem e frase sobre “contribuições pessoais para a sustentabilidade.”²¹⁰

²¹⁰SUPER AMIGOS DA NATUREZA: CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, vol.2, 2º bimestre de 2009.

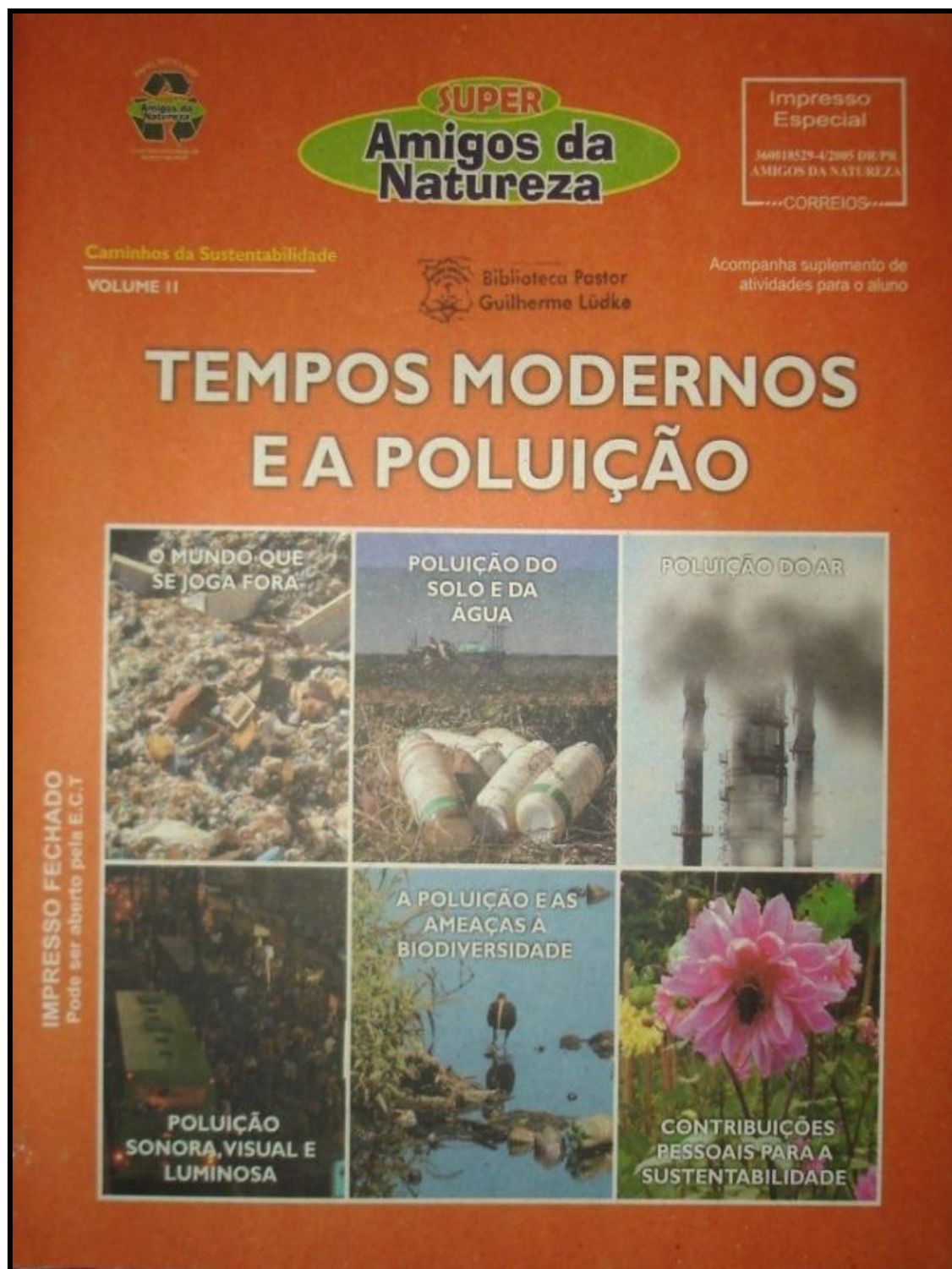


FIGURA 37.

Fonte: Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade, vol.2, 2º bimestre de 2009, capa da edição.

O tema começou a ser abordado a partir do problema do consumo da sociedade moderna e da produção de lixo que isso estaria gerando. Nesses termos, com o primeiro texto se afirmou:

*Somos parte de uma geração de consumidores que se realizam adquirindo produtos e serviços em detrimento da criatividade inata do fazer, curar, aprender, ensinar e construir. Seduzidos pelos meios de comunicação e pela praticidade na imensidão de produtos disponíveis, consumimos tanto que chamamos a nós mesmos de sociedade de consumo.*²¹¹ (Grifos meus).

Com o texto tentou-se encaminhar para um debate sobre o presente baseados na ideia de que “somos parte de uma geração de consumidores”.²¹² O olhar para o passado teve como função demonstrar um marco de mudança, que seria o da Revolução Industrial iniciada no século XVIII. Voltar os olhos para esse passado teve como função a tentativa de compreender o momento em que a sociedade teria se transformado numa “sociedade de consumo.” Esse processo foi também apresentado como o que teria permitido avanço tecnológico e com ele o conforto: “Em nenhum outro período da história da humanidade o homem fez tantas descobertas e avanços tecnológicos como nos últimos três séculos.”²¹³ Mas esses acontecimentos também teriam aberto o caminho para a destruição do meio ambiente:

A Revolução Industrial, que teve seu início na Inglaterra no século XVIII, promoveu o crescimento econômico, aumentando cada vez mais a produção de bens de consumo *às custas da exploração excessiva dos recursos naturais* e da contaminação do Meio Ambiente.²¹⁴

Os problemas foram assim apresentados como tendo sido gerados por um uso excessivo dos recursos naturais. Nesse sentido, a discussão foi sendo encaminhada para a reflexão sobre o consumismo e o uso indiscriminado dos recursos naturais. O desenvolvimento não foi assim, entendido enquanto problema, pois este teria permitido avanços tecnológicos jamais vistos antes. O problema se restringiu aos abusos em relação aos usos dos recursos naturais e por uma sociedade que não saberia consumir, porque o faz exageradamente. Desse modo, o texto introdutório do volume finalizou abordando o que consistiria em um consumo consciente:

Um apelo para o consumo consciente, que busca a sustentabilidade social e ambiental alicerçada em critérios éticos, ecoa em várias partes do mundo. Fique alerta! Consuma menos e consuma melhor, assim você estará fazendo a sua parte e tentará evitar que o uso insustentável

²¹¹SUPER AMIGOS DA NATUREZA: CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, vol.2, 2º bimestre de 2009. P.09.

²¹²SUPER AMIGOS DA NATUREZA, 2009, loc. cit.

²¹³Ibid., P.0 8.

²¹⁴ SUPER AMIGOS DA NATUREZA, 2009, loc. cit.

dos recursos naturais não cause a destruição da atual sociedade, como já ocorreu com muitas civilizações.²¹⁵

Do mesmo modo que desenvolver foi entendido pelos produtores da *Amigos da Natureza* enquanto uma necessidade, a proposta da criação de uma consciência também foi percebida como uma alternativa adequada frente ao consumo que continuaria sendo necessário. Da mesma maneira que o desenvolvimento tem sido visto como único caminho possível, a necessidade de consumir tem sido entendida como algo natural nessa sociedade, que precisaria apenas ser reeducada. A proposta de consumo consciente, da mesma maneira como a dos usos dos recursos naturais, defendeu a continuação de tal prática, mas que deveria passar a ser praticada de modo consciente, usando, mas não abusando. Na análise do tema sobre poluição e consumismo, foi possível perceber o conservadorismo dos produtores da *Super Amigos da Natureza*, que elaboraram propostas e projetos pedagógicos sob o discurso de que uma mudança foi necessária, de que seria preciso educar as pessoas em relação aos problemas ambientais. Mas, ao efetivar esse debate não só defendem a continuação de um processo de desenvolvimento, como também depositam nele a possibilidade de um suposto equilíbrio da natureza, e mesmo de uma imaginada reconstrução ambiental.

A perspectiva de que não há outra opção, de que é preciso usar, mas necessário não abusar, traz sentidos que estão para além da constatação de que os seres humanos sempre causarão algum tipo de transformação na natureza, ou que sempre precisarão se utilizar de seus elementos para sobreviver. O “use, mas não abuse” da *Amigos da Natureza* não traz como proposta outras relações de uso que não se baseiem no desenvolvimento. Pelo contrário, ela defende a proposta da continuação do uso da natureza para a continuação do desenvolvimento. Nesses termos, a mudança se centraria em como usar, ou seja, na educação para um uso consciente, para um uso que seria adequado. E, ainda, que essa concepção fosse apresentada como socioambiental, que consideraria uma mutualidade entre humanos e natureza, na prática ela consiste em uma visão utilitarista. Pois, na ideia do “use, mas não abuse” o cuidado da natureza que se defende é aquele que permite a continuação de uso dos recursos naturais, daquilo que teria a oferecer aos seres humanos.

Na divulgação dessas propostas torna-se possível perceber mais do que estratégias de EA, e sim a defesa de um projeto específico de sociedade. Projeto que

²¹⁵Ibid., p.09.

tem como preocupação central a sustentabilidade do capital e que a natureza possa continuar fornecendo recursos para a existência desse modelo de sociedade.

Desse modo, no diálogo com professores, os editores da *Amigos da Natureza* não buscaram apenas a ampliação de um público consumidor, mas também um meio de legitimação e instituição dessas concepções e percepções sobre natureza e sobre o que se deveria abordar com a EA. Nessa direção, o trabalho de conscientização foi compreendido como uma das tarefas mais importantes a serem trabalhadas pelos professores. Assim, os produtores da *Super Amigos* tentaram atentar para esse novo leitor que conscientizar e incentivar a redução do consumo consistiria em tarefas que deveriam ser realizadas por eles. A análise sobre o papel que foi sendo atribuído a esses profissionais no processo de aprendizagem permite apreender melhor acerca de tais intenções.

Juntamente com a apresentação dos assuntos, foram oferecidas sugestões de atividades para o professor realizar com alunos em sala de aula tais como: experiências para medir a poluição do solo, da água ou do ar; fiscalizar o consumo como, por exemplo, o da água; avaliar os desperdícios gerados pelo consumo. Trabalhou-se assim, com a exposição dos problemas e o debate sobre os caminhos que poderiam gerar soluções.

Nesse processo, o professor foi sendo orientado acerca de como poderia realizar discussões sobre consumismo e poluição em sala de aula. Assim, ao final de cada texto que visou abordar um determinado assunto como, por exemplo, *Tempo modernos e a poluição*, foram sugeridas maneiras de guiar a discussão com os alunos tais como: “Na p.2 do Suplemento, este texto é apresentado com linguagem adaptada ao público infantil. Leve seus alunos a reflexão sobre a evolução humana e a produção de lixo no mundo.”²¹⁶ Além disso, o final de cada matéria veio acompanhado por uma ou duas páginas amarelas com orientações de atividades práticas e experimentos para professores e alunos.

Para além dessas orientações, o professor poderia ainda ter acesso gratuito a planos de aula disponibilizados no sítio eletrônico da Editora, que tinham como objetivo ajudar a elaborar aulas com os quatro volumes publicados em 2009. Nestes planos de aula, por sua vez, os materiais que apareceram como necessários para a atividade foram o livro e o jornal *Super Amigos da Natureza Caminhos da Sustentabilidade*.

²¹⁶Ibid.,p.06.

A partir da leitura das páginas 13 a 20 da Coleção “Caminhos da Sustentabilidade” (1.ed.,vol.2), o professor está preparado para apresentar aos alunos a poluição do solo e da água e para levá-los a refletir sobre como a cidade e o campo são responsáveis por esta poluição.²¹⁷

Desta feita, pode-se perceber que os planos de aula não foram elaborados somente para fornecer mais ideias de discussões e práticas de EA, mas sim, como mais um meio que capacitaria professores a realizar as aulas utilizando-se da coleção. Pois, se partiu do pressuposto de que ao seguir as orientações dos planos de aula e realizar a leitura do volume correspondente ao plano, o professor estaria mais preparado para apresentar aos alunos o assunto em questão. Caberia assim, a esse profissional do ensino e não mais aos próprios alunos/crianças por eles próprios, entrar em contato com o assunto, através da revista, e ajudar a mediar e produzir tal conhecimento.

Nos planos de aula ainda, apresentaram-se as maneiras pelas quais as atividades poderiam ser conduzidas. Estas, por sua vez, direcionavam para as atividades e experiências contidas nas páginas destacadas em amarelo no livro do professor e do jornal do aluno.

Ao analisar revistas e planos de aula, pode-se perceber que a construção de conhecimento que se buscou não esteve relacionada a um profissional que constrói conhecimento juntamente com os alunos, e que constrói a sua aula. Esse profissional foi entendido como um “multiplicador” do conhecimento apresentado no material didático. Pois, ele recebe através de materiais didáticos discussões, conceitos e propostas de atividades dadas e acabadas. É válido ressaltar que não se consideram aqui problemas na existência de materiais que apontem caminhos de discussões para os professores. A análise também não tem a pretensão de apresentar uma dimensão de como esses profissionais trabalharam esses temas em sala de aula. Todavia, a problematização permite perceber propostas constituídas historicamente, como a do ensino apresentado como portador de uma verdade absoluta. Nesse, determinadas concepções e percepções foram colocadas como perfeitas e corretas, não havendo espaços para contestações e produções de conhecimentos.

Ao apontar seus conhecimentos como a solução mais adequada e a única viável de ser percorrida, os produtores da *Amigos da Natureza* procuraram no trabalho com os

²¹⁷ **No campo e na cidade a poluição está a todo vapor.** Plano de aula. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/downloads.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

professores um meio de buscar multiplicar tais assuntos visando fazê-los valer, consolidá-los como caminho a ser seguido. Nesse trabalho encontraram uma maneira de defender e disseminar determinadas ações para com a natureza. Buscaram através da construção de uma proposta didático-pedagógica para professores e crianças fazer valer seus valores, concepções e práticas sociais.

Penso aqui, nas considerações de Raymond Williams sobre as relações dominantes das sociedades. Para esse autor:

Em qualquer sociedade e em qualquer período específico há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar apropriadamente de dominante e eficaz (...). De qualquer forma o que tenho em mente é o sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que são organizados e vividos.²¹⁸

Para Williams, afirmar a existência de determinados significados, valores e práticas como dominantes não implica em perceber esse processo como estático, findado ou sem perspectivas de mudanças. Desse modo, entende-se como dominante “um conjunto de significados e valores que, do modo como são experimentados enquanto práticas, aparecem confirmando-se mutuamente.”²¹⁹ Pensado assim, o processo só pode ser entendido enquanto dinâmico, em que um contínuo fazer e refazer que o caracteriza. Em que o dominante, para sobreviver, também realiza incorporações de outras práticas e as (re)significa.

Ao analisar a trajetória da *Amigos da Natureza*, desde a produção de um material que buscou dialogar diretamente com crianças, para outro que visou professores e alunos, dá a perceber a busca pela incorporação de concepções e práticas nessa sociedade. Nesse processo, a opção pelo espaço escolar também se tornou significativa. Ao olharmos a história das instituições escolares nos deparamos com o fato de que estas têm ocupado a função de meio de transmissão de determinados valores e sentimentos de uma cultura dominante, ainda que travestida de novo, com o meio ambiente. No Brasil, nem é preciso ir tão longe, para apresentar exemplos claros desse processo. Basta lembrar o período de ditadura militar e de como o próprio poder público, representado na figura dos militares, interferiu na elaboração de materiais didáticos e na organização da própria estrutura de ensino para que estes estivessem de acordo com os valores dos grupos que ocupavam o poder. Nessas circunstâncias, a escola e o professor deveriam

²¹⁸ WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria da Cultura Marxista. In **Cultura e Materialismo**. São Paulo: UNESP, 2001. P.53.

²¹⁹ WILLIAMS, 2001. P.53.

assumir o papel de transmissores e não de construtores de conhecimento. Sabemos que as resistências foram inúmeras, mas, ao mesmo tempo, não podemos ignorar que o modelo de escola presente na sociedade brasileira, ainda possui muito dos traços herdados desse período. E que, apesar de tantas lutas, ainda se fazem presentes as concepções de ensino que veem na figura do professor um transmissor de conhecimentos a alunos que estariam ali, apenas para absorvê-los. Conhecimentos dados, acabados, apresentados como perfeitos e portadores de verdades absolutas. A construção pedagógica da *Amigos da Natureza*, teórico e metodologicamente, contribui para arraigar tais práticas, e ao mesmo tempo, utiliza-se delas como ferramentas para a consolidação ou continuação desse modelo de ensino.

Na busca do diálogo com professores, as discussões da *Super Amigos* estavam relacionadas à necessidade de existência de uma educação que atuaria no presente porque dela dependeria o futuro. Essa ideia, não esteve presente apenas nos volumes publicados durante o ano de 2009, mas fizeram parte da concepção de educação defendida na *Amigos da Natureza* durante os anos de existência. Por sua vez, a ideia da necessidade de formação de “cidadãos conscientes” e de uma educação que atuaria no presente também foi abordada diante a perspectiva da função que professores deveriam ocupar nesse percurso. Para realizar essa última problematização foi válido voltar ao volume *Tempos modernos e a poluição*.

As matérias do volume centraram-se numa discussão sobre atividades urbanas e rurais que causariam a poluição do solo, da água, do ar. Após apresentar problemas de poluição que os seres humanos teriam criado através de processos de produção e consumo, o tema focou-se nos cuidados e mudanças que precisariam ser buscados. A discussão intitulada como: *Contribuições pessoais para a sustentabilidade* tratou das relações entre a geração presente e as próximas e sobre a necessidade de criar a possibilidade da existência de vida no futuro:

O nosso futuro depende *do controle e redução da emissão* de gases de efeito estufa, do uso de fontes alternativas de energias renováveis e não poluentes, da reciclagem do lixo, da recuperação de áreas degradadas e do reflorestamento. *Porém nosso futuro depende, principalmente, da redução do consumo e da conscientização* de toda a população mundial de que a Terra é o único lugar do Universo que podemos habitar e que somente nela temos ar puro para respirar, água limpa para beber, e um solo firme para pisar. *Também precisamos estar cientes de que não somos a última geração a habitar o planeta.*

*Certamente estaremos sendo cobrados pela herança que estamos deixando para as gerações que ainda estão por vir.*²²⁰

Mais do que mudanças, o trecho traz a ideia de que é preciso a realização de uma sustentação da ordem das coisas. Os gases e o efeito estufa foram assim apresentados como aqueles que precisavam ser controlados e/ou reduzidos, o consumo também devia ser reduzido. O novo nasceria de uma experiência que considerava a possibilidade de voltar a viver em equilíbrio com a natureza, mas que traria como diferença o entrelaçar de um desenvolvimento – experiência vivida no presente – com o acreditado equilíbrio, porque seria realizado de modo consciente, porque saberia utilizar os recursos naturais.

Passado, presente e futuro, aparecem assim como um contínuo. Pois, o passado fica redimido sob a perspectiva de que o problema não estava no modelo de sociedade que se criou, mas sim na falta de consciência das pessoas que por isso teriam deixado a situação fugir do controle. À população do presente, principalmente aos profissionais da educação, fica atribuída a responsabilidade de reestruturar o processo, instruindo para (re)adequações como: o controle, a redução, a (re)educação e a conscientização.

Praticar a reciclagem e o consumo consciente, proteger unidades de conservação, economizar energia, plantar árvores, entre outras ações. Atitudes diárias. De maneira geral, pode-se dizer, a proposta de desenvolvimento sustentável da *Amigos da Natureza* continuou sendo sinônimo daquilo que cada um poderia fazer para ajudar a produzir uma relação mais saudável para com a natureza. Na eleição de sentidos do passado que foram utilizados para significar o presente, no entanto, as responsabilidades não foram atribuídas à questão em si, do desenvolvimento ou da sociedade capitalista. A discussão foi deslocada do âmbito social para o individual. Pois, o problema deixou de ser abordado sob a perspectiva do sistema de produção e consumo gerado pela sociedade capitalista, sendo apresentado como o reflexo da decisão de cada um. No lugar de uma reflexão crítica acerca das condições sociais geradas pela e na sociedade capitalista como, por exemplo, a excessiva concentração de renda, exclusões sociais, preconceitos, opressão, fome, exploração do trabalho, degradação ambiental, entre outras; propõem-se uma reflexão individual sobre aquilo que cada um estaria fazendo de errado e contribuindo para comprometer a possibilidade da existência de um futuro.

Nesse percurso, as novas gerações entraram em cena, a qual se atribui a responsabilidade, individual e despolitizada, da construção da possibilidade da

²²⁰SUPER AMIGOS DA NATUREZA: CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, vol.2, 2º bimestre de 2009. P.42.

continuação da existência humana. A prospecção que se criou para o presente foi a de garantir minimamente a vida. Essa noção movimenta a vida no presente, quando se pensa na ideia do que esperar para o futuro. Essa busca pela garantia da continuidade da espécie humana, que se reivindica a todo o momento quando se fala de problemas ambientais, é utilizada pelos produtores da *Amigos da Natureza* para legitimar seu projeto de sociedade.

Projeto esse elaborado sobre noções como: “Consuma menos, e consuma melhor”! “Use, mas não abuse”! Adquirir “consciência ambiental”. Ideias estas que não deixam de perceber natureza como mercadoria. Natureza, meio ambiente, EA viraram partes de um mercado verde que, alimentado pela lógica capitalista, encontra-se em ascensão. Pois, mobilizadas pelo debate sobre problemas ambientais a população que cada vez mais opta pelos produtos orgânicos ou que possuam o selo de cuidado com o meio ambiente, acabam alimentando um mercado que estimula o consumo do ecologicamente correto. Mais do que isso, agora também se vende a ideia da possibilidade de se adquirir consciência ambiental. Tratada como lugar de chegada através da educação, a consciência ambiental é elencada como uma das vias mais efetivas de mudança, mas também de mercado.

Nessa proposta de estarem construindo o futuro, todavia, se encontra muito mais do que a manutenção e/ou movimentação de uma ordem mercadológica. Nela, é possível encontrar também a defesa da continuidade da existência de um modelo desenvolvimentista que apenas ressurgiu travestido em um discurso que tem como base a proposta da sustentabilidade.

O Programa *Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade* durou apenas o ano de 2009. Durante a entrevista com o diretor e dono da Editora *Amigos da Natureza*, Arno Kunzler, afirmou que apesar da coleção de 2009, ter sido uma das que ele mais gostou de organizar o projeto não conseguiu efetivar-se. Dentre os motivos anunciados pelo entrevistado estaria o fato de as prefeituras optarem pela compra de um material mais curto e por isso, mais barato. Nesse sentido, Arno Kunzler ressaltou que o material mais vendido da Editora seriam os *Jornais Amigos da Natureza* com formato entre 16 e 22 páginas.

Assim, em fevereiro, de 2010, a Editora voltou a publicar a revista *Amigos da Natureza*. Suas edições continuaram a buscar atender um público adulto que não apenas professores, mas também a parcela mais ampla da população que não necessariamente é a escolar. A publicação passou a ser bimestral, apresentando um total de seis edições

anuais. Todavia, a Editora continuou produzindo materiais voltados especificamente para o ambiente escolar, através dos *Jornais Especiais Amigos da Natureza* com periodicidade bimestral. Essa última mudança por sua vez, pode-se dizer, consistiu muito mais em uma readequação para atender demandas de mercado. Pois, as concepções e propostas práticas em relação a EA continuaram a ser apresentadas sob as perspectivas já discutidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender relações entre humanos e natureza, no Oeste do Paraná, foi necessário adentrar discussões das quais ainda não tinha contato, como as da história ambiental, o que consistiu em um grande desafio para a pesquisa. Com a realização de leituras sobre a temática, deparei-me ainda com outro desafio, devido à existência escassa de trabalhos no âmbito da História com preocupação de problematizar caminhos e descaminhos da EA no Brasil. Nesse sentido, no decorrer das análises dos textos e imagens, do processo de constituição e legitimação da *Amigos da Natureza*, somados às considerações sobre a História Ambiental, demonstraram-me que os historiadores tem e podem oferecer contribuições para o debate da EA.

Entender que é preciso desnaturalizar, atentar para a historicidade das relações com a natureza, apreendê-la também como espaço do vivido e construído pelos seres humanos, compreender paisagens como mutáveis e registros documentais da realidade. Essas percepções, acredito, ficaram marcadas como contribuições da pesquisa e apelo por uma reflexão mais profunda no interior do debate acerca da relação humanos e natureza. Por uma educação que não olhe e trate esse processo simploriamente apenas como histórias da destruição, que sensibilize para a apreensão de alteridades temporais. Por um ensino, que ao levar em conta as movimentações historicamente constituídas, seja também capaz de fertilizar discussões acerca dos diferentes usos da natureza pelos humanos no tempo. Daí, a importância de olhar para produções como a *Amigos da Natureza*, não enquanto portadora de uma verdade absoluta, ou do único caminho de mudança possível. Mas sim, enquanto a produção de determinados sujeitos em um espaço geográfico, social e temporal específico. Imbuídos de valores, práticas concretas, estratégias culturais e simbólicas que participam de um campo de disputa pelas definições sobre os usos da natureza.

Não se trata de “inventar a roda”, de propor conceituações, teorias e metodologias totalmente diferentes do que já foi pensado para a EA. Mas sim, de contribuir para o debate que ainda é recente e que continua aberto à realidade do ensino de História, que tanto sonhamos. Nesse sentido, vale pensar quais os caminhos da educação que atribuem aos educandos mudanças que se limitam ao âmbito do privado? Quais as consequências de tal proposta para a sociedade? Continuar-se-á a afirmar que a única alternativa é a da continuação dos usos e abusos da natureza, em prol de um

desenvolvimento e de suas inovações tecnológicas, que trarão a tranquilidade da vivência em um mundo mais justo, igualitário e equilibrado?

Tais questões parecem se manifestar como uma incógnita para nossa sociedade, que de tanto falar em desenvolvimento sustentável banalizou o seu significado e o colocou à venda nas prateleiras do mercado “ecologicamente correto”.

Toda pesquisa deixa questões em aberto, pois o trabalho do historiador conta com a inerência de verdades parciais. Nessa direção, é certo que muitas questões criam um campo de possibilidades para novos trabalhos. Desse modo, espero que este trabalho estimule outras análises históricas sobre sentidos e significações atribuídas a práticas educativas da EA. Para essa pesquisadora, uma das questões que instigam a nova investigação consiste nos usos que professores e alunos, no espaço da escola, têm feito de materiais como o produzido pela *Amigos da Natureza*. Ou, ainda, que vise refletir sobre quais os papéis que professores e alunos têm atribuído para si e para as escolas na perspectiva de necessidade da criação de novos valores para com a natureza.

Em pesquisa anterior, ao estudar a relação entre os discursos presentes no Museu Histórico Willy Barth e a visão de seus visitantes sobre uma de suas exposições, percebeu-se um processo constante de (re)significações. Desse modo, a visita ao museu gerou ideias e significações muitas vezes diferentes daquelas anunciadas pelo guia da exposição. Ao narrar o processo de visita, professores e alunos o aproximaram de suas experiências e da realidade, quebrando com sentidos, que os então representantes da instituição visavam cristalizar no processo educativo e fixar como memória social. Essa experiência trouxe questionamentos semelhantes para a pesquisa sobre a *Amigos da Natureza* que ficaram a mercê de mais fôlego: Quais as visões que o público leitor da revista possuem sobre o material? Quais os usos que fizeram e fazem dele? Que valores, concepções e práticas seus leitores (re)constroem? Que outros aspectos simbólicos da relação humanos e natureza podem ser aí encontrados?

Essas questões instigam novo estudo e também podem afastar visões pessimistas. Pois, afirma a expectativa de encontrar nas (re)significações de professores e alunos não apenas uma reafirmação de discursos e práticas, como os que se fizeram presentes na *Amigos da Natureza*. Mas sim, forças emergentes e sentidos alternativos que reelaboram outras novas práticas, porque realizadas por sujeitos atuantes nesse processo, e que assim trazem a possibilidade da realização de debates críticos, ao mesmo tempo mais abertos acerca da relação entre humanos e natureza.

FONTES

a) Orais

Entrevista concedida por Arno Kunzler a Nicheli Rodrigues Santos , Marechal Cândido Rondon-PR, 24 de novembro de 2011, 43min.

b) Escritas

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.01, agosto. de 2001.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.03, outubro de 2001.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.04, novembro. de 2001.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº 05, dezembro de 2001.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.06, janeiro. de 2002.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.12, julho de 2002.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.15, outubro, de 2002.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.17, dezembro, de 2002.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.19, fevereiro de 2003.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.20, março, de 2003.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.23, junho, de 2003.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.27, outubro de 2003. P.03.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.28, novembro de 2003.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.30, fevereiro de 2004

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza. nº. 35, julho de 2004.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº. 36 agosto de 2004.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº 47, setembro de 2004.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.38, outubro de 2004.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº 47, setembro, de 2005.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº.51, dezembro de 2005.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº. 56, junho, de 2006.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº. 62, dezembro de 2006.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, nº. 65, abril, de 2007.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, vol.3, 2º semestre de 2008.

AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, n.01, fevereiro de 2010.

SUPER AMIGOS DA NATUREZA. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, vol. 5. 2ª ed. 2008.

SUPER AMIGOS DA NATUREZA: CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE. Marechal Cândido Rondon: Editora Amigos da Natureza, vol.2, 2º bimestre de 2009.

No campo e na cidade a poluição está a todo vapor. Plano de aula. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/downloads.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

A Editora. Amigos da Natureza. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/aEmpresa.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Alunos de Palotina recebem a revista Amigos da Natureza. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 630, 11 de setembro de 2001. P.11.

Amigos da Natureza é lançada em Pato Bragado. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 607, 14 de agosto de 2001. P.18.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL**. Brasília, DF, 28 abr., 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1999/lei-9795-27-abril-1999-373224-publicacaooriginal-1-pl>> Acesso em: 10 de ma. 2012.

CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/ IDEC, 2005.

CZAPSKI, Silvia. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Publicação de responsabilidade da coordenação de educação ambiental do Ministério da Educação e do Desporto, Brasília – DF, 1998.

Expandir a atuação na região é um dos novos desafios. **O Presente**: 20 anos. Outubro de 2011, Edição especial. Acervo da autora.

MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Raquel – coord. **Vamos cuidar do Brasil** : conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida. Um museu para Itaipu. In **Ecomuseu de Itaipu**: livro texto. 1997.

O Presente, Marechal Cândido Rondon, nº 597, 1º de agosto de 2001. Capa da edição.

Parâmetros Curriculares Nacional: temas transversais, 1998. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversai.pdf> Acesso em: 15 de março de 2012. 15 de março de 2012.

Programa Caminhos da Sustentabilidade. Amigos da Natureza. Disponível em: <<http://www.revistaamigosdanatureza.com.br/downloads.php>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Programa Nacional Educação Ambiental (ProNEA), 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2012.

Refúgio Bella Vista. Foz Ecoturismo. Disponível em <<http://www.fozecoturismo.com.br/refugiobellavista-fozdoiguacu.html>>. Acessado em: 13 abr. 2012.

RODRIGUES, Vera R. (org.). **Muda o mundo, Raimundo**: Educação ambiental no ensino básico no Brasil. Brasília: WWF Brasil, 1997.

WILMSEN, Ana Paula. Administração rondonense entrega revista Amigos da Natureza. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, nº 615, 22 de agosto de 2001. P.18.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ARRUDA, Gilmar. Consciência histórica, ensino de história e a educação ambiental. **História & Ensino**. Londrina, vol.12, agosto de 2006, p.113-122.

_____. Muito além da sala de aula. **PÓS-HISTÓRIA**, Assis- SP, nº03, 1995, p.179-191.

_____. Paisagens do Medo: Uma proposta para o estudo do surgimento da era da ecologia em Londrina – PR – 1970- 1980. **Anais do Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis SC, setembro de 2010, p.1410-1431.

BERNARDES, Julia Adão; FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda. Sociedade e Natureza. In **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

CARMAN, María. **Las trampas de la naturaleza: medio ambiente y segregación en Buenos Aires**. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre, editora da UFRGS, 2002.

CERRI, Luís Fernando. Uma Escola do Brasil: o trabalho das imagens da nação no “milagre brasileiro” (1969 – 1973) e na comemoração dos 500 anos do descobrimento (1998 – 2000). **Anais do III Encontro Perspectivas do Ensino de História**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p. 453-470.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A Cultura no Plural**. Campinas SP: Papitus, 1995.

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. São Paulo: nº 35, dez. 2007, p.253-270.

CUNHA, Sandra Baptista; GUERRA, Antonio José Teixeira. **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DE LUCA, Tania Regina. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec/Nupaub-USP/CEC, 2008.

DUARTE, Regina Horta. Por um pensamento ambiental histórico: O caso do Brasil. **Luso-Brazilian Review**, Wisconsin, EUA, v. 41, n. 2, 2005, p. 144-161.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. SERPA, Élio Cantalício. **A hermenêutica do vazio: fronteira, região e brasilidade na viagem do governador ao Oeste de Santa Catarina**. Projeto história. São Paulo: Editora da PUC, nº18, maio de 1996, p. 215-235.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. 1º ed. 13 reimp- Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-180.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JUNIOR, Mauro Cezar Vaz de Camargo. **Caminhos ou Descaminhos: processos de turistificação no Oeste do Paraná**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2008.

LANGARO, Jiani Fernando. **Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, jan. 2006. Disponível em <www.bdtu.ufu.br> Acessado em: 18 ago. 2011.

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. São Paulo: EDUSC, 2004.

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo- Oeste do Paraná**. Curitiba, 2005.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Mitologias do desenvolvimento. **Espaço Plural**. Edunioeste: Cascavel, nº18, 1º semestre de 2008.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006.

MENARIN, Carlos Alberto. Sustentabilidade, a palavra e o conceito: uma aproximação (1992-2012). Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2, 2012, Florianópolis. **Anais do 2º Simpósio internacional de história ambiental e migrações**. Florianópolis: UFSC, 2012.

MENESES, Ulpiano Tereza Bezerra de. História e Imagem: iconografia/iconologia e além. In **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. Vol.24, nº 68, 2010, p.81-101.

PAES-LUCHIARI. Turismo e patrimônio natural no uso do território. In **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. Dilemas entrecruzados. **Estudos Avançados**. Vol.20, nº57, 2006, p.409-414.

REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.15-38.

RIBEIRO, Wagner Costa. Em busca da qualidade de vida. In **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2008, p.399-417.

SANTOS, Nicheli Rodrigues. **(Re)leituras de uma história: o Museu Willy Barth na visão de seus visitantes**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2010.

SCHAMA, Simon. **Paisagens e memória**. Tradução: Hildegart Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da Silva. “Imagens Ordinárias” como signos eloquentes – sistematização metodológica para a interpretação de capas de revistas. **Domínios da Imagem**. Londrina, nº01, novembro de 2007, p.7-13.

STERLING, German Adolfo Ocampo. **Representações museográficas na fronteira: Museo de la Tierra Guaraní (Hernandárias/ Paraguai) e Ecomuseu (Foz de Iguaçu/ Brasil)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2011. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/pos/historia/>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

TAMAIÓ, Irineu. **A mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo – São Paulo/SP**. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Universidade Estadual de Campinas: Campinas- SP, 2000.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural: mudanças e atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)**. Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOZZONI- REIS, Marília Freitas de Campos. Educação ambiental: referências teóricas no ensino superior. **Interface** - Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.9, 2001, p.33-50.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores**: rede de saberes. São Paulo: Annablume, 2004.

VENCATTO, Rudy Nick. “**Mas com isso a gente começou duas vezes no meio do mato**”. Memória dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu (Oeste do Paraná, 1970-2009). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Marechal Cândido Rondon, 2010. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/pos/historia/>>. Acesso em: 20 ma. 2011.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2011, p.46-68.

_____. Ideias sobre a natureza. In **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. La tecnología y la sociedad. In: **Televisión. Tecnología y forma cultural**. Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 21-46.

_____. Linguagem e vanguarda. In: **Política do Modernismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p.49-72.

_____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

_____. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

_____. O círculo de Bloomsbury. In: **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p.43-68.

_____. O futuro dos estudos culturais. In: **Política do Modernismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p. 73-92.

_____. O teatro como fórum político. In: **Política do Modernismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p. 73-92.

_____. Utopia e ficção científica. In: **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p.267-290.

WOSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.04, nº08, 1991, p.198-215.

APÊNDICE

Tabela 1. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2001. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. PÁGINAS
08/2001 – nº01 ano 1	É Pura Energia	25
09/2001– nº02 ano 1	Água Nosso Bem Mais Precioso	26
10/2001– nº03 ano 1	Abra os olhos, feche o nariz e saiba tudo sobre o lixo!	26
11/2001– nº04 ano 1	O que se esconde na floresta?	26
12/2001– nº05 ano 1	Conheça os insetos de perto	22

Tabela 2. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2002. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
01/2002 – nº06 ano 1	Boas férias – especial de férias	30
02/2002 – nº07 ano 1	Poluição do ar	26
03/2002 – nº08 ano 1	O solo nosso de cada dia	26
04/2002 – nº09 ano 1	O meio ambiente está no meio da gente!	26
05/2002 – nº10 ano 1	As frutas na cadeia alimentar	22
06/2002 – nº11 ano 1	A importância das aves no equilíbrio do meio ambiente	26
07/2002 – nº12 ano 1	Caminhos para um desenvolvimento sustentável	26
08/2002 – nº13 ano 2	Escassez de água	26
09/2002 – nº14 ano 2	É primavera	26
10/2002 – nº15 ano 2	Energia	26
11/2002 – nº16 ano 2	Poluição sonora	26
12/2002 – nº17 ano 2	Reciclagem	22

Tabela 3. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2003. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2003 – nº19 ano 2	Conservação do meio ambiente	22
03/2003 – nº20 ano 2	Agrotóxicos os grandes vilões da contaminação ambiental	
04/2003 – nº21 ano 2	Desperdício: o meio ambiente também paga a conta	22
05/2003 – nº22 ano 2	Por que desmatar?	22
06/2003 – nº23 ano 2	Biodiversidade	26
07/2003 – nº24 ano 2	Queimadas: de quem herdamos essa prática	22
08/2003 – nº25 ano 2	Poluição do solo	22
09/2003 – nº26 ano 2	Árvore	22
10/2003 – nº27 ano 2	Transgênicos	22
11/2003 – nº28 ano 3	Conhecendo os ecossistemas	22
12/2003 – nº30 ano 3	Água doce: ela é fundamental a vida	22

Tabela 4. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2004. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2004 – nº30 ano 3	Unidades de Conservação: preciosas reservas de vida	22
03/2004 – nº31 ano 3	Saneamento básico	22
04/2004 – nº32 ano 3	A mineração e seus impactos	22
05/2004 – nº33 ano 3	Chuva ácida	22
06/2004 – nº34 ano 3	Vamos tornar o mundo um lugar melhor! Você é o próximo elo dessa corrente	22
07/2004 – nº35 ano 3	Recursos naturais as riquezas da terra	22
*08/2004 – nº34 ano 3	-----	
09/2004 – nº37 ano 3	A indústria e o meio ambiente	22
10/2004 – nº38 ano 3	A agricultura e o meio ambiente	22
11/2004 – nº39 ano 4	Ecossistemas aquáticos	22
12/2004 – nº40 ano 4	Poluição luminosa	22

*Edição não encontrada.

Tabela 5. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2005. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2005 – nº41 ano 4	Para onde vai nossa água?	22
03/2005 – nº42 ano 4	Solo: um organismo de milhões de anos...	22
04/2005 – nº43 ano 4	O que está acontecendo com o nosso clima?	22
05/2005 – nº44 ano 4	O luxo que vira lixo	22
06/2005 – nº45 ano 4	Reciclagem: nada se perde tudo se transforma...	22
07/2005 – nº46 ano 4	Lixo radioativo	22
08/2005 – nº47 ano 4	Matas ciliares	22
09/2005 – nº48 ano 4	As cidades e o meio ambiente	22
10/2005 – nº49 ano 4	Agricultura orgânica: todos ganham com ela	22
11/2005 – nº50 ano 5	A energia e o meio ambiente	22
12/2005 – nº51 ano 5	Ecoturismo	22

Tabela 6. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2006. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2006 – nº52 ano 5	Água um bem finito	22
03/2006 – nº53 ano 5	Aquecimento global	22
04/2006 – nº54 ano 5	Reservas de carbono	22
05/2006 – nº55 ano 5	Meio Ambiente: seu equilíbrio depende de nós. Nossa sobrevivência depende de seu equilíbrio!	22
06/2006 – nº56 ano 5	Mundo sustentável	22
07/2006 – nº57 ano 5	Organismos geneticamente modificados	22
08/2006 – nº58 ano 5	Biossegurança	22
09/2006 – nº59 ano 5	Vai encarar? Legislação ambiental	22
10/2006 – nº60 ano 5	Biocombustíveis	22
11/2006 – nº61 ano 6	Consumo consciente você está por dentro do assunto?	22
12/2006 – nº62 ano 6	Agrotóxicos eles podem estar no seu prato	22

Tabela 7. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2007. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2007 – nº63 ano 6	O reino das águas	22
03/2007 – nº64 ano 6	O índio e o meio ambiente	22
04/2007 – nº65 ano 6	Permacultura: construindo ambientes sustentáveis	22
05/2007 – nº66 ano 6	Se a Amazônia pudesse falar...	22
06/2007 – nº67 ano 6	Aquecimento Global	22
07/2007 – nº68 ano 6	Pólos: Termômetros do aquecimento global	22
08/2007 – nº69 ano 6	Rios: uma corrente de vida	22
*09/2007 – nº60 ano 6	-----	---
10/2007 – nº71 ano 7	A maquiagem dos alimentos	26
11/2007 – nº72 ano 7	Banhados ecossistemas ameaçados	22
*12/2007 – nº73 ano 7	-----	---

*Edição não encontrada.

Tabela 8. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2008. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2008 – nº74 ano 7	A Água e o aquecimento global	22
03/2008 – nº75 ano 7	Biocombustíveis: limpos e de fonte renovável	22
04/2008 – nº76 ano 7	Ecocidadania uma nova forma de agir no mundo	22
05/2008 – nº77 ano 7	Lixo: de onde vem e para onde vai?	22
Volume I 2º semestre	De olho no mundo - queimadas	22
Volume III 2º semestre	De olho no mundo – A falta de alimentos e a fome no mundo	22
Volume IV 2º semestre	De olho no mundo – Recursos naturais ameaçados e a reciclagem	22
Volume V 2º semestre	De olho no mundo – Desafios para um futuro sustentável	47

Tabela 9. Números dos livros didáticos *Super Amigos da Natureza: Caminhos da Sustentabilidade* publicados no ano de 2009. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	DESCRIÇÃO	Nº. P
02/2009 – Volume I	Água doce: abundância e escassez no século XXI	*L.P	45
02/2009 – Volume I	Água doce: abundância e escassez no século XXI	**J.A	16
04/2009 – Volume II	Tempos modernos e a poluição	L.P	45
04/2009 – Volume II	Tempos modernos e a poluição	J.A	16
08/2009 – Volume III	As florestas e suas riquezas	L.P	45
08/2009 – Volume III	As florestas e suas riquezas	J.A	20
10/2009 – Volume IV	Ameaças ao mundo animal	L.P	39
10/2009 – Volume IV	Ameaças ao mundo animal	J.A	16

*Livro do professor

** Jornal do Aluno

Tabela 10. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2010. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2010 – edição 01	Perigo invisível: A ameaça de contaminação da água por combustíveis	30
04/2010 – edição 02	Agrotóxicos ilegais: risco à atividade agrícola no país	33
06/2010 – edição 03	Animais domésticos: o que devemos saber antes de tê-los	35
08/2010 – edição 04	Orquídeas: beleza que contagia e ganha as ruas das cidades	35
10/2010 – edição 05	Arara Azul projeto ajuda a evitar a extinção de uma das aves-símbolo do pantanal	33
12/2010 – edição 06	Tratamento natural de esgoto	33

Tabela 11. Números da Revista *Amigos da Natureza* publicados no ano 2011. Acervo da autora.

DATA DA EDIÇÃO	TÍTULO/CHAMADA DA EDIÇÃO	Nº. P
02/2011 – edição 07	Tragédias que se repetem	33
04/2011 – edição 08	Energia nuclear: vale a pena correr o risco?	33
06/2011 – edição 09	Consumo consciente e sustentável: uma maneira inteligente de cuidar do planeta	26
08/2011 – edição 10	Lixo: desafios e compromissos	25

Relação dos temas mais abordados nas revistas *Amigos da Natureza* durante os anos de 2001 a 2011.

Tabela 12. Edições sobre agricultura: solo, agrotóxicos, transgênicos, entre outros.

Ano	Q.E.
2001	0
2002	2
2003	6
2004	1
2005	3
2006	2
2007	0
2008	1
2009	0
2010	1
2011	0
Total	16

Tabela 13. Edições com temas referentes a Água

Ano	Q.E.
2001	1
2002	1
2003	1
2004	1
2005	1
2006	1
2007	2
2008	1
2009	1
2010	1
2011	0
Total	11

Tabela 14. Edições sobre meio ambiente: conservação, recursos naturais, biodiversidade e ecossistema

Ano	Q.E.
2001	1
2002	1
2003	3
2004	4
2005	1
2006	1
2007	1

2008	1
2009	1
2010	0
2011	0
Total	14

Tabela 15. Edições sobre lixo e reciclagem

Ano	Q.E.
2001	1
2002	2
2003	0
2004	0
2005	3
2006	1
2007	0
2008	2
2009	0
2010	0
2011	1
Total	10

Tabela 16. Edições sobre Desenvolvimento Sustentável

Ano	Q.E.
2001	0
2002	1
2003	0
2004	0
2005	0
2006	3
2007	1
2008	2
2009	4
2010	0
2011	0
Total	11

Legenda:

Ano: Ano em que as edições foram publicadas

Q.E: Quantidades de edições publicadas sobre o assunto no ano.

